

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CAMPUS DE MARECHAL CANDIDO RONDON
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, EDUCAÇÃO E LETRAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA EM REDE NACIONAL
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

IVAN FREDERICO MARTINI

ESPORTES DE INVASÃO NÃO CONVENCIONAIS COMO PROPOSTA DE
INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA PARA AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO
MÉDIO NOTURNO

MARECHAL CÂNDIDO RONDON

2026



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CAMPUS DE MARECHAL CANDIDO RONDON
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, EDUCAÇÃO E LETRAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA EM REDE NACIONAL
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

IVAN FREDERICO MARTINI

ESPORTES DE INVASÃO NÃO CONVENCIONAIS COMO PROPOSTA DE
INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA PARA AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO
MÉDIO NOTURNO

Dissertação apresentada no Mestrado Profissional em Educação Física, Área de Concentração: Educação Física Escolar, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Orientador(a): Arestides Pereira da Silva Júnior
Coorientador(a):

MARECHAL CÂNDIDO RONDON
2026

Ficha de identificação elaborada através do Formulário de Geração Automática do
Sistema de Bibliotecas da Unioeste

Martini, Ivan Frederico

ESPORTES DE INVASÃO NÃO CONVENCIONAIS COMO PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA PARA AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO NOTURNO / Ivan Frederico Martini; orientador Arestides Pereira da Silva Júnior. -- Marechal Cândido Rondon, 2026.

232 p.

Dissertação (Mestrado Profissional Campus de Marechal Cândido Rondon) -- Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, 2026.

1. Educação Física Escolar.. 2. Ensino Médio Noturno.. 3. Esportes Não Convencionais.. I. Pereira da Silva Júnior, Arestides , orient. II. Título.



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Marechal Cândido Rondon - CNPJ 78680337/0003-46

Rua Pernambuco, 1777 - Centro - Cx. P. 91 - <http://www.unioeste.br>

Fone: (45) 3284-7878 - Fax: (45) 3284-7879 - CEP 85960-000

Marechal Cândido Rondon - PR.



IVAN FREDERICO MARTINI

Esportes de invasão não convencionais como uma proposta de intervenção pedagógica para aulas de Educação Física no ensino médio no período noturno.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física - PROEF em cumprimento parcial aos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação Física, área de concentração Educação Física Escolar, linha de pesquisa Abordagens metodológicas e processos de ensino e aprendizagem, APROVADO pela seguinte banca examinadora:

Orientador - Aristides Pereira da Silva Júnior

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon (UNIOESTE)

Verônica Gabriela Silva Piovani

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon (UNIOESTE)

Adelar Aparecido Sampaio

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Marechal Cândido Rondon, 10 de julho de 2026

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha esposa, Fernanda Trautmann Martini, que esteve ao meu lado nos momentos de incerteza e dificuldade, oferecendo apoio, incentivo e motivação. À minha filha Pietra Trautmann Martini, pelo carinho, amor, compreensão e apoio demonstrados durante os momentos em que estive ausente.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por me conceder força, saúde e sabedoria para superar os desafios e alcançar mais uma importante etapa de minha trajetória acadêmica e profissional.

À minha esposa, Fernanda, expresso minha profunda gratidão pelo amor, companheirismo, paciência e apoio incondicional ao longo desta caminhada. Obrigado por acreditar em mim, especialmente nos momentos mais difíceis, e por tornar esta conquista possível.

À minha filha, Pietra, fonte de amor, alegria e inspiração, dedico parte desta conquista. Você é a motivação que me impulsiona a enfrentar desafios e a buscar constantemente meus objetivos.

Aos meus pais, agradeço pelo amor, incentivo e dedicação ao longo da vida. Os ensinamentos, valores e princípios que me transmitiram foram fundamentais para minha formação pessoal e profissional, e esta conquista também lhes pertence.

Aos meus irmãos, meu agradecimento pelo apoio, pela amizade e por serem exemplos de dedicação, caráter e determinação.

Às famílias Trautmann e Witzke, agradeço pelo acolhimento, incentivo e apoio durante esta jornada.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Arestides Pereira da Silva Júnior, expresso minha sincera gratidão pela dedicação, paciência e comprometimento ao longo de todo o processo de orientação. Agradeço pelos ensinamentos, pelas valiosas contribuições acadêmicas e pelo incentivo constante, fundamentais para a realização deste trabalho e para meu crescimento profissional e científico.

Agradeço também à Profa. Dra. Verônica Gabriela Silva Piovani, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), e ao Prof. Dr. Adelar Aparecido Sampaio, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), pela participação na banca avaliadora e pelas importantes contribuições para este estudo.

A todos os professores do Polo ProEF/UNIOESTE, minha gratidão pelos conhecimentos compartilhados, pelas reflexões proporcionadas e pelas contribuições para minha formação acadêmica e profissional.

Por fim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho e para a conclusão desta importante etapa da minha vida.

Muito obrigado!

MARTINI, Ivan Frederico. **Esportes de Invasão não convencionais como proposta de intervenção pedagógica para as aulas de Educação Física no ensino médio noturno**. 2026. 232f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física) - Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2026.

RESUMO

O esporte desempenha papel relevante na Educação Física Escolar. Entretanto, o ensino ainda se concentra em modalidades tradicionais, limitando a diversificação das experiências corporais, especialmente no Ensino Médio noturno. Diante desse cenário, torna-se necessário ampliar as possibilidades pedagógicas dessa unidade temática, sendo os esportes de invasão não convencionais uma alternativa para diversificar os conteúdos e as experiências corporais oferecidas aos estudantes. Nesse sentido, esta pesquisa teve como objetivo analisar a implementação de uma intervenção pedagógica voltada ao ensino de esportes de invasão não convencionais nas aulas de Educação Física do Ensino Médio noturno. A investigação caracterizou-se por uma abordagem qualitativa, orientada pelos pressupostos da pesquisa participante, com a participação de 24 estudantes da 3ª série do Ensino Médio noturno, turma de 2025 do Colégio Estadual Cristo Rei, da rede pública de ensino de Pato Branco (PR). A intervenção foi composta por 20 aulas, desenvolvidas ao longo de dois meses, nas quais os estudantes vivenciaram modalidades como Hóquei Indoor, Tapembol, Tripela, Tchoukball, Oliverbol, Poull Ball e Ultimate Frisbee. A coleta de dados ocorreu por meio de questionário sociodemográfico, avaliação diagnóstica inicial, avaliação final e diário de campo. Esses instrumentos possibilitaram identificar os conhecimentos prévios dos estudantes, verificar as aprendizagens construídas e registrar as ações, interações e comportamentos observados durante a intervenção. Os dados foram analisados por meio da análise qualitativa descritiva, considerando as informações produzidas pelos diferentes instrumentos ao longo da intervenção. Os resultados demonstraram que a implementação da unidade didática ampliou os conhecimentos, as vivências corporais e o interesse dos estudantes pelas modalidades abordadas, além de favorecer a participação, a interação, a motivação e o engajamento durante as aulas. Identificou-se maior compreensão das características das modalidades trabalhadas e de suas diferenças em relação aos esportes tradicionais. Os participantes também valorizaram a oportunidade de vivenciar práticas corporais pouco exploradas no contexto escolar. Entre as limitações, destacaram-se o tempo reduzido para as vivências práticas e a ausência de materiais oficiais para algumas modalidades, exigindo adaptações pedagógicas. Os estudantes apontaram que um maior número de aulas poderia favorecer o aprofundamento dos conhecimentos e das experiências desenvolvidas. Apesar desses desafios, a proposta demonstrou potencial para ampliar as oportunidades de aprendizagem e participação, contribuindo para a diversificação dos conteúdos da Educação Física Escolar e para o enriquecimento da Cultura Corporal de Movimento. Os resultados da pesquisa indicam que a unidade didática constitui uma alternativa viável para diversificar as experiências corporais no Ensino Médio. Como produto educacional, foi elaborado um e-book digital, em formato de unidade didática, para subsidiar o ensino dessas modalidades na Educação Física Escolar.

Palavras-Chave: Educação Física Escolar, Ensino Médio Noturno, Esportes Não Convencionais.

MARTINI, Ivan Frederico. **Unconventional Invasion Sports as a Proposed Pedagogical Intervention for Physical Education Classes in Evening High School**. 2026. 232p. Dissertation (Professional Master's in Physical Education) - Center for Human Sciences, Education and Letters, State University of Western Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2026.

ABSTRACT

Sport plays a relevant role in school Physical Education. However, teaching still focuses on traditional modalities, limiting the diversification of bodily experiences, especially in night high school. Given this scenario, it becomes necessary to expand the pedagogical possibilities of this thematic unit, with unconventional invasion sports being an alternative to diversify the content and bodily experiences offered to students. In this sense, this research aimed to analyze the implementation of a pedagogical intervention focused on teaching unconventional invasion sports in Physical Education classes in night high school. The investigation was characterized by a qualitative approach, guided by the assumptions of participatory research, with the participation of 24 students from the 3rd year of night high school, class of 2025, at the Cristo Rei State College, a public school in Pato Branco (PR). The intervention consisted of 20 classes, developed over two months, in which the students experienced modalities such as Indoor Hockey, Tapembol, Tripela, Tchoukball, Oliverbol, Poull Ball, and Ultimate Frisbee. Data collection occurred through a sociodemographic questionnaire, initial diagnostic assessment, final assessment, and field diary. These instruments made it possible to identify the students' prior knowledge, verify the learning constructed, and record the actions, interactions, and behaviors observed during the intervention. Data were analyzed using a descriptive qualitative method, considering information gathered through the various instruments throughout the intervention. The results demonstrated that the implementation of the teaching unit broadened students' knowledge, bodily experiences, and interest in the modalities covered, in addition to promoting participation, interaction, motivation, and engagement during classes. A greater understanding of the characteristics of the modalities worked on and their differences in relation to traditional sports was identified. Participants also valued the opportunity to experience bodily practices that are little explored in the school context. Among the limitations, the reduced time for practical experiences and the absence of official materials for some modalities stood out, requiring pedagogical adaptations. Students pointed out that a greater number of classes could favor the deepening of knowledge and experiences developed. Despite these challenges, the proposal demonstrated potential to expand learning and participation opportunities, contributing to the diversification of Physical Education content in schools and to the enrichment of the Body Culture of Movement. The research results indicate that the teaching unit constitutes a viable alternative to diversify bodily experiences in high school. As an educational product, a digital e-book, in the form of a teaching unit, was developed to support the teaching of these modalities in Physical Education at school.

Keywords: Physical Education at School, Night High School, Non-Conventional Sports.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Slides.....	85
Figura 2 – Vídeos.....	85
Figura 3 – Slides - Tapembol.....	88
Figura 4 – Roda de conversa.....	89
Figura 5 – Jogo de Tapembol.....	90
Figura 6 – Exibição do vídeo sobre o Tripela.....	92
Figura 7 – Gesto base do Tripela.....	93
Figura 8 – Atividade - Caçadores.....	94
Figura 9 – Jogo 5x5 - Tapembol.....	95
Figura 10 – Imagens - Ultimate Frisbee.....	96
Figura 11 – Movimento de backhand.....	97
Figura 12 – Movimento do forehand.....	98
Figura 13 –Técnicas de recepção “Jacaré” e “Garra”.....	98
Figura 14 – Vai e vem.....	99
Figura 15 – Quadrado de passes.....	100
Figura 16 – Jogo dos 10 passes.....	101
Figura 17 – Progressão - 3x3.....	102
Figura 18 – Tiro ao alvo.....	103
Figura 19 – Endzone.....	105
Figura 20 – Pontuando.....	105
Figura 21 – Modalidades de hóqueis.....	107
Figura 22 – Materiais - Confeção dos tacos.....	108
Figura 23 – Passe e recepção.....	109
Figura 24 – Número - hóquei.....	110
Figura 25 – Par ou ímpar.....	111
Figura 26 – Toca com bola.....	112
Figura 27 – Torneio - 2x2 e 3x3.....	115
Figura 28 – Tacos quebrados.....	117
Figura 29 – Slides da aula.....	118
Figura 30 – Arremesso ao quadro.....	120
Figura 31 – Jogo do rebote.....	120
Figura 32 – Jogo reduzido - 3x3.....	122

Figura 33 – Jogo 7x7.....	123
Figura 34 – Slide - Oliverbol.....	124
Figura 35 – Cesta - Oliverbol.....	126
Figura 36 – Arremesso em estações.....	127
Figura 37 – Passe, recepção e arremesso com deslocamento.....	128
Figura 38 – Queimada - pique-pegas.....	128
Figura 39 – Minijogos - 3x3.....	129
Figura 40 – Jogo 5x5 - Oliverbol.....	130
Figura 41 – Slide - Poull Ball.....	133
Figura 42 – Cubo e mesa - Poull Ball.....	135
Figura 43 – A mosca.....	136
Figura 44 – Cowboy.....	137
Figura 45 – Passe e condução com marcador - Variação - 2x2.....	138
Figura 46 – O alvo cercado.....	139
Figura 47 – O alvo cercado - Variações - Em duplas, duplas de mãos dadas e duas bolas.....	140
Figura 48 – Cronômetro.....	141
Figura 49 – O espeto.....	142
Figura 50 – Jogo - Poull Ball.....	143
Figura 51 – Sorteio e preenchimento da ficha de inscrições.....	146
Figura 52 – Equipes do Torneio de Tapembol.....	147
Figura 53 – Jogos do torneio.....	148
Figura 54 – Entrega da premiação.....	148

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição sociodemográfica e de condições de moradia dos participantes.....	65
Tabela 2 – Nível de escolaridade dos pais (pai e mãe), reprovação escolar e presença de necessidades específicas dos participantes da pesquisa.....	67
Tabela 3 – Distribuição dos estudantes segundo a área de atuação e a jornada de trabalho semanal.....	69
Tabela 4 – Resultados do questionário diagnóstico inicial.....	71
Tabela 5 – Identificação - data, plano de aula, temática e diário de campo.....	84

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição dos participantes quanto à sua situação atual de estudos e ocupação.....	68
Gráfico 2 – Distribuição dos participantes quanto ao auxílio financeiro ou à bolsa-auxílio.....	70
Gráfico 3 – Distribuição das modalidades citadas pelos estudantes.....	159

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEP	Associação Brasileiro de Estudos e Pesquisas
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CadÚnico	Cadastro Único
CIMH	Centro de Investigação em Motricidade Humana
COI	Comitê Olímpico Internacional
DCCEM	Diretrizes Curriculares Complementares do Ensino Médio
DCNEM	Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio
EF	Educação Física
EFM	Ensino Fundamental e Médio
FIH	Federação Internacional de Hóquei
FITB	Federação Internacional de Tchoukball
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
INPI	Instituto Nacional de Propriedade Intelectual
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
NEM	Novo Ensino Médio
ONU	Organização das Nações Unidas
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua
PPP	Projeto Político Pedagógico
PR	Paraná
RECEM	Referencial Curricular para o Ensino Médio do Paraná
TALE	Termo de Assentimento Livre Esclarecido
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UNIOESTE	Universidade Estadual do Oeste do Paraná
WFDF	World Flying Disc Federation

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	15
1.1	Objetivos	19
1.1.1	Objetivo Geral	19
1.1.2	Objetivos Específicos	19
2	REVISÃO DE LITERATURA	20
2.1	O esporte na Educação Física Escolar.....	20
2.2	A Educação Física Escolar no Ensino Médio.....	25
2.2.1	A Educação Física no Ensino Médio noturno	29
2.3	Os esportes de invasão na Educação Física Escolar	37
2.4	Os esportes não convencionais na Educação Física Escolar	40
2.4.1	Hóquei Indoor.....	45
2.4.2	Oliverbol.....	46
2.4.3	Poull Ball.....	48
2.4.4	Tapembol.....	49
2.4.5	Tchoukball.....	50
2.4.6	Tripela.....	51
2.4.7	Ultimate Frisbee.....	53
3	METODOLOGIA	54
3.1	Caracterização da pesquisa	54
3.2	Universo da pesquisa.....	55
3.3	Sujeitos da pesquisa	56
3.4	Instrumentos para a coleta de dados	57
3.5	Procedimentos para a coleta de dados	59
3.6	Análise dos dados	62
3.7	Aspectos éticos	63
3.8	Produto educacional	63
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	64
4.1	O perfil socioeconômico demográfico dos estudantes participantes da pesquisa.....	64
4.2	O conhecimento e as vivências práticas dos alunos em relação aos esportes de invasão não convencionais.....	71
4.3	A intervenção pedagógica no ensino dos esportes de invasão não convencionais na 3ª série do Ensino Médio noturno.....	84
4.4	A avaliação da proposta pedagógica.....	150
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	161
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	167
	APÊNDICE A – Autorização da Instituição Participante	185
	APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	186
	APÊNDICE C – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).....	189
	APÊNDICE D – Questionário de Perfil Socioeconômico	191
	APÊNDICE E – Questionário - Sondagem Inicial	193
	APÊNDICE F – Questionário - Sondagem Final.....	195
	APÊNDICE G – Modelo do Diário de Campo	196
	APÊNDICE H – Planos de Aula	197
	ANEXO A – Aprovação do Comitê de Ética	230

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história, a Educação Física Escolar foi influenciada por diferentes tendências pedagógicas, dentre as quais a tendência esportivista ganhou grande destaque, sobretudo na segunda metade do século XX. Nesse contexto, os conteúdos esportivos tornaram-se hegemônicos nas aulas, fazendo com que, muitas vezes, o próprio esporte fosse confundido com a Educação Física (Darido, 2003). Modalidades como futsal, voleibol, handebol e basquetebol passaram a ocupar centralidade nas práticas pedagógicas escolares, consolidando um modelo tradicional de ensino ainda presente em muitas instituições.

O esporte, contudo, constitui um conhecimento culturalmente produzido e socialmente legitimado, sendo reconhecido como uma das manifestações culturais mais difundidas no mundo. A sua relevância envolve diferentes dimensões da vida humana, como saúde, educação, lazer, socialização e transmissão de valores (Almeida; Gutierrez, 2009; Tubino, 2010). Em razão dessa importância, o esporte encontra respaldo nos documentos educacionais nacionais e estaduais.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o esporte é compreendido como uma prática corporal essencial para a formação integral dos estudantes. Além de ser organizado por regras formalmente institucionalizadas, caracteriza-se pela comparação de desempenho entre indivíduos ou equipes, constituindo um dos objetos de conhecimento da Educação Física no contexto escolar (BRASIL, 2018).

No contexto estadual, o Referencial Curricular do Paraná (PARANÁ, 2021) também reconhece a relevância do esporte na Educação Física Escolar, defendendo que seu ensino ocorra de forma crítica, contextualizada e adequada à realidade dos estudantes. O documento enfatiza a necessidade de ressignificar as práticas esportivas, priorizando valores como participação, solidariedade, respeito e inclusão, superando uma visão limitada ao rendimento e à competitividade.

Apesar desse reconhecimento legal e pedagógico, diferentes autores apontam que o ensino do esporte na escola ainda permanece fortemente marcado por abordagens tradicionais e tecnicistas. Daolio (2004) e González (2018) destacam que muitos profissionais continuam desenvolvendo práticas centradas na reprodução de técnicas e fundamentos esportivos, restringindo as possibilidades educativas da disciplina. Como consequência, outras manifestações da cultura corporal, como

danças, lutas, ginásticas e jogos, acabam recebendo menor espaço no contexto escolar.

Entre os autores que buscaram problematizar essa hegemonia esportivista na Educação Física, destacam-se Carmem Lúcia Soares, Celi Nelza Zulke Taffarel, Lino Castellani Filho, Valter Bracht, Mauro Betti e Elenor Kunz, os quais passaram a questionar os objetivos da Educação Física, os conteúdos ensinados e as formas de organização pedagógica da disciplina (Darido; Rangel, 2005). Nessa perspectiva, Bracht (2000) afirma que o debate sobre o ensino do esporte na escola divide-se entre os defensores de uma prática voltada ao rendimento técnico e aqueles que defendem um tratamento pedagógico mais crítico e formativo. Para o autor, o esporte não deve ser excluído da Educação Física Escolar, mas necessita ser ressignificado pedagogicamente.

Corroborando essa discussão, Vago (1996) diferencia o “esporte na escola” do “esporte da escola”. O primeiro refere-se à reprodução do modelo competitivo e de rendimento presente nas instituições esportivas, enquanto o segundo propõe um esporte adaptado às finalidades educativas da escola, priorizando a formação humana e social dos estudantes.

Nessa perspectiva, a diversificação dos conteúdos esportivos constitui uma estratégia para concretizar esse entendimento do esporte na escola, favorecendo o acesso dos estudantes a diferentes práticas corporais. Entre os diversos objetos de conhecimento da Educação Física, destacam-se os esportes de invasão, uma das categorias esportivas previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e no Referencial Curricular do Paraná. Em relação a essa categoria, o Referencial Curricular do Paraná (PARANÁ, 2021) reforça que o esporte deve ser compreendido como um fenômeno cultural e desenvolvido de maneira inclusiva, crítica e participativa, promovendo aprendizagens significativas e a participação de todos os estudantes.

Considerando que esta pesquisa tem como objetivo a implementação de uma intervenção pedagógica voltada ao ensino dos esportes de invasão não convencionais, essa categoria servirá de subsídio para a implementação da pesquisa. De acordo com a BNCC (BRASIL, 2018), os esportes de invasão compreendem modalidades em que duas equipes disputam a posse de uma bola ou de outro objeto, buscando introduzi-lo na meta ou no setor de pontuação da equipe adversária, ao mesmo tempo em que defendem a própria meta. Entre essas modalidades, destacam-

se o basquetebol, o futebol, o futsal, o handebol, o hóquei sobre grama, o polo aquático, o rúgbi, o futebol americano e o frisbee (BRASIL, 2018).

Embora os documentos curriculares orientem a diversificação das práticas esportivas, observa-se que as aulas de Educação Física ainda são marcadas pela predominância das modalidades tradicionais, frequentemente denominadas de “quarteto fantástico” futsal, voleibol, handebol e basquetebol Neves (2013). Essa predominância restringe a diversidade de experiências corporais dos estudantes e reforça a necessidade de ampliar o repertório de conteúdos esportivos, incluindo os esportes de invasão não convencionais.

Como possibilidade de superação desse modelo tradicional, emergem os esportes não convencionais. Tomita e Canan (2019) identificam diferentes nomenclaturas utilizadas para essas modalidades, como esportes alternativos, novos, pouco conhecidos ou não tradicionais. Nesta pesquisa, optou-se pela utilização do termo “esportes não convencionais”, justamente por representar modalidades pouco exploradas na realidade escolar investigada.

Os esportes não convencionais diferenciam-se dos convencionais por não possuírem ampla inserção histórica, midiática ou institucional no contexto esportivo brasileiro (Piccolo; Toledo, 2018). Em geral, são modalidades menos difundidas nas escolas, clubes e associações esportivas, apresentando regras diferenciadas, novas dinâmicas de jogo e possibilidades pedagógicas diversificadas.

Para Vaghetti e Pardo (2014), esses esportes não devem ser entendidos como novos conteúdos da Educação Física, mas como possibilidades de ampliação e diversificação das práticas corporais no ambiente escolar. A sua inserção nas aulas permite romper com a predominância dos esportes tradicionais, favorecendo novas experiências motoras, cognitivas e sociais.

Estudos como os de Fermino e Fermino (2018) evidenciam que a vivência de esportes não convencionais desperta maior interesse e motivação dos estudantes, principalmente daqueles que não se identificam com os esportes tradicionais. Além disso, essas práticas favorecem inclusão, criatividade, resolução de problemas, autonomia e ampliação do repertório motor dos alunos. Da mesma forma, Costa e Dias (2024) ressaltam que a inserção dessas modalidades contribui para diversificar as experiências pedagógicas e democratizar o acesso às práticas corporais.

Dessa forma, a presente pesquisa propõe o desenvolvimento de uma proposta pedagógica baseada nos esportes de invasão não convencionais, buscando romper

com o modelo esportivista tradicional e ampliar as possibilidades educativas da Educação Física Escolar.

Essa discussão torna-se ainda mais relevante no contexto do Ensino Médio, especialmente após a implementação do Novo Ensino Médio (BRASIL, 2018), no qual a Educação Física passou a integrar a área de Linguagens e suas Tecnologias. Nessa perspectiva, a disciplina deve possibilitar aos estudantes compreender criticamente as práticas corporais, relacionando-as aos diferentes contextos culturais e sociais.

Segundo Ferreira *et al.* (2017), a Educação Física no Ensino Médio necessita desenvolver propostas pedagógicas inovadoras, capazes de considerar os estudantes como sujeitos ativos do processo educativo, valorizando suas experiências, interesses e necessidades.

Tal necessidade torna-se ainda mais evidente no Ensino Médio noturno, contexto marcado por especificidades sociais, culturais e econômicas. Muitos estudantes conciliam os estudos com jornadas de trabalho, responsabilidades familiares e outras demandas cotidianas, o que interfere diretamente na participação e permanência nas aulas de Educação Física (Silva; Maciel, 2009).

Além disso, Krawczyk (2009) destaca que o ensino noturno apresenta uma diversidade de perfis estudantis e não é composto exclusivamente por alunos trabalhadores. Muitos jovens optam pelo período noturno em busca de maior autonomia e identificação com esse contexto social.

No âmbito legal, embora a Educação Física seja obrigatória na Educação Básica, conforme a Lei nº 9.394/96 (BRASIL, 1996), a Lei nº 10.793/03 tornou facultativa a participação nas aulas para determinados estudantes do período noturno (BRASIL, 2003). Essa realidade amplia os desafios docentes, exigindo adaptações metodológicas que favoreçam a participação, o interesse e a permanência dos alunos nas aulas. Nesse contexto, a realidade escolar investigada justifica esta pesquisa por envolver estudantes do Ensino Médio noturno inseridos em diferentes condições sociais, culturais e pedagógicas, além de demandar estratégias adaptadas às condições estruturais e materiais da escola.

Essa perspectiva aproxima-se da abordagem crítico-emancipatória de Kunz (2004), ao defender a superação da visão tradicional do esporte e considerar o contexto sociocultural dos estudantes no processo educativo. Da mesma forma, Darido (2012) destaca que fatores culturais e socioeconômicos influenciam a forma como os estudantes compreendem e valorizam a Educação Física Escolar.

Assim, a presente pesquisa busca desenvolver uma unidade temática voltada aos esportes de invasão não convencionais no Ensino Médio noturno, reunindo subsídios que permitam compreender as possibilidades, dificuldades e desafios relacionados à implementação dessa proposta pedagógica.

Diante desse contexto, emerge a seguinte problemática de pesquisa: Quais são as dificuldades em trabalhar os esportes de invasão não convencionais nas aulas de Educação Física do Ensino Médio noturno?

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo Geral

Analisar a implementação de uma intervenção pedagógica do ensino de esportes de invasão não convencionais nas aulas de Educação Física no Ensino Médio noturno.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Analisar o perfil socioeconômico demográfico dos alunos participantes da pesquisa;
- Identificar o conhecimento e a prática dos alunos da 3ª Série do Ensino Médio noturno em relação aos esportes de invasão não convencionais;
- Implementar a unidade de ensino “Esportes de invasão não convencionais” na 3ª Série do Ensino Médio noturno;
- Avaliar a implementação de uma proposta de intervenção pedagógica do ensino de esportes de invasão não convencionais nas aulas de Educação Física na 3ª Série do Ensino Médio noturno;
- Propor uma unidade didática de aulas com o conteúdo: Esportes de invasão não convencionais em formato de e-book.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 O esporte na Educação Física Escolar

No contexto histórico, a Educação Física Escolar é motivo de debates sobre as concepções teóricas e práticas que permeiam a sala de aula, tornando necessário repensar a prática esportiva nas escolas para superar modelos tradicionais no contexto escolar (Bracht, 1997; Darido, 2005; Rangel, 2005). Nessa perspectiva, o esporte, quando pedagogicamente orientado, revela-se uma ferramenta capaz de promover não apenas o desenvolvimento físico, mas também valores essenciais, como socialização, respeito mútuo entre colegas e adversários e fortalecimento da cooperação, contribuindo de maneira significativa para a formação integral dos estudantes (Kunz, 2013).

Essa importância do esporte no ambiente escolar reflete seu papel na sociedade contemporânea, ultrapassando o universo das olimpíadas e dos atletas consagrados. O esporte constitui-se como um importante veículo educacional, movimenta a economia, rompe barreiras geográficas e étnicas e contribui para a promoção da saúde integral dos indivíduos. Além disso, favorece o desenvolvimento de valores como respeito, cooperação, solidariedade e convivência coletiva (Tubino, 2010).

Nessa perspectiva, alguns autores atribuem ao esporte um importante potencial de integração social e humanização. Para Neuenfeldt (2008), o esporte carrega consigo um verdadeiro “milagre”, capaz de unir a humanidade. De maneira semelhante, Bracht (2005) e Tubino (2011) defendem o potencial educativo e social do esporte, reconhecendo a sua contribuição para a construção de valores como respeito, inclusão, solidariedade e convivência coletiva, especialmente no contexto escolar.

Contudo, essa visão mais humanizada acerca do esporte não é hegemônica, uma vez que diferentes pesquisadores apontam que ele também pode reproduzir desigualdades, exclusões e práticas excessivamente competitivas presentes na sociedade. Diante dessa amplitude social e cultural, torna-se fundamental compreender o esporte em sua totalidade também no contexto escolar, especialmente nas aulas de Educação Física. Para que isso ocorra, o professor precisa repensar a sua prática pedagógica, não apenas ensinando regras ou técnicas, mas tornando o

esporte uma ferramenta de formação integral para o aluno (Carlan, 2012; Darido, 2012).

De acordo com Bracht (2007), o esporte escolar não deve se restringir somente à prática das habilidades motoras específicas das modalidades esportivas ou à competição, mas precisa ser ressignificado como uma prática educativa e crítica. Ao incorporar os aspectos sociais, culturais e humanos do esporte, o docente promove o desenvolvimento de valores, competências socioemocionais e atitudes que favorecem os alunos a compreender e dominar os valores e padrões da cultura esportiva (Betti, 1991).

Segundo Freitas (2008), o ensino do “esporte na escola” não deve se restringir à simples execução de movimentos e técnicas esportivas. O autor defende a incorporação de conteúdos teórico-práticos que favoreçam uma compreensão crítica do fenômeno esportivo, articulando-o às dimensões sociais, culturais e educativas das práticas corporais. Entretanto, em muitos contextos escolares, observa-se que essa abordagem ainda ocorre de forma pouco sistematizada, o que limita a apropriação de regras, fundamentos e conhecimentos mais abrangentes relacionados às modalidades esportivas. Diante desse cenário, a perspectiva defendida pelo autor torna-se relevante ao enfatizar a necessidade de tornar o fenômeno esportivo mais acessível aos estudantes, possibilitando que organizem e interpretem a realidade dos jogos, movimentos e práticas corporais de acordo com as suas possibilidades e necessidades.

Nessa mesma direção, Bracht (2007) destaca uma divisão no debate sobre o ensino do esporte nas aulas de Educação Física: entre aqueles que são críticos ao esporte escolar e os que defendem o ensino das técnicas esportivas. Essa divisão pode ser vista como uma contraposição entre tecnicistas e não-tecnícistas. No entendimento do autor, ele não quer a retirada deste conteúdo da grade curricular, mas que ele recebesse um tratamento diferente dos objetivos traçados na fase de esportivização.

Para Vago (1996), o esporte no ambiente escolar pode ser compreendido em duas perspectivas distintas: “esporte na escola” e “esporte da escola”. A primeira objetiva o rendimento esportivo e a competição dentro do contexto escolar, enquanto a segunda prioriza o processo educativo e formativo dos alunos por meio do esporte, considerando aspectos educacionais e sociais.

O “esporte na escola” utiliza uma abordagem em que o docente apresenta os conteúdos aos seus discentes em uma perspectiva de esporte de rendimento, em que a aprendizagem e a reprodução dos gestos técnicos são consideradas rígidas. Assim, prioriza a melhora da performance dos fundamentos das modalidades esportivas e acaba abordando e desenvolvendo o esporte nos aspectos técnico e tático (Finck, 2011).

Podemos destacar que, no “esporte na escola”, o foco está em ensinar e praticar esportes exatamente como são jogados na sociedade, sem considerar outras formas de vivenciar esses esportes ou adaptar as práticas às necessidades e interesses dos alunos. Ao abordarmos sempre o mesmo esporte na escola, acabamos afastando dos nossos alunos a oportunidade de conhecer novas formas de jogar, adaptar às regras e explorar novos espaços de jogos, limitando-os a explorar seus próprios repertórios de ideias, sem apresentá-los a novas experiências corporais (Pires; Franca, 2016).

Por outro lado, o “esporte da escola” tem como principal característica a função pedagógica, assumindo o papel educacional, pois o esporte é parte integrante do currículo escolar, assim como outras disciplinas, e segue uma proposta pedagógica específica. Nesse sentido, o esporte apresenta-se como um fenômeno social e cultural que possui uma capacidade de abordar questões de caráter pedagógico (Soares *et al.*, 2013).

Segundo Santin (2007), o “esporte da escola” é moldado pelos princípios pedagógicos e ideológicos da instituição educacional. Isso significa que o “esporte da escola” não é apenas uma atividade física, mas uma extensão do processo educativo, ajustado para atender aos objetivos e métodos da instituição. Para Finck (2011), o “esporte da escola” precisa ser abrangente, proporcionando aos alunos outras dimensões, como a histórica, antropológica, cultural e social, permitindo, aos discentes, inúmeras experiências.

Ao trabalhar o “esporte da escola”, a Educação Física, no contexto escolar, desempenha um papel importante na formação integral dos alunos, permitindo a eles envolverem-se nos conteúdos das aulas de forma que compreendam a importância da cultura corporal, incentivando a valorização das práticas corporais como parte do patrimônio cultural, desenvolvendo a reflexão crítica, conscientizando sobre os seus direitos e deveres e promovendo um ambiente democrático, em que o saber é compartilhado e valorizado (Finck, 2011).

O Coletivo de Autores (1992), ao defender o esporte como conteúdo da Educação Física Escolar, entende essa relação institucional por ter uma produção histórico-cultural muito voltada ao desporto de rendimento, porém, recebe um tratamento pedagógico (crítico) ao ser ensinado na instituição escolar. Nesse sentido, Finck (2011) afirma que, ao tratarmos o esporte como um conteúdo “da” Educação Física Escolar, reconhecemos o seu papel fundamental na formação integral dos alunos, atuando como instrumento pedagógico que integra as dimensões física, cognitiva, social e afetiva, oferecendo experiências diversificadas que atendem aos interesses e necessidades dos estudantes e reforçam sua função educativa e formativa na escola.

Kunz (2004) reforça essa perspectiva ao destacar que o ensino do esporte deve ser compreendido como uma prática social e culturalmente situada, capaz de promover reflexões sobre seu significado e sua função na sociedade, além de desenvolver competências cognitivas, emocionais e sociais. Dessa forma, o esporte permite aos alunos compreender diferentes papéis no ambiente esportivo, interpretar o mundo do esporte para além da prática competitiva e desenvolver uma visão crítica sobre as relações de poder, interesses e valores que permeiam essas atividades.

Quando o “esporte da escola” é abordado de maneira pedagógica na escola, o professor tem a oportunidade de criar um ambiente inclusivo e motivador para todos os alunos. Nesta perspectiva, o ensino do esporte procura adaptar as atividades, materiais e locais para que todos possam participar, independentemente de suas habilidades físicas, e garantir que cada aluno se sinta valorizado e engajado. Neste tipo de abordagem não há a seleção dos melhores ou mais habilidosos, mas há a busca pela participação e pelo desenvolvimento coletivo (Pires; Franca, 2016).

Segundo Castellani Filho (2010), o esporte, enquanto prática social que formaliza elementos lúdicos da cultura corporal, manifesta-se em uma complexa gama de fenômenos, permeada pelos códigos, sentidos e significados da sociedade, que lhe dá origem e o vivência. Assim, a sua análise multifacetada é crucial para definir a abordagem pedagógica ideal, visando um esporte integrado à escola, e não meramente um esporte presente na escola. A ênfase deve estar na incorporação dos valores e dos princípios do esporte ao ambiente educacional (Castellani Filho, 2010).

Enquanto conteúdo da Educação Física Escolar, o esporte proporciona benefícios significativos a todos os alunos. A prática do “esporte da escola” é essencial para o desenvolvimento de habilidades e para a construção do

conhecimento por meio das atividades físicas realizadas nas aulas de Educação Física. Essa abordagem é inclusiva e visa promover a participação de todos, independentemente de suas habilidades. Por outro lado, o “esporte na escola”, embora frequentemente criticado por seu foco competitivo, desempenha um papel crucial na descoberta e no desenvolvimento de talentos (Barroso, 2020).

De acordo com Bracht (2019), o esporte deve ser apresentado aos estudantes a partir de duas possibilidades: levando-os a apropriar-se das técnicas esportivas de forma a praticá-las como lazer, bem como dos conhecimentos necessários para que desenvolvam uma visão crítica do esporte. Nessa mesma perspectiva, Tubino (2010) compreende o esporte-participação como uma manifestação esportiva vinculada ao lazer, ao bem-estar, à convivência social e ao direito de todos à prática esportiva, distanciando-se da lógica centrada exclusivamente no rendimento e na competitividade. Para o autor, essa dimensão caracteriza-se pela liberdade de participação, pelo prazer proporcionado pela prática corporal e pela valorização da inclusão, favorecendo o acesso democrático de diferentes sujeitos às experiências esportivas.

A partir dessa compreensão do esporte-participação, a articulação dessas dimensões no Ensino Médio torna-se particularmente relevante, uma vez que a escola assume o papel de promover a autonomia dos estudantes. Isso implica possibilitar que eles se apropriem dos conhecimentos esportivos não apenas para compreendê-los criticamente, mas também para incorporá-los em sua rotina como práticas de lazer conscientes e significativas. Dessa forma, ao compreender o esporte sob a perspectiva da participação, o estudante amplia sua capacidade de organizar o próprio tempo livre, realizando escolhas que contribuam para sua qualidade de vida e para a convivência social (Barroso, 2020; Tubino, 2010).

Desse modo, a presença do esporte na Educação Física Escolar revela-se essencial para a formação de sujeitos capazes de analisar, vivenciar e ressignificar as práticas corporais. Ao proporcionar experiências pautadas na cooperação, no respeito às diferenças e na convivência coletiva, o esporte contribui para a formação de cidadãos mais participativos e socialmente comprometidos (Barroso, 2020).

Essa concepção de esporte como instrumento de formação integral está alinhada aos documentos oficiais, como o Referencial Curricular para o Ensino Médio do Paraná (RCM) – Educação Física –, que orienta a prática esportiva na escola a partir de uma abordagem multifuncional. Nesse contexto, o ensino do esporte no

Ensino Médio deve oferecer aos alunos a compreensão de que essa prática pode ser utilizada para diferentes finalidades, como rendimento, tempo/espço de lazer, qualidade de vida, entretenimento e trabalho. Além disso, busca promover uma análise crítica das diversas manifestações esportivas, considerando aspectos históricos, sociais, culturais, políticos e econômicos (Paraná, 2021).

Considerando os aspectos discutidos, compreende-se que o esporte constitui um dos conteúdos centrais da Educação Física Escolar, não apenas por sua relevância cultural e social, mas também por seu potencial educativo. Quando abordado de forma crítica, inclusiva e contextualizada, amplia as experiências corporais dos estudantes e contribui para o desenvolvimento da autonomia, da reflexão crítica e da formação cidadã. Diante da relevância desse componente curricular para a formação integral dos estudantes, o próximo capítulo discutirá a Educação Física Escolar no Ensino Médio, abordando suas finalidades, desafios e possibilidades pedagógicas nesse nível de ensino.

2.2 A Educação Física Escolar no Ensino Médio

A Educação Física atualmente é componente curricular obrigatório da Educação Básica, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), Lei nº 9.394/1996 (Brasil, 1996), que regulamenta o ensino da Educação Física. Assim, deve ser integrada à proposta pedagógica da escola e ser componente curricular obrigatório da Educação Básica, que corresponde à Educação Infantil, ao Ensino Fundamental e Médio. De acordo com a nova redação dada à LDB com a Lei nº 10.793/2003, a prática da Educação Física é facultativa ao aluno que: cumpra jornada igual ou superior a seis horas; que tenha idade superior a 30 anos; que esteja prestando serviço militar; que tenha prole; ou que esteja amparado pelo Decreto-Lei nº 1.044/69.

No seu processo histórico, a Educação Física passou por diferentes transformações, como também recebeu muitas críticas pela forma como era tratada no ambiente escolar, em que seus conteúdos eram baseados em atividades recreativas, gímnicas ou práticas esportivas, que acabavam selecionando os alunos mais aptos para as atividades. Este modelo esportivista, também chamado de tradicional ou tecnicista, passou a ser criticado no final dos anos 1980. No entanto, percebe-se que este formato ainda está presente na sociedade e na escola atual (Darido; Rangel, 2005).

Foi a partir do Movimento Renovador da Educação Física Brasileira que ocorreram mudanças em diversas áreas, sobretudo no ambiente educacional, em que professores de instituições universitárias passaram a criticar e avaliar sua prática, buscando novos sentidos e significados para os conteúdos da Educação Física (Darido, 2017).

Como ressalta Darido (2017), foi por meio desse movimento renovador que a Educação Física passou a questionar as práticas hegemônicas da época e a construir uma disciplina voltada à formação integral dos sujeitos, considerando suas vivências, interesses, contextos sociais e culturais. A partir dessas transformações teóricas e metodológicas, consolidaram-se novas diretrizes pedagógicas que buscam traduzir esse olhar renovado para o campo da Educação Física no Ensino Médio, como é o caso dos documentos: Base Nacional Comum Curricular - BNCC (Brasil, 2018); Diretrizes Curriculares Complementares do Ensino Médio (DCCEM); e o Referencial Curricular para o Ensino Médio do Paraná (RCEM) (Paraná, 2021a).

Nesse contexto, é importante ampliar a discussão sobre o Ensino Médio, que tem sido foco das recentes reformas educacionais no país. Diante das alterações propostas na Educação Básica brasileira, principalmente no que diz respeito à reformulação dos currículos, a organização curricular tem gerado muitos debates e novos questionamentos em relação à disciplina de Educação Física no contexto do Ensino Médio, uma vez que essas alterações são influenciadas pelos atores envolvidos e posteriormente pelos interesses políticos governamentais. Assim, a permanência da Educação Física no currículo do Ensino Médio vê-se ameaçada por lógicas que priorizam conteúdos considerados mais “utilitários” para o mercado de trabalho, em detrimento de uma formação humana e integral (Monteiro, 2021; Darido, 2017).

Apesar desses impasses, a BNCC (Brasil, 2018) é o documento que estabelece as diretrizes, os conhecimentos, as habilidades e a organização curricular das instituições escolares, definindo quais são os conhecimentos que devem ser desenvolvidos pelos estudantes durante a sua trajetória no Ensino Médio em todo o país. No caso da Educação Física no Ensino Médio, isso foi assegurado através da alteração na LDB, Lei nº 9.394/96, que, com a promulgação da Lei Nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, acrescentou os artigos 35-A e 36. § 1º A, estabelecendo os seus objetivos e a sua organização:

Art. 35-A. A Base Nacional Comum Curricular definirá direitos e objetivos de aprendizagem do ensino médio, conforme diretrizes do Conselho Nacional de Educação, nas seguintes áreas do conhecimento: I - linguagens e suas tecnologias; [...] § 2º A Base Nacional Comum Curricular referente ao ensino médio incluirá obrigatoriamente estudos e práticas de educação física, arte, sociologia e filosofia (Brasil, 2018, p. 1).

Art. 36. § 1º A organização das áreas de que trata o caput e das respectivas competências e habilidades será feita de acordo com critérios estabelecidos em cada sistema de ensino (Brasil, 2018, p. 1).

Nesse sentido, a presença da Educação Física na BNCC (Brasil, 2018) não se limita à sua obrigatoriedade, mas também reforça seu potencial formativo. Segundo Boscatto, Impolcetto e Darido (2016), este documento pode contribuir para a aprendizagem de conhecimentos fundamentais que levem os estudantes a atuarem e participarem na vida política, social e cultural, levando-os a compreender e expressar as suas opiniões, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Soares e Soares (2017) reconhecem, através da LDB (1996), que o Ensino Médio é a última fase da Educação Básica e que a Educação Física exerce um papel formativo nesta fase, apontando para aspectos essenciais em relação à formação integral dos estudantes, buscando desenvolver competências e habilidades para atuar criticamente no mundo em que fazem parte e preparando-os para continuidade dos estudos ou para o mercado de trabalho.

Complementando essa concepção, de acordo com a BNCC, a Educação Física no Ensino Médio está inserida na área das “Linguagens, Códigos e suas Tecnologias” e tem como principais objetivos, nesta etapa, a compreensão da Cultura Corporal de Movimento, ampliando as aprendizagens previstas na BNCC de Educação Física do Ensino Fundamental. Para isso, propõe vivências e práticas diversificadas, promovendo uma formação reflexiva, crítica, transformadora.

Busca-se, assim, conhecer as suas origens, valores, sentidos e significados, reconhecendo a importância dessas práticas corporais para a socialização, o lazer e a saúde. Além disso, visa à promoção do diálogo com outras áreas do conhecimento e ao desenvolvimento de habilidades que favoreçam a autonomia e a tomada de decisões que valorizem as práticas corporais como direito de todo cidadão (Brasil, 2018).

Para que esses objetivos sejam alcançados, é imprescindível considerar as condições de trabalho dos professores de Educação Física. A análise dos diferentes contextos escolares do país revela realidades bastante diversas, nas quais fatores

como espaços físicos, disponibilidade de equipamentos, jornada de trabalho, remuneração, saúde, segurança e violência podem interferir diretamente na prática pedagógica (Darido, 2017).

Nesse sentido, a infraestrutura escolar constitui um aspecto fundamental tanto para os docentes, que necessitam de condições adequadas para desenvolver atividades teóricas e práticas, quanto para os discentes, para os quais a existência desses espaços representa um fator motivacional importante. Conforme Bracht (2003, p. 39), “a existência de materiais, equipamentos e instalações adequadas é importante e necessária para as aulas de Educação Física, sua ausência ou insuficiência pode comprometer o alcance do trabalho pedagógico”.

A própria LDB 9.394/96 estabelece que a União, os estados, o Distrito Federal e os municípios devem garantir a organização espacial e a infraestrutura necessárias ao ambiente escolar, assegurando equipamentos e materiais adequados para a realização das aulas (Brasil, 1996). Assim, o cumprimento dessa responsabilidade estatal contribui não apenas para a qualidade do ensino, mas também para melhores condições de trabalho docente (Borges, 2017).

Em concordância, Silva e Maciel (2012) destacam que escolas com espaços físicos adequados e recursos específicos favorecem o enriquecimento das aulas e qualificam o processo de ensino-aprendizagem. Em contrapartida, a ausência de tais condições pode comprometer tanto a prática pedagógica quanto o aprendizado dos alunos. Nesse cenário, mesmo diante das adversidades das escolas públicas, cabe aos professores buscar estratégias criativas para superar as limitações, fazendo uso de espaços e recursos alternativos que possibilitem a garantia de um ensino de qualidade (Severino *et al.*, 2025).

Corroborando essas discussões, um estudo recente conduzido por Cupertino, Santos e Paixão (2024) investigou as condições de infraestrutura escolar e de trabalho de professores de Educação Física na rede estadual da cidade de Viçosa, Minas Gerais. Participaram da pesquisa 13 docentes (8 homens e 5 mulheres), que responderam a questionários online e registraram fotograficamente as instalações físicas de oito escolas. Os resultados evidenciaram condições precárias que afetavam diretamente as práticas pedagógicas, a segurança e a saúde dos profissionais, revelando que a insuficiência de recursos e de espaços adequados permanece como um desafio para a efetivação de um ensino de qualidade. Diante desse cenário, torna-se fundamental compreender como essas e outras questões se manifestam no

contexto da Educação Física no Ensino Médio noturno, etapa que apresenta características e desafios específicos. Considerando esses desafios, torna-se relevante compreender as especificidades da Educação Física no Ensino Médio noturno. Assim, o próximo capítulo discutirá suas características, seus fundamentos legais, seus desafios e suas possibilidades pedagógicas.

2.2.1 A Educação Física no Ensino Médio noturno

Conforme apontam os primeiros registros históricos do ensino noturno no Brasil, destaca-se que, inicialmente, as primeiras escolas do noturno funcionavam em diversas províncias do Brasil. As aulas eram ministradas geralmente em locais improvisados ou emprestados e eram indicadas para estudantes trabalhadores (Carvalho, 2007).

Nesse contexto, o Ensino Médio noturno surgiu na década de 1950, mas foi a partir das décadas de 1970 e de 1980 que a procura por este turno de ensino acabou atraindo uma grande parte dos estudantes trabalhadores, que buscavam uma oportunidade de continuar os seus estudos sem precisar parar de trabalhar durante o período diurno. Essa grande procura deu-se em virtude do aumento dos jovens inseridos no mercado de trabalho na época (Togni; Soares, 2007).

Conforme Freitas (2021), o Ensino Médio no período noturno nas escolas públicas distingue-se do período diurno em vários aspectos. Essa diferença pode ser percebida quando os professores relatam nas conversas na sala de professores, quando estão no intervalo ou compartilhando a hora de atividade ou mesmo quando estão caminhando pelos corredores entre a troca de uma aula e outra. Nesses momentos, é comum ouvirmos, de acordo com Freitas (2021, p. 61), relatos dos professores como: “No noturno, os alunos não estão interessados!” ou “Está difícil dar aula no noturno!”. Já com relação aos estudantes, Freitas (2021) relata que é comum ouvirmos relatos de que, no período noturno, as atividades e os eventos não são os mesmos dos outros períodos da escola, conforme destacam: “Porque o período noturno é diferente!” ou “Durante o dia, tem várias atividades e, à noite, não tem nada!” (Freitas, 2021, p.61).

Segundo a BNCC, o RCEM e os documentos norteadores, o Ensino Médio noturno segue a mesma legislação do diurno, com, no mínimo, 200 (duzentos) dias letivos, com a mesma quantidade de horas-aula para cada disciplina e totalizando uma

carga horária mínima anual de 1000 (mil) horas para cada série do Ensino Médio, não havendo distinção entre os turnos neste aspecto (Brasil, 2018; Paraná, 2021).

Dessa maneira, essa diferenciação entre os turnos pode estar relacionada a algumas especificidades do contexto escolar do Ensino Médio noturno. Essa modalidade geralmente é frequentada, em sua maioria, por grupos heterogêneos de estudantes trabalhadores, com perfis que abrangem tanto jovens quanto adultos. Trata-se de um público composto por grande diversidade cultural e pertencente a diferentes classes sociais. Muitos desses estudantes precisam conciliar uma jornada de trabalho exaustiva, seja para contribuir com o sustento da família, seja para garantir a sua própria subsistência. Além disso, buscam, nos estudos, uma oportunidade de transformação e melhoria de suas condições de vida (Castro; Pinto; Lima, 2021).

O Ensino Médio noturno no Brasil é considerado uma exclusividade para estudantes-trabalhadores, ao mesmo tempo que a Constituição Federal, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 9.394/96 e a Lei nº 14.945/2024 asseguram e garantem o acesso dos estudantes ao ensino noturno. Também encontramos muitos desafios que ainda precisam ser superados nesta etapa de ensino (Silva Filho; Araújo, 2017).

Para Silva Filho e Araújo (2017), a evasão escolar, o abandono, a distorção idade-série e a reprovação são alguns dos principais problemas que caracterizam o Ensino Médio noturno no Brasil. Além disso, é possível identificar fatores internos, como violência, conflitos, uso de drogas, preconceitos (como o *bullying*), dificuldades de aprendizagem e falta de motivação para estudar. Já entre os fatores externos, destacam-se as condições socioeconômicas desfavoráveis, os problemas familiares, a necessidade de trabalhar, entre outros (Silva Filho; Araújo, 2017).

Corroborando essa perspectiva, a pesquisa realizada por Lobo (2023) aponta que a evasão escolar está diretamente relacionada a conflitos de interesse vivenciados pelos alunos do Ensino Médio noturno. Diante das dificuldades socioeconômicas, muitos estudantes acabam priorizando o trabalho em detrimento dos estudos, considerando-o uma necessidade imediata – exatamente como apontam Silva Filho e Araújo (2017), ao destacarem a influência dos fatores externos na evasão escolar. Em outro estudo, Castro (2016) identifica que o trabalho também é considerado um fator determinante para os alunos optarem pelo ensino noturno.

Diante desse cenário, faz-se necessário repensar qual é a função da escola na vida desses estudantes, oferecendo experiências educativas que dialoguem com as

suas realidades e contribuam para a permanência no ambiente escolar. Nesse contexto, a Educação Física pode desempenhar um papel importante como componente curricular que favorece a formação integral dos alunos (Brasil, 2018).

Nessa perspectiva, a Educação Física passou a integrar a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) na área das “Linguagens, Códigos e suas Tecnologias” (Brasil, 2018), reafirmando seu papel na formação integral dos estudantes do Ensino Médio. A disciplina tem como objetivo promover o acesso à Cultura Corporal de Movimento, favorecendo o desenvolvimento da autonomia, do pensamento crítico e da participação consciente dos estudantes nas diferentes práticas corporais.

Nessa direção, Darido *et al.* (1999) afirmam que a Educação Física no Ensino Médio, inclusive no período noturno, deve ampliar as experiências dos estudantes com as diferentes manifestações da Cultura Corporal de Movimento, estimulando a reflexão sobre o corpo, os significados sociais dessas práticas e as possibilidades de ressignificação de valores. Assim, a obrigatoriedade da disciplina em ambos os turnos de ensino justifica-se por sua contribuição para a formação crítica e para a ampliação do repertório cultural dos estudantes.

No contexto da Educação Física no Ensino Médio noturno, essa perspectiva ganha ainda mais relevância, pois os estudantes chegam a essa etapa trazendo conhecimentos cognitivos e corporais construídos ao longo do Ensino Fundamental. Cabe, portanto, ao professor reconhecer e mobilizar essas experiências como ponto de partida para aprofundar as aprendizagens, tornando as aulas mais significativas, atrativas e participativas e fortalecendo o papel da Educação Física nessa etapa da educação básica (Silva, 2018).

No entanto, essa perspectiva torna-se ainda mais desafiadora quando se considera o ensino noturno, em que a LDB 9.394/96 passa a definir os seguintes objetivos para o Ensino Médio:

Art. 35. O ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidades:

- I - a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;
 - II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;
 - III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;
 - IV - a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina.
- (Brasil, 1996, s.p.).

Nesse sentido, como afirmam Souza e Ramos (2017, p. 74),

[...] a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996 (LDB nº 9394/96) consagrou o Ensino Médio como Educação Básica. A lei, definindo assim essa etapa educacional, confere uma identidade própria ao Ensino Médio, mesmo não assegurando a necessária condição de obrigatoriedade.

Em relação à Educação Física, a LDB estabeleceu a disciplina como componente curricular obrigatório da Educação Básica (Brasil, 1996). Posteriormente, a Lei nº 10.793/2003 alterou o § 3º do art. 26 da LDB, mantendo a obrigatoriedade da disciplina, mas tornando sua prática facultativa aos estudantes que se enquadram nas condições previstas em lei, como aqueles que cumprem jornada de trabalho igual ou superior a seis horas, possuem mais de 30 anos de idade, prestam serviço militar, são amparados por legislação específica ou têm filhos (Brasil, 2003).

Essa alteração impacta diretamente o Ensino Médio noturno, uma vez que grande parte dos estudantes trabalha durante o dia e pode solicitar a dispensa das aulas de Educação Física com base nos critérios legais. Embora a legislação assegure esse direito, tal situação pode reduzir as oportunidades de participação nas práticas corporais e limitar o acesso às experiências formativas proporcionadas pela disciplina, reforçando a necessidade de propostas pedagógicas que valorizem a permanência e o engajamento dos estudantes.

Inicialmente, conforme disposto na LDB (Brasil, 1996), a Educação Física era considerada uma “atividade curricular”, com a sua prática voltada ao desenvolvimento físico dos estudantes. Foi somente após a publicação da BNCC (Brasil, 2018) que ela passou a integrar o currículo escolar, ganhando *status* como componente curricular, com objetivos pedagógicos, conteúdos sistematizados e o desenvolvimento de competências para formação integral dos alunos nesta última etapa da Educação Básica (Impolcetto; Darido, 2018).

É importante destacar a análise de Castellani Filho (1998, p. 22) sobre a importância da LDB (Brasil, 1996), ao tratar da Educação Física nos diferentes níveis da Educação Básica. Segundo o autor:

Retira-se, com essa redação, a camisa de força que a aprisionava nos limites próprios ao famigerado eixo paradigmático da aptidão física, à medida que a vinculava tão somente à busca do desenvolvimento físico dos alunos [...] (Castellani Filho, 1998, p. 22).

Após uma nova publicação da LDB nº 9394/96, a Educação Física deixa de ser uma atividade curricular e passa a ser um componente curricular, ganhando o mesmo *status* que outras disciplinas. Mas, foi somente por meio da Lei nº 10.328/01 que a Educação Física começa a fazer parte da proposta pedagógica da escola, passando a ser um componente curricular obrigatório da Educação Básica (Brasil, 2001).

Para Mommad (2020), após a inclusão no texto da LDB da palavra “obrigatório”, a Educação Física passa a ganhar destaque na política educacional como componente curricular, assegurando a sua obrigatoriedade nas grades curriculares da Educação Básica. No entanto, conforme destaca Darido (2020), esta transição de atividade curricular para componente curricular traz grandes desafios à Educação Física Escolar, inclusive: “[...] a difícil missão de superar a caricatura de ser uma simples hora de lazer ou mera oportunidade de fazer atividade física, para constituir-se em um componente curricular que tematiza a Cultura Corporal de Movimento” (Darido, 2020, p. 30).

Contudo, essa consolidação sofreu novas alterações em 2003, após a promulgação da Lei 10.793/03, que insere novas alterações no Art. 26 da LDB, onde são incluídas as dispensas nas aulas, sendo a Educação Física obrigatória para todos os turnos de estudos, porém facultativa ao aluno que: cumpra jornada de trabalho igual ou superior a seis horas; seja maior de trinta anos de idade; esteja prestando serviço militar ou que tenha prole (Brasil, 2003; Darido, 2017).

Assim, percebemos, na legislação que está em vigor até o momento, que a facultatividade agora não é destinada apenas para os alunos do período noturno, mas para aqueles alunos que estão sendo contemplados pelas normas da Lei, gerando, assim, um afastamento das práticas das aulas de Educação Física. Qualquer aluno que estiver dentro dos padrões da Lei para ser facultado poderá pedir dispensas das aulas.

Atualmente, a Lei nº 13.415 de 16 de fevereiro de 2017, conhecida como reforma do Ensino Médio ou Novo Ensino Médio (NEM), alterou a LDB, sendo que essas mudanças ocorrem, após a aprovação da BNCC (Brasil, 2018) e também com as novas Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio (DCNEM), buscando uma reforma curricular do Ensino Médio (Brasil, 2018).

A Educação Física na BNCC (Brasil, 2018) insere-se na área das “Linguagens”, juntamente com os componentes curriculares: Língua Portuguesa, Língua Estrangeira Moderna e Arte. A área das “Linguagens”, apresentada neste documento, “trata dos

conhecimentos relativos à atuação dos sujeitos em práticas de linguagem, em variadas esferas da comunicação humana, das mais cotidianas às mais formais e elaboradas” (Brasil, 2018, p. 29).

De acordo com o documento, no que se refere ao componente curricular da Educação Física no Ensino Médio, evidenciam-se as diversas manifestações da Cultura Corporal de Movimento, compostas pelos jogos e brincadeiras, ginásticas, danças, lutas e os esportes; a promoção de uma formação reflexiva, crítica e transformadora; o entendimento, a valorização e a utilização das práticas corporais como fins de socialização, lazer e saúde; o relacionar as práticas corporais com as práticas sociais e instigar o trabalho coletivo e o próprio protagonismo (Brasil, 2018).

Na visão de Menezes e Verenguer (2010), a Educação Física no Ensino Médio noturno deve possibilitar que os estudantes possam ampliar as suas experiências e vivências motoras através da participação ativa e com práticas diversificadas, buscando integrar os conteúdos procedimentais, conceituais, atitudinais, afim de ampliar a capacidade cognitiva. Paralelamente, segundo Darido *et al.* (1999), a Educação Física no Ensino Médio deve oferecer ao estudante a compreensão sobre a Cultura Corporal de Movimento, permitindo a reflexão e a análise crítica das manifestações corporais presentes na sociedade. Como componente curricular da Educação Básica, este componente curricular tem, assim, a finalidade, de preparar e formar os estudantes, capazes de produzir, reproduzir, usufruir e transformar as diferentes manifestações corporais (Betti; Zuliani, 2002).

Dessa forma, Fernandes e Strohschoen (2025) reforçam que a Educação Física no Ensino Médio noturno deve integrar as habilidades, capacidades e competências, vivenciadas anteriormente pelos estudantes, visando à formação integral através dos conhecimentos da Cultura Corporal de Movimento e preparando-o para uma participação consciente na sociedade. Para Gonzalez e Fraga (2009), este componente curricular deve estimular o estudante para intervir de forma autônoma, crítica e criativa nesta cultura, possibilitando acesso ao rico acervo de práticas corporais e às suas diferentes representações sociais a ela associadas.

No entanto, apesar da sua importância para o desenvolvimento integral e crítico do estudante, a realidade educacional brasileira revela um cenário contraditório. De acordo com Darido *et al.* (1999), a legislação federal permitiu claramente a evasão nas aulas de Educação Física, tanto no período diurno quanto no noturno. Esta situação deve-se às questões de estudo e de trabalho, o que contribuiu para que

estudantes trabalhadores fossem dispensados das aulas. Os próprios autores reforçam que esses estudantes trabalhadores são os que mais se beneficiariam com estas aulas; mas, devido às questões legais, administrativas e pedagógicas, o sistema educacional não consegue incluí-los de forma efetiva (Darido *et al.*, 1999).

Nesse contexto, pesquisas demonstram que, embora haja desafios estruturais e legais, a presença da Educação Física no ensino noturno é viável e necessária. Por exemplo, o estudo proposto por Oliveira e Lisboa (2000), no município de Maringá, Paraná, onde identificaram que 27 escolas ofereciam o Ensino Médio noturno, sendo que apenas 18 escolas ofertavam a disciplina de Educação Física como componente na grade curricular, demonstrando que a sua implementação é possível nas escolas.

Em outro estudo, realizado por Caetano e Mendonça (2012), em escolas públicas do interior do Estado de São Paulo, os autores investigaram se estas unidades escolares, que tinham Ensino Médio no período noturno, ofereciam aulas de Educação Física, conforme prevê a Lei nº 10.793, de 01 de dezembro de 2003. De acordo com os resultados encontrados pelos autores, a maioria das escolas de Ensino Médio noturno oferecem a disciplina em sua grade curricular, conforme determina a Lei. Entretanto, apesar de ser ofertada na grande parte das escolas participantes da pesquisa, na prática, as aulas não acontecem.

Em um outro estudo proposto por Pozzobon, Kohl e Spaniol (2010), objetivou-se verificar o nível de satisfação de 141 alunos do Ensino Médio por aulas de Educação Física das Escolas Públicas Estaduais da Cidade de Chapecó, Santa Catarina. Foi utilizado como instrumento de coleta de dados o “Questionário de Iadov” modificado por López e González (2002). Os autores identificaram que a maior parte dos alunos apresenta máxima satisfação pelas aulas de Educação Física. As meninas demonstram uma maior satisfação em relação aos meninos. Em comparação aos alunos que frequentam as aulas no período diurno e noturno, os alunos do diurno apresentaram-se mais satisfeitos com as aulas.

Embora 98,91% dos alunos tenham demonstrado satisfação em relação às aulas de Educação Física, foi observado que 1,09% dos alunos demonstraram insatisfação. Os pesquisadores concluem que é necessário conhecer os aspectos externos e internos que possam influenciar esses alunos, para que se possa entender e buscar soluções que visem melhorar a satisfação dos alunos no ambiente escolar (Pozzobon; Kohl; Spaniol, 2010).

Complementando essa análise, no estudo de Barbosa, Oliveira e Awad (2016), estes buscaram identificar a percepção dos discentes e de docentes do Ensino Médio do período noturno, referente à disciplina de Educação Física, de cinco colégios públicos do município de Cascavel, Paraná. A partir das respostas dos docentes, foi possível identificar que a legislação torna as aulas facultativas para os estudantes trabalhadores; a falta da valorização da disciplina pelos discentes em detrimento das que são exigidas em vestibular; os escassos materiais em alguns colégios; a oferta de espaços negligenciados para as aulas práticas ou o compartilhamento da quadra com outros docentes no mesmo horário. Já em relação aos que optarem por ministrarem aula no período noturno, deve-se a fatores financeiros para complementar a renda familiar; preferência em trabalhar neste turno; e/ou falta de vagas em outros turnos (Barbosa; Oliveira; Awad, 2016).

Em relação aos discentes, muitos destacaram a importância da disciplina de Educação Física para o bem-estar físico e mental, considerando que, para muitos, a aula é um momento em que eles podem realizar atividades físicas e também podem descontraír após um dia de trabalho, praticando nas aulas o conteúdo de sua preferência, o “esporte”. Eles também relataram que gostam de aprender novos conteúdos, além de aulas diversificadas que abordam práticas esportivas contemporâneas, como os esportes radicais, e que estão em destaque nos meios de comunicação (Barbosa, Oliveira; Awad, 2016).

Os autores concluem o estudo considerando que, apesar da facultatividade nas aulas, o número de discentes que participam delas é satisfatório, devido ao bom relacionamento com os docentes. Os discentes também relataram que valorizam as aulas quando os docentes as planejam e elaboram com conteúdos teóricos e vivências práticas, tornando-as mais significativas para os discentes que se encontram no Ensino Médio (Barbosa, Oliveira; Awad, 2016).

Diante desse contexto, é importante destacar que os professores de Educação Física do Ensino Médio noturno precisam buscar novas estratégias pedagógicas e mostrar que existem outras possibilidades de conteúdos, referentes à cultura corporal, para serem explorados nas aulas, sendo, portanto, os esportes não convencionais uma alternativa para a diversificação das aulas, tornando as aulas mais atrativas para os estudantes. Segundo um estudo proposto por Fermino e Fermino (2018), apontam que a inserção desses esportes nas aulas de Educação Física Escolar apresentou resultados positivos quando feitas as intervenções em escolas públicas do Brasil.

Assim, considerando a necessidade de ampliar o repertório esportivo trabalhado na escola e de diversificar as experiências corporais proporcionadas aos estudantes, mostra-se fundamental compreender a diversidade de esportes presentes no mundo contemporâneo.

Nesse contexto, o próximo capítulo abordará os esportes de invasão, modalidades amplamente difundidas e praticadas nas instituições escolares brasileiras, destacando suas características, potencialidades pedagógicas e possibilidades de inserção nas aulas de Educação Física.

2.3 Os esportes de invasão na Educação Física Escolar

Considerando a diversidade de esportes existentes no contexto escolar, os esportes de invasão são considerados as modalidades mais apreciadas e praticadas pelos alunos, bem como as mais ministradas pelos professores nas aulas de Educação Física (Milani; Darido, 2016). De acordo com Dumke, Ginciene e Borges (2021), a preferência por essas modalidades de esportes de invasão, como o futebol e o futsal, nas aulas de Educação Física, pode estar associada principalmente a questões culturais e de popularidade aqui no Brasil.

Assim, além desses fatores socioculturais, as características próprias dos esportes de invasão também contribuem para a popularidade desses esportes no ambiente escolar. Para Carvalho *et al.* (2024), esses esportes são caracterizados por serem modalidades coletivas, onde duas equipes enfrentam-se em oposição, buscando avançar no campo adversário com um objetivo em comum, que é marcar pontos, como no handebol, ou alcançar uma área específica para pontuar, como no ultimate frisbee.

Complementando essa definição, outros autores também descrevem aspectos fundamentais que ajudam a compreender a lógica dos esportes de invasão. Para Darido (2018) as modalidades de invasão têm como características o jogo coletivo e são constituídos por momentos ofensivos e defensivos, em que os participantes das equipes alternam-se como jogadores no ataque, com ou sem posse da bola, e jogadores defensores do atacante, com ou sem posse da bola ou objeto específico durante o jogo. Já para Menezes (2010), os esportes de invasão são disputas entre duas equipes que, por meio do manuseio de uma bola, fazem uso de estratégias

coletivas, buscando invadir o campo da equipe oponente, visando atingir os objetivos do jogo.

Na mesma linha, González e Bracht (2012) definem os esportes de invasão ou territoriais como modalidades em que as equipes ocupam o mesmo espaço de jogo, buscando invadir o território adversário com a finalidade de pontuar, enquanto, simultaneamente, precisam defender a sua zona de pontuação, evitando que a equipe adversária consiga pontuar.

Essa categoria compreende modalidades como o basquete, frisbee, futebol americano, handebol, hóquei sobre grama, polo aquático, rúgbi, entre outras, que, quando são ensinadas nas aulas de Educação Física, permitem aos estudantes não apenas o desenvolvimento de habilidades motoras e cognitivas, mas também estimulam o trabalho colaborativo, tomada de decisão e estratégias de jogo (Brasil, 2018; Darido, 2005).

González e Bracht (2012) e Casarim *et al.* (2011) reforçam que, nos esportes de invasão, os praticantes devem compreender que essas modalidades não se baseiam apenas em habilidades técnicas, mas, sobretudo, em situações que exigem o desenvolvimento de capacidades cognitivas e a constante tomada de decisões durante os jogos. Nesse sentido, Amaro (2016) destaca que os esportes de invasão têm a capacidade de estimular a criatividade, a atenção, a antecipação e a memória, contribuindo para compreensão da dinâmica do jogo.

Outro aspecto relevante em relação aos esportes de invasão é que esta categoria integra o conjunto dos “Esportes com interação entre os adversários”. Segundo estudos propostos por González (2004), essa classificação deve-se à lógica interna dos esportes, em que seus praticantes são influenciados pelas suas ações motoras e as dos adversários e pelos princípios táticos de jogo. Para isso, faz-se necessário uma tomada de decisão dos seus praticantes durante a sua prática (González; Bracht, 2012).

Caracterizado a partir de sua lógica interna, as modalidades de invasão são esportes coletivos em que há interação com o oponente, ou seja

[...] são atividades nas quais os sujeitos, colaborando com seus companheiros de equipe de forma combinada, se enfrentam diretamente com a equipe adversária, tentando em cada ato atingir os objetivos do jogo, evitando ao mesmo tempo que os adversários o façam (González, 2006, p. 114).

No estudo da classificação dos esportes proposta por González (2004), os esportes de invasão são classificados na categoria como esportes com estabilidade ambiental ou espaços padronizados, como o basquetebol, handebol, que, quando praticados, essas modalidades não são influenciadas pelo ambiente físico e também não acabam interferindo nas ações motoras dos praticantes.

A partir dessa fundamentação técnica e estrutural, é possível compreender a relevância pedagógica dos esportes de invasão no contexto escolar. De acordo com Dumke, Ginciene e Borges (2021), a utilização dos esportes de invasão na Educação Física acaba desempenhando um papel importante no desenvolvimento e na formação integral dos estudantes. Conforme orienta a BNCC, o desenvolvimento das habilidades socioemocionais, do trabalho em equipe, da ética e do respeito às regras, aspectos que são desenvolvidos durante a prática dos esportes de invasão, auxiliam na formação dos estudantes (Brasil, 2018).

Nesse sentido, Neira (2018) aponta que, ao ampliar a vivência dos esportes de invasão nas aulas de Educação Física Escolar, o professor permite aos seus alunos compreender a diversidade de práticas esportivas, novas experiências e sensações que cada modalidade pode proporcionar aos seus praticantes, além de favorecer o desenvolvimento físico, cognitivo, trabalho em equipe e estratégias de jogo.

Por outro lado, Gonçalves (2019) destaca que a prática de esportes de invasão desenvolve habilidades físicas, como agilidade, coordenação motora, força e resistência, auxiliando no condicionamento físico, além de promover a saúde e o bem-estar, que são considerados importantes na conscientização de indivíduos ativos e na promoção de hábitos saudáveis, como valoriza a BNCC (Brasil, 2018).

Complementando esses benefícios, é importante destacar que os esportes de invasão, além de sua dimensão física e cognitiva, também possuem uma forte dimensão social que, conforme Carvalho *et al.* (2018), contribui para o desenvolvimento da cooperação e do trabalho colaborativo. Nesse contexto, os alunos aprendem a desenvolver habilidades para comunicar-se, fortalecendo a confiança entre os companheiros da equipe, com o objetivo de criar estratégias para alcançar os objetivos do jogo. Por meio desta vivência social proporcionada pelos esportes de invasão, os alunos desenvolvem habilidades socioemocionais, como a empatia, a resiliência e o controle emocional.

Vellozo (2024), em sua pesquisa, propôs uma sequência de 14 aulas sobre o ensino dos esportes de invasão, durante as aulas de Educação Física, para alunos do

5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do município de Mogi das Cruzes, São Paulo. O objetivo desse estudo foi o desenvolvimento de estratégias de ensino e o desenvolvimento de habilidades para o esporte, ao mesmo tempo integrando habilidades para a vida (valores, habilidades e competências). Como resultado deste estudo, foi observado que o professor, ao utilizar novas estratégias de ensino, como aulas teóricas, vídeos, rodas de conversar e jogos reduzidos, permitiu aos alunos compreender os conceitos das habilidades para a vida abordados nas aulas, associando-os tanto no esporte como em outros contextos sociais e visando à formação integral dos estudantes.

Considerando os aspectos abordados, os esportes de invasão constituem um importante conteúdo da Educação Física Escolar, não apenas por sua ampla presença no contexto sociocultural dos estudantes, mas também por seu potencial de contribuir para o desenvolvimento motor, cognitivo, social e socioemocional. Além de favorecerem a compreensão dos princípios táticos e estratégicos dos jogos coletivos, essas modalidades possibilitam a vivência de valores como cooperação, respeito, responsabilidade e trabalho em equipe. Contudo, diante da necessidade de ampliar as experiências corporais e superar a predominância de modalidades tradicionalmente abordadas nas aulas, torna-se fundamental explorar outras manifestações esportivas presentes na Cultura Corporal de Movimento.

Diante dessa necessidade, o próximo capítulo abordará os esportes não convencionais, discutindo seus conceitos, características, potencialidades pedagógicas e possibilidades de inserção na Educação Física Escolar, com o objetivo de ampliar o repertório esportivo e as experiências corporais dos estudantes.

2.4 Os esportes não convencionais na Educação Física Escolar

Considerando o contexto escolar, observamos que a maioria dos alunos do Ensino Médio noturno encontram-se insatisfeitos e entediados em relação aos conteúdos abordados nas aulas de Educação Física. Esse cenário pode estar ocorrendo devido aos programas do Ensino Fundamental nos anos finais com aulas com conteúdos repetitivos, à falta de diversificação das práticas esportivas, espaços e materiais adequados para desenvolver novas experiências e até mesmo à falta de motivação dos professores (Rodrigues; Viana; Lacorte, 2010).

Diante dessa realidade, os esportes não convencionais surgem como uma alternativa para mudar a motivação e o engajamento dos alunos durante as aulas de Educação Física, pois possibilitam aos professores trazerem e apresentarem novos conteúdos e práticas, além de contribuir para que as aulas estimulem novas experiências corporais, ampliando o interesse dos alunos (Gozi; Moraes, 2018).

Segundo Carlan, Kunz e Fensterseifer (2012), ao proporcionar aos alunos novas experiências corporais, por meio dos esportes não convencionais, permitimos o aprendizado de novos saberes específicos. A BNCC (Brasil, 2018) destaca que é necessária a inserção de novas práticas esportivas, permitindo a fruição, a experimentação e a ludicidade de práticas alternativas nas aulas.

A partir do momento em que o professor inova a sua prática pedagógica, com a inclusão dos esportes não convencionais, ele possibilita e proporciona novos conhecimentos e experiências para os seus alunos no decorrer das aulas (Franco; Silva (2018). Conforme destacam Franco e Silva (2018), é fundamental que os professores de Educação Física apresentem novas propostas, criando, recriando e reinventando as suas aulas a partir da inclusão dos esportes não convencionais.

Em razão dos esportes não convencionais serem pouco abordados no ambiente escolar, mostram-se como uma ótima alternativa para que os professores possam enriquecer o currículo com a inserção destes conteúdos na Educação Física Escolar, favorecendo novas experiências e aprendizados, além de ampliar a Cultura Corporal de Movimento (Costa; Dias, 2024; Fermino; Fermino, 2018).

De acordo com Vaghetti e Pardo (2014),

Os esportes não convencionais não devem ser entendidos como uma nova criação de conteúdos para a educação física, e sim um meio de agrupamento para a prática esportiva pouco utilizada nas escolas, tirando o ciclo da hegemonia e esportes de sentido competitivo propriamente dito, os alunos devem ter a vivência corporal desse esporte (Vaghetti; Pardo, 2014, p. 32).

Para Finco e Maciel (2020), os esportes não convencionais surgem como um instrumento para que os professores possam diversificar as suas aulas, proporcionando novas experiências e vivências corporais, ampliando o repertório da Cultura Corporal de Movimento dos alunos para além dos esportes tradicionais.

Nesse sentido, Fermino e Fermino (2018) afirmam que os esportes não convencionais são considerados esportes que não têm tradição, são pouco praticados no contexto escolar ou em ambientes não educacionais em nosso país. Da mesma forma, Costa e Dias (2024) destacam em seus estudos, que os esportes não

convencionais ainda são pouco conhecidos, tanto no contexto mundial quanto no cenário nacional, pois ainda necessitam ganhar visibilidade para tornarem-se mais populares tanto na escola quanto em praças e clubes.

Essa falta de reconhecimento está diretamente ligada às características desses esportes, pois, segundo Barros e Reis (2013) e Matos (2020), os esportes não convencionais receberam esta denominação por fazerem parte de um conjunto de modalidades esportivas que são pouco praticadas, não terem a mesma visibilidade na mídia como as outras modalidades ou não pertencerem àquele contexto cultural. Segundo Chiés, Leite e Magri (2024) e Matos (2020), o contexto cultural é um elemento fundamental para que os alunos conheçam outras culturas e possam ampliar os seus conhecimentos, mediante os esportes não convencionais.

Apesar dessa relevância cultural, de acordo com Neves (2017), mesmo que os esportes não convencionais se façam presentes nas diversas regiões do nosso país, é possível perceber que essas modalidades têm pouca visibilidade ou ainda são pouco divulgadas pela mídia, o que dificulta o seu reconhecimento e a sua inclusão nos currículos escolares, limitando a vivência dessas práticas que poderiam ampliar a compreensão da cultura corporal do movimento.

Diante desse contexto de ausência curricular e reconhecimento restrito, torna-se necessário incorporar essas práticas dentro do currículo da Educação Física Escolar. Ao incluir essas modalidades, oferecemos a oportunidade aos estudantes de ampliar o repertório de experiências corporais, além de promover a diversificação das aulas. Conforme apontam Lima e Silveira (2007), ao introduzir novas práticas nas aulas, os docentes conseguem diversificar a sua prática pedagógica, tornando as suas aulas mais dinâmicas e proporcionando aos seus estudantes novas vivências corporais, além de manter os alunos motivados e engajados para novas aprendizagens.

Entretanto, observa-se que ainda existe uma lacuna entre a necessidade de diversificação e a prática nas escolas, em que os conteúdos tradicionais continuam predominando, apesar das evidências que demonstram os benefícios das modalidades não convencionais. Pesquisas como a de Finco e Maciel (2020) indicam que esses esportes podem funcionar como ferramentas pedagógicas para inovar as aulas e ampliar o repertório cultural e corporal dos estudantes, proporcionando novos aprendizados, referências culturais e avanços no desenvolvimento cognitivo, físico e social.

Mesmo com a persistência das práticas pedagógicas tradicionais nas aulas, aqui representadas pelo “quarteto fantástico” (Neves, 2013), observamos o esforço de muitos profissionais da área, que buscam alternativas para a diversificação e a inclusão de novas modalidades não convencionais nas aulas de Educação Física. Como revelam estudos de Tomita e Canan (2019), a prática dos esportes não convencionais é mais frequente nos anos finais do Ensino Fundamental que no Ensino Médio, indicando um *déficit* na abordagem desses conteúdos entre as etapas escolares.

Parte dessa mudança é atribuída ao esforço dos professores em contornar as limitações estruturais. Oliveira e Albuquerque (2011) identificaram que professores do Ensino Médio têm buscado introduzir esportes não tradicionais por meio de adaptações de espaços e materiais, obtendo maior motivação e participação dos estudantes, o que reforça o potencial dessas práticas para enriquecer a experiência pedagógica e ampliar o engajamento dos seus estudantes nas aulas.

No entanto, segundo Espíndula (2009), muitos professores justificam não abordar em suas aulas outras modalidades devido aos espaços inadequados e à ausência de materiais específicos para ministrar as suas aulas. Mesmo diante dessas limitações, Silva (2020), em um estudo realizado na cidade de Mogi Guaçu, São Paulo, evidenciou um aumento significativo na participação dos alunos após a implementação de uma unidade didática que abordou esportes não convencionais nas aulas, demonstrando que é possível promover maior engajamento e participação dos estudantes.

Apesar dos benefícios dos esportes não convencionais, estudos como o de Silva e Veronez (2015) evidenciam que professores da rede pública do Rio Grande do Sul enfrentam dificuldades significativas para implementá-los. Entre os principais desafios estão a falta de estrutura física adequada, a carência de materiais específicos, o baixo nível de qualificação profissional e o desconhecimento sobre como conduzir essas modalidades. Além disso, fatores como o desinteresse dos estudantes e o elevado número de alunos por turma dificultam a prática efetiva dessas atividades. Nesse contexto, a formação continuada e a capacitação docente se apresentam como estratégias fundamentais, permitindo que os professores possam planejar, adaptar e implementar novos conteúdos, garantindo a aprendizagem e o engajamento dos alunos (Darido, 2012; Kunz, 2004).

Embora tais limitações sejam reconhecidas, pesquisas como a de Souza (2011) demonstram que os estudantes apresentam elevado interesse pelas modalidades esportivas não convencionais. Nesse sentido, propostas como a de Costa Neto e Santos (2012), que também implementaram as modalidades como flagball, rugby, tchoukball e korfball em aulas de Educação Física, tiveram resultados positivos, mesmo diante das limitações apresentadas nos estudos.

Já o estudo desenvolvido por Baia, Bonifácio e Machado (2015) teve como objetivo a implementação de “esportes não tradicionais na escola”. Esse estudo foi desenvolvido em uma escola de Viçosa, Minas Gerais. Para isso, foram selecionadas turmas dos 6º, 7º e 8º anos do Ensino Fundamental, onde foram abordados os esportes futebol americano e beisebol durante as intervenções pedagógicas. Para concluir esse estudo, os autores destacam que, a partir das experiências prévias dos alunos, adquiridas através de jogos de videogame e a influência da mídia esportiva, a inserção e a diversificação dos conteúdos possibilitam ampliar o repertório de práticas corporais nas aulas de Educação Física, enriquecendo os conhecimentos e as experiências dos estudantes por meio dos esportes não tradicionais nas aulas.

Entretanto, apesar dos avanços apontados por esses estudos, os esportes não convencionais ainda são pouco difundidos no contexto escolar brasileiro. Segundo Costa e Dias (2024), é necessário ampliar a divulgação e a popularização dessas práticas, tanto no ambiente escolar quanto fora dele, a fim de garantir maior visibilidade e reconhecimento pedagógico dessas modalidades. A ausência desses conteúdos no cotidiano das aulas reforça a importância de propostas curriculares que estimulem sua implementação na Educação Física escolar. Nesse sentido, torna-se fundamental que os cursos de formação inicial e continuada preparem os professores para trabalhar com os esportes não convencionais, oferecendo subsídios teóricos e metodológicos que possibilitem sua efetiva inserção no espaço escolar. Darido (2012) destaca que a formação de professores deve abranger todo o repertório da cultura corporal, capacitando-os a trabalhar com a diversidade de modalidades presentes na Educação Física Escolar.

Diante dessa realidade, Pires e Lazarotti Filho (2025) enfatizam a necessidade de metodologias inovadoras para superar o modelo tradicional centrado apenas nos esportes hegemônicos. O estudo apresenta uma pesquisa qualitativa cujo objetivo foi identificar professores de Educação Física da Educação Básica em Goiânia, Goiás, que consideram suas práticas pedagógicas predominantemente inovadoras. Para

tanto, os pesquisadores aplicaram questionários a 112 professores e realizaram entrevistas semiestruturadas com nove profissionais selecionados, buscando verificar se suas abordagens se alinhavam às definições de inovação presentes na literatura especializada. Os resultados indicam que a maioria dos entrevistados adota práticas pedagógicas inovadoras, frequentemente abordando temas da cultura corporal de movimento além dos esportes tradicionais e utilizando métodos de avaliação diversificados, que envolvem a participação ativa dos alunos. A análise também sugere que a formação continuada e a fase da carreira do professor podem influenciar a adoção dessas práticas. Em síntese, o estudo explora a natureza e a manifestação da inovação pedagógica na Educação Física Escolar.

Corroborando essa visão, González e Fensterseifer (2010) ressaltam que a inserção dessas modalidades no ambiente escolar permite aos professores desenvolver um currículo mais diversificado, ao mesmo tempo em que oferece aos estudantes novas vivências e oportunidades para expandir seu repertório esportivo ao longo da educação básica. Essa abordagem também contribui para a apresentação de novas culturas, promovendo a reflexão crítica, a disseminação e o enriquecimento cultural dos alunos.

2.4.1 Hóquei Indoor

O hóquei é um esporte coletivo de invasão, cuja origem remonta a mais de 4.000 anos a.C., conforme evidenciam vestígios de práticas semelhantes encontrados em diversas civilizações, como Egito, Pérsia, China e Grécia, o que evidencia seu amplo reconhecimento pelo mundo (FIH, 2025; Finco, 2020). Nessas sociedades, a prática do hóquei assumia diferentes finalidades, variando desde atividades recreativas até a preparação física para a guerra. Com o passar do tempo, especialmente a partir do século XIX, a modalidade passou a ser obrigatória nos colégios, ampliando posteriormente sua difusão no meio universitário. No Brasil, o hóquei foi introduzido por volta de 1880, por meio de trabalhadores ingleses que vieram ao país a trabalho. Contudo, sua expansão inicial foi prejudicada por fatores socioeconômicos, o que fez com que a prática permanecesse restrita, durante um longo período, a estrangeiros de maior poder aquisitivo estabelecidos no território nacional (Finco; Souza, 2023).

Segundo a Confederação Brasileira de Hóquei sobre a grama e indoor – CBHG, o termo “hóquei” significa “conduzir com bastão” (Finco, 2020). Ao longo de seu processo de desenvolvimento e sistematização, a modalidade passou a apresentar diferentes formas de prática. Segundo a Federação Internacional de Hockey (FIH), o hóquei é praticado em diversos formatos, como sobre grama, indoor, no gelo e de rua, os quais se diferenciam quanto ao tipo de taco, ao espaço e ao terreno de jogo, ao número de atletas e à duração das partidas (FIH, 2025). Atualmente, o hóquei é praticado em diversos países do mundo. De acordo com a federação que regulamenta a modalidade (FIH), o esporte é disputado em três modalidades: Hóquei 5s, Hóquei Indoor e Hóquei sobre Grama.

O Hóquei Indoor, ou hóquei de salão, é uma adaptação do hóquei sobre grama para a prática em ginásios esportivos. Esta modalidade surgiu na Europa, nos anos 50, com o objetivo de permitir a sua prática durante o período de inverno, sendo reconhecida oficialmente pela Federação Internacional de Hockey (FIH) no ano de 1968 (FIH, 2025).

Por se tratar de um esporte coletivo de invasão, disputado em um mesmo espaço de jogo e apresentar semelhanças com outras modalidades coletivas, como o futsal, o Hóquei Indoor mostra-se uma alternativa viável de ser inserida nas aulas de Educação Física. A sua prática possibilita aos professores ensinar os esportes coletivos não convencionais ainda pouco explorados no contexto escolar, proporcionando aos estudantes novas vivências corporais, além de permitir a utilização e a exploração de diferentes objetos e materiais para o alcance dos objetivos propostos no ensino da Educação Física (Lima *et al.*, 2012; Pinto, 2021).

Nesse sentido, tais características estão alinhadas às orientações da BNCC (2018), que propõe o trabalho com os esportes de invasão a partir da adaptação das regras, dos espaços e dos materiais, favorecendo a manipulação e a exploração de objetos. Esse processo contribui para o desenvolvimento de competências e habilidades como criatividade, solidariedade e respeito, além de estimular a participação dos estudantes, a aprendizagem dos fundamentos técnicos e táticos e a inserção de novas práticas corporais nas aulas de Educação Física (Brasil, 2018; Finco; Souza, 2023).

2.4.2 Oliverbol

É uma modalidade de origem brasileira, que surgiu em 2018 durante as aulas de Educação Física da rede municipal de ensino da cidade de Sorriso, no Estado do Mato Grosso. Segundo Costa e Dias (2024), a modalidade foi criada pelo professor de Educação Física Ricardo Roberto de Oliveira a partir de brincadeiras realizadas com as crianças, que combinavam o uso de uma bola de futebol de campo com uma cesta semelhante à do basquetebol, além de incorporar elementos de outras modalidades, como futebol, handebol, basquetebol, ultimate frisbee e corfebol.

Durante o processo de desenvolvimento da modalidade, Oliveira (2018) ressalta que o professor Ricardo buscava constantemente oferecer aos seus alunos práticas de Educação Física diferenciadas, fora do modelo tradicional. Contudo, observou que alguns estudantes ainda apresentavam dificuldades para participar das atividades, o que reforçou a necessidade de criar um esporte mais acessível, inclusivo e capaz de envolver todos os participantes, independentemente do nível de habilidade.

Diante desse contexto, o Oliverbol passou a ser reconhecido como “um esporte para todos”, sobretudo por ter como característica central a cooperação entre os participantes (Oliveira, 2018). Além disso, destaca-se por promover a inclusão, a igualdade de condições entre os sexos e o respeito às diferenças. Esses aspectos tornam possível a participação conjunta de alunos menos habilidosos e de outros mais experientes, assegurando condições semelhantes de envolvimento e aprendizagem para todos (Costa e Dias, 2024; Oliveira, 2018).

No que se refere às características técnico-táticas, Costa e Dias (2024) e Oliveira (2018) classificam como um esporte de invasão que combina precisão, estratégia, cooperação e pouco contato físico, utilizando as faltas como mecanismo para evitar choques entre os jogadores. Para que as ações do jogo ocorram de forma eficiente, a modalidade organiza-se a partir de fundamentos básicos essenciais à execução das jogadas, entre os quais se destacam o controle de corpo, o manejo de bola, a recepção, o passe, o arremesso, o salto e o rebote.

Quanto à sua organização, cada equipe é composta por cinco jogadores em quadra e cinco jogadores reservas, podendo haver variações em relação a quantidade de participantes de acordo com a formação e as características do grupo. A quadra destinada à prática da modalidade apresenta formato retangular, com dimensões oficiais de 40 metros de comprimento por 20 metros de largura, as quais podem ser adaptadas conforme o espaço disponível. Sua estrutura é organizada a partir de três

círculos: dois menores, destinados à reposição da bola, e um círculo central, que corresponde à área restritiva do jogo.

Em relação aos equipamentos, embora os materiais oficiais apresentem custos elevados, Oliveira (2018) destaca a possibilidade de utilização de recursos adaptados pelo professor ou pela própria escola, especialmente para a confecção da cesta, a partir do uso de diferentes materiais alternativos. Por fim, o Oliverbol é regulamentado por 11 regras básicas, responsáveis por orientar e organizar toda a dinâmica da modalidade.

2.4.3 Poull Ball

A modalidade teve origem na Bélgica, em 2009, a partir da proposta de seu criador, François Poull, professor de Educação Física, que buscava desenvolver um esporte acessível a todos os alunos. O objetivo era possibilitar a participação de ambos os sexos em uma atividade dinâmica, sem contato físico, voltada à inclusão dos participantes e à valorização dos princípios do *fair play* (Poull, 2019).

Nesse contexto, o Poull Ball consolida-se como uma estratégia pedagógica orientada à coeducação, caracterizando-se como um jogo cooperativo no qual os participantes permanecem em constante movimentação. Ademais, ao incorporar elementos de diferentes esportes, como o basquetebol e o handebol, a modalidade amplia as possibilidades de interação, cooperação e aprendizagem no contexto da Educação Física Escolar (Poull, 2019).

De acordo com Poull (2019), a modalidade apresenta-se como uma proposta pedagógica que contribui para o desenvolvimento da colaboração sociomotora, da convivência e de valores educacionais fundamentais. Nessa perspectiva, sua prática favorece o aprimoramento de habilidades sociais e pessoais, bem como de capacidades psicomotoras, físicas e psicológicas, aspectos essenciais para a formação integral dos estudantes.

Em relação à sua organização, o Poull Ball é praticado por duas equipes mistas, compostas por cinco jogadores cada, em uma quadra retangular com dimensões de 40 metros de comprimento por 20 metros de largura. No interior da quadra, são dispostas duas plataformas, sobre as quais se encontram dois alvos cúbicos, posicionados em zonas circulares impenetráveis aos jogadores. Para a realização do jogo, utiliza-se uma bola grande, com aproximadamente 55 cm de diâmetro, o que

favorece a dinâmica da modalidade e estimula a participação coletiva dos participantes.

Destaca-se, ainda, a ampla possibilidade de adaptação da modalidade, permitindo que o maior número possível de pessoas possa praticá-la por meio de ajustes nos equipamentos, no espaço de jogo e nas regras, assegurando uma prática inclusiva e equitativa para todos os praticantes (Poull, 2019).

Por fim, assim como ocorre com outras práticas esportivas não convencionais, o Poull Ball, por se tratar de uma modalidade recente, ainda apresenta um número reduzido de produções científicas. No entanto, os elementos que compõem essa modalidade e sua dinâmica de jogo evidenciam seu potencial para promover benefícios significativos quando aplicada no contexto escolar.

2.4.4 Tapembol

A modalidade esportiva de origem brasileira teve início a partir de uma brincadeira simples, denominada “peru de tapa”, vivenciada nas aulas de Educação Física. A partir desse processo inicial de experimentação, o nome do esporte passou a derivar da expressão “tapa na bola”, sendo inicialmente reconhecido como um jogo no qual os participantes utilizavam tapas na bola com o objetivo de marcar o gol (Rocha *et al.*, 2010).

No decorrer do seu processo de organização e sistematização, a modalidade esportiva foi ganhando espaço dentro da escola e se tornou mais uma alternativa pedagógica no contexto da Educação Física Escolar. Nesse sentido, o Tapembol contribui para a ampliação do repertório de práticas corporais dos estudantes, bem como para a diversificação dos conteúdos trabalhados, alinhando-se a propostas pedagógicas que valorizam a inclusão, a participação e a aprendizagem significativa (Costa *et al.*, 2024).

De acordo com Rocha (2018), o Tapembol foi desenvolvido no ano de 2007, na cidade de Caeté, no estado de Minas Gerais, pelo professor de Educação Física Marco Aurélio Cândido Rocha. Ao longo do tempo, a modalidade consolidou-se como uma prática esportiva de caráter nacional, ampliando sua difusão em diferentes contextos educacionais e formativos e, posteriormente, sendo reconhecida junto ao Instituto Nacional de Propriedade Intelectual (INPI), o que assegura a originalidade de sua denominação e de sua logomarca (Rocha, 2018).

A modalidade é classificada como um esporte de invasão pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), apresentando amplas possibilidades de estratégias de jogo, especialmente em razão da simplicidade de seus gestos técnicos. Tal característica favorece sua inserção no contexto da Educação Física Escolar, ao possibilitar maior participação dos estudantes e a adaptação às diferentes realidades escolares (BRASIL, 2018).

2.4.5 Tchoukball

O Tchoukball é uma modalidade esportiva de origem suíça, criada pelo Dr. Hermann Brandt na década de 1960. A proposta da modalidade surgiu a partir das observações e reflexões de Brandt, que identificou a elevada incidência de lesões entre atletas em decorrência da prática de esportes marcados pela agressividade e pelo contato físico excessivo (Silva, 2015).

A modalidade recebe esse nome em razão do som “tchouk” produzido pelo toque da bola na rede do quadro de remissão, que faz parte do jogo. O Tchoukball é reconhecido pela Organização das Nações Unidas (ONU) como o “esporte da paz”, uma vez que não permite o contato físico entre os jogadores nem a interceptação de passes (Gripa; Ritter, 2021). Para Sinotti (2025), a modalidade tem uma abordagem integradora e pedagógica, que promove a participação de todos, além do desenvolvimento dos aspectos físico, cognitivo, cultural e social dos praticantes. O objetivo do Tchoukball é marcar pontos após um arremesso ser feito no quadro de remissão e a bola tocar o campo de jogo antes que qualquer jogador adversário possa recuperar a posse de bola (Sinotti, 2025).

Segundo Giglio (2011) e Sinotti (2025), foi criada com base na modalidade Pelota Basca e foram incorporados elementos das modalidades de voleibol e handebol para criar as regras do jogo e da arbitragem do Tchoukball. Com base nessas características, esta modalidade é classificada como um esporte coletivo de invasão, jogado entre duas equipes de sete (7) jogadores em campo e cinco (5) reservadas cada, em uma quadra de comprimento de 26 a 29 metros, largura de 15 a 17 metros, sendo que em cada extremidade do campo de jogo há uma área chamada “zona proibida”, formada por um semicírculo com raio de três (03) metros, onde ficam localizados em ambos os lados um quadro de remissão medindo um (1) m², e com uma inclinação de 55° em relação ao solo (FITB, 2011; Sinotti, 2025).

No Tchoukball, os jogos têm duração de 3 tempos de 15 minutos cada e com intervalos de 2 minutos entre os tempos. Entre os fundamentos básicos do jogo, podemos destacar o passe, a recepção e o posicionamento estratégico como fundamentais para avançar para o ataque, enquanto o lançamento no quadro de remissão é essencial para as equipes marcarem os pontos no jogo (Sinotti, 2025).

As regras do jogo de Tchoukball são bem simples. Não é permitido aos jogadores deixarem a bola tocar o solo, assim como é vedado o uso do drible para se deslocar durante o jogo. Entre as principais regras, destaca-se a “regra dos três”, que estabelece que não é permitido aos jogadores segurar a bola por mais de três segundos. Além disso, há um limite de três passes consecutivos entre a equipe de posse de bola antes do arremesso; o jogador pode efetuar três contatos dos pés com o solo enquanto mantém a posse da bola; e são permitidos apenas três lançamentos consecutivos no mesmo quadro de remissão (FITB, 2011).

Diferente de outros esportes, no Tchoukball é permitido que as equipes ataquem e defendam nos dois lados da quadra, ampliando a possibilidade de marcar pontos em todo o campo de jogo e fazendo com que as equipes mudem as estratégias de jogo a todo momento (Sinotti, 2025).

2.4.6 Tripela

A modalidade Tripela teve sua origem em Portugal, em 2008, no Centro de Investigação em Motricidade Humana (CIMH) do Instituto Politécnico de Leiria. Foi criada pelo Prof. Dr. Rui Matos, em parceria com os colaboradores Prof. Dr. Nuno Amaro e Prof. Dr. Pedro Morouço, a partir de inquietações acadêmicas e do desejo de inovar no contexto da Educação Física Escolar, conforme apontam Matos *et al.* (2012).

Diante da oferta limitada de esportes coletivos praticados nas escolas, os idealizadores apresentaram uma nova modalidade que permitisse o aproveitamento de materiais, equipamentos e espaços já existentes. Nesse sentido, a Tripela foi criada a partir da integração de aspectos técnicos, táticos e de regras oriundos do futsal e do handebol, configurando-se como uma alternativa pedagógica para o contexto escolar (Moreno, 2023).

Segundo Amaro (2012), a escolha do nome do novo esporte mostrou-se um processo desafiador, marcado por diversas reflexões e proposições. A denominação

Tripela surgiu a partir da inspiração no movimento da trivela do futebol, gesto técnico que, conforme relata o autor, chegou a ser alvo de críticas por parte de um treinador que o considerava inadequado. O nome foi adotado em razão da centralidade do número três na dinâmica do jogo, evidenciada, por exemplo, no limite de três passos e três segundos com a bola nas mãos, na distância mínima de três metros dos adversários durante a cobrança de faltas e nas três formas distintas de pontuação dos gols. Somando-se a isso o uso de “tripela” como um termo arcaico para bola, bem como a intenção de prestar uma homenagem às mulheres, ao atribuir à modalidade um nome de gênero feminino.

A Tripela é caracterizada como um esporte de invasão não convencional, no qual os jogadores utilizam, preferencialmente, os pés para realizar passes e chutar a bola em direção ao gol, enquanto as mãos são empregadas para receber os passes dos companheiros de equipe e bloquear as ações dos adversários durante o jogo. A modalidade é praticada em um espaço retangular, com dimensões de 40 metros de comprimento por 20 metros de largura. As equipes são compostas por cinco jogadores em cada lado, com substituições ilimitadas, não havendo a figura de um goleiro específico; no entanto, essa função pode ser desempenhada por um jogador com o papel de curinga (ou *joker*) (Matos *et al.*, 2012).

Sobre a organização do jogo, o objetivo do esporte consiste em que uma das equipes marque mais pontos do que a equipe adversária. O sistema de pontuação organiza-se da seguinte forma: atribuem-se 1 ponto aos gols realizados no interior da área; 2 pontos aos gols marcados fora da área; e, quando o jogador responsável pela finalização é o curinga (*joker*), a pontuação passa a ser de 2 pontos para gols realizados dentro da área e de 3 pontos para aqueles efetuados fora da área (Matos *et al.*, 2012).

No contexto da organização das equipes, especialmente no ambiente escolar, a formação mista é priorizada, o que contribui para a promoção da igualdade de gênero e da coeducação. Em contrapartida, nas competições oficiais regidas pelas normas da federação, as disputas ocorrem de forma separada por gênero, respeitando os regulamentos específicos da modalidade. Além de sua estrutura organizacional, a Tripela destaca-se pelo seu potencial pedagógico, sobretudo na Educação Física Escolar. Embora não apresente a mesma visibilidade de outros esportes alternativos, a modalidade vem ganhando popularidade e consolidando seu espaço em razão da facilidade de implementação, por não demandar adaptações

complexas, bem como por sua abordagem inclusiva, baseada no desenvolvimento de habilidades motoras básicas (Moreno, 2023). Nesse sentido, conforme destacam Alcalá *et al.* (2023), a Tripela configura-se como um esporte que pode ser trabalhado de forma progressiva, desde o quarto ano do Ensino Fundamental – Anos Iniciais – até o Ensino Médio.

2.4.7 Ultimate Frisbee

Esta modalidade esportiva não convencional surgiu nos Estados Unidos, por volta da década de 1960, a partir de uma brincadeira desenvolvida por estudantes da Universidade da Pensilvânia. Esses estudantes costumavam arremessar entre si embalagens circulares utilizadas para acondicionar tortas da empresa Frisbie's Pies Company, que, posteriormente, deu origem ao nome do esporte (Borges, 2017).

Para a prática do Ultimate Frisbee, não são necessários espaços ou materiais específicos, uma vez que a modalidade pode ser facilmente adaptada à realidade do local onde é praticada. Nesse contexto, o campo de jogo pode ser demarcado com o uso de fitas, cones ou outros materiais alternativos (Borges, 2017). Em relação aos materiais utilizados na modalidade, destaca-se o implemento denominado Frisbee, que pode ser confeccionado a partir de diferentes tipos de materiais. De acordo com a Federação Mundial de Disco Voador (World Flying Disc Federation – WFDF), os discos apresentam variações quanto às suas características, especialmente em relação às dimensões e ao peso, utilizados tanto para fins recreativos quanto em competições oficiais (Maielo; Costa, 2020).

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o Ultimate Frisbee é caracterizado como um esporte de invasão e distingue-se de outras modalidades por não contar com a presença de árbitros. Dessa forma, todos os jogadores precisam praticar o espírito de jogo, em que todos devem conhecer as regras da modalidade, respeitar as opiniões e decisões tanto de seus companheiros de equipe quanto dos adversários, contribuindo para praticarem o *fair play* (Borges, 2017). Quanto às suas características, o Ultimate Frisbee é disputado por duas equipes compostas por sete jogadores, podendo a formação ser feminina, masculina ou mista. O campo de jogo possui formato retangular, com dimensões de 64 metros de comprimento por 37 metros de largura, denominado “campo de jogo”, além de duas áreas adicionais, com 18 metros de comprimento cada, conhecidas como *end zones* ou zonas de pontuação. O objetivo da partida consiste em fazer com que um jogador da equipe receba o disco

na zona de pontuação da equipe adversária. Vence o jogo a equipe que alcançar primeiro 15 pontos (WFDF, 2021).

3 METODOLOGIA

Este capítulo apresenta os percursos metodológicos desenvolvidos ao longo da pesquisa, divididos em seções que contemplam o universo da pesquisa investigado, a abordagem adotada, os instrumentos utilizados, os procedimentos de coleta e de análise de dados e os aspectos éticos.

3.1 Caracterização da pesquisa

A presente pesquisa caracterizou-se como uma investigação de abordagem qualitativa, fundamentada nos pressupostos da pesquisa participante e desenvolvida por meio de uma intervenção pedagógica baseada na inserção de esportes de invasão não convencionais nas aulas de Educação Física no Ensino Médio noturno.

Segundo Gil (2021), a pesquisa qualitativa busca compreender os fenômenos em seu contexto real, valorizando a riqueza das experiências humanas e possibilitando que os participantes expressem livremente suas crenças, percepções e sentimentos. Nessa mesma perspectiva, Flick (2009) destaca que essa abordagem configura-se como um método de investigação voltado à compreensão aprofundada dos fenômenos sociais, permitindo analisar de forma detalhada o comportamento humano, suas motivações, atitudes e expectativas.

Considerando as características da abordagem qualitativa, a pesquisa participante revela-se uma metodologia relevante para o presente estudo. Nesse sentido, Severino (2017, p. 105) a define como aquela em que o pesquisador, “para realizar a observação dos fenômenos, compartilha a vivência dos sujeitos pesquisados, participando, de forma sistemática e permanente, ao longo do tempo da pesquisa, das suas atividades”. Complementando esse entendimento, Brandão e Borges (2007) destacam que essa abordagem constitui-se como um processo de investigação vinculado à ação social e à educação popular, voltado à produção coletiva de conhecimentos e à transformação social. Dessa forma, o pesquisador insere-se no contexto investigado de maneira colaborativa, estabelecendo uma relação dialógica com os participantes, o que favorece a construção compartilhada do conhecimento e a ampliação da participação dos sujeitos no processo investigativo.

No contexto da Educação Física Escolar, a pesquisa participante configura-se como uma estratégia metodológica que articula investigação e intervenção pedagógica, promovendo a construção compartilhada do conhecimento entre professor-pesquisador e estudantes. Além de ampliar a compreensão da realidade escolar, essa abordagem contribui para a elaboração de propostas pedagógicas voltadas à transformação e ao aprimoramento das práticas de ensino (Velloso et al., 2022).

Diante dessas considerações, a pesquisa foi desenvolvida por meio de uma intervenção pedagógica que buscou aproximar teoria e prática, possibilitando a participação ativa do professor-pesquisador e estudantes na construção do conhecimento. Além disso, essa intervenção favoreceu a implementação de ações pedagógicas voltadas à resolução de problemas identificados no contexto educativo e à produção de conhecimentos capazes de transformar a realidade investigada (Damiani et al., 2013).

3.2 Universo da pesquisa

A pesquisa foi realizada no município de Pato Branco, Paraná, na instituição de ensino: Colégio Estadual Cristo Rei – EFM. O Colégio Estadual Cristo Rei, que teve início de suas atividades em 03 de março de 1960, está localizado na zona sul do município de Pato Branco, Paraná, na Rua Xavier da Silva, nº 356, Bairro Pinheirinho. Em 2025, o colégio contava com 356 alunos matriculados no Ensino Fundamental e Médio, divididos nos três períodos de funcionamento da instituição.

Na sua organização funcional, a escola possui oito (8) funcionários administrativos e de serviços gerais e quarenta e seis (46) professores concursados e contratados atuando na instituição. A infraestrutura escolar dispõe cinco (5) salas de aulas climatizadas, cozinha, dois (2) banheiros para alunos e dois (2) para professores, secretaria, sala dos professores, sala de recursos, sala da coordenação, sala da gestão, laboratório de informática e uma quadra poliesportiva coberta – em que mais de um professor tem que dividir a quadra com outro colega para que os seus alunos possam realizar as aulas protegidos do sol ou mesmo da chuva. O material didático destinado à Educação Física é extremamente limitado e, por vezes, os professores têm que dividir para utilizá-lo nas aulas.

O perfil da comunidade escolar atendida mostra-nos diferentes realidades familiares das quais fazem parte os nossos alunos. Em relação à escolaridade dos responsáveis, em sua maioria, possuem Ensino Médio completo seguido por fundamental incompleto e alguns com curso superior completo. Em relação à moradia, apenas uma pequena parcela da comunidade reside em casas próprias; geralmente, os responsáveis são trabalhadores do setor da construção civil, prestação de serviços e autônomos, sendo que a renda familiar varia de 1 a 3 salários mínimos (PPP, 2023).

Com relação ao envolvimento e à participação na vida escolar dos filhos, há famílias comprometidas, que se preocupam e acompanham seus desempenhos, fazem-se presentes no colégio, participam das reuniões e promoções e valorizam o trabalho dos professores, enquanto outras não fazem acompanhamento nem comparecem, mesmo quando são convocadas. Já com relação aos alunos do Ensino Médio noturno, a grande parte dos alunos é de trabalhadores, advindos dos bairros próximos ao colégio, que, após o trabalho, vêm para a escola. Também alguns problemas comuns ao meio escolar e ao meio social afetam o colégio, envolvendo questões como segurança, drogas, sexualidade e outros (PPP, 2023).

Em relação aos índices de aproveitamento escolar, o colégio apresentou, no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB, no ano de 2023, as notas de 5,4 no Ensino Fundamental Anos Finais e 4,2 no Ensino Médio, ficando abaixo da meta estabelecida pelo Governo do Estado do Paraná (QEDU, 2023).

O Colégio Estadual Cristo Rei não alcançou o índice esperado pelo governo, enfrentando desafios significativos tanto no desempenho acadêmico quanto na estrutura socioeconômica da comunidade que atende. Além disso, o Colégio Estadual Cristo Rei enfrenta o desafio do alto índice de evasão escolar no período noturno, o que complica ainda mais a situação educacional.

3.3 Sujeitos da pesquisa

Participaram da pesquisa 24 alunos, regularmente matriculados e frequentando as aulas no ano de 2025, pertencentes a uma turma da 3ª série do Ensino Médio noturno do Colégio Estadual Cristo Rei – EFM, localizado no município de Pato Branco, Paraná. A turma estava composta por estudantes de ambos os sexos, com idades entre 17 e 18 anos.

A escolha dos estudantes da 3ª Série do Ensino Médio noturno para este estudo justificou-se pelas características específicas desses estudantes. Entre os principais fatores que os destacam, podemos mencionar que muitos enfrentam o estigma do fracasso escolar e são impulsionados a frequentar o ensino noturno devido a históricos de reprovações, evasão escolar, maior idade e a necessidade de trabalhar durante o dia, o que frequentemente os leva a chegar atrasados às aulas. Esses desafios adversos dos estudantes do ensino noturno justificam a necessidade de abordagens educacionais adaptadas às suas necessidades específicas.

Para a participação na pesquisa, os alunos e pais/responsáveis preencheram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice B) e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), respeitando, assim, os aspectos éticos e legais deste tipo de pesquisa.

3.4 Instrumentos para a coleta de dados

Como instrumentos de coleta de dados, foram utilizados questionários validados por associações e adaptados pelo pesquisador com o objetivo de coletar dados que atendessem os objetivos da pesquisa. Essa adaptação garantiu que os instrumentos de coleta de dados fossem relevantes e adequados ao contexto da pesquisa, permitindo obter informações mais precisas e alinhadas aos propósitos da investigação.

Segundo Gil (2019), um questionário é uma técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado, entre outros. A elaboração de um questionário implicou basicamente transformar os objetivos da pesquisa em perguntas específicas. As respostas a essas perguntas forneceram os dados necessários para descrever as características da população estudada ou para testar as hipóteses formuladas durante a fase de planejamento da pesquisa (Gil, 2019).

Quanto à forma, as questões podem ser classificadas em três categorias: fechadas, abertas e dependentes. As questões abertas solicitam que os respondentes forneçam as suas próprias respostas. As questões fechadas requerem que os respondentes escolham uma opção dentre as alternativas apresentadas em uma lista.

Já as questões dependentes só são pertinentes para determinados respondentes, pois a sua relevância depende de uma condição prévia (Gil, 2019).

No desenvolvimento da pesquisa, foi aplicado, inicialmente, o questionário de perfil socioeconômico (Apêndice D), elaborado pelo pesquisador, que teve como objetivo identificar o perfil socioeconômico dos participantes.

Também foram utilizados, como instrumentos, dois questionários com questões abertas e fechadas, em que o primeiro questionário (Apêndice E) teve como objetivo sondar os conhecimentos prévios que os alunos tinham acerca dos esportes de invasão não convencionais, enquanto o segundo questionário (Apêndice F) foi aplicado após a intervenção pedagógica para verificar a aquisição do conhecimento dos participantes da pesquisa durante o desenvolvimento da implementação da proposta. O professor-pesquisador elaborou os dois questionários em folha A4 e os disponibilizou para que os participantes da pesquisa os respondessem presencialmente durante o tempo estimado de 20 minutos, essa etapa fazendo parte de uma aula de 50 minutos.

Ademais, foi utilizado o Diário de Campo (Apêndice G), com o objetivo de coletar e registrar informações relevantes ao longo do processo investigativo, incluindo debates, ideias, comportamentos e aprendizagens produzidas pelos alunos durante as intervenções pedagógicas. Esse instrumento foi preenchido pelo professor-pesquisador durante as aulas, servindo como registro sistemático das observações realizadas, das vivências experimentadas pelos estudantes e das reflexões desenvolvidas ao longo das atividades. O diário contemplou dados de identificação, como local da intervenção, data, plano de aula e conteúdo, bem como o número de alunos presentes e ausentes.

Posteriormente, foi utilizado um campo denominado relato da aula, destinado a registrar, de forma descritiva e reflexiva, aspectos relevantes das vivências dos(as) estudantes. Entre eles, destacaram-se: a participação dos alunos nas aulas e nas atividades propostas, os pontos positivos observados, aspectos a serem aprimorados, observações gerais, níveis de engajamento, reações às propostas, interações sociais, dificuldades enfrentadas, iniciativas espontâneas e comentários significativos.

Esses registros foram complementados por fotografias e vídeos, que funcionaram como suporte visual para a reconstrução dos contextos e cenas, acrescentando elementos relevantes à análise dos dados. Segundo Oliveira (2014), o diário de campo é um dispositivo de registro das temporalidades cotidianas

vivenciadas na pesquisa, permitindo uma compreensão mais profunda dos movimentos e culturas presentes no campo de estudo. É essencial para capturar sutilezas que podem não ser registradas por outras formas de coleta de dados, como transcrições de entrevistas, expressões de emoção, cheiros, sabores, olhares, sorrisos e gestos. Além disso, o diário de campo serve como um instrumento de reflexão sobre a própria prática de pesquisa, permitindo ao pesquisador registrar as suas impressões, angústias, desejos, avanços e dificuldades ao longo do processo de investigação.

3.5 Procedimentos para a coleta de dados

A pesquisa foi realizada no Colégio Estadual Cristo Rei, no período noturno, com encontros realizados duas vezes por semana, às segundas e quartas-feiras, das 19h40 às 21h15, em aulas geminadas. As intervenções ocorreram tanto nas aulas de Educação Física quanto em aulas cedidas por outros componentes curriculares, como Arte II, Geografia, Projeto de Vida e Recomposição de Aprendizagem de Língua Portuguesa, totalizando 20 encontros desenvolvidos ao longo do segundo semestre de 2025.

A utilização de aulas de outros componentes curriculares foi viabilizada mediante autorização da equipe diretiva da instituição, que reorganizou os horários para a realização da intervenção pedagógica. Os conteúdos previstos nos componentes curriculares que cederam suas aulas foram posteriormente retomados e repostos pelos respectivos professores, garantindo o cumprimento do planejamento pedagógico e assegurando que não houvesse prejuízos ao processo de ensino e aprendizagem dos estudantes.

Para a realização da pesquisa, foi necessário o Termo de Concordância da Instituição Coparticipante (Anexo II), referente à unidade de ensino envolvida, neste caso, o Colégio Estadual Cristo Rei. Antes da intervenção, os alunos foram convidados a participar da pesquisa e receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que foi entregue aos pais e/ou responsáveis, por meio dos alunos, com prazo de devolução estipulado anteriormente ao início da pesquisa. Uma cópia do documento foi disponibilizada aos pais e/ou responsáveis. Os alunos que foram autorizados pelos pais e/ou responsáveis a participar da pesquisa foram convidados pelo professor-pesquisador, que realizou a explicação sobre a pesquisa e

a leitura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE). Esse termo foi assinado pelos alunos que tiveram interesse em participar, que também ficaram com uma cópia do documento.

Antes da aplicação e da entrega dos questionários aos alunos, foi realizada uma breve explicação com o objetivo de informar e esclarecer eventuais dúvidas que pudessem surgir sobre a pesquisa e a intervenção. Ambos os questionários foram elaborados em folhas A4 e disponibilizados aos estudantes participantes da pesquisa. O primeiro questionário, denominado questionário de entrada, teve como objetivo sondar os conhecimentos prévios dos estudantes acerca dos esportes de invasão não convencionais. A aplicação dos questionários foi realizada pelo professor-pesquisador, de forma presencial, em sala de aula, com duração delimitada de 20 minutos.

Para a implementação da intervenção pedagógica com os estudantes, as atividades foram desenvolvidas ao longo de sete (7) semanas, entre os meses de outubro e novembro de 2025, totalizando vinte (20) aulas de 50 minutos cada. Os encontros ocorreram duas vezes por semana, correspondendo a uma carga horária semanal de 1 hora e 40 minutos. A ampliação do tempo destinado à intervenção ocorreu por meio da complementação da carga horária da Educação Física com aulas cedidas por outros componentes curriculares, incluindo Arte II, Geografia, Projeto de Vida e Recomposição de Aprendizagem de Língua Portuguesa.

Essa reorganização dos horários foi autorizada pela equipe diretiva do Colégio Estadual Cristo Rei e viabilizada por meio da troca de aulas entre os componentes curriculares envolvidos. Posteriormente, os professores responsáveis realizaram a retomada dos conteúdos previstos em seus planejamentos, garantindo a continuidade das atividades pedagógicas e evitando prejuízos ao processo de ensino e aprendizagem dos estudantes.

Nesse contexto, a sequência didática foi utilizada como estratégia para organizar as atividades nas aulas. O planejamento contemplou aulas teóricas e práticas, sendo que as aulas teóricas tiveram caráter introdutório, com o objetivo de apresentar e ampliar o conhecimento dos estudantes sobre os temas que seriam abordados no decorrer das aulas, como o breve contexto histórico, as características dos esportes de invasão não convencionais, os equipamentos e as regras básicas.

Já as aulas práticas foram desenvolvidas em três momentos: a) roda de conversa inicial, na qual o professor apresentou as atividades que seriam

desenvolvidas, bem como os objetivos da aula, além de incentivar e motivar os estudantes à participação nas práticas propostas; b) desenvolvimento, etapa em que os alunos vivenciaram as atividades propostas e contribuíram de forma participativa para o desenvolvimento das aulas; e c) roda de conversa final, momento em que os alunos foram incentivados a compartilhar suas experiências, dificuldades e percepções acerca das atividades desenvolvidas, proporcionando um feedback sobre a aula.

Diante desse cenário, ao considerar os esportes de invasão não convencionais como uma estratégia para ampliar o repertório cultural esportivo dos estudantes e reconhecendo que há diversas modalidades possíveis de serem exploradas no ambiente escolar, optou-se por apresentar as seguintes modalidades: Hóquei Indoor, Oliverbol, Poul Ball, Tapembol, Tchoukball, Tripela e Ultimate Frisbee.

Posteriormente, após a vivência dessas modalidades durante a intervenção, foram destinadas duas aulas para que os estudantes escolhessem, a partir de seus próprios critérios, uma das práticas experimentadas para a realização de um torneio. A partir dessa escolha, coube a eles organizar todas as etapas do evento, incluindo a definição das equipes, a elaboração e adaptação das regras, a distribuição das funções de arbitragem e a gestão geral do torneio. Essa proposta buscou desenvolver a autonomia dos alunos, promovendo a participação ativa, o trabalho coletivo e a compreensão dos diferentes aspectos que envolvem a prática esportiva para além da execução técnica.

Após a conclusão da intervenção pedagógica, foi realizada a aplicação do segundo questionário, denominado questionário de saída, com o objetivo de verificar a aquisição de conhecimentos pelos participantes ao longo do processo de implementação da proposta. A aplicação ocorreu em sala de aula e iniciou-se com o registro de frequência. Em seguida, os estudantes foram informados de que aquele encontro marcaria o encerramento da intervenção pedagógica sobre os esportes de invasão não convencionais. Na sequência, realizou-se uma breve explicação sobre os objetivos do questionário diagnóstico final, buscando tranquilizar os alunos quanto ao seu preenchimento e reforçando a importância de responderem ao instrumento com atenção, expressando suas percepções, vivências e aprendizagens. Destacou-se, ainda, que as contribuições dos participantes seriam fundamentais para a conclusão da pesquisa do professor-pesquisador.

Antes da distribuição do questionário, foi informado aos estudantes que seria realizada a leitura coletiva de todas as questões e que somente após esse procedimento poderiam iniciar o preenchimento. Concluída a leitura, um dos estudantes auxiliou na entrega dos questionários e, após todos receberem o material, foi autorizado o início das respostas, orientando-se o uso preferencial de caneta.

Após o preenchimento, os questionários foram recolhidos pelo professor-pesquisador, encerrando-se a etapa de coleta de dados referente ao instrumento de saída. Dessa forma, os dois momentos de aplicação dos questionários, entrada e saída, possibilitaram reunir informações sobre os conhecimentos prévios dos estudantes e sobre os conhecimentos, percepções e aprendizagens construídos ao longo da intervenção pedagógica com os esportes de invasão não convencionais.

3.6 Análise dos dados

De forma geral, a análise dos dados desta pesquisa foi realizada sob uma perspectiva qualitativa-descritiva. Em alguns momentos, para a organização e apresentação dos dados quantitativos, foi utilizada a estatística descritiva, com o emprego de frequências e porcentagens. Esses dados foram utilizados de forma complementar, contribuindo para a descrição das características e regularidades observadas entre os participantes.

Para Minayo (2009), a análise qualitativa constitui um processo sistemático de interpretação das informações produzidas no campo, articulando os dados empíricos ao referencial teórico e ao contexto da pesquisa. Essa abordagem busca compreender os significados, percepções, experiências e interpretações construídos pelos sujeitos, não reduzindo os fenômenos investigados à dimensão numérica.

A partir disso, os dados foram organizados e analisados considerando os objetivos da pesquisa, o contexto educacional e as particularidades da intervenção pedagógica. Conforme Creswell (2014), a análise envolve a preparação e organização dos materiais coletados, seguida do exame das informações, possibilitando identificar aspectos recorrentes, aproximações, diferenças e elementos relevantes para a compreensão do fenômeno investigado.

Assim, a análise qualitativa-descritiva possibilitou interpretar as experiências, percepções e manifestações dos estudantes relacionadas ao ensino dos esportes de invasão não convencionais. As frequências e porcentagens foram utilizadas de maneira

complementar para descrever determinados aspectos dos dados, enquanto a análise qualitativa permitiu compreender as informações considerando o contexto em que foram produzidas.

Para a organização e interpretação dos dados qualitativos, foram estabelecidas três categorias de análise: conhecimentos e vivências práticas dos estudantes relacionados aos esportes de invasão; intervenção pedagógica com esportes de invasão não convencionais; e avaliação da proposta pedagógica pelos participantes. Essas categorias orientaram a sistematização dos dados e a discussão dos resultados, permitindo relacionar as informações produzidas durante a intervenção aos objetivos estabelecidos para a pesquisa.

3.7 Aspectos éticos

A realização do projeto de pesquisa foi autorizada pela direção do Colégio Estadual Cristo Rei (Apêndice A). Após a aceitação da instituição participante, o projeto foi analisado e aprovado pelo Comitê de Ética de Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, com o Parecer Consubstanciado nº 7.624.390 (Anexo A).

3.8 Produto educacional

O produto educacional foi resultado de uma pesquisa científica, que teve como propósito aprimorar a prática docente e fortalecer a aprendizagem em Educação Física na Educação Básica. Como desdobramento desse estudo, foi elaborado um e-book digital, organizado em uma unidade didática que reuniu planos de aula sobre esportes de invasão não convencionais, como Hóquei Indoor, Oliverbol, Poull Ball, Tapembol, Tchoukball, Tripela e Ultimate Frisbee. O material é destinado a professores do Ensino Médio, com o objetivo de diversificar as práticas pedagógicas, mas também incentivar a inserção desse conteúdo no ambiente escolar.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo apresenta os dados produzidos durante a implementação da proposta de intervenção sobre os esportes de invasão não convencionais, realizada com uma turma da 3ª série do Ensino Médio do período noturno. A análise contempla informações provenientes do questionário do perfil socioeconômico, dos dois instrumentos aplicados aos estudantes, o diagnóstico de sondagem inicial e final, além dos registros no Diário de Campo ao longo das intervenções. Esses materiais permitiram interpretar as percepções construídas pelos(as) estudantes durante o processo, identificar suas percepções acerca da prática proposta e compreender o impacto da vivência no contexto escolar.

Para melhor entendimento, os resultados serão apresentados e discutidos a partir dos seguintes tópicos: 4.1 O perfil socioeconômico demográfico dos estudantes participantes da pesquisa; 4.2 O conhecimento e as vivências práticas dos alunos em relação aos esportes de invasão não convencionais; 4.3 A intervenção pedagógica no ensino dos esportes de invasão não convencionais na 3ª Série do Ensino Médio noturno; 4.4 A avaliação da proposta pedagógica. Cada um desses tópicos apresentará detalhadamente o desenvolvimento das aulas, incluindo os encaminhamentos metodológicos, trechos de falas dos estudantes e registros de imagens, de modo a possibilitar ao leitor uma compreensão mais aprofundada da experiência de trabalho com a unidade de ensino “Esportes de Invasão não Convencionais” na 3ª série do Ensino Médio noturno.

4.1 O perfil socioeconômico demográfico dos estudantes participantes da pesquisa

Inicialmente, a aplicação do questionário socioeconômico (Apêndice D) aos estudantes do Ensino Médio do período noturno possibilitou identificar um perfil inicial do grupo a partir das informações fornecidas. Com base nesses dados, tornou-se possível compreender de forma mais ampla as condições sociais nas quais estão inseridos, bem como a realidade que caracteriza sua experiência no ambiente escolar. Com o objetivo de aprofundar essa caracterização, esta etapa apresenta os resultados referentes ao perfil socioeconômico-demográfico dos participantes, buscando evidenciar suas principais características.

Nesse contexto, a Tabela 1 apresenta o perfil socioeconômico-demográfico dos estudantes, permitindo observar de forma integrada suas características de identificação, condições de moradia e meios de deslocamento.

Tabela 1 – Distribuição sociodemográfica e de condições de moradia dos participantes

Variável	Categoria	Frequência (f) 24	Porcentagem (%)
Nacionalidade	Brasileira	24	100,0
Naturalidade	Pato Branco	19	79,2
	Barracão	1	4,2
	Curitiba	1	4,2
	Paranaguá	2	8,3
	Honório Serpa	1	4,2
Sexo	Masculino	14	58,3
	Feminino	10	41,7
Idade	18 anos	14	58,3
	17 anos	10	41,7
Cor/Raça	Branca	10	41,7
	Parda	12	50,0
	Preta	1	4,2
	Amarela	1	4,2
Estado civil	Solteiro(a)	24	100,0
Condições de moradia	Com a família	23	95,8
	Com outros familiares	1	4,2
Situação da moradia	Própria (quitada ou herdada)	18	75,0
	Alugada (gasto mensal)	5	20,8
	Cedida (mora sem pagar aluguel)	1	4,2
Tipo de moradia	Alvenaria	19	79,2
	Mista	3	12,5
	Madeira	2	8,3
Nº de cômodos	2 ou 3	2	8,3
	4 a 5	9	37,5
	6 a 8	12	50,0

Variável	Categoria	Frequência (f) 24	Porcentagem (%)
	Acima de 8	1	4,2
Meio de transporte	A pé (caminhando)	12	50,0
	Ônibus	5	20,8
	Moto	4	16,7
	Bicicleta	1	4,2
	Van	1	4,2
	Outros (não especificados)	1	4,2

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

No que se refere à idade dos estudantes participantes da pesquisa, observa-se que o grupo é composto por jovens de 17 e 18 anos, sendo que a maioria nasceu e é residente no município de Pato Branco. Em relação ao gênero, os dados do questionário indicam predominância do sexo masculino, representado por 58,3%, seguido do feminino com 41,7%. Quanto à autodeclaração racial, verifica-se que 50% dos estudantes se consideram pardos, enquanto 41,7% se identificam como brancos, configurando um perfil relativamente diversificado.

No que diz respeito às condições de moradia, 95,8% dos estudantes revelaram que residem com seus familiares, e 75% moram e vivem em casas próprias, enquanto 20,8% residem em imóveis alugados.

Em relação ao deslocamento até a escola, constatou-se que metade dos estudantes (50%) realiza o percurso até o colégio a pé, devido à proximidade entre o local de residência e a instituição. A outra parte dos estudantes utiliza meios de transporte variados, como ônibus, moto, bicicleta e van. A predominância de deslocamentos a pé reforça o caráter local do grupo e pode estar associada à assiduidade e à regularidade na frequência escolar.

A análise do nível de escolaridade dos pais e responsáveis revela um perfil heterogêneo, porém concentrado predominantemente na educação básica, conforme é apresentado na Tabela 2 a seguir:

Tabela 2 – Nível de escolaridade dos pais (pai e mãe), reprovação escolar e presença de necessidades específicas dos participantes do estudo

Variável	Categoria	Frequência (n) 24	Porcentagem (%)
	Assina o nome / decodifica letras	1	4,2%

Escolaridade do pai	Ensino fundamental incompleto	3	12,5%
	Ensino fundamental completo	2	8,3%
	Ensino médio incompleto	5	20,8%
	Ensino médio completo	9	37,5%
	Ensino superior completo	3	12,5%
	Pós-graduação	1	4,2%
Escolaridade da mãe	Ensino fundamental incompleto	3	12,5%
	Ensino fundamental completo	1	4,2%
	Ensino médio incompleto	5	20,8%
	Ensino médio completo	7	29,2%
	Ensino superior incompleto	2	8,3%
	Ensino superior completo	6	25%
Histórico de reprovação	Nunca reprovou	23	95,8%
	Reprovou uma vez	1	4,2%
Necessidades específicas	Não possui	24	100%
Faltas às aulas	Nunca	2	8,3%
	Às vezes	20	83,3%
	Frequentemente	2	8,3%
Atrasos à escola	Nunca	8	33,3%
	Às vezes	13	54,2%
	Frequentemente	3	12,5%

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Conforme os dados coletados por meio do questionário socioeconômico-demográfico, os resultados corroboram aqueles apresentados no Projeto Político-Pedagógico (PPP, 2023) e na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD, 2024). Esses dados evidenciam que a maioria dos pais e mães concluiu, no mínimo, a educação básica, sendo o Ensino Médio completo o nível de escolaridade predominante entre pais ou responsáveis (IBGE, 2024).

Ao realizar um comparativo entre os gêneros no contexto da pesquisa, observa-se que, entre os homens, há predominância do Ensino Médio, seguido do ensino superior e da pós-graduação. Entre as mulheres, os resultados apresentam distribuição semelhante, com maior prevalência nos níveis médio e superior, conforme os dados coletados.

Em relação ao histórico de reprovações ao longo da educação básica, os resultados da pesquisa apontam que apenas 4,2% dos estudantes reprovaram durante a educação básica. Quando comparados aos percentuais divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2024), que apontam uma taxa de 13,8% a nível nacional, observa-se que os estudantes investigados se encontram abaixo da média nacional.

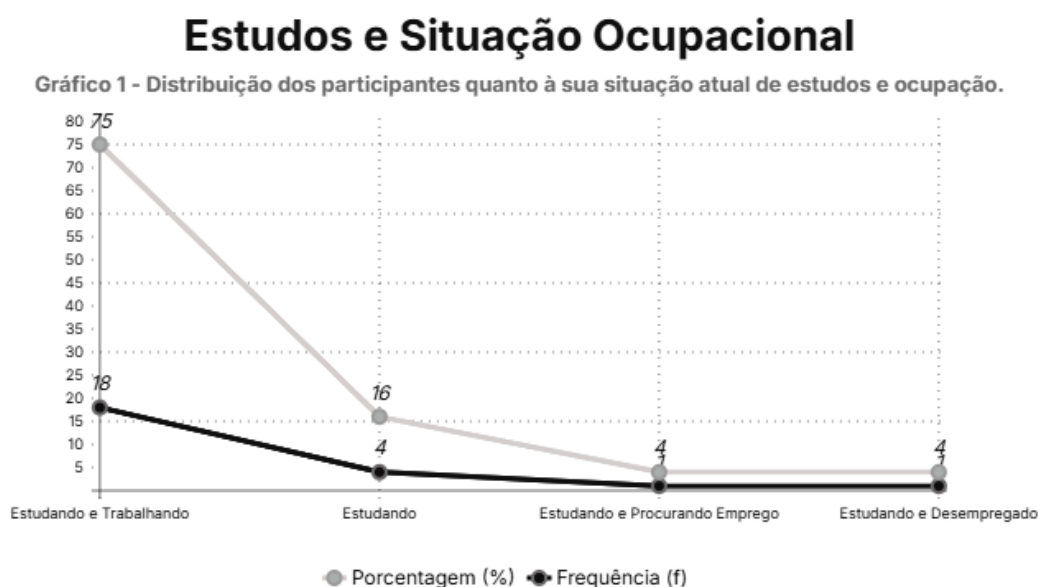
No que diz respeito ao comportamento escolar, especialmente no que se refere à frequência e pontualidade, observa-se que as ausências, embora presentes, não se configuram como comportamento sistemático para a maior parte do grupo. Em relação

aos atrasos, os dados revelam maior variação entre os estudantes. Há uma parcela maior que enfrenta dificuldades eventuais para cumprir o horário escolar, possivelmente relacionadas ao transporte, deslocamento ou organização da rotina diária.

Quando estes dados são analisados em conjunto com o perfil familiar e escolar previamente apresentado, esses elementos contribuem para ampliar a compreensão dos fatores socioculturais que influenciam a participação dos estudantes na rotina escolar.

A caracterização dos participantes quanto à sua situação atual de estudos e ocupação será apresentada por meio do Gráfico 1, permitindo visualizar a distribuição dos estudantes entre aqueles que conciliam os estudos com atividades profissionais e aqueles que se dedicam exclusivamente à escolarização.

Gráfico 1 – Distribuição dos participantes quanto à sua situação atual de estudos e ocupação



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Conforme o Gráfico 1, observa-se que a maioria dos participantes (75%) encontra-se simultaneamente estudando e trabalhando, indicando um perfil de estudantes que conciliam os estudos com o trabalho. Em contraste, apenas 16,67% afirmam dedicar-se exclusivamente aos estudos, o que evidencia que a dedicação integral às atividades escolares constitui uma condição minoritária entre os estudantes investigados. Por sua vez, os grupos que estão estudando e procurando emprego ou estudando e desempregados totalizam 4,17% da amostra, representando uma parcela

reduzida, porém relevante, por refletir possíveis desafios relacionados à inserção no mercado de trabalho.

Segundo Dayrell (2013), a necessidade dos estudantes estarem trabalhando ou buscando emprego pode estar relacionada a diversos fatores: a busca pela sobrevivência, a necessidade de contribuir economicamente com a família e o desejo de independência financeira. Por outro lado, como destaca Silva Filho e Araújo (2017), além dessas necessidades, existem os fatores externos como as condições socioeconômicas, problemas familiares e evasão, que acabam fazendo com que os alunos se dediquem ao trabalho e coloquem os estudos em segundo plano, o que pode influenciar negativamente o desempenho acadêmico e a permanência escolar.

Com o objetivo de compreender quais são as áreas de atuação dos estudantes no mercado de trabalho, bem como qual a duração de suas jornadas de trabalho. A Tabela 3 apresenta os dados referentes aos participantes da pesquisa.

Tabela 3 – Distribuição dos estudantes segundo a área de atuação e a jornada de trabalho semanal

Tabela 5 - Distribuição dos estudantes segundo a área de atuação e a jornada de trabalho semanal														
Área	Jornada		Sem Jornada		Até 10h		11 - 20h		21-30h		Mais de 30h		Total	
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
Comércio	0	0	0	0	2	8,33	2	8,33	3	12,50	7	29,17%		
Outros	0	0	0	0	1	4,17	1	4,17	3	12,50	5	20,83%		
Indústria	0	0	0	0	0	0	1	4,17	2	8,33	3	12,50%		
Prestação de Serviços	0	0	1	4,17	0	0	0	0	1	4,17	2	8,33%		
Construção Civil	0	0	0	0	0	0	0	0	1	4,17	1	4,17%		
Não Trabalha	6	25	0	0	0	0	0	0	0	0	6	25%		
												24	100%	

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

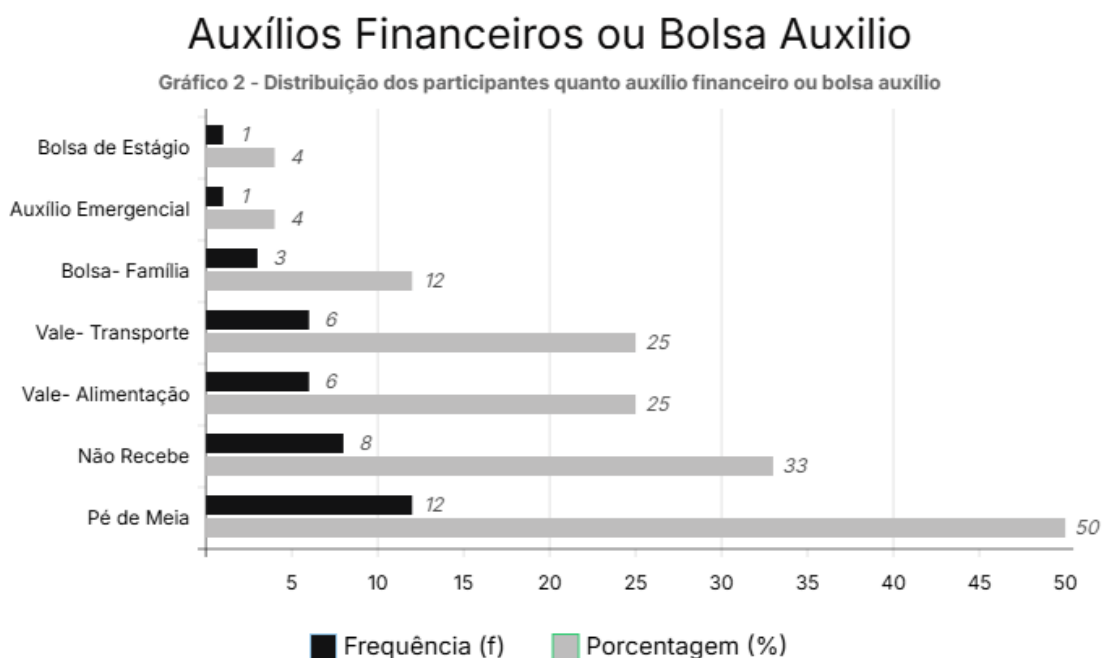
Conforme a Tabela 3, os dados indicam que a maior concentração de estudantes trabalhadores está entre aqueles que exercem jornadas de trabalho superiores a 30 horas semanais. A área em que os estudantes mais atuam concentra-se no setor do comércio, seguida da categoria “Outros”, que engloba funções como auxiliar de faturamento, auxiliar de escritório, auxiliar técnico de comunicação e logística. Outro grupo atua nas áreas que são consideradas de trabalhos pesados e que exigem mais fisicamente dos estudantes, como a Indústria, a Prestação de

Serviços – que inclui ocupações como pintor, mecânico, eletricista, encanador –, e a Construção Civil, que aparece como o setor menos representativo.

Esses resultados vão ao encontro dos dados da pesquisa da PNAD Contínua do IBGE (2024), que apontam que a maioria dos estudantes trabalhadores concentra-se principalmente em atividades do setor terciário. Tal cenário pode ser explicado pelas características dessas atividades, que são a primeira oportunidade de emprego, não exigem experiências prévias e qualificação profissional e, também, são uma possibilidade de perceber atividades que possam despertar um caminho profissional. Somando-se a isso, a possibilidade de conciliar o trabalho com a continuidade dos estudos, na perspectiva da busca por melhores condições de vida, conforme destacam Castro, Pinto e Lima (2021).

Em relação aos auxílios financeiros e bolsas recebidos pelos estudantes, o Gráfico 2 evidencia os diversos tipos de subsídios financeiros recebidos pelos participantes da pesquisa.

Gráfico 2 – Distribuição dos participantes quanto ao auxílio financeiro ou à bolsa-auxílio



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Entre os benefícios financeiros que os alunos recebem, podemos destacar o programa Pé-de-Meia, sendo o mais frequente entre os participantes, alcançando 50,0% da turma. Segundo Madaloz *et al.* (2024), o Programa Pé-de-Meia Lei nº 14.818/24 surgiu como uma iniciativa do governo federal, buscando oferecer

incentivos financeiros aos estudantes em situação de vulnerabilidade, inscritos no Cadastro Único para Programas Sociais – CadÚnico, sendo que o objetivo do programa é diminuir as desigualdades educacionais, promovendo oportunidades igualitárias e estimulando a permanência na escola. Também, destacam-se o Vale-alimentação e o Vale-transporte, enquanto outra parte dos participantes não recebem nenhum dos auxílios listados por não estarem inseridos no mercado de trabalho. Entre outros benefícios, o Bolsa Família, Auxílio Emergencial e Bolsa de Estágio aparecem de forma menos expressiva.

Dessa forma, os resultados apresentados na análise do perfil socioeconômico-demográfico possibilitaram compreender as condições sociais, familiares e laborais que permeiam a trajetória escolar desses estudantes, oferecendo subsídios relevantes para a interpretação dos demais resultados da pesquisa e para o planejamento de intervenções pedagógicas mais contextualizadas à realidade do grupo investigado.

4.2 O conhecimento e as vivências práticas dos alunos em relação aos esportes de invasão não convencionais

Este tópico buscou analisar os resultados do questionário diagnóstico inicial (Apêndice E) em 11 questões abertas e fechadas com o objetivo de verificar os conhecimentos prévios, as percepções, as experiências em relação às aulas de Educação Física e as expectativas dos(as) estudantes quanto à implementação da unidade didática sobre os Esportes de Invasão não convencionais. A seguir, apresenta-se a Tabela 4 com os dados sistematizados e sua respectiva análise.

Tabela 4 – Resultados do questionário diagnóstico inicial

Nº	Pergunta	Respostas dos Alunos	(f)	(%)
1	Você participa das aulas de Educação Física?	Sempre	15	62,5%
		Muitas Vezes	5	20,8%
		Às vezes	4	16,7%
		Raramente	0	0%
		Nunca	0	0%
2	Qual a unidade temática que você mais gosta de praticar nas aulas de Educação Física?	Brincadeiras e Jogos	4	16,7%
		Danças	0	0%
		Esportes	18	75%
		Ginástica	0	0%
		Lutas	0	0%
		Práticas Corporais de Aventura	0	0%
		Mais que uma unidade temática (Brincadeiras e Jogos e Esportes)	2	8,3%

3	Em relação aos esportes, quais modalidades você já praticou nas aulas de Educação Física?	Voleibol	4	16,7%
		Mais que uma modalidade (Basquete, Badminton, Handebol, Futsal, Voleibol, Futebol, Tênis de Mesa e Xadrez)	20	83,3%
4	E qual o esporte que mais gosta de praticar?	Badminton	1	4,15%
		Futebol	3	12,5%
		Futsal	7	29,2%
		Voleibol	12	50%
		Tênis de mesa	1	4,15%
5	Você já ouviu falar dos esportes de invasão?	Sim	23	95,8%
		Não	1	4,2%
6	Você já praticou algum esporte de invasão?	Sim	22	91,7%
		Não	2	8,3%
7	Se sim, qual(is) esporte(s) de invasão você conhece ou pratica?	Basquetebol	2	8,3%
		Futebol	5	20,8%
		Futsal	5	20,8%
		Conhece mais que um esporte de invasão (Basquetebol, Futebol, Futsal, Handebol)	9	37,5%
		Não respondeu	3	12,5%%
8	Se sim, onde e como foi essa experiência?	<i>Onde?</i>		
		Escola	17	70,8%
		Não responderam	7	29,1%
		<i>Como foi essa experiência?</i> (Muito boa, legal, divertida, dinâmicas, práticas etc.)	17	70,8%
		Não responderam	7	29,1%
9	Você sabe explicar o que diferencia os esportes de invasão de outras categorias esportivas (como esportes de rede/parede ou de campo e taco)?	Sim	12	50%
		Não	12	50%
10	Você teria interesse em conhecer e praticar nas aulas de Educação Física outros esportes de invasão não convencionais?	Sim	17	70,8%
		Não	7	29,2%
		<i>Quais?</i>		
		Futebol Americano	3	12,5%
		Tchoukbal / Floorball / Hóquei Polo	3	12,5%
		Aquático e Rugby	4	16,7%
		Qualquer esporte	6	25%
		Nenhum	7	29,2%
		Outros esportes	1	4,1%

11 Quais dificuldades você percebe para praticar esportes de invasão na escola?	Falta de espaço físico adequado	6	25%
	Falta de materiais	8	33,3%
	Falta de interesse	4	16,7%
	Dificuldade de regras	2	8,3%
	Falta de espaço físico adequado/Falta de interesse	1	4,2%
	Falta de espaço físico adequado/Falta de interesse/Dificuldade de regras	1	4,2%
	Falta de espaço físico adequado/Falta de materiais	2	8,3%
	Outra	0	0%

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Os dados coletados por meio do diagnóstico de sondagem inicial revelam na primeira questão que 62,5% dos estudantes “Sempre” participam das aulas de Educação Física, enquanto que a opção “Muitas vezes”, com 20,8%, e “Às vezes”, com 16,7%, aparecem com menor incidência entre os estudantes. Esse elevado nível de participação pode ser compreendido a partir da percepção dos próprios discentes sobre a relevância da disciplina, uma vez que muitos destacaram a importância da Educação Física para o bem-estar físico e mental. Para esses estudantes, as aulas representam um momento oportuno para a prática de atividades físicas e também para a descontração após um dia de trabalho, especialmente por meio da vivência de conteúdos de sua preferência, com o esporte. Além disso, relataram interesse em aprender novos conteúdos e em participar de aulas diversificadas que contemplem práticas esportivas contemporâneas, a exemplo dos esportes radicais, amplamente divulgados nos meios de comunicação (Barbosa; Oliveira; Awad, 2016).

Já na segunda pergunta do questionário, foi solicitado aos estudantes que indicassem a unidade temática que mais gostavam de praticar nas aulas de Educação Física. Os resultados apontaram os esportes como a unidade de maior preferência, evidenciando a centralidade desse conteúdo no contexto investigado. Segundo Darido (2003), essa posição está relacionada à trajetória histórica da Educação Física, especialmente ao processo de esportivização e à influência do movimento “esporte na escola”, marcado pela valorização do rendimento, da competição e da aprendizagem técnica.

Esse resultado torna-se relevante quando relacionado à avaliação diagnóstica, que identificou a predominância de experiências dos estudantes com modalidades esportivas convencionais. Assim, a preferência pelo esporte pode estar relacionada às primeiras experiências com essas modalidades e à sua maior presença no

cotidiano escolar. Entretanto, esse dado não deve ser interpretado como justificativa para a manutenção exclusiva dos esportes tradicionalmente desenvolvidos nas aulas, mas como uma possibilidade de ampliar e ressignificar esse conteúdo. Nessa perspectiva, Vago (1996) diferencia o “esporte na escola” do “esporte da escola”, destacando a necessidade de adequar o esporte às finalidades educativas da instituição.

Finck (2011) também destaca o papel do esporte na formação integral dos estudantes, considerando suas dimensões físicas, cognitivas, sociais e afetivas. Desse modo, a preferência dos participantes pode ser compreendida como um ponto de partida para ampliar o repertório esportivo e possibilitar novas experiências corporais. Essa perspectiva fundamentou a intervenção pedagógica desenvolvida nesta pesquisa, que inseriu esportes de invasão não convencionais como alternativa às modalidades tradicionalmente presentes no contexto escolar.

Nesse sentido, a utilização de modalidades pouco exploradas possibilitou preservar o interesse dos estudantes pelo esporte, ao mesmo tempo em que ampliou suas experiências, conhecimentos e possibilidades de participação. Conforme Pires e Franca (2016), a recorrência dos mesmos esportes pode limitar o contato com diferentes formas de jogar e vivenciar as práticas corporais. Portanto, a preferência pelo esporte, identificada no diagnóstico, não reforça necessariamente a permanência das modalidades convencionais, mas evidencia uma oportunidade pedagógica para diversificar e ressignificar o ensino esportivo na Educação Física Escolar.

Quando questionados sobre quais modalidades já haviam praticado nas aulas de Educação Física, os estudantes tinham a opção de indicar mais de uma modalidade, de acordo com suas experiências anteriores. Conforme apresentado na tabela, 83,3% dos participantes relataram ter vivenciado mais de uma modalidade. Embora esse resultado evidencie a existência de um repertório diversificado de práticas corporais, observa-se que as modalidades mais mencionadas permanecem concentradas naquelas que compõem o denominado “quarteto fantástico”, evidenciando a predominância de esportes tradicionalmente presentes no contexto escolar.

Esse resultado permite compreender que a quantidade de modalidades vivenciadas não representa, necessariamente, uma ampla diversificação do repertório esportivo dos estudantes. Apesar de a maioria ter relatado experiências com diferentes modalidades, essas vivências permanecem predominantemente vinculadas

às práticas esportivas mais recorrentes no ambiente escolar. Tal constatação pode indicar que outras manifestações da Cultura Corporal de Movimento ainda ocupam espaço reduzido nas experiências escolares desses estudantes. Nesse sentido, o repertório já construído ao longo da trajetória escolar constitui um importante ponto de partida para a ampliação e diversificação das experiências corporais no Ensino Médio.

Para Menezes e Verenguer (2006) e Silva (2018), a Educação Física no Ensino Médio noturno pode constituir um espaço para ampliar e aprofundar os conhecimentos dos estudantes, considerando as experiências e vivências corporais construídas ao longo de sua trajetória escolar. Dessa forma, mais do que retomar práticas já conhecidas, a disciplina pode possibilitar o contato com diferentes manifestações da Cultura Corporal de Movimento, contribuindo para a ampliação do repertório cultural e esportivo dos estudantes.

Nessa perspectiva, a predominância das modalidades tradicionais identificada neste estudo reforça a pertinência de propostas pedagógicas que incorporem esportes de invasão não convencionais, possibilitando aos estudantes o contato com práticas distintas daquelas que predominaram em suas experiências escolares anteriores. A análise das modalidades de preferência dos participantes permite aprofundar essa discussão, especialmente ao considerar se as práticas pelas quais demonstram maior interesse também estão relacionadas aos esportes de invasão.

Já em relação ao esporte que os estudantes mais gostam de praticar, o voleibol foi a modalidade mais citada, correspondendo a 50% das respostas, seguido pelo futsal, com 29,2%. Badminton e tênis de mesa apresentaram os menores percentuais, ambos com 4,15%. Embora o voleibol não pertença à categoria dos esportes de invasão, sua elevada preferência pode indicar uma maior familiaridade dos estudantes com modalidades tradicionalmente vivenciadas no contexto escolar.

Esse resultado pode indicar uma possível dificuldade na aplicação da sequência didática, principalmente devido à falta de vivências anteriores dos estudantes com algumas modalidades de invasão não convencionais. Inicialmente, alguns estudantes podem demonstrar maior interesse ou preferência por modalidades que já conhecem, o que pode exigir do professor estratégias para despertar o interesse, apresentar novas possibilidades de prática e favorecer a participação nas atividades propostas.

Nesse sentido, Neira (2018) destaca que a ampliação das vivências esportivas nas aulas de Educação Física possibilita aos estudantes conhecer diferentes práticas,

experimentalizar novas situações e desenvolver estratégias de jogo, contribuindo para a ampliação de seu repertório esportivo.

Assim, a preferência pelo voleibol não representa um impedimento à sequência didática, mas evidencia um desafio inicial relacionado à aproximação e à aceitação de modalidades de invasão menos conhecidas. Esse aspecto reforça a importância da mediação do professor para apresentar os esportes de invasão não convencionais, favorecer o interesse dos estudantes e ampliar suas experiências esportivas.

Dando sequência ao diagnóstico, as questões 5 e 6 indicam que, do total de 24 participantes, 95,8% relataram já ouvir falar dos esportes de invasão, enquanto 91,7% já praticaram alguma modalidade dos esportes de invasão. Por outro lado, apenas 4,2% relataram não conhecerem os esportes de invasão e 8,3% declararam nunca ter vivenciado os esportes de invasão. Conforme os dados apresentados, a presença dos esportes de invasão no ambiente escolar corrobora a afirmação de Milani e Darido (2016), os quais mencionam que a predominância dessas modalidades está associada à cultura esportiva, sendo os conteúdos mais abordados pelos professores nas aulas de Educação Física e os mais apreciados e praticados pelos alunos no colégio.

Conforme a BNCC (Brasil, 2018), os esportes de invasão apresentam-se como um conjunto de modalidades que se caracterizam por comparar a capacidade de uma equipe introduzir ou levar uma bola (ou outro objeto) a uma meta ou setor da quadra/campo defendida pelos adversários (gol, cesta, *touchdown* etc.), protegendo, simultaneamente, o próprio alvo, meta ou setor do campo (basquetebol, frisbee, futebol, futsal, futebol americano, handebol, hóquei sobre grama, polo aquático, rugby etc.).

Entre os esportes de invasão que os alunos mais conhecem ou já praticaram ao longo da vida escolar, durante a leitura da questão 7, o estudante 11 perguntou: “Professor, o que é mesmo um esporte de invasão?” Em seguida, o estudante 15 prontamente respondeu: “É o esporte que você pratica: futsal.”

A partir desse diálogo, os estudantes responderam várias modalidades, sendo que 37,5% acabaram escrevendo que conhecem ou praticaram mais que uma modalidade, enquanto a segunda modalidade mais citada foi o futebol e o futsal, ambos com 20,8%; posteriormente, aparecem o basquetebol e, por fim, três estudantes não responderam à questão.

Conforme os dados apresentados, constatou-se que o futebol e o futsal foram as modalidades mais citadas pelos estudantes. Segundo Dumke, Ginciene e Borges (2021), a prática do futebol e do futsal pode estar associada a aspectos histórico-culturais e à sua ampla popularidade, tanto no ambiente escolar quanto em outros espaços de convivência no Brasil. A expressiva presença dessas modalidades nas experiências dos participantes pode, portanto, estar relacionada às experiências construídas ao longo de suas trajetórias escolares e sociais, uma vez que o contato frequente com essas práticas favorece a apropriação de seus fundamentos, regras e formas de organização.

Esse repertório pode contribuir para que os estudantes apresentem maior segurança e interesse diante de práticas já conhecidas, enquanto a introdução de modalidades menos difundidas pode exigir um processo inicial de adaptação e compreensão de novas regras, materiais, movimentos e formas de participação. Nesse sentido, a predominância do futebol e do futsal nas experiências dos estudantes pode representar um possível desafio para uma proposta pedagógica voltada aos esportes de invasão não convencionais, não necessariamente pela dificuldade de compreender a lógica dos esportes de invasão, mas pela necessidade de estabelecer relações entre conhecimentos construídos em modalidades já conhecidas e situações de jogo diferentes.

Embora o futebol e o futsal também sejam esportes de invasão, os esportes de invasão não convencionais trabalhados na intervenção apresentam características particulares, como diferentes formas de progressão, ocupação do espaço, manejo de materiais, organização das equipes, regras e possibilidades de finalização. Assim, as experiências prévias dos estudantes com futebol e futsal poderiam favorecer a compreensão de alguns princípios comuns aos esportes de invasão, mas também exigir adaptações diante de modalidades com estruturas e dinâmicas distintas. Desse modo, as experiências com essas práticas não devem ser compreendidas apenas como uma limitação do repertório esportivo, mas também como conhecimentos prévios que podem servir de ponto de partida para a aprendizagem durante a intervenção.

Além disso, os estudantes relataram conhecer e praticar mais de uma modalidade, indicando que, apesar da predominância do futebol e do futsal, suas experiências não estavam restritas exclusivamente a essas práticas. Esse dado reforça a importância de diversificar as práticas corporais no contexto escolar,

possibilitando aos estudantes ampliar seus conhecimentos e experiências por meio da Cultura Corporal de Movimento (Darido *et al.*, 1999). Nesse sentido, a diversidade de modalidades já conhecida pelos participantes constitui um ponto de partida favorável para a introdução de novas práticas, uma vez que os estudantes já apresentam diferentes referências corporais que podem ser relacionadas e articuladas aos conteúdos propostos.

Na oitava pergunta do questionário, solicitou-se aos estudantes que indicassem onde e como ocorreu sua experiência com os esportes de invasão. De acordo com os dados da pesquisa, 70,8% dos estudantes relataram que a escola foi o local onde tiveram o primeiro contato com esse tipo de esporte. Nesse contexto, o mesmo percentual descreveu como essa experiência ocorreu, relatando suas vivências de acordo com as respostas mais relevantes dos estudantes. A seguir, alguns relatos que ilustram os dados da pesquisa:

Estudante 5: “Foi na escola, com dinâmicas e diversão.”

Estudante 10: “Na escola. Eu, por exemplo, comecei no 3º ano do fundamental e pratico até hoje.”

Estudante 15: “Foi na escola onde pratiquei e tive mais contato. Foi bem prático, porém cansativo, pois exige muita habilidade, agilidade e coordenação motora.”

Estudante 20: “Foi bom. Uma experiência bacana.”

Os dados revelam o papel central da escola na inserção dos estudantes nas práticas esportivas, uma vez que 70,8% dos participantes relataram ter tido nesse espaço o primeiro contato com os esportes de invasão. Esse resultado merece destaque, pois indica que, mesmo diante das críticas dirigidas à Educação Física Escolar e às formas tradicionais de ensino do esporte, a escola permanece como um espaço fundamental de acesso, aprendizagem e vivência das práticas corporais.

Nesse sentido, Bracht (2007) ressalta que as críticas ao ensino tradicional do esporte não implicam sua retirada do currículo, mas a necessidade de atribuir-lhe um tratamento pedagógico que supere a esportivização, a competição e a reprodução técnica. O esporte, portanto, pode permanecer como conteúdo da Educação Física, desde que abordado com finalidades educativas e formativas. Nessa direção, Darido *et al.* (1999) defendem a ampliação das experiências dos estudantes com diferentes manifestações da Cultura Corporal de Movimento, possibilitando novas vivências e reflexões sobre essas práticas.

Os relatos dos estudantes reforçam a importância da escola nesse processo. O Estudante 10, por exemplo, afirma que iniciou a prática no 3º ano do Ensino Fundamental e continua praticando até hoje, indicando que a experiência vivenciada no contexto escolar pode constituir uma referência significativa em sua trajetória. Os relatos dos Estudantes 5, 15 e 20 também revelam diferentes sentidos atribuídos às práticas, relacionados à diversão, à aprendizagem, ao esforço e ao desenvolvimento de habilidades.

A partir desses dados, compreende-se que a escola não se limita à reprodução das modalidades esportivas mais difundidas, mas pode possibilitar o acesso a diferentes práticas corporais e contribuir para a ampliação do repertório dos estudantes. Menezes e Verenguer (2010) destacam a importância de proporcionar, no Ensino Médio, experiências motoras diversificadas e participação ativa dos estudantes. Nessa perspectiva, o espaço escolar assume papel relevante na democratização das práticas corporais, especialmente para aqueles que possuem poucas oportunidades de vivenciá-las em outros contextos.

Essa discussão é particularmente relevante para esta pesquisa, pois, embora a escola tenha sido o principal espaço de contato dos estudantes com os esportes de invasão, a intervenção propõe ampliar essas experiências por meio de modalidades não convencionais. Desse modo, não se trata de negar a presença do esporte na Educação Física, mas de ampliar e diversificar as experiências oferecidas aos estudantes, possibilitando o conhecimento e a vivência de diferentes manifestações da Cultura Corporal de Movimento.

Diante disso, a intervenção com os esportes de invasão não convencionais constitui uma possibilidade de ampliar o repertório esportivo dos estudantes e ressignificar experiências construídas ao longo de sua trajetória escolar. Assim, os dados reforçam a escola como espaço significativo de aprendizagem e contato com as práticas corporais, destacando seu papel na ampliação e diversificação das experiências esportivas proporcionadas aos estudantes.

Em relação aos conhecimentos conceituais, perguntamos na nona pergunta do questionário aos estudantes: “Você sabe explicar o que diferencia os esportes de invasão de outras categorias esportivas (como esportes de rede/parede ou de campo/taco)?” Logo, após a leitura da questão 9, alguns estudantes tiveram dúvidas sobre o que se buscava com a questão. Então, um estudante perguntou:

Estudante 4: “Professor, o voleibol não é esporte de invasão, porque tem a rede que divide, certo?” Em complemento, o estudante 18 comentou: “No esporte de invasão precisa atacar para marcar o ponto.”

Com base nas respostas obtidas, a tabela aponta que 50% dos estudantes souberam explicar o que diferencia os esportes de invasão de outras categorias. Como podemos destacar algumas definições mais relevantes dos estudantes:

Estudante 15: “Esportes de invasão são esportes onde os jogadores precisam invadir o campo adversário.”

Estudante 09: “O objetivo de invadir o território adversário para marcar pontos, enquanto se defende o próprio.”

Estudante 20: “Nos esportes de invasão, o objetivo é ocupar o espaço do adversário e marcar pontos.”

Em contrapartida, 50% dos estudantes afirmaram não saber explicar o que diferencia os esportes de invasão entre si. Esse resultado evidencia que a vivência prática de uma modalidade não implica, necessariamente, a compreensão de seus conceitos, características e elementos que a distinguem de outras práticas esportivas. Embora o saber jogar e experimentar corporalmente os esportes seja fundamental para a aprendizagem, a Educação Física escolar também deve possibilitar que os estudantes compreendam os conhecimentos relacionados às modalidades vivenciadas, superando uma abordagem centrada exclusivamente na execução de habilidades motoras.

Segundo Darido (2012), o conhecimento sobre as diferentes categorias esportivas é fundamental para a ampliação do repertório motor e para a compreensão crítica da Cultura Corporal de Movimento. A partir dessa compreensão, conhecer um esporte envolve não apenas saber executar seus fundamentos, mas também compreender sua lógica de funcionamento, suas regras, objetivos, características e princípios que orientam as ações dos participantes. Esse conhecimento pode favorecer o reconhecimento de semelhanças e diferenças entre as modalidades e a compreensão de que, embora pertençam a uma mesma categoria esportiva, elas podem apresentar diferentes formas de organização e resolução das situações de jogo.

Em complemento a essa ideia, González e Bracht (2012) destacam que a aprendizagem dos esportes não deve se limitar ao desenvolvimento de habilidades técnicas e cognitivas, mas também contemplar conhecimentos que contribuam para o trabalho colaborativo, a tomada de decisões, a criatividade e a elaboração de

estratégias, além da compreensão das regras e dos objetivos de cada jogo. Dessa forma, a aprendizagem esportiva envolve uma relação entre o conhecimento corporal e o conhecimento conceitual, permitindo ao estudante não apenas realizar determinadas ações, mas compreender por que, quando e como utilizá-las nas situações de jogo.

Diante disso, o fato de metade dos participantes não conseguir explicar as diferenças entre os esportes de invasão evidencia uma lacuna que ultrapassa a dimensão da prática e envolve a compreensão conceitual dessas modalidades. Esse aspecto é particularmente relevante para a presente pesquisa, uma vez que a proposta de intervenção com esportes de invasão não convencionais buscou proporcionar aos estudantes não somente novas experiências práticas, mas também conhecimentos sobre as características, regras, princípios táticos e formas de organização dessas modalidades. Assim, a intervenção procurou articular o saber fazer ao saber compreender, contribuindo para que os estudantes ampliassem tanto suas experiências corporais quanto seus conhecimentos sobre os esportes de invasão.

Considerando as novas possibilidades de aprendizagem, foi realizada a pergunta: “Você teria interesse em conhecer e praticar nas aulas de Educação Física outros esportes de invasão que não são convencionais?”. Os dados apresentados na Tabela 4 indicam que 70,8% dos estudantes demonstraram interesse em conhecer e praticar outros esportes de invasão não convencionais. Como complemento, os participantes foram convidados a indicar quais modalidades gostariam de conhecer e praticar. Entre as respostas, 25% afirmaram ter interesse em qualquer esporte, enquanto 29,2% declararam não ter interesse em conhecer ou praticar outras modalidades.

Embora a maioria dos estudantes tenha demonstrado interesse pela proposta, a resposta negativa de sete participantes 29,2% também merece reflexão. Esse resultado indica que parte da turma apresenta menor disposição para vivenciar novas experiências nas aulas de Educação Física. Conforme destacam Silva Filho e Araújo (2017), fatores como a necessidade de conciliar estudo e trabalho, as dificuldades socioeconômicas, o cansaço e a falta de motivação constituem desafios recorrentes no Ensino Médio noturno e podem influenciar o envolvimento dos estudantes com as atividades escolares.

Essa realidade também é discutida por Freitas (2021), que aponta a percepção de menor interesse e participação entre estudantes do período noturno e destaca as especificidades desse turno para o planejamento pedagógico. A partir disso, a resposta negativa de parte dos participantes pode estar relacionada às características desse contexto, reforçando a necessidade de propostas que considerem as condições dos estudantes e criem possibilidades de participação e envolvimento nas aulas.

Por outro lado, o percentual de 70,8% de estudantes interessados em conhecer esportes de invasão não convencionais indica uma abertura para a ampliação dos conteúdos da Educação Física. Esse resultado converge com os achados de Barbosa, Oliveira e Awad (2016), que evidenciam a valorização, por estudantes do Ensino Médio noturno, de aulas planejadas, diversificadas e que contemplem conteúdos diferentes daqueles tradicionalmente desenvolvidos na escola. Assim, a diversificação das práticas pode contribuir para tornar as aulas mais significativas e ampliar as possibilidades de participação dos estudantes.

As modalidades apontadas pelos estudantes reforçam essa abertura para novas experiências com esportes. Floorball, Hóquei, Polo Aquático e Rugby corresponderam, em conjunto, a 16,7% das menções, com uma citação para cada modalidade. Já o Futebol Americano e o Tchoukball foram mencionados por 12,5% dos estudantes, enquanto outras modalidades apresentaram menor representatividade, totalizando 4,1% das respostas. Esses dados demonstram a existência de diferentes interesses entre os participantes e indicam possibilidades de aproximação com modalidades menos presentes em suas experiências esportivas.

Essa possibilidade de ampliação das experiências esportivas é destacada por Franco e Silva (2018), que ressaltam que a inserção de diferentes esportes nas aulas de Educação Física pode proporcionar novos conhecimentos e experiências aos estudantes. Da mesma forma, a BNCC (Brasil, 2018) destaca a importância da fruição, da experimentação e da ludicidade por meio de diferentes práticas corporais. Assim, o interesse manifestado pela maioria dos participantes reforça a pertinência de propostas pedagógicas que diversifiquem os conteúdos e possibilitem o conhecimento e a vivência de esportes de invasão não convencionais.

Com base nos dados apresentados, buscou-se identificar, no contexto escolar da pesquisa, “Quais dificuldades são percebidas para a prática dos esportes de invasão na escola?”. A análise dos resultados revelou que 33,3% dos estudantes apontaram a falta de materiais como a principal dificuldade, enquanto 25%

destacaram a insuficiência de infraestrutura como fator limitante para o desenvolvimento dos esportes de invasão no ambiente escolar. Esses dados evidenciam que as condições materiais e estruturais da escola constituem aspectos que podem interferir diretamente nas possibilidades de vivência dessas modalidades, especialmente quando se trata de esportes que demandam espaços e materiais específicos para sua realização.

Esse resultado aproxima-se dos resultados apresentados por Silva e Maciel (2012), que identificaram deficiências na infraestrutura escolar e destacaram a necessidade de investimentos em reformas e aquisição de materiais para favorecer o desenvolvimento adequado das aulas de Educação Física. Para os autores, a disponibilidade e a adequação dos espaços e recursos materiais não constituem apenas condições físicas para a realização das atividades, mas elementos que podem repercutir sobre o desenvolvimento didático-pedagógico e sobre as oportunidades de aprendizagem dos estudantes.

Os dados encontrados na presente pesquisa também dialogam com Bracht (2003), ao enfatizar que a existência de materiais, equipamentos e instalações adequadas é importante e necessária para as aulas de Educação Física, uma vez que sua ausência ou insuficiência pode comprometer o trabalho pedagógico. Nessa perspectiva, o fato de 33,3% dos estudantes identificarem a falta de materiais e 25% apontarem limitações na infraestrutura evidencia que essas condições podem representar obstáculos concretos para a organização de experiências diversificadas nas aulas, sobretudo quando a proposta pedagógica busca ampliar o repertório esportivo dos estudantes por meio da inserção de modalidades menos conhecidas. Além disso, a própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – Lei nº 9.394/96 estabelece que a União, os Estados, o Distrito Federal e os municípios devem garantir a organização espacial e a infraestrutura necessária no ambiente escolar, bem como assegurar equipamentos e materiais adequados para a realização das aulas (Brasil, 1996).

Diante desse contexto, os resultados da presente pesquisa permitem compreender que a limitação de materiais, indicada por 33,3% dos estudantes, e a insuficiência de infraestrutura, apontada por 25%, não devem ser interpretadas isoladamente, pois ambas podem restringir as possibilidades de diversificação das práticas corporais e de inserção de modalidades não convencionais no currículo.

Assim, a ampliação das experiências com esportes de invasão não convencionais requer, além da organização e mediação pedagógica do professor, condições materiais e estruturais que favoreçam a experimentação, a participação e a aprendizagem dos estudantes.

4.3 - A intervenção pedagógica no ensino dos esportes de invasão não convencionais na 3ª série do Ensino Médio noturno

Nesta etapa da análise dos dados, foi realizada a implementação da Unidade Didática “Esportes de Invasão não convencionais”, desenvolvida ao longo de 20 encontros, os quais foram registrados em diários de campo. As análises foram realizadas com base nas informações coletadas e registradas nesses diários, bem como nas imagens e vídeos obtidos durante as intervenções. Os estudantes participantes da pesquisa foram identificados por números (Ex.: Estudante 10), correspondentes a uma ordem estabelecida conforme o Livro de Registro de Classe, com o objetivo de preservar a organização e a compreensão dos relatos.

A seguir, apresentamos a Tabela 5, que sistematiza o planejamento das intervenções pedagógicas, indicando a data de cada intervenção, o número de cada plano de aula, a temática abordada em cada encontro e o respectivo diário de campo. Os planejamentos detalhados de cada plano de aula encontram-se no Apêndice H.

Tabela 5 – Identificação - data, plano de aula, temática e diário de campo

DATA	PLANO DE AULA	TEMÁTICA	DIÁRIO DE CAMPO
03/10/2025	01	Introdução aos esportes de invasão não convencionais	01
06/10/2025	02/03	Tapembol	02
08/10/2025	04/05	Tripela	03
13/10/2025	06/07	Ultimate Frisbee	04
14/10/2025	08	Ultimate Frisbee	05
20/10/2025	09/10	Hóquei Indoor	06/07
22/10/2025	11	Hóquei Indoor	08
27/10/2025	12/13	Tchoukball	09
29/10/2025	14/15	Oliverbol	10
03/11/2025	16/17	Poull Ball	11
05/11/2025	18/19	Torneio	12
10/11/2025	20	Questionário Final	13

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

As atividades de implementação do projeto de intervenção pedagógica tiveram início no dia 03 de outubro de 2025, às 19h40, com o registro da frequência no Livro Registro de Classe Online (LRCO), contabilizando a presença de 22 estudantes.

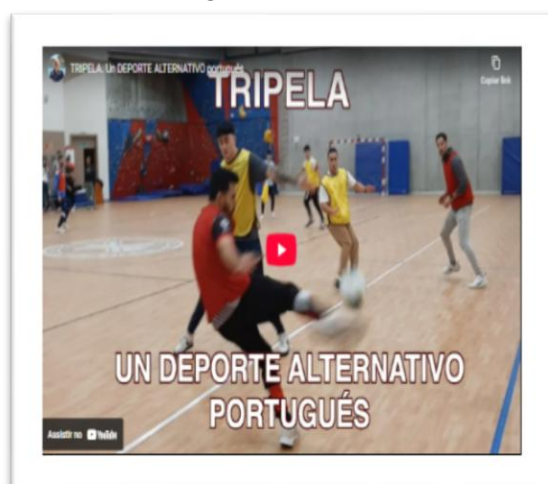
Na sequência, após o preenchimento dos questionários, o professor-pesquisador deu continuidade à aula por meio da apresentação de slides contendo imagens (Figura 1) e vídeos (Figura 2) sobre esportes de invasão não convencionais. Essa estratégia teve como objetivo despertar o interesse dos estudantes e promover um debate inicial acerca da temática, favorecendo a aproximação com os conteúdos que seriam desenvolvidos ao longo da intervenção pedagógica.

Figura 1 – Slides



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Figura 2 – Vídeos



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Conforme as imagens eram apresentadas aos estudantes, começaram a surgir os primeiros questionamentos e comentários, despertando o interesse e a curiosidade pelo tema. Entre os comentários, destacamos os mais relevantes:

Estudante 03: “Uhh! Então isso é esporte de invasão não convencional!”

Estudante 21: “Esse esporte eu não conhecia!”

Estudante 24: “Esse esporte é top!”

Estudante 06: “Professor, nós vamos praticar esses esportes aqui na escola?”

As falas dos estudantes revelam não apenas o engajamento com a proposta da intervenção, mas também o interesse e a curiosidade dos estudantes em aprender e vivenciar outras modalidades pouco conhecidas no contexto escolar. Tal proposta está alinhada com a BNCC (2018), que propõe aos estudantes a implementação de novas práticas pedagógicas na Educação Física Escolar, permitindo a fruição, a experimentação e a aquisição de novos conhecimentos, por meio dos esportes não convencionais nas aulas.

Para finalizar esta primeira aula, foi solicitado aos estudantes que compartilhassem um feedback sobre suas impressões iniciais e percepções a respeito do que havia sido apresentado, bem como suas expectativas e sugestões para as próximas aulas. De forma geral, conforme os relatos, foi possível observar grande motivação e entusiasmo dos estudantes em relação à possibilidade de vivenciar essas modalidades nas aulas de Educação Física. Entretanto, também surgiram alguns questionamentos, demonstrando curiosidade e preocupação com as condições de prática. Entre as falas, destacam-se:

Estudante 03: “Professor, mas a escola não tem materiais para praticar esses jogos?”

Estudante 08: “A nossa quadra não é muito pequena?”

Estudante 10: “Nós vamos aprender todos esses esportes?”

Estudante 16: “As aulas serão só no colégio ou também em outro local?”

De acordo com Bracht (2003), a preocupação dos estudantes sobre a existência ou disponibilidade de materiais, equipamentos e instalações revela uma preocupação sobre as condições necessárias para o desenvolvimento das aulas práticas de Educação Física. Além disso, a expectativa dos estudantes em aprender novos esportes dialoga com a BNCC (2018) sobre a necessidade de ampliar, aprofundar e diversificar os conhecimentos da Cultura Corporal de Movimento nas aulas de Educação Física no Ensino Médio. Por fim, o interesse e a possibilidade dos estudantes em realizar as práticas em outros espaços dialogam com a perspectiva de Kunz (2004), que propõe uma abordagem crítico-emancipatória, incentivando novas experiências em outros espaços e tornando estas experiências significativas para além do ambiente escolar.

Em relação às modalidades apresentadas por meio de imagens e vídeos, alguns estudantes demonstraram empolgação e interesse em experimentá-las, especialmente aquelas menos conhecidas. Destacaram-se comentários como:

Estudante 07: “Professor, vamos jogar esse polo aquático? Esse ia ser massa!”

Estudante 14: “Esse esporte é louco!” (referindo-se ao futebol americano).

Percebe-se, nas falas dos estudantes, o interesse e a curiosidade em conhecer e vivenciar novos esportes nas aulas de Educação Física. Além disso, tais

manifestações evidenciam a valorização da diversificação das práticas corporais, para além daquelas tradicionalmente presentes no contexto escolar. Nesse sentido, conforme apontam Finco e Maciel (2020), a inserção de diferentes manifestações da cultura corporal nas aulas possibilita aos estudantes o acesso a novas experiências motoras e conhecimentos, contribuindo para a ampliação do repertório da Cultura Corporal de Movimento, por meio dos esportes de invasão não convencionais.

A segunda aula ocorreu no dia 06/10/2025, com aplicação dos planos de aula 02 e 03, em que os estudantes vivenciaram a modalidade Tapembol. Inicialmente, a aula estava prevista para iniciar às 19h40, contudo, em razão das fortes chuvas ao longo do dia, a quadra que possui laterais abertas apresentava diversos pontos com acúmulo de água. Diante dessa situação, foi necessário realizar a remoção da água para garantir condições adequadas para a atividade prática, o que ocasionou o início da aula apenas às 21h30.

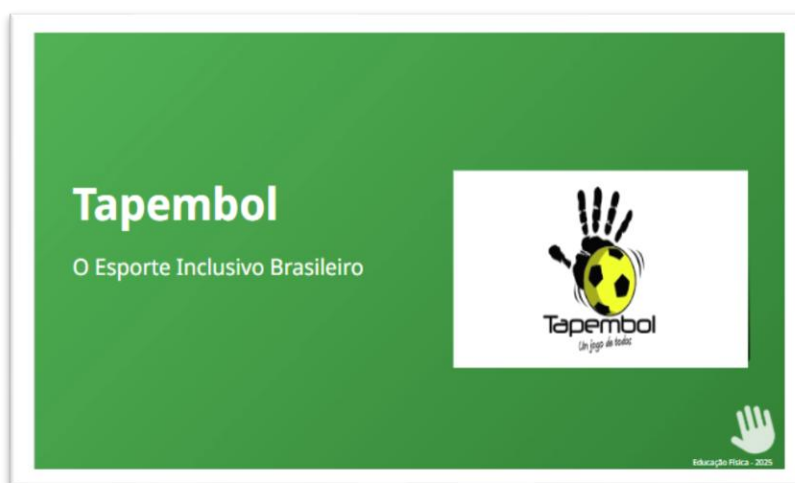
Essa situação evidencia como as condições de infraestrutura do ensino público podem influenciar diretamente o desenvolvimento das aulas de Educação Física Escolar e a aprendizagem dos estudantes, corroborando as reflexões de Kunz (2004), ao destacar que a disponibilidade de espaços físicos adequados e de estruturas em boas condições para as aulas práticas constitui fator fundamental para que o professor desenvolva sua prática pedagógica com qualidade, assegurando aos estudantes ambientes seguros e apropriados para as aulas.

Posteriormente à situação inicial da aula, retornamos para o desenvolvimento das atividades previstas. Em razão das condições climáticas do dia, o número de estudantes presentes foi de 17. Após o registro da frequência, realizamos a contextualização do conteúdo e apresentamos os objetivos da aula, o que gerou, de forma imediata, alguns questionamentos por parte dos estudantes, como: “Professor, não vai ser aula teórica?”. Diante da pergunta do estudante, respondi: “Relembrando vocês, sempre ao introduzir uma modalidade nova, é importante realizar inicialmente uma abordagem teórica antes da vivência prática na quadra”. O estudante 14 comentou: “Ahh, achei que íamos ficar na sala”.

Dando continuidade à aula, projetamos o slide com a palavra “Tapembol” e logo perguntamos aos alunos se já haviam ouvido falar, se conheciam ou se tinham visto o esporte na televisão ou na internet. Alguns relataram que não conheciam, mas fizeram comparações com o handebol; outros imaginaram, pelo nome, que o jogo envolvia “dar tapa na bola”, enquanto alguns preferiram não opinar. À medida que

avancávamos nos slides sobre o contexto histórico, características, equipamentos e regras básicas da modalidade (Figura 3), surgiram novos questionamentos, como: “Como se joga?”, “Quantos jogadores participam?” e “Como é a bola do jogo?”. Então o estudante 5 perguntou: “Professor, você tem a bola oficial?”. prontamente respondi que sim, informando que mostraria a bola na quadra. Em seguida, o estudante, ansioso, perguntou: “Ela é parecida com a do handebol?”.

Figura 3 – Slides - Tapembol



Fonte: Arquivo do autor (2025).

Com a exibição do vídeo ilustrativo, os alunos passaram a fazer comentários espontâneos, demonstrando interesse e compreensão da dinâmica do jogo, como: Estudante 04: “Nossa, precisa dar tapa na bola!” e Estudante 14: “É tipo handebol, mas não pode agarrar a bola”. Logo após, manifestaram o desejo de vivenciar a prática: Estudante 02: “Professor, vamos para a quadra praticar”.

Finalizada a parte teórica, dirigimo-nos à quadra, onde reuni os alunos em círculo (Figura 4) para uma breve roda de conversa, a fim de explicar as atividades que seriam realizadas. Enquanto realizava as orientações, apresentei a bola de Tapembol, atendendo à curiosidade dos estudantes e informando que, na realização das atividades práticas, usaríamos uma bola oficial e as demais bolas seriam adaptadas (iniciação borracha) para realização das atividades.

Figura 4 – Roda de conversa

Fonte: Arquivo do autor (2025).

A primeira atividade prática desenvolvida pelos estudantes, denominada de “Dois toques: Controle”, tinha como objetivo dar um toque simples (tapa) com uma das mãos em direção a outro participante, que deveria agarrar e dar continuidade da atividade com um tapa novamente. Durante a realização da atividade, observamos que alguns estudantes tinham dificuldades em controlar a força quando davam o tapa na bola, fazendo com que, muitas vezes, a bola saísse da roda, dificultando o agarre pelos participantes. Na mesma atividade, agora com a proposta das variações “domínio” e “dominar com uma mão e bater com a outra”, o objetivo consistia em controlar a bola no primeiro contato e realizar o passe no segundo. Observou-se a presença de dificuldades, especialmente quando era solicitado o uso da mão não dominante, tanto no controle quanto na execução do passe.

Na continuidade das atividades, os estudantes vivenciaram a atividade “Peru de tapa”, brincadeira que deu origem ao Tapembol. Este jogo é muito semelhante ao tradicional bobinho, em que estudantes formam uma roda, com um estudante no centro.

A bola deve ser passada entre os estudantes utilizando-se dos fundamentos do jogo: tapas na bola. Caso o estudante do centro (peru) pegue a bola, este a devolve para a roda, aumentando assim o número de participantes no centro. Durante a atividade, observou-se que a grande maioria dos estudantes se mostrou motivada e empolgada com a dinâmica da atividade. Contudo, conforme as novas variações eram introduzidas, alguns estudantes acabavam fazendo confusão com os comandos propostos, sendo necessário reiniciar a atividade.

Na atividade de “Condução”, realizada em duplas e trios, os alunos apresentaram um bom desempenho, demonstrando facilidade na troca de passes e na finalização ao gol. Na atividade “3x3 em meia quadra”, com a inclusão da equipe defensora, no primeiro momento em que a atividade se desenvolve, observamos que os estudantes estavam com dificuldades na troca de passes, para avançar com a posse de bola e na movimentação sem bola, especialmente na desmarcação e na criação de linhas de passe.

Essas dificuldades apresentadas pelos estudantes, conforme apontam González e Bracht (2012), podem estar relacionadas à lógica interna dos esportes de invasão, que tem como características o jogo coletivo, a manutenção da posse de bola, a necessidade de ocupar os espaços, além de precisar atacar e defender simultaneamente. Nos esportes coletivos com interação com o adversário, os praticantes não devem atuar individualmente, mas, coletivamente, sendo necessária a interação entre companheiros de equipe e adversários para o desenvolvimento das situações de jogo. Dessa forma, a presença dos defensores na atividade revela as dificuldades dos estudantes, quanto à tomada de decisão e à necessidade de compreensão dos sistemas táticos de jogo para entender a lógica interna do jogo. Por fim, na atividade de “jogo 6x6” (Figura 5), realizada em toda a quadra, percebeu-se uma melhora significativa na dinâmica do jogo. Conforme relataram os próprios estudantes, o espaço ampliado tornou o jogo mais rápido e dinâmico, favorecendo os deslocamentos, a troca de passes e as finalizações ao gol.

Figura 5 – Jogo de Tapembol



Fonte: Arquivo do autor (2025).

Após o término das atividades práticas, para finalizar a aula, realizamos uma roda de conversa. Um momento em que os estudantes compartilharam seus feedbacks sobre a aula e sobre a experiência com o esporte. Entre as falas registradas, destacaram-se diversos pontos positivos em relação à modalidade vivenciada.

Estudante 01: “Gostei desse esporte. Muita movimentação e ao mesmo tempo divertido.”

Estudante 14: “Gostei muito desse esporte. Bastante dinâmico.”

Estudante 17: “Um esporte muito legal, mas bem cansativo de se jogar.”

Estudante 22: “Este esporte é super dinâmico, divertido, além de ser muito movimentado.”

Entre os pontos positivos destacados, os estudantes relataram que o esporte é dinâmico, fácil de aprender, divertido e diferente dos esportes tradicionalmente praticados nas aulas de Educação Física. Isso demonstra um favorecimento à ruptura com os modelos de ensino dos esportes na escola, em que a aprendizagem era rígida e priorizava o desenvolvimento de aspectos técnicos e táticos voltados ao esporte de rendimento (Fink, 2011). Em contraposição, o “esporte da escola” assume uma função pedagógica, priorizando o processo educativo e formativo dos estudantes, possibilitando que conheçam, explorem e vivenciem a prática, considerando seus aspectos educacionais e sociais (Vago, 1996).

Em relação aos pontos negativos apontados pelos estudantes, destacou-se o tempo reduzido para vivenciar as atividades propostas. Entre as principais dificuldades observadas estava o domínio de bola durante a recepção, momento em que alguns alunos acabavam segurando a bola, o que não é permitido pelas regras, além da realização de mais de dois toques consecutivos, também proibida. Além disso, notaram-se dificuldades na tomada de decisão quanto à escolha do companheiro para realização do passe, na execução do drible e dificuldade no momento da finalização ao gol. Quanto ao material utilizado, grande parte dos alunos relatou dificuldade em controlar a bola de iniciação (material adaptado) que foi utilizado, pois, devido ao tipo de quique, acabavam perdendo o controle durante as ações. Segundo os estudantes, a bola oficial oferece maior estabilidade e melhor aderência para a execução das atividades. Como sugestão, os estudantes destacaram a necessidade de aquisição de mais bolas oficiais para realização das atividades.

Na segunda semana de intervenção, no dia 08/10/2025, foram desenvolvidos os planos de aulas 04 e 05, com a modalidade Tripela. Dando início à primeira aula, realizamos o registro da frequência e na continuidade realizamos uma breve exposição da modalidade, onde foram apresentados as características e os fundamentos da modalidade, as regras básicas do jogo e para finalizar a introdução à modalidade assistimos ao vídeo *Tripela: un deporte alternativo*, disponível em: <<https://youtu.be/pdbQae2fxjs>> (Figura 6). O nosso objetivo foi ampliar o conhecimento da modalidade e a identificação dos seus fundamentos técnicos. Logo, os estudantes perceberam que o esporte não era difícil de se jogar, como podemos perceber nos comentários dos estudantes:

Estudante 10: “Eu já tinha jogado esse esporte, só não sabia que tinha esse nome.”

Estudante 15: “Esse esporte vai ser bom de jogar. É tipo futsal.”

Estudante 03: “Gostei do esporte. Não tem contato físico.”

A partir dessas interações, é possível perceber que, embora o estudante não se recorde do nome da modalidade, ele já a havia vivenciado anteriormente. Além disso, a associação com o futsal contribui para a compreensão e a aprendizagem da nova modalidade, ao estabelecer relações com experiências anteriores. Quando o estudante destaca a ausência de contato físico na modalidade a ser vivenciada, observa-se que esse aspecto favorece a participação daqueles que, anteriormente, não participavam nas aulas por considerarem os esportes com contato físico violentos. Nesse sentido, embora a Tripela seja um esporte de invasão, sua prática destaca-se pelo potencial pedagógico, especialmente pela facilidade de implementação no ambiente escolar, não sendo necessárias grandes adaptações e pela abordagem inclusiva e pelo desenvolvimento de habilidades motoras básicas, além de contribuir para a promoção da igualdade de gênero (Matos *et al.*, 2012; Moreno, 2023).

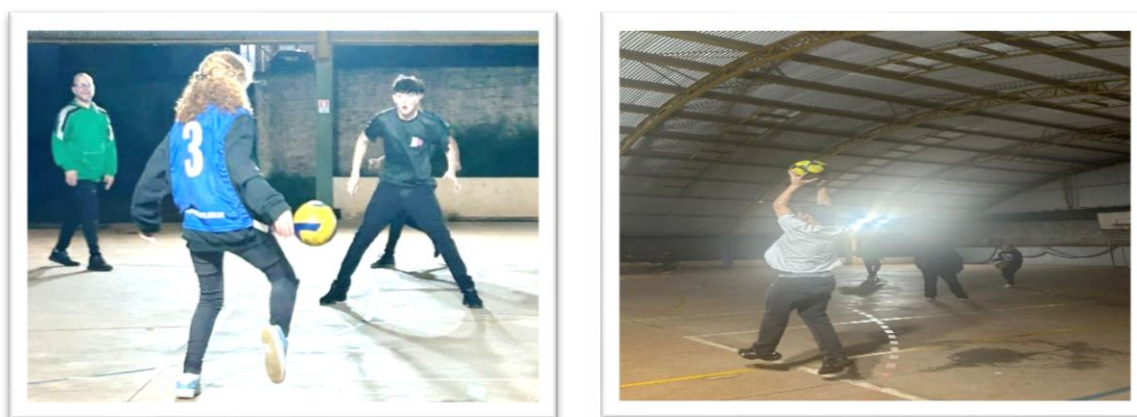
Figura 6 – Exibição do vídeo sobre o Tripela



Fonte: Arquivo do autor (2025)

Antes do início das atividades práticas, foi explicado aos estudantes que seriam utilizadas bolas de voleibol, podendo também ser substituídas por bolas de handebol ou futsal, conforme a necessidade. Na atividade “Gesto base do tripela”, os alunos foram organizados em duplas, posicionadas a uma distância de aproximadamente dois metros entre si para a execução do movimento base (Figura 7). Nesse primeiro momento, não foram observadas dificuldades na execução da técnica do movimento.

Figura 7 – Gesto base do Tripela



Fonte: Arquivo do autor (2025).

Na variação da atividade denominada “Movimentação”, os estudantes estavam dispersos pela quadra, alguns com posse de bola e outros sem a posse. O objetivo era realizar passes entre os participantes que estavam sem a posse de bola, buscando criar linhas de passe. Logo no início, foi possível identificar que os participantes apresentavam dificuldades na tomada de decisão, pois não sabiam como agir quando não havia opção de passe e acabavam infringindo a regra dos três segundos. Essa situação evidenciou a necessidade de compreender não apenas a execução da atividade, mas também os princípios que orientavam as ações dos jogadores durante o jogo.

Essa dificuldade pode ser compreendida a partir das considerações de Júnior e Almeida (2013), para os quais a tomada de decisão está relacionada à capacidade cognitiva do praticante e a ações como antecipação, percepção e memória, que acontecem antes da ação motora. Essas ações podem atuar de forma positiva, auxiliando o aluno na escolha mais adequada para cada situação, ou impactar negativamente suas ações. Nos esportes, a tomada de decisão está diretamente relacionada à capacidade do praticante de resolver problemas a partir da interação com os diferentes elementos do jogo. Nos esportes coletivos com interação entre os

adversários, a relação entre bola, companheiros, adversários, espaço e regras cria diferentes situações-problema, exigindo respostas rápidas para sua resolução.

A partir dessa compreensão, o que foi observado na atividade reforça que o ensino dos esportes não deve se limitar à realização de atividades práticas e à repetição de movimentos, sem que os estudantes tenham oportunidades de compreender os conceitos e a lógica que orientam as ações realizadas durante o jogo. A prática, quando acompanhada de explicações, questionamentos e momentos de reflexão, possibilita aos estudantes compreender as razões de suas escolhas e desenvolver maior capacidade para analisar e resolver as situações-problema presentes no jogo. Assim, ensinar o esporte envolve articular os conhecimentos conceituais às experiências práticas, permitindo que o estudante não apenas execute determinada ação, mas compreenda quando, como e por que utilizá-la.

Nesse processo, a intervenção do professor é fundamental para mediar a aprendizagem, apresentando os conceitos, problematizando as situações vivenciadas e retomando os aspectos observados durante as atividades. Dessa maneira, a prática esportiva constitui um espaço de experimentação, compreensão e reflexão, contribuindo para que os estudantes avancem gradativamente na leitura do jogo e na tomada de decisões. Essa abordagem é particularmente importante nos esportes de invasão, nos quais as ações dos companheiros, adversários, espaço, bola e regras estão constantemente relacionadas e exigem decisões diante das situações que emergem durante a prática.

Durante a atividade “Caçadores” (Figura 8), observou-se uma melhora no desempenho quando o espaço de jogo foi reduzido. Na outra variação, quando foi introduzida mais uma bola na atividade, também foi possível perceber que a dinâmica da atividade facilitou a “caçada” aos jogadores.

Figura 8 – Atividade - Caçadores



Fonte: Arquivo do autor (2025).

Nas atividades “Jogo dos 5 passes”, “Bola ao fundo 3x3” e “Pontuando”, persistiram algumas dificuldades entre os estudantes, principalmente na criação de linhas de passe, na movimentação para receber a bola e na compreensão das estratégias necessárias para alcançar o objetivo proposto em cada jogo. Essas dificuldades evidenciam que a apropriação dos princípios táticos dos esportes de invasão não ocorre de forma imediata e que o período destinado à intervenção pode não ser suficiente para a consolidação de determinadas aprendizagens, sendo necessário tempo, continuidade e diferentes oportunidades de vivência para que os estudantes possam compreender, experimentar e aperfeiçoar suas decisões durante o jogo.

Assim, a aprendizagem requer a retomada das situações-problema, a prática sistemática e momentos de reflexão sobre as ações realizadas, permitindo que os estudantes avancem gradativamente na compreensão da lógica e das estratégias dos esportes de invasão. Essa compreensão está de acordo com a ideia de que essas modalidades não se restringem ao domínio técnico, mas envolvem capacidades cognitivas e tomada de decisão constante durante a prática (González; Bracht, 2012; Casarim *et al.*, 2011).

Na realização do jogo “5x5” (Figura 9), observou-se uma melhora significativa na progressão com a bola e na tomada de decisão quanto à escolha entre realizar o passe para o companheiro de equipe e finalizar ao gol. A principal dificuldade relatada pelos estudantes ocorreu quando foi solicitado que os gols fossem feitos somente com o pé não dominante, o que resultou em menor precisão nas finalizações.

Figura 9 – Jogo 5x5 - Tapembol



Fonte: Arquivo do autor (2025).

Para finalizar a aula, realizou-se uma roda de conversa, na qual, de forma geral, os estudantes relataram que gostaram da modalidade, destacando que o jogo foi dinâmico, exigiu atenção constante, raciocínio rápido e foi fisicamente exaustivo. Entre os pontos negativos mencionados, destacou-se a dificuldade em tomar decisões rápidas sobre o que fazer com a bola. Quando não encontravam linhas de passe, alguns alunos optavam por passes longos, muitas vezes sem direção, ou cometiam a infração da regra dos três segundos com a bola nas mãos. Como sugestão, os alunos indicaram atividades mais específicas para melhorar a tomada de decisão, linhas de passes e finalização ao gol.

A terceira semana de intervenção teve início no dia 13/10/2025 e foi concluída em 14/10/2025. Nesse período, foram desenvolvidos os planos de aula 06 a 08, tendo como conteúdo a modalidade Ultimate Frisbee. Inicialmente, apresentamos algumas imagens sobre o tema da aula (Figura 10), buscando instigar os estudantes a compartilharem seus conhecimentos prévios sobre o conteúdo. Nesse momento, alguns estudantes relataram não conhecer a modalidade, enquanto outros a associaram à brincadeira de lançar o disco para cães.

Figura 10 – Imagens - Ultimate Frisbee



Fonte: UK Ultimate (2025); Site UK Ultimate; The Bullhorn News (2024); Thame Ultimate Club (s.d.); Frisbee Free (s.d.).

Na sequência, foram apresentados slides com a história, as principais características e regras básicas do Ultimate Frisbee, acompanhados de imagens ilustrativas e de um vídeo explicativo: *O que é Ultimate Frisbee?*, disponível em: <<https://youtu.be/NmZ77Yn3Fr4?si=ox-ko4iROCGX3EwX>>. A exibição do vídeo despertou curiosidade e motivação nos alunos, que demonstraram grande interesse ao fazer perguntas sobre o formato do disco, a forma de lançamento e o sistema de pontuação do jogo, além de ficarem impressionados pelas jogadas exibidas no vídeo.

Ao final da apresentação, os estudantes mostraram-se ansiosos para participarem da aula prática e ansiosos para saber como era o disco que seria utilizado nas atividades.

Na segunda parte da aula, com os alunos reunidos no centro da quadra, iniciamos com a apresentação dos discos adquiridos para a implementação da modalidade, em que destacamos que os discos que seriam utilizados nas atividades não eram profissionais e não tinham um custo elevado se comparado aos valores dos discos oficiais. Enquanto os alunos exploravam e se familiarizavam com o objeto, observando seu formato, peso e o tipo de material, fomos conversando, reforçando as técnicas de lançamento e recepção. Segundo Maielo e Costa (2020), no Ultimate Frisbee, existem duas habilidades básicas necessárias para sua prática: o lançamento (passe) e a recepção do disco. Sendo que os lançamentos mais utilizados são o *backhand* (passe tradicional), o *forehand* (passe mais avançado) e a recepção do disco, jacaaré e garra.

Para o ensino dos fundamentos técnicos do backhand e forehand no Ultimate Frisbee, foram utilizadas as definições propostas por Freitas e Lemos (2023), que apresentam esses movimentos como elementos essenciais para a iniciação na modalidade. O backhand (Figura 11), considerado um dos primeiros lançamentos ensinados aos iniciantes, foi trabalhado juntamente com os demais fundamentos, possibilitando aos estudantes compreender as técnicas básicas de lançamento e condução do disco.

Figura 11 – Movimento de backhand



Fonte: Maielo e Costa (2020).

Enquanto o forehand (Figura 12) é considerado um lançamento mais técnico de ser executado, sua aprendizagem geralmente demanda mais tempo, embora seja amplamente utilizado durante o jogo. Para realizar esse lançamento, o praticante deve segurar o disco com o polegar na parte superior, enquanto os dedos indicador e médio

ficam apoiados na borda interna do disco, e os demais dedos servem como apoio. Na execução do movimento, o disco é levado para trás do corpo e, em seguida, conduzido rapidamente para a frente, acompanhado de um passo à frente e de um movimento do punho, direcionando o disco ao alvo escolhido.

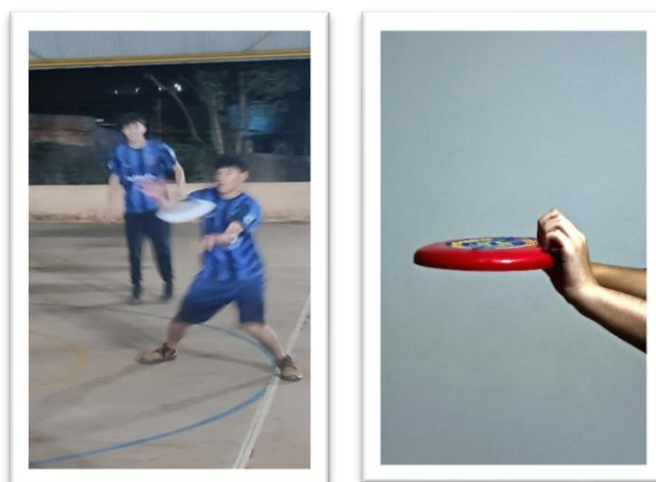
Figura 12 – Movimento do forehand



Fonte: Maielo e Costa (2020).

Já em relação às técnicas de recepção do disco, foram trabalhados os fundamentos “jacaré” e “garra” (Figura 13), conforme as definições apresentadas por Maielo e Costa (2020). Esses fundamentos foram selecionados por sua relevância no processo de iniciação ao Ultimate Frisbee, contribuindo para o desenvolvimento da segurança dos estudantes no controle e na manipulação do disco durante as situações de jogo.

Figura 13 – Técnicas de recepção “Jacaré” e “Garra”



Fonte: Arquivo do autor (2025).

A atividade 1, denominada “Vai e vem” (passe e recepção) (Figura 14), foi desenvolvida em grupos de 5 alunos. Os participantes formavam um quadro, com um integrante posicionado no centro e em posse de um disco. O estudante central deveria realizar o passe para os alunos da ponta, responsáveis pela recepção, os quais devolviam o disco ao jogador do centro por meio de um novo passe.

Figura 14 – Vai e vem



Fonte: Arquivo do autor (2025).

Durante o desenvolvimento da atividade e na variação proposta, foi possível perceber algumas dificuldades por parte dos alunos, especialmente em relação ao manuseio e ao controle do disco, pois muitos nunca tinham manipulado este objeto (disco). Como relataram alguns estudantes:

Estudante 05: “Estou com dificuldade em realizar o lançamento.”

Estudante 22: “Professor, o disco sempre vai torto!”

Estudante 16: “Não consigo jogar!”

Estudante 03: “Eu não consigo fazer o *forehand*!”

Segundo Maielo e Costa (2020), esta dificuldade inicial em manusear o disco pode estar relacionada ao fato de se tratar de um material novo ou pouco conhecido pelos estudantes. Essa condição faz com que, na fase inicial da aprendizagem, apresentem limitações decorrentes da pouca familiaridade e da ausência de habilidades específicas com o objeto (disco), tornando necessários o acompanhamento e a mediação do professor durante o processo inicial de ensino-aprendizagem.

Na atividade denominada “Quadrado de passes” (Figura 15), o objetivo foi realizar o maior número possível de passes consecutivos dentro de um quadrado, no sentido horário, sem deixar o disco tocar o chão. Após cada passe, o aluno que o

executava deveria deslocar-se para o final da fila correspondente à direção do passe, mantendo a dinâmica do exercício. Como desafio, o professor estabeleceu a meta de 10 passes consecutivos sem deixar o disco cair, a qual foi alcançada após seis tentativas.

Com base na proposta da atividade, para que o objetivo fosse alcançado, era necessária a cooperação entre os participantes. Nesse sentido, conforme destaca Silva (1998), cada participante precisava colaborar por meio de suas ações individuais, buscando colaborar coletivamente para que o grupo atingisse a meta estabelecida na atividade.

Figura 15 – Quadrado de passes



Fonte: Arquivo do autor (2025).

Na atividade denominada “Jogo dos 10 passes” (Figura 16), os alunos foram organizados em duas equipes, com cinco jogadores cada. O objetivo era realizar dez passes consecutivos para conquistar um ponto. No início da atividade, as equipes conseguiam trocar, no máximo, cinco passes, pois o disco frequentemente caía no chão, exigindo o reinício da jogada. Diante disso, o professor ajustou a meta para sete passes a fim de tornar o desafio mais acessível. Após 8 tentativas, a equipe A conseguiu pontuar. De acordo com Borges (2017), a dificuldade dos jogadores em manter a sequência de passes para a conclusão da atividade pode estar associada à aprendizagem das habilidades básicas da modalidade, especialmente aquelas relacionadas ao lançamento e à recepção do disco. Essas dificuldades geralmente são consideradas comuns entre os praticantes que estão iniciando na modalidade.

Figura 16 – Jogo dos 10 passes

Fonte: Arquivo do autor (2025).

Na roda de conversa final, os estudantes puderam expressar suas opiniões, dificuldades e sugestões para as próximas aulas. Destacaram-se algumas falas dos estudantes: a primeira, em que a Estudante 17 demonstrou satisfação, destacando que gostou muito da aula e do esporte, além de considerá-lo muito divertido; a segunda, em que o Estudante 20 relatou a dificuldade em manusear o “disco menor” (com diâmetro de 24 cm) em comparação ao “disco maior” (27 cm), que se mostrou mais fácil para lançar e receber; a terceira, em que o Estudante 02 sugeriu mais aulas práticas e exercícios para aprender melhor o esporte; e a quarta, em que o Estudante 10 sugeriu a possibilidade de jogar em um espaço maior, já que a quadra é pequena.

Dando continuidade à segunda aula, reunimos os estudantes e propusemos a atividade “Pega-Pega”. Na primeira variação, com apenas um pegador, observou-se que quem mais enfrentou dificuldade foi o próprio pegador, pois não conseguia alcançar os colegas que estavam com o disco. Quando aumentamos o número de pegadores, a atividade tornou-se mais intensa e dinâmica, exigindo maior agilidade e rapidez dos jogadores com o disco para realizarem o passe. Para Maiello e Costa (2020), a dinâmica da atividade possibilita aos participantes o desenvolvimento de habilidades técnicas essenciais para a prática do jogo, além de contribuir para a compreensão de sua lógica, que se fundamenta na manutenção da posse do disco por meio da troca de passes entre os jogadores.

Na atividade “Passar e Interceptar”, estudantes divididos em equipes 4x4, uma com posse do disco e outra fazendo a interceptação, entre os pontos positivos nesta atividade foram a melhora na precisão dos passes e o deslocamento dos jogadores,

que buscavam criar opções de passes para seus colegas. Já na atividade “Progressão” (Figura 17), organizamos equipes em formato 3x3 e 4x4, sendo uma responsável pelo ataque e a outra pela defesa, com o objetivo de alcançar a zona de pontuação. Durante o jogo, os estudantes foram desafiados a perceber o melhor momento e condição para realizar o passe ao companheiro de equipe que estivesse em posição favorável para receber o disco, além de criar estratégias coletivas de ataque e defesa para conseguir pontuar.

Figura 17 – Progressão - 3x3



Fonte: Arquivo do autor (2025).

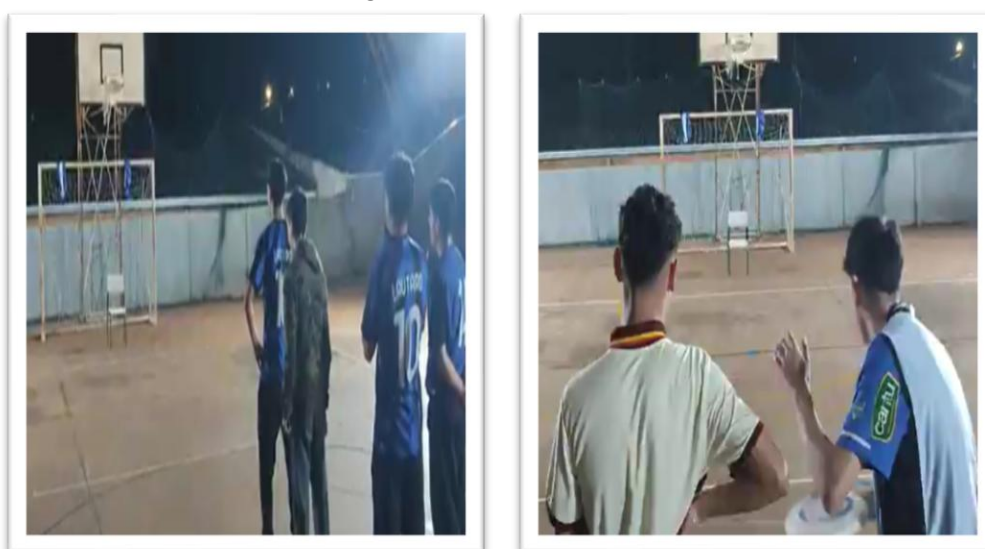
De acordo com Borges (2017), o jogo de Ultimate Frisbee caracteriza-se pela constante alternância entre momentos ofensivos e defensivos entre as equipes, tornando-se uma modalidade dinâmica que exige de seus praticantes uma leitura constante do jogo. Nesse contexto, os jogadores precisam observar o posicionamento dos companheiros de equipe e dos adversários, considerando as situações em que a equipe se encontra com ou sem a posse do disco, tanto nas ações de ataque quanto de defesa. Assim, por meio de processos cognitivos, o jogador precisa decidir quais ações devem ser executadas em cada momento do jogo.

Entre as dificuldades observadas, destacou-se o momento em que foi proposta a utilização da mão não dominante para a realização dos passes. Nessa etapa, alguns alunos apresentaram dificuldade em controlar o movimento e manter a precisão, demonstrando a necessidade de mais tempo de prática para aperfeiçoar essa habilidade.

Para finalizar a aula, estava programada a atividade “Derruba Cone”. No entanto, as propostas anteriores exigiram bastante esforço físico e os estudantes

demonstraram certo cansaço. Enquanto os alunos descansavam, o estudante 14 sugeriu uma atividade de “Tiro ao Alvo”, que se aproxima de uma modalidade praticada no Frisbee, chamada “Disc Golf”, que, conforme Amoroso (2020), é praticada em parques e campos. Tem como objetivo acertar os alvos com o menor número possível de lançamentos do disco e acertar uma cesta. Prontamente, juntamente com os estudantes, adaptamos a atividade utilizando uma cadeira, coletes e a trave (Figura 18). Essa adaptação logo motivou novamente a turma, que rapidamente demonstrou interesse e entusiasmo pelo desafio, iniciando uma competição para ver quem conseguiria acertar o alvo primeiro.

Figura 18 – Tiro ao alvo



Fonte: Arquivo do autor (2025).

Ao final da aula, realizamos uma breve conversa para que os alunos compartilhassem suas percepções sobre as atividades. A maioria relatou a necessidade de aperfeiçoar a técnica de lançamento, especialmente o *forehand*, considerado por eles um movimento mais difícil de executar, sugerindo a realização de exercícios específicos para aprimorar essa habilidade. Os estudantes também comentaram que, devido à intensidade de algumas atividades, muitos se sentiram cansados nas etapas finais da aula. Entre os pontos positivos, destacou-se a melhora na precisão dos passes e nos deslocamentos em quadra, o que contribuiu para uma tomada de decisão mais eficiente durante as atividades.

Na terceira aula da modalidade de Ultimate Frisbee, iniciamos a aula reunindo os alunos no centro da quadra e explicamos a primeira atividade, denominada “Vírus” (ou pega-pega corrente). Primeiramente, foram escolhidos dois alunos para serem os pegadores, os quais deviam trocar passes entre si e tentar pegar os fugitivos. Quando um fugitivo for pego, passa a ajudar na perseguição até restarem apenas dois fugitivos.

Estudante 5: “Professor, para pegar precisa estar com o disco?”

Professor-pesquisador: “Sim, é preciso estar com o disco em mãos e encostar no fugitivo.”

Iniciamos a atividade e logo percebemos que os pegadores estavam com dificuldade para pegar os fugitivos, então paramos a atividade e delimitamos o espaço do jogo, pois os pegadores estavam com dificuldade para pegar. Sugerimos que só vale fugir dentro da quadra de basquetebol. Com a delimitação do espaço, a dinâmica de jogo para os pegadores acabou melhorando. À medida que mais alunos se tornaram pegadores, foi preciso ampliar novamente o espaço, permitindo a fuga dos fugitivos.

Nas atividades do “Endzone” (Figura 19) e do “Pontuando”, o objetivo dos jogos era trocar passes e marcar pontos. A primeira atividade foi realizada em meia quadra, o que tornou a dinâmica do jogo mais intensa. A troca de passes curtos entre os jogadores ocorreu de forma mais rápida, o que resultou em constantes alterações na posse do disco entre as equipes. Já a segunda atividade foi realizada usando-se a quadra inteira, onde os jogadores tiveram mais espaço para se deslocar, mas tiveram dificuldade para realizar lançamentos longos, pois o tamanho da quadra não favorecia este tipo de lançamento, sendo necessário utilizar passes curtos para progredir e pontuar. Para Borges (2017), atividades com espaços reduzidos aumentam as ações dos jogadores exigindo tomada de decisões entre passar e receber, marcar e desmarcar-se, sendo necessária uma leitura do jogo para o desenvolvimento da consciência tática para o jogo. Quando o espaço de jogo é ampliado, os jogadores têm mais tempo para tomar decisões.

Figura 19 – Endzone

Fonte: Arquivo do autor (2025).

Já na atividade “Pontuando” (Figura 20), realizada na quadra inteira, os jogadores tiveram mais espaço para se deslocar, mas tiveram dificuldade para realizar lançamentos longos, pois o tamanho da quadra não favorecia este tipo de lançamento, sendo necessário utilizar passes curtos para progredir e pontuar. No entanto, a proposta de utilizar a mão não dominante apresentou um desafio adicional, reduzindo a precisão dos passes entre as equipes e dificultando a progressão ofensiva.

Figura 20 – Pontuando

Fonte: Arquivo do autor (2025).

Finalizadas as atividades, reunimos os estudantes para a roda de conversa. Durante o momento de avaliação, entre os pontos positivos, podemos destacar que, de forma geral, os alunos relataram que gostaram da modalidade e destacaram que

a modalidade não tem árbitros, o que favorece a prática do “espírito de jogo” ou *fair play* entre os jogadores. Diante disso, Borges (2017) reforça que, no Ultimate Frisbee, é necessário que todos os jogadores pratiquem o espírito de jogo, fazendo referência ao jogo limpo e aos princípios éticos e morais na prática esportiva. Além disso, é fundamental que os seus praticantes conheçam as regras da modalidade e respeitem as opiniões e decisões tanto de seus companheiros de equipe quanto dos adversários, uma vez que não há a presença de árbitros, como em outros esportes, o que contribui para a promoção do jogo limpo na modalidade

Entre os pontos negativos, os estudantes apontaram que a limitação do espaço físico acabou dificultando os lançamentos longos e o desenvolvimento do jogo como um todo. As falas a seguir ilustram essas dificuldades:

Estudante 03: “A quadra é muito pequena para fazer os lançamentos longos.”
Estudante 18: “Não dá para fazer lançamento longo.”

A quarta semana de intervenção teve início no dia 20/10/2025 e foi finalizada em 22/10/2025. Nesta semana, foram desenvolvidos os planos de aula 09 a 11, com o desenvolvimento da modalidade de Hóquei Indoor. Começamos a aula com o registro da frequência e, em seguida, perguntamos aos estudantes: “Quando vocês ouvem ou falam a palavra hóquei, qual tipo de hóquei você imagina primeiro?”.

Em resposta à pergunta, a grande maioria dos estudantes responderam “Hóquei no Gelo”, com destaque para o comentário do estudante 24: “Esse esporte é aquele que é jogado no gelo e o jogo é violento”. Então, complementei apresentando as imagens (Figura 21), explicando que existem diferentes tipos de modalidades de “Hóqueis”. Conforme a Federação Internacional de Hockey (FIH), o hóquei é praticado em diversos formatos, como sobre grama, indoor, no gelo e de rua, os quais se diferenciam quanto ao tipo de taco, ao espaço, ao terreno de jogo, ao número de atletas e à duração das partidas (FIH, 2025). Mas, de acordo com a federação que regulamenta a modalidade (FIH), o esporte é disputado em três modalidades: Hóquei 5s, Hóquei Indoor e Hóquei sobre Grama.

Figura 21 – Modalidades de hóqueis

Fonte: Arquivo do autor (2025).

Como proposta de intervenção para nossas aulas, iremos vivenciar o Hóquei Indoor, uma adaptação do hóquei sobre a grama, que pode ser praticado na escola, aproveitando o ginásio e outros espaços para adaptar a modalidade às aulas de Educação Física. Conforme a FIH, o Hóquei Indoor, ou hóquei de salão (como é conhecido), é uma adaptação do hóquei sobre grama para a prática em ginásios esportivos.

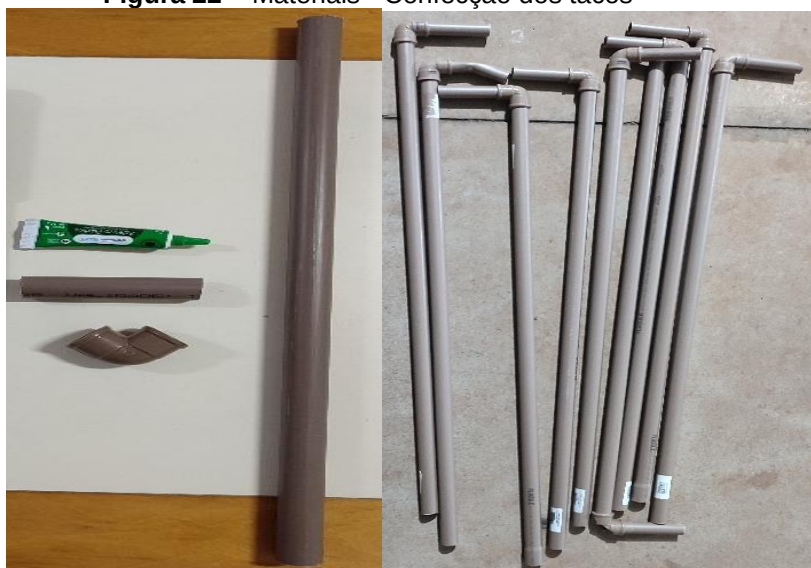
Esta modalidade surgiu na Europa, nos anos 50, com o objetivo de permitir a sua prática durante o período de inverno, sendo reconhecida oficialmente pela FIH no ano de 1968 (FIH, 2025). Segundo o Comitê Olímpico Internacional (COI, 2024), o hóquei, juntamente com o futebol, se tornou um dos esportes mais praticados ao redor do mundo. Conforme a FIH, a modalidade está presente em mais de 140 países, sendo que, em muitos países, ela é referência nacional, a exemplo do Canadá (FIH, 2024).

Considerando esse contexto e buscando proporcionar aos estudantes o contato com essa modalidade, iniciamos a aula prática, reunindo os alunos no centro da quadra, e realizamos uma breve explicação sobre os materiais e equipamentos que seriam utilizados na vivência da modalidade. Destacamos que, devido ao alto custo para a aquisição dos equipamentos oficiais, especialmente os tacos de Hóquei Indoor, seria necessário adaptar os materiais à realidade da escola.

Dessa forma, tendo em vista que, naquele momento, a direção não possuía recursos financeiros para a compra desses equipamentos, optamos pela utilização de materiais alternativos para a confecção e adaptação dos tacos (Figura 22), com um

custo mais acessível. Da mesma maneira, para as bolinhas, utilizamos os materiais já disponíveis na escola, o que possibilitou a realização das atividades de forma acessível e condizente com a realidade escolar.

Figura 22 – Materiais - Confeção dos tacos



Fonte: Arquivo do autor (2025).

Essa estratégia pedagógica encontra-se respaldada na literatura da área. Conforme destacam Souza *et al.* (2022), o Hóquei Indoor é uma modalidade que exige materiais e equipamentos de custo elevado. De acordo com Espíndula (2009), muitos professores deixam de abordar determinadas modalidades nas aulas de Educação Física justamente pela ausência de materiais específicos, sobretudo porque grande parte das escolas não dispõe de recursos financeiros para a aquisição desses equipamentos. No entanto, apesar dessas limitações, a modalidade pode ser trabalhada no contexto escolar por meio da utilização de materiais alternativos.

Nesse sentido, Sebastião e Freire (2009) ressaltam que o uso de materiais alternativos constitui uma importante estratégia pedagógica, pois permite que escolas e professores substituam os equipamentos oficiais por recursos confeccionados com materiais de baixo custo. Dessa forma, torna-se possível proporcionar aos estudantes a vivência de diferentes práticas esportivas, mesmo diante das limitações estruturais e financeiras presentes no contexto escolar.

Na primeira atividade prática, denominada “Condução”, os estudantes realizaram a familiarização com os equipamentos, conduzindo a bolinha com o taco livremente pela quadra, com o objetivo de explorar e desenvolver habilidades motoras. Logo no início da atividade, foi possível perceber que alguns estudantes

apresentavam dificuldades na pegada do taco: alguns utilizavam apenas uma mão, enquanto outros faziam uso das duas mãos de maneira inadequada. Além disso, também foram observadas dificuldades relacionadas à condução e ao controle da bolinha, que, em determinados momentos, saía do controle, afastando-se ou permanecendo muito próxima ao corpo, o que acabava dificultando a continuidade da condução.

Já nas atividades denominadas “Condução e Passe” e “Passe e Recepção” (Figura 23), as dificuldades observadas estiveram relacionadas principalmente à condução da bola e à mudança de direção ao contornar o cone para realizar o passe. Em diversas situações, a bolinha acabava saindo do controle durante esse movimento. Também foi possível perceber dificuldades na posição do taco em relação ao corpo, o que comprometia a condução, além da postura corporal dos estudantes, que frequentemente permaneciam muito em pé no momento de receber a bola, dificultando a recepção da bola.

Conforme o Manual do Professor da Confederação Brasileira de Hóquei sobre Grama e Indoor – CBHG (2020), essas dificuldades podem estar relacionadas à empunhadura, ou seja, à forma como o taco é segurado pelo praticante. Nesse sentido, para cada ação realizada durante o jogo de Hóquei Indoor, a posição das mãos pode influenciar diretamente a execução dos movimentos.

De acordo com Finco (2020), as empunhaduras podem ser classificadas em três tipos. A empunhadura *aplausos* é a mais utilizada, pois sua técnica permite a realização de diferentes ações no jogo, como condução, passe, arremate ao gol e desarme. Já a empunhadura *relógio* é usada na execução de habilidades mais básicas, como driblar e receber a bola. Por fim, a empunhadura *jab* é utilizada principalmente para desarmes, interceptações e condução da bola em velocidade.

Figura 23 – Passe e recepção



Fonte: Arquivo do autor (2025)

A atividade “Nunca 2” foi realizada segundo a dinâmica sugerida por Finco (2020). Os alunos espalham-se pela quadra e permanecem parados em seus lugares. Um aluno é designado como fugitivo e outro como pegador. Ambos conduzem uma bolinha de hóquei com o taco enquanto o fugitivo tenta escapar do pegador. Para se proteger, o fugitivo deve posicionar-se atrás de um colega que está parado; nesse momento, o aluno que estava parado passa a ser o novo pegador. O pegador deve tentar tocar o fugitivo com uma das mãos para efetuar a troca. Inicialmente, a dificuldade concentrou-se no controle da bola nas mudanças de direção, momento em que a bolinha frequentemente escapava do controle do estudante. Além disso, alguns estudantes apresentaram dificuldade em conduzir a bola enquanto mantinham o contato visual necessário para fugir ou tentar pegar o colega.

Na atividade “Número hóquei” (Figura 24), a dinâmica despertou grande interesse dos alunos, tornando-se uma competição espontânea. A empolgação foi tanta que eles chegavam a dizer:

Estudante 26: “Professor, chama o meu número de novo!”

Estudante 24: “Eu perdi na primeira. Agora vou ganhar de você!”

Com a introdução das variações, a atividade ganhou ainda mais intensidade, tornando-se ainda mais envolvente e desafiadora, principalmente quando foram introduzidas atividades extras, como polichinelo, flexão de braço, burpee, prancha abdominal, exercícios que foram propostos pelos estudantes na atividade.

Figura 24 – Número - hóquei



Fonte: Arquivo do autor (2025).

Após um breve intervalo para que os alunos pudessem tomar uma água e ir ao banheiro, retomamos as atividades com a segunda aula do dia, dando sequência à atividade intitulada “Par ou ímpar” (Figura 25). Nesta atividade, a principal dificuldade apresentada foi em relação ao comando (par ou ímpar) e quando foram introduzidas as variações, que envolviam cálculos com operações matemáticas. Observou-se que alguns estudantes acabavam se deslocando para o lado oposto ao comando ou demoravam para decidir qual direção deveriam seguir. Como podemos observar nas falas dos estudantes:

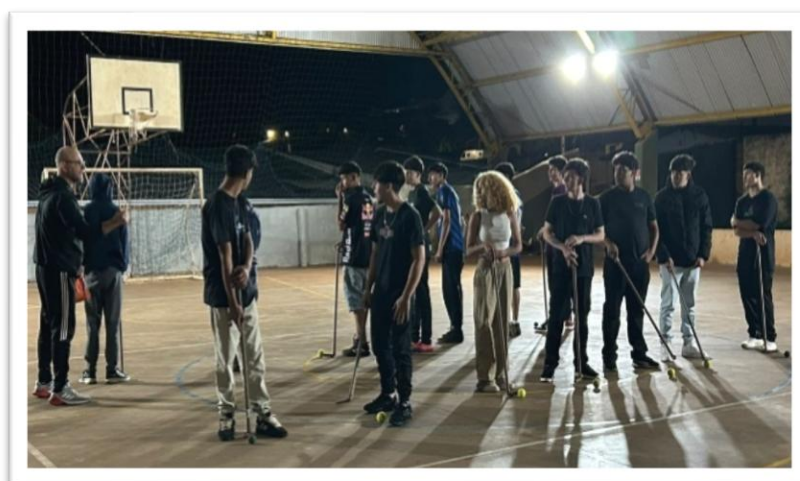
Estudante 10: “Acabei confundindo os lados.”

Estudante 16: “Não prestei atenção. Acabei errando o lado.”

Estudante 20: “Errei o cálculo.”

Nesse sentido, com base na proposta da atividade, Neira (2018) destaca que a vivência de práticas que articulam aspectos cognitivos e movimentos motores possibilita aos estudantes não apenas o desenvolvimento de habilidades motoras, mas também exige atenção, raciocínio e tomada de decisão. Além disso, tais experiências favorecem a resolução de problemas e a construção de estratégias, elementos fundamentais para a compreensão e o ensino do jogo.

Figura 25 – Par ou ímpar



Fonte: Arquivo do autor (2025).

Na sequência, realizamos a atividade “Toca com bola” (Figura 26), na qual os alunos precisavam demonstrar agilidade para conduzir a bola e entrar rapidamente na toca antes dos demais colegas. A partir das observações durante a atividade, constatou-se que alguns estudantes apresentaram dificuldades na condução e no controle da bola, especialmente ao se aproximarem da toca. O estudante 06 relatou:

“Entrei rápido na toca com a bola, mas não consegui pará-la dentro do bambolê; acabei tendo que correr atrás e perdi a toca.” Outra dificuldade observada ocorreu quando os alunos precisavam conduzir a bola com a mão não dominante. Nesses momentos, a bolinha frequentemente escapava ou ficava parada, exigindo que o aluno retornasse até ela para continuar a condução.

Nesta atividade, os estudantes também sugeriram uma variação para a atividade, em que quem não conseguisse entrar na toca deveria realizar um exercício físico proposto por quem havia conseguido. Com esse desafio criado pelos próprios alunos, a atividade tornou-se mais acirrada e divertida, pois, quando alguém não conseguia, os colegas vibravam e já indicavam os exercícios a serem feitos, dizendo: “Vamos lá! 20 polichinelos! 10 flexões!”.

Figura 26 – Toca com bola



Fonte: Arquivo do autor (2025).

Já na atividade “Torneio 1x1 e 2x2”, as disputas foram bastante intensas, com jogos equilibrados e cheios de emoção. Alguns alunos demonstraram grande disposição em atacar rapidamente; contudo, essa agilidade, por vezes, acabou prejudicando o controle da bola, que saía do domínio do jogador. Em certas situações, o erro na condução com o taco fazia com que a bolinha ficasse para trás, permitindo ao adversário recuperar a posse e realizar o contra-ataque.

Para Araújo (2014), a utilização de jogos reduzidos no ensino de Hóquei Indoor contribui para que os estudantes vivenciem situações que acontecem no jogo real, por meio da utilização de espaços de jogo reduzidos ou adaptados, colaborando para que os estudantes tenham uma participação mais ativa e favorecendo o desenvolvimento

progressivo dos elementos constituintes do jogo, como os fundamentos técnicos, sistemas táticos e as regras, até a aproximação com o jogo formal.

Para finalizarmos a aula, reunimos os alunos para um feedback das atividades propostas. E entre os pontos positivos, podemos destacar a fala de alguns estudantes:

Estudante 01: “Gostei do esporte. Jogaria de novo.”

Estudante 24: “Gostei muito desse esporte. Imagina se tivéssemos tacos oficiais.”

Estudante 14: “Foi muito divertido, principalmente a atividade Número hóquei.”

Considerando as falas dos estudantes, observa-se que o interesse em aprender a modalidade evidencia satisfação e engajamento com a prática desenvolvida. Apesar de os equipamentos utilizados não serem oficiais, o interesse e a participação dos alunos demonstraram envolvimento durante as atividades práticas, indicando que o uso de materiais adaptados não impediu a realização da vivência. Além disso, o desenvolvimento de atividades de caráter lúdico proporcionou momentos de diversão, tornando as aulas mais prazerosas e favorecendo o envolvimento dos estudantes.

Nessa perspectiva, Bracht (2007) destaca que o esporte no contexto escolar não deve se limitar ao esporte de rendimento, mas precisa ser ressignificado, priorizando sua prática educativa e formativa que vai contribuir para que os estudantes possam ampliar a vivência das práticas corporais, contribuindo para a formação crítica dos estudantes.

Finalizando a roda de conversa do dia, foi solicitado aos estudantes que apontassem as principais dificuldades vivenciadas durante as atividades. A seguir, são apresentados alguns comentários:

Estudante 04: “Tive dificuldade em conduzir a bolinha”.

Estudante 17: “Eu tive dificuldade em realizar a recepção da bola, pois ela sempre passava por baixo do taco.”

Estudante 18: “Precisamos aprender melhor as técnicas do esporte”

Estudante 20: “Eu tive dificuldade de manusear o taco.”

Diante dos comentários dos estudantes, observa-se que a falta de conhecimento das técnicas da modalidade, associada à ausência de experiência e vivências práticas, pode estar influenciando diretamente a execução dos fundamentos técnicos. Nesse sentido, as orientações da BNCC (Brasil, 2018) indicam que o ensino dos esportes de invasão deve priorizar a adaptação de regras, espaços e materiais,

favorecendo a exploração e a manipulação de objetos pelos praticantes. Tal abordagem contribui para o desenvolvimento progressivo de competências e habilidades, além de ampliar a participação dos estudantes, aprimorar a aprendizagem dos fundamentos técnicos e táticos e possibilitar a inserção de novas práticas corporais nas aulas de Educação Física (BRASIL, 2018; Finco; Souza, 2023).

Na terceira aula da quarta semana de implementação, reunimos os estudantes no centro da quadra, onde foram repassadas as primeiras informações sobre as atividades que seriam realizadas nesta noite. Nesse momento, os estudantes comentaram:

Estudante 22: “Professor, vamos fazer aquele jogo dos números que jogamos na aula de ontem?”

Estudante 12: “Foi muito divertida aquela atividade.”

Professor-pesquisador: “Sim, podemos fazer ao longo da aula.”

Ao interpretar as falas dos estudantes, pode-se perceber que a atividade vivenciada na aula anterior gerou resultados positivos, evidenciados pela satisfação dos alunos, demonstrando que a diversificação das atividades práticas nas aulas de Educação Física pode contribuir de maneira significativa para o desenvolvimento integral dos estudantes (Finck, 2011; Kunz, 2013).

Dando continuidade, após a explicação da aula, chamamos a atenção dos estudantes: “Vamos lá, pessoal!”. Em seguida, apresentamos a primeira proposta, intitulada “Jogo dos passes”. Inicialmente, a turma foi dividida em dois grupos: um deles permaneceu na parte interna, com o objetivo de realizar dez passes consecutivos sem permitir que a equipe adversária recuperasse a bola. Caso a bola saísse da roda, a equipe deveria reiniciar a contagem. Ao iniciarem a atividade, logo percebemos a dificuldade dos estudantes em realizar as trocas de passes e em controlar a bola durante a recepção.

Diante disso, interrompemos a atividade para orientá-los sobre a importância dos deslocamentos laterais, a fim de oferecer opções de passe ao companheiro de equipe. Nesse sentido, destacamos a necessidade de uma postura corporal adequada: ao permanecerem muito em pé e não posicionarem o taco mais próximo ao solo, a recepção da bola torna-se mais difícil. Após essas orientações aos estudantes, também ajustamos progressivamente o número de passes, iniciando com cinco (5), depois sete (7), até chegar a dez (10) passes. Com essas intervenções, observou-se uma melhora significativa na dinâmica da atividade.

Na atividade denominada “Torneio 2x2 e 3x3” (Figura 27), os estudantes participaram de diversos minijogos, nos quais puderam vivenciar situações de jogo que se aproximam do jogo formal. A utilização de minijogos mostrou-se uma alternativa para melhorar a participação dos estudantes na aula, bem como nas ações e situações do jogo. Além disso, proporcionou maior contato com a bola e contribuiu para o aprimoramento dos fundamentos técnicos e para a resolução de problemas táticos, aproximando-se da lógica interna do jogo (Araújo, 2014).

Segundo Friederich *et al.* (2022), o uso de minijogos é considerado uma estratégia eficiente para o ensino da modalidade de Hóquei Indoor, pois estimula o desenvolvimento de habilidades tático-técnicas por meio da experimentação do jogo, com adaptações do espaço, do número de jogadores e da flexibilização das regras. Em um estudo proposto por Timmerman *et al.* (2019), evidencia-se que a utilização de jogos reduzidos no hóquei contribui para o desenvolvimento da tomada de decisão dos jogadores, a qual será posteriormente reproduzida nas ações técnicas e táticas do jogo.

Figura 27 – Torneio - 2x2 e 3x3



Fonte: Arquivo do autor (2025).

Durante a realização dos minijogos, alguns tacos acabaram quebrando (Figura 28), principalmente em situações nas quais os estudantes, ao tentarem alcançar a bola ou realizar ações de marcação, aplicavam maior força nos movimentos, ocasionando impactos contra o solo. Esse acontecimento esteve relacionado às características do material adaptado utilizado na confecção dos tacos, associado às condições do piso de concreto da quadra e à intensidade das ações realizadas durante a dinâmica do jogo.

Embora essa situação evidencie a necessidade de aprimoramento dos recursos utilizados, ela também demonstra o potencial dos materiais alternativos como estratégias pedagógicas para ampliar o acesso a diferentes práticas corporais nas aulas de Educação Física. A confecção de tacos em PVC para a prática do Hóquei Indoor possibilitou a inserção de um conteúdo pouco presente no contexto escolar, revelando que adaptações podem contribuir para a diversificação das experiências dos estudantes, especialmente em escolas que apresentam limitações de infraestrutura e recursos materiais.

Entretanto, ressalta-se a importância de investimentos na aquisição de materiais específicos e adequados, de modo a garantir melhores condições de ensino, ampliar as possibilidades de desenvolvimento de práticas corporais diversificadas e qualificar as aulas de Educação Física escolar nas escolas públicas.

De acordo com Feltrin (2023), uma das principais dificuldades enfrentadas pelos professores de Educação Física na rede pública está relacionada à falta de materiais para as aulas, em que o uso de materiais alternativos se torna uma possibilidade para proporcionar novas experiências práticas aos estudantes, por meio do uso de materiais de baixo custo. Contudo, conforme observado no problema ocorrido durante os minijogos, a durabilidade dos materiais alternativos deve ser considerada, visto que, embora sejam acessíveis, nem sempre apresentam resistência suficiente para suportar a intensidade das práticas. Essa limitação pode comprometer tanto a continuidade da aula quanto a segurança dos alunos, exigindo do professor um planejamento cuidadoso e a constante avaliação dos materiais utilizados.

Figura 28 – Tacos quebrados



Fonte: Arquivo do autor (2025).

Finalizadas as atividades, reunimos os alunos para que compartilhassem suas percepções sobre as experiências vivenciadas durante a aula e sobre a modalidade.

Estudante 02: “Eu percebi que, da aula de ontem para a de hoje, estou conseguindo jogar melhor.”

Estudante 21: “Não consegui me adaptar a esse esporte. Tive muita dificuldade.”

Estudante 06: “O esporte é legal, mas precisamos de treino para melhorar os fundamentos.”

Estudante 14: “A nossa quadra não tem a borda lateral como na quadra oficial.”

Estudante 11: “Acho que os tacos ajudariam a melhorar o nosso jogo.”

A partir das percepções dos estudantes, é possível perceber que, apesar do pouco tempo de vivência na modalidade, houve uma boa aceitação da modalidade, que pôde ser evidenciada pela aprendizagem inicial. Por outro lado, também percebemos que alguns estudantes tiveram dificuldades em se adaptar ao esporte, bem como a necessidade de um tempo maior para poder praticar os fundamentos técnicos, além da falta de estrutura adequada e de materiais oficiais que podem influenciar na experiência dos estudantes.

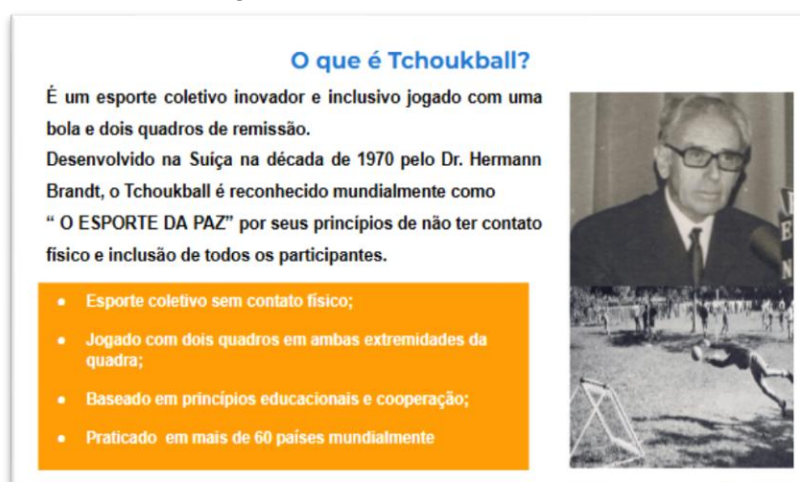
A quinta semana de intervenção teve início no dia 27/10/2025, com a implementação dos planos de aula 12 e 13 com a modalidade de Tchoukball. A aula teve início com o registro de frequência no sistema LRCO. Em seguida, foram apresentados a temática e os objetivos da aula.

Para introduzir o conteúdo, perguntamos aos estudantes se alguém conhecia ou já tinha ouvido falar sobre a modalidade de Tchoukball. Por alguns momentos

ficaram pensativos e logo o Estudante 24 respondeu: “Eu já joguei esse esporte!”. O Estudante 12 falou: “Nós jogávamos lá no municipal!”. O Estudante 04 disse: “É parecido com o handebol, só não tem gol.” Enquanto outros estudantes comentaram que não conheciam.

Com a apresentação dos slides (Figura 29), contextualizamos brevemente a origem da modalidade, explicando suas origens, os motivos para sua criação e também por que o esporte passou a ser conhecido como o “esporte da paz”. Além disso, abordamos sobre os equipamentos e apresentamos um vídeo acerca das regras básicas do jogo.

Figura 29 – Slides da aula



O que é Tchoukball?

É um esporte coletivo inovador e inclusivo jogado com uma bola e dois quadros de remissão.

Desenvolvido na Suíça na década de 1970 pelo Dr. Hermann Brandt, o Tchoukball é reconhecido mundialmente como “O ESPORTE DA PAZ” por seus princípios de não ter contato físico e inclusão de todos os participantes.

- Esporte coletivo sem contato físico;
- Jogado com dois quadros em ambas extremidades da quadra;
- Baseado em princípios educacionais e cooperação;
- Praticado em mais de 60 países mundialmente

The slide also contains two images: a portrait of Dr. Hermann Brandt and a photograph of a Tchoukball game in progress on a field.

Fonte: Arquivo do autor (2025).

No segundo momento, após a parte teórica, encaminhamos os estudantes para a quadra. Reunidos no centro da quadra, apresentamos os materiais que seriam utilizados nas atividades. Em seguida, o estudante 14 questionou: “Professor, existe uma bola específica para jogar Tchoukball?” prontamente respondi que sim, que existem bolas próprias para a modalidade. No entanto, como são difíceis de conseguir, optamos por utilizar bolas de handebol, por serem as que mais se aproximam do tamanho e do peso das bolas oficiais.

Segundo a Federação Internacional de Tchoukball (FITB), as bolas utilizadas para a prática da modalidade devem atender aos seguintes padrões:

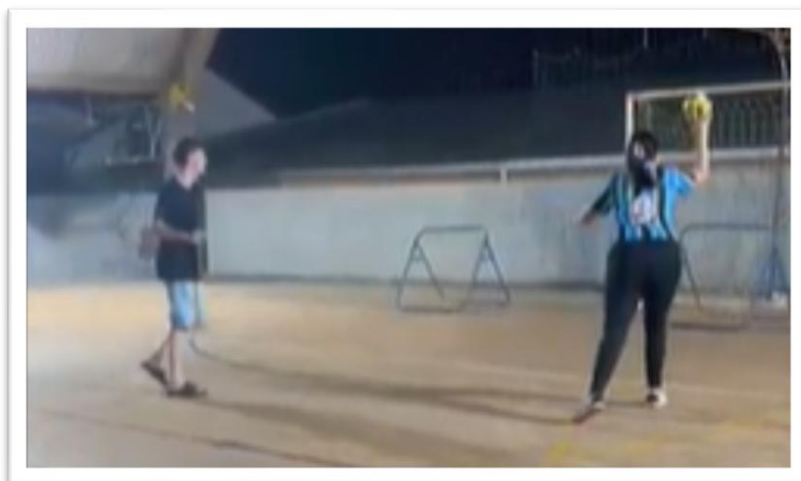
Em partidas masculinas, a bola deve ter uma circunferência de 58 a 60 cm e pesar entre 425 e 475 gramas. Em partidas femininas, a bola deve ter uma circunferência de 54 a 56 cm e pesar entre 325 e 400 gramas. Em partidas mistas, a bola deve atender aos padrões utilizados em partidas femininas (FITB, 2009, p. 4).

Diante da disponibilidade de materiais na escola, optamos pela utilização das bolas de Handebol H2, pois se aproximam dos padrões estabelecidos pela FITB e são adequadas para atividades e jogos com equipes mistas.

Em seguida, explicamos que as atividades iniciariam com a fundamentação básica até chegar ao jogo formal. Logo na primeira atividade os estudantes tiveram o primeiro contato com a bola, não tendo dificuldade na troca de passes e recepção, pois grande parte já tinha vivenciado a modalidade de handebol em outras oportunidades. Na variação da atividade de passe com a mão dominante, observou-se que alguns alunos apresentaram dificuldade na execução, pois não possuíam força suficiente para realizar o passe, fazendo com que a bola caísse no chão. Também foi necessário relembrar aos alunos que o Tchoukball é um jogo aéreo, não sendo permitido quicar a bola ou realizar passes quicados.

Conforme destaca Sinotti (2025), os fundamentos de passe e recepção são essenciais para a dinâmica do jogo de Tchoukball, uma vez que a bola deve permanecer em constante circulação entre os jogadores. Por meio do passe, a equipe mantém a posse de bola, o controle e o ritmo do jogo, enquanto a recepção contribui para a continuidade das jogadas, favorecendo a criação de oportunidades de ataque.

A atividade de “Arremesso ao quadro” (Figura 30) foi, possivelmente, o momento mais aguardado pelos estudantes, em razão da possibilidade de lançar a bola ao quadro de remissão. Observou-se que, por se tratar do primeiro contato com o equipamento, a maioria explorava diferentes formas de arremesso, como o estático e o com salto. Além disso, analisavam a aplicação da força no momento da execução do arremesso, buscando compreender a influência dessa capacidade física na distância alcançada pela bola e a dificuldade do companheiro da dupla para realizar o rebote, caso utilizasse a força excessiva.

Figura 30 – Arremesso ao quadro

Fonte: Arquivo do autor (2025).

Na atividade “Jogo do Rebote” (Figura 31), percebemos que os estudantes apresentaram uma melhora em relação aos lançamentos e à recepção da bola, demonstrando maior controle da força e utilizando-a a seu favor para dificultar que o adversário conseguisse pegar o rebote. No entanto, os estudantes relataram que ainda sentem dificuldades quanto ao posicionamento para realizar o rebote, se deveriam ficar mais próximos ou mais afastados, evidenciando a necessidade de organizar uma estratégia para pegar o rebote.

Figura 31 – Jogo do rebote

Fonte: Arquivo do autor (2025).

Dando sequência à segunda aula, iniciamos com a atividade “Jogo dos 10 passes na equipe”. Os alunos foram organizados em duas equipes, com 8 jogadores cada, pois 4 alunos optaram por não participar, pois estavam cansados. Antes de

iniciarmos a atividade, o estudante 17 perguntou: “Professor, não pode ficar passando um para o outro.” Então, respondi: “Vocês até podem, caso não tenham a opção de passe, mas procurem outros companheiros de equipe para fazer a troca de passes, buscando explorar outros tipos de passes (Ex.: passes médios, longos e em suspensão)”.

No início da atividade, as equipes conseguiam trocar, no máximo, 6 a 7 passes, pois a bola era interceptada ou caía no chão, precisando ser reiniciada a contagem. Após algumas tentativas, a meta dos 10 passes foi alcançada por ambas as equipes. Essa dinâmica revela um processo de adaptação dos estudantes aos desafios do jogo, especialmente no que diz respeito à organização coletiva e à tomada de decisões.

Na sequência, foi proposta uma variação da atividade, estabelecendo-se um limite de passes por jogador e ampliando a meta para doze passes, o que aumentou o nível de complexidade da atividade. Nesse momento, os estudantes passaram a depender ainda mais da participação coletiva, já que só poderiam receber a bola novamente após todos os integrantes da equipe terem participado da jogada. Observou-se, então, certa indecisão na execução dos passes, tornando necessária uma maior comunicação entre os integrantes da equipe para identificar quem ainda não havia recebido a bola. Após várias tentativas, a equipe de colete conseguiu atingir a meta estabelecida.

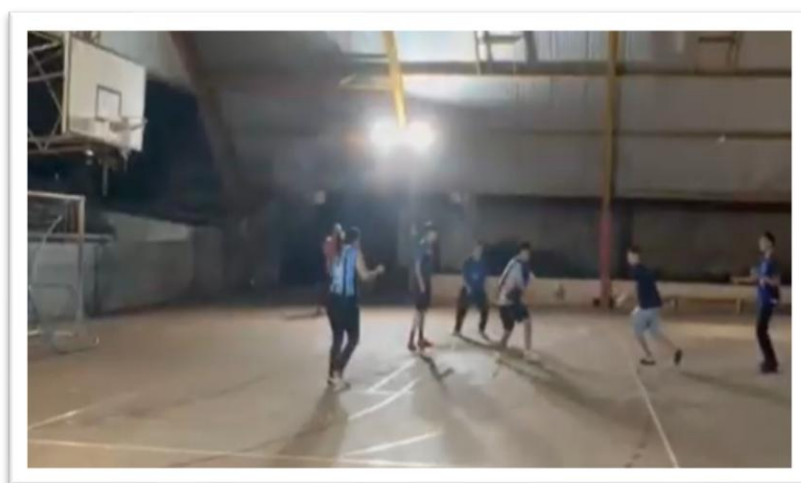
Diante das dificuldades apresentadas pelos estudantes na atividade, é possível compreender que tais desafios estão diretamente relacionados às características próprias dos esportes de invasão. Assim, as situações vivenciadas corroboram com Darido (2018), ao afirmar que os esportes de invasão têm como características o jogo coletivo e a alternância entre ações ofensivas e defensivas, exigindo dos participantes constante reorganização no jogo. Além disso, as dificuldades iniciais, a falta de comunicação entre os alunos e a progressiva melhora na execução da atividade revelam que, segundo González e Bracht (2012) e Casarim *et al.* (2011), os esportes de invasão vão além da execução técnica, envolvendo o desenvolvimento de capacidades cognitivas, como a percepção, a tomada de decisão e a resolução de problemas que ocorrem durante as situações de jogo.

Na atividade “Jogo reduzido - 3x3” (Figura 32), observou-se que, no início, alguns trios ainda invadiam a área restrita, sendo prontamente corrigidos pelos próprios colegas quando a infração ocorria. Como o objetivo era evitar que o trio

adversário conquistasse o rebote, muitos arremessos eram realizados com força excessiva ou, em alguns casos, muito fracos, o que facilitava a recuperação da bola pelos oponentes. Da mesma forma, também foram registrados arremessos feitos diretamente de frente para o quadro, o que igualmente favorecia o rebote para os trios adversários.

Por outro lado, alguns grupos optaram por realizar arremessos com salto pelas laterais, surpreendendo os adversários e diversificando as estratégias de ataque. Dessa maneira, a proposta do exercício também contribuiu para o desenvolvimento da percepção espacial dos alunos, especialmente no que se refere à distância em relação ao quadro e ao posicionamento dos defensores para a captura do rebote.

Figura 32 – Jogo reduzido - 3x3



Fonte: Arquivo do autor (2025).

Já no “Jogo 4x4”, as partidas tiveram como objetivo estimular ações coletivas, incentivando os quartetos a desenvolverem estratégias de jogo e a aprimorarem a tomada de decisão. Durante as disputas, observou-se que, em alguns grupos, não havia organização coletiva, uma vez que a bola era lançada de forma aleatória, sem a construção conjunta das jogadas. Essa dificuldade inicial evidencia que o aprendizado nos esportes de invasão não se baseia apenas em habilidades técnicas, mas exige dos praticantes o desenvolvimento de capacidades cognitivas, como percepção e tomada de decisão, conforme destacam González e Bracht (2012) e Casarim *et al.* (2011).

Quando foi introduzida a variação na atividade, com o aumento do número de passes entre os jogadores, observou-se uma melhora no jogo coletivo, favorecendo

maior participação e cooperação entre os estudantes na construção de jogadas com o objetivo de conquistar o ponto. Consequentemente, essa evolução favoreceu a compreensão da lógica interna dos esportes, segundo Darido (2018).

Em relação ao “Jogo 7x7” (Figura 33), logo no seu início, observou-se que a partida foi marcada por passes muito longos e pouco objetivos, além da constante troca de posse de bola entre as equipes. Também foram identificadas algumas infrações às regras, como contato físico indevido, permanência com a bola por mais de três segundos, perda de controle da bola e invasão da área restrita, sendo estas as ocorrências mais frequentes entre os(as) estudantes durante a partida. Também observamos que ainda as equipes não possuem uma organização tática entre os jogadores, prevalecendo a participação por aqueles que têm maiores habilidades ou iniciativa para buscar o objetivo do jogo.

Figura 33 – Jogo 7x7



Fonte: Arquivo do autor (2025).

Para finalizar a aula, realizamos uma roda de conversa, na qual os alunos foram questionados sobre suas percepções e as dificuldades encontradas em relação à modalidade do Tchoukball. Em relação às percepções sobre a prática, destacaram-se as seguintes falas:

Estudante 02: “Gostei desse esporte, pois não tem contato físico.”

Estudante 06: “Achei diferente, pois não tem gol e pode fazer o arremesso em qualquer lado.”

Estudante 21: “Não conhecia este esporte, mas acabei gostando.”

Entre as dificuldades apontadas na roda de conversa, destacaram-se comentários como:

Estudante 10: “Acabei fazendo confusão com o handebol. Acabava quicando a bola.”

Estudante 15: “No começo tive dificuldade para acertar o quadro de remissão.”

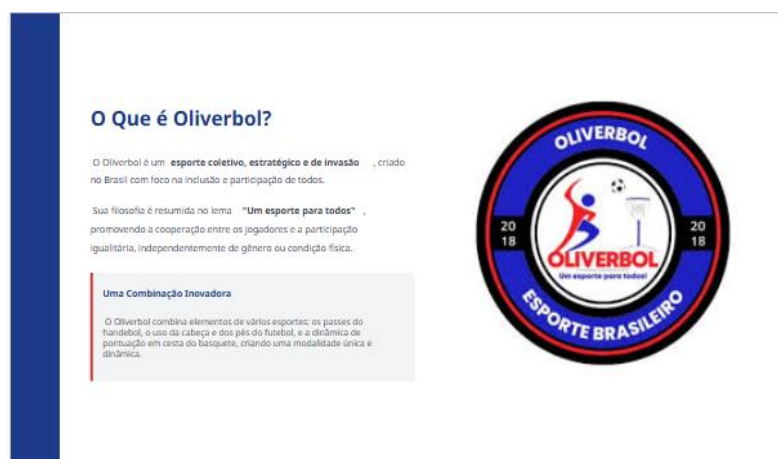
Estudante 20: “Não gostei, pois não pode marcar e nem roubar a bola do adversário.”

A sexta semana de intervenção ocorreu no dia 29/10/2025, com a implementação dos planos de aula 14 e 15, referentes à modalidade de Oliverbol. Inicialmente, foi realizada a apresentação da proposta da aula aos estudantes. Na sequência, alguns alunos demonstraram curiosidade em relação à nova modalidade e questionaram: “Professor, qual vai ser o esporte que vamos aprender hoje?”.

Imediatamente, respondi: “Talvez muitos de vocês nunca tenham ouvido falar, mas a modalidade que vamos aprender será Oliverbol”. Logo os alunos perguntaram: Estudante 02: “Que esporte é esse?”; Estudante 14: “Não conheço”; e Estudante 20: “Cada nome que dão para os esportes!”. A partir disso, iniciamos a aula com a projeção dos slides (Figura 34), por meio dos quais apresentamos brevemente a origem da modalidade, bem como o processo de criação do esporte por seu inventor, culminando no surgimento desse esporte brasileiro. À medida que os slides avançavam, fomos complementando as informações com explicações mais detalhadas sobre a modalidade.

Nesse sentido, conforme destacam Costa e Dias (2024), o Oliverbol foi criado pelo professor de Educação Física Ricardo Roberto de Oliveira, na cidade de Sorriso no estado do Mato Grosso, a partir de brincadeiras realizadas com as crianças, nas quais combinavam o uso de uma bola de futebol e uma cesta e elementos de outras modalidades, como futebol, handebol, basquetebol, ultimate frisbee e corfebol.

Figura 34 – Slide – Oliverbol



Fonte: Arquivo do autor (2025).

Por conseguinte, também surgiram os primeiros questionamentos por parte dos estudantes em relação ao esporte apresentado, como: “Qual o tipo de bola é utilizada no jogo?”, “O espaço de jogo é o mesmo do futsal?” e “Qual a altura da cesta?”.

A partir dessas indagações, é possível perceber que, ao abordar novos conteúdos ou modalidades esportivas não convencionais nas aulas de Educação Física, há um favorecimento da participação ativa dos estudantes. Isso ocorre porque eles se sentem desafiados a compreender os diferentes elementos que compõem a nova modalidade, como regras, materiais e espaço de jogo. Essa perspectiva vai de encontro ao que apontam Lima e Silveira (2007), ao introduzir novas práticas nas aulas, os docentes conseguem diversificar a sua prática pedagógica, tornando as suas aulas mais dinâmicas e proporcionando aos seus estudantes novas vivências corporais, além de manter os alunos motivados e engajados para novas aprendizagens.

Após finalizarmos a parte introdutória, convidamos os alunos a se dirigirem ao ginásio para a vivência prática. Ao chegarmos à quadra, reunimos os estudantes no centro, momento em que passaram a observar a cesta construída com material alternativo. Enquanto observavam a cesta (Figura 35), expliquei que a confecção da estrutura para a prática do Oliverbol pode ser realizada com diferentes materiais, como PVC, madeira ou ferro. Para a nossa implementação, optamos por reaproveitar alguns recursos disponíveis na escola, como a base de ferro de uma caixa de som, enquanto outros materiais foram adquiridos, como os canos de PVC e a cola utilizada na montagem da estrutura.

De acordo com Costa, Dias e Vieira (2023), a utilização de materiais alternativos ou adaptados no ensino de esportes de invasão não convencionais configura-se como uma importante estratégia no contexto escolar. Isso se justifica, sobretudo, pelo fato de muitas escolas públicas não possuírem materiais adequados para a prática nem recursos financeiros para a aquisição de equipamentos oficiais. Assim, a construção ou adaptação desses materiais surge como uma possibilidade para que os professores busquem estratégias para que os estudantes possam vivenciar essas modalidades mesmo diante da falta de recursos ou materiais sem comprometer o processo de ensino.

Figura 35 – Cesta de Oliverbol

Fonte: Arquivo do autor (2025).

Para iniciarmos a vivência da modalidade, expliquei que, no primeiro momento, seriam realizadas atividades voltadas à fundamentação dos gestos básicos do Oliverbol. Assim, nas primeiras atividades de fundamentação: “Passe e recepção” e “Deslocamento, passe e recepção”, os alunos executaram diferentes tipos de passes, além da recepção, não demonstrando dificuldades na sua execução, uma vez que se tratavam de exercícios simples, que não exigiam habilidades mais complexas.

De acordo com Oliveira (2018), os resultados apresentados revelam que os fundamentos básicos do Oliverbol se aproximam dos gestos motores de outros esportes coletivos já vivenciados pelos estudantes, o que contribui para sua execução. Além disso, a característica inclusiva da modalidade favorece a participação de alunos com diferentes níveis de habilidade, promovendo a interação entre os menos e os mais habilidosos e, conseqüentemente, facilitando a aprendizagem (Costa; Dias, 2023).

Na atividade “Arremesso em Estações” (Figura 36), a principal dificuldade observada e relatada pelos próprios estudantes foi acertar a cesta. Como comentou o Estudante 10: “Sem a tabela fica difícil acertar.” Conforme avançavam pelas estações e a distância aumentava, o número de acertos entre os estudantes foi diminuindo. Contudo, após algumas repetições e novas passagens pelas estações, o aproveitamento dos estudantes começou a melhorar.

De acordo com Oliveira (2018), a modalidade Oliverbol é composta por apenas uma cesta central, que permite aos seus praticantes a realização de arremessos e a

marcação de pontos em 360° ao seu redor. No entanto, diferentemente do basquetebol, não há tabela como referência para os arremessos. Além disso, a altura da cesta, medida da base até a borda superior do aro, é de aproximadamente 3 metros. Diante disso, essa dificuldade dos estudantes em acertar a cesta pode estar relacionada com a falta de uma referência para o arremesso. Conforme destaca Sirnik *et al.* (2022), no basquetebol os jogadores têm a tabela como orientação para a realização dos arremessos. Nessa perspectiva, assim como no Coferbol, o Oliverbol não tem a tabela para auxiliar os estudantes a realizar os arremessos, exigindo dos seus praticantes uma noção espacial para realizar o arremesso com precisão na cesta (Oliveira, 2018).

Figura 36 – Arremesso em estações



Fonte: Arquivo do autor (2025).

Na última atividade de fundamentação, “Passe, recepção e arremesso com Deslocamento” (Figura 37), observou-se um maior engajamento dos estudantes, que passaram a realizar trocas de passes mais rápidas e a alternar os arremessos à cesta entre os jogadores. Na variação da atividade, realizada em trios com duas bolas, a tarefa exigiu maior atenção do jogador central, que precisava receber e devolver passes pelos dois lados. Inicialmente, a atividade acabou gerando um pouco de confusão, especialmente em relação à troca dos passes e à organização dos movimentos, uma vez que os estudantes precisavam manter atenção para receber e executar o passe. No entanto, após algumas tentativas, os estudantes melhoraram a execução da atividade, demonstrando maior agilidade nas trocas de passes até a finalização à cesta.

Figura 37 – Passe, recepção e arremesso com deslocamento



Fonte: Arquivo do autor (2025).

Dando continuidade à segunda aula do dia, iniciamos explicando aos estudantes a atividade “Queimada pique-pegas” (Figura 38). Os estudantes foram divididos em duas equipes. Como o objetivo era realizar trocas de passes para queimar o adversário, a principal dificuldade inicial foi executar passes com rapidez suficiente para efetivar a queima. Como a equipe de posse de bola não estava conseguindo queimar os adversários, reduzimos o espaço de jogo, o que melhorou a dinâmica das trocas de passes e facilitou a queima dos adversários. Na variação da atividade, com a inclusão de mais uma bola, a dinâmica tornou-se mais intensa, exigindo maior rapidez nas trocas de passes. Nesse contexto, a principal dificuldade passou a ser da equipe sem a posse de bola, que precisou demonstrar maior agilidade para evitar ser queimada.

Figura 38 – Queimada - pique-pegas



Fonte: Arquivo do autor (2025).

Na realização dos “Minijogos 3x3” (Figura 39), os estudantes foram divididos em trios e se revezavam a cada período determinado ou a cada cesta marcada. Durante o desenvolvimento das partidas, observou-se que as equipes exploraram diferentes fundamentos do jogo. No entanto, destacaram-se dificuldades na execução dos arremessos à cesta: enquanto alguns estudantes aplicavam força excessiva, fazendo com que a bola ultrapassasse o alvo, outros não conseguiam alcançá-lo, em razão da aplicação insuficiente de força.

Corroborando com essas observações, Oliveira (2018) afirma que o Oliverbol se organiza a partir de fundamentos básicos da modalidade, dentre os quais se destacam o controle corporal, o manejo de bola, a recepção, o passe, o salto, o rebote e o arremesso, essenciais para as ações durante o jogo. Nesse sentido, as dificuldades identificadas podem estar relacionadas ao fato de que o arremesso não se limita à execução do gesto motor, mas envolve também o controle corporal e a regulação da força.

Ainda segundo Oliveira (2018), o arremesso consiste na ação de lançar a bola ao aro central, exigindo do jogador não apenas a aplicação adequada de força, mas também a tomada de decisão quanto ao momento oportuno para sua execução. Dessa forma, a imprecisão observada evidencia que os estudantes ainda se encontram em processo de aprimoramento dessas habilidades para a aprendizagem da modalidade.

Figura 39 – Minijogos - 3x3



Fonte: Arquivo Autor (2025).

Para a última atividade da aula, realizamos a vivência do “Jogo 5x5” (Figura 40). Nessa atividade, o espaço de jogo foi ampliado, utilizando as marcações da

quadra de basquetebol, com os dois círculos da área restritiva destinados à reposição da bola e o círculo central utilizado como área restritiva da cesta. De acordo com essa organização, Oliveira (2018) destaca que a quadra utilizada para a prática da modalidade apresenta formato retangular, com dimensões oficiais de 40 metros de comprimento por 20 metros de largura, podendo ser adaptada conforme a disponibilidade do espaço. Além disso, sua estrutura é composta por três círculos: dois menores, destinados à reposição da bola, e um círculo central, correspondente à área restritiva da cesta do jogo.

Entre os aspectos observados na atividade proposta, destacam-se as infrações às regras básicas do jogo. As mais recorrentes durante a partida foram a não realização de passes para todos os jogadores antes do arremesso, o não cumprimento da distância adequada pelo defensor em relação ao jogador com posse de bola e faltas dentro da área restritiva.

Figura 40 – Jogo 5x5 - Oliverbol



Fonte: Arquivo autor (2025).

Finalizamos a aula com uma roda de conversa, na qual os(as) estudantes compartilharam suas impressões acerca da modalidade e das atividades propostas. Nesse contexto, apresentam-se, a seguir, algumas falas referentes à experiência vivenciada:

Estudante 06: “Gostei do esporte. Mesmo não sendo muito boa, ajudei a minha equipe.”

Estudante 14: “Nunca tinha ouvido falar desse esporte, mas gostei.”

Estudante 16: “Gostei do esporte, mas achei bastante cansativo, pois precisa se movimentar bastante.”

Estudante 18: “Achei parecido com o basquete.”

Estudante 22: “As atividades foram bem divertidas.”

A partir dessas falas, observa-se que, de maneira geral, os(as) estudantes avaliaram positivamente a modalidade e as atividades propostas, destacando, sobretudo, a participação de alunos(as) com diferentes níveis de habilidade, que puderam cooperar e contribuir com a equipe mesmo diante de suas limitações. Tal aspecto evidencia o caráter inclusivo da prática, favorecendo o engajamento coletivo e a valorização da participação de todos.

Nesse contexto, para alguns estudantes, a modalidade apresentou-se como uma novidade e, ainda assim, proporcionou uma experiência satisfatória, o que reforça seu potencial pedagógico enquanto alternativa de conteúdo a ser abordada nas aulas de Educação Física. De igual forma, o Oliverbol tem sido reconhecido como “um esporte para todos”, sobretudo por apresentar, como característica central, a cooperação entre os participantes (Oliveira, 2018). Ademais, a modalidade destaca-se por promover a inclusão, a equidade de participação entre os sexos e o respeito às diferenças, possibilitando o envolvimento tanto de estudantes menos habilidosos quanto daqueles mais experientes (Costa; Dias, 2024; Oliveira, 2018).

De acordo com essa perspectiva, a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) enfatiza a importância da inserção de diferentes práticas corporais no contexto escolar, de modo a favorecer a fruição, a experimentação e o caráter lúdico das atividades. Desse modo, os resultados observados indicam que a vivência proposta contribuiu não apenas para a aprendizagem de novos conteúdos, mas também para a promoção de uma prática pedagógica mais inclusiva, participativa e significativa no âmbito da Educação Física Escolar.

Por outro lado, algumas falas também evidenciam a exigência física associada à prática da modalidade. Tais apontamentos indicam que a atividade, para além de seu caráter prazeroso, apresenta-se como desafiadora, requerendo um bom nível de condicionamento físico por parte dos participantes. Nessa perspectiva, a vivência do esporte contribui não apenas para o engajamento dos(as) estudantes, mas também para o desenvolvimento de capacidades físicas e motoras, aspectos fundamentais no âmbito da Educação Física Escolar. Ainda, ao estabelecerem comparações com o basquete, os(as) estudantes demonstram articular conhecimentos prévios, o que pode favorecer a compreensão e a assimilação da nova modalidade.

Corroborando essa análise, Oliveira e Albuquerque (2011) apontam que a inserção de esportes não tradicionais tem se mostrado uma estratégia eficaz para ampliar a motivação e a participação dos estudantes. Assim, a introdução de novas

modalidades nas aulas de Educação Física não apenas diversifica o repertório cultural dos(as) alunos(as), mas também potencializa o engajamento e a construção de aprendizagens significativas.

Por fim, no que se refere às dificuldades apontadas pelos estudantes, destacam-se as seguintes falas:

Estudante 07: “A maior dificuldade é acertar a cesta, já que não tem a tabela.”

Estudante 20: “Tive dificuldade para acertar a cesta. Preciso pegar o jeito ainda.”

Estudante 12: “Não acertei nenhuma cesta de longe.”

Com base nos relatos, observa-se que as principais dificuldades apontadas pelos estudantes relacionam-se aos aspectos técnicos da modalidade. Ao mencionarem a dificuldade de finalização à cesta em razão da ausência da tabela, evidencia-se a pouca experiência com a modalidade, incluindo o reduzido tempo de treinamento, bem como a necessidade de maior precisão no momento do arremesso à cesta.

Esses achados dialogam com o que apontam Costa e Dias (2024) e Oliveira (2018), ao caracterizarem a modalidade como um esporte de invasão que exige o domínio de fundamentos básicos, como controle corporal, manejo de bola, passe, recepção, arremesso, salto e rebote. Nesse sentido, as dificuldades observadas na finalização indicam que esses conteúdos ainda se encontram em fase inicial de aprendizagem, o que reforça o desenvolvimento progressivo da familiarização dos estudantes com a modalidade.

A sétima semana de intervenção ocorreu no dia 03/11/2025, com a implementação dos planos de aula 16 e 17, abordando a modalidade de Poull Ball. A aula teve início com o registro da frequência no sistema LRCO (Livro de Registro de Classe Online). Em seguida, foi projetado o slide (Figura 41) com o nome da modalidade a ser vivenciada, o que despertou a curiosidade dos estudantes. Nesse momento, surgiram imediatamente questionamentos como: “Que esporte é esse?”, “De qual país?” e “Como se joga?”, evidenciando o interesse inicial da turma pela nova modalidade.

Figura 41 – Slide - Poull Ball

Fonte: Arquivo do autor (2025).

Essa inquietação inicial e curiosidade diante de uma prática esportiva pouco conhecida podem ser compreendidas como elementos positivos no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que despertam o interesse e a atenção, além de favorecer o engajamento dos estudantes. Nesse sentido, a introdução de esportes não convencionais nas aulas de Educação Física contribui para ampliar o repertório motor e cultural dos estudantes, proporcionando novas experiências de aprendizagem.

De acordo com Franco e Silva (2018), inovar nas aulas de Educação Física, especialmente por meio da inclusão de modalidades não convencionais, possibilita a ampliação de conhecimentos e experiências ao longo das aulas, rompendo com práticas tradicionais. Para os autores, essa diversificação das práticas corporais favorece um ensino mais significativo, no qual os estudantes são convidados a explorar novas formas de se relacionar com o esporte.

Ainda conforme Franco e Silva (2018), é fundamental que os(as) professores(as) de Educação Física assumam uma postura de constante reinvenção de suas práticas, incorporando novas modalidades, ressignificando conteúdos e promovendo situações de aprendizagem mais dinâmicas e contextualizadas. Nesse cenário, a introdução do Poull Ball na intervenção insere-se como uma estratégia pedagógica que estimula a curiosidade inicial dos estudantes e contribui para a ampliação do repertório esportivo na escola.

Após esses questionamentos iniciais, prosseguimos com a apresentação dos demais slides, abordando a origem, os equipamentos, as regras e outras informações, permitindo que os estudantes fossem conhecendo a modalidade de forma gradual.

Finalizamos esse primeiro momento com a exibição de dois vídeos sobre a modalidade, durante os quais fomos escutando os comentários dos estudantes na sala de aula: “O jogo é fácil de jogar.”; “Olha, pode ser jogado em vários lugares.”; “Precisa trocar passes e acertar esta caixa para marcar ponto.”; e “Olha o tamanho da bola.”

A partir desses comentários, observa-se que os estudantes, durante a exibição dos vídeos, estabelecem um primeiro contato com a modalidade, marcado pela curiosidade e pela percepção de elementos básicos, como sua dinâmica, regras gerais, possibilidades de adaptação do espaço para a prática e a troca de passes. As falas sobre a facilidade de jogar e a possibilidade de ser praticado em diferentes espaços indicam uma compreensão inicial, ainda que superficial, porém em processo de construção, à medida que os estudantes vão sendo introduzidos ao conteúdo e vão se familiarizando de maneira progressiva com a lógica interna da modalidade.

Essas impressões iniciais dialogam com a proposta de criação da modalidade, uma vez que o François Poull criou o esporte em 2009, na Bélgica, com o objetivo de torná-lo acessível a todos os estudantes, independentemente de habilidades técnicas, promovendo a participação de ambos os sexos, a ausência de contato físico e a valorização dos princípios do *fair play* (Poull, 2019). Nesse sentido, ao destacarem a facilidade de execução e a flexibilidade do espaço de jogo, os estudantes demonstram uma aproximação com a proposta da modalidade, ainda que possuam pouco conhecimento sobre a modalidade a ser vivenciada.

Além disso, as observações dos estudantes acerca do tamanho da bola e da necessidade de acertar a caixa para marcar ponto demonstram o início da compreensão dos elementos técnicos e estruturais do Oliverbol, evidenciando que os participantes passaram a reconhecer aspectos fundamentais para a dinâmica da modalidade. Esse resultado reforça a importância da utilização de diferentes recursos didáticos, como vídeos e slides, na construção do processo de ensino-aprendizagem, especialmente quando se trata de esportes ainda pouco conhecidos pelos estudantes. Em diálogo com esse resultado, os achados corroboram o estudo de Vellozo (2024), que evidenciou que a utilização de estratégias pedagógicas diversificadas, como aulas teóricas, vídeos, rodas de conversa e jogos reduzidos, potencializa a compreensão dos conteúdos esportivos e favorece a aprendizagem, permitindo que os alunos relacionem os conhecimentos construídos nas aulas a diferentes contextos.

De forma complementar, Neira (2018) destaca que a ampliação das vivências com diferentes modalidades esportivas possibilita aos estudantes compreender a diversidade das práticas corporais, experimentar novas modalidades e desenvolver estratégias de jogo. A partir dessa compreensão, a utilização de recursos audiovisuais antes das atividades práticas contribuiu para que os participantes compreendessem as características, os objetivos e a dinâmica do Oliverbol, favorecendo uma participação mais consciente durante as aulas. Essa interpretação também encontra respaldo em González e Bracht (2012), ao afirmarem que a aprendizagem dos esportes não se restringe ao domínio de habilidades técnicas, mas envolve a compreensão das situações de jogo e o desenvolvimento da capacidade de tomada de decisão, aspectos observados à medida que os estudantes identificaram elementos essenciais para a prática da modalidade.

A partir dessas primeiras impressões e da interação dos estudantes com o material apresentado, na sequência, já reunidos no centro da quadra, foi explicado aos estudantes que os equipamentos utilizados para a vivência da modalidade seriam adaptados (Figura 42). Para a construção dos cubos, foram utilizadas caixas de papelão, as plataformas foram substituídas pelas mesas disponíveis no colégio e a bola de pilates foi emprestada, justificando-se tais adaptações pelos custos dos materiais e pelos recursos financeiros disponíveis.

Essa estratégia de adaptação é reforçada por Oliveira e Albuquerque (2011), que identificam que professores da Educação Básica têm buscado introduzir esportes não tradicionais por meio da adaptação de espaços e materiais, o que contribui para o aumento da motivação e da participação dos estudantes nas aulas. Tal perspectiva dialoga com a prática aqui descrita, na medida em que as adaptações realizadas possibilitaram o desenvolvimento da modalidade e a realização das atividades propostas.

Figura 42 – Cubo e mesa - Poull Bal



Fonte: Arquivo do autor (2025).

Após o esclarecimento dessas adaptações e a organização dos materiais necessários, demos início às atividades práticas. Na atividade “A mosca” (Figura 43), foi realizada a seguinte dinâmica, conforme sugerido por Poull (2017): os jogadores formavam um círculo e deveriam manter as mãos unidas, simulando segurar uma “mosca” imaginária entre elas, abrindo-as apenas quando o jogador de posse da bola realizava um passe. Dessa forma, o objetivo da atividade é verificar a atenção e a capacidade de reação dos participantes, exigindo concentração para evitar erros.

Figura 43 – A mosca



Fonte: Arquivo do autor (2025).

No primeiro momento, os estudantes ficaram mais retraídos; contudo, com o desenvolvimento da atividade, o clima foi se tornando mais descontraído, com maior envolvimento dos estudantes, com a inserção das variações e nos comandos propostos. Entre as principais dificuldades observadas, destacou-se a variação da atividade em que o estudante que recebia a bola deveria permanecer imóvel, enquanto os demais precisavam recuar um passo. Nesse momento, observou-se a falta de concentração de alguns estudantes, que acabavam não realizando o recuo corretamente, sendo corrigidos pelos próprios participantes.

Na atividade “Cowboy” (Figura 44), os alunos sugeriram uma variação: quem fosse o último a realizar o comando deveria executar um exercício físico. Entre as sugestões apresentadas pelos estudantes estavam polichinelos, flexões e *burpees*. Em diálogo com essa prática, Lima e Silveira (2007) apontam que a introdução de novas práticas nas aulas possibilita ao docente diversificar sua atuação, tornando-as mais dinâmicas e proporcionando aos estudantes novas vivências corporais. Nessa

perspectiva, a variação sugerida pelos próprios estudantes evidencia, na prática, essa diversificação, ao inserir novos elementos na atividade e ampliar as experiências corporais vivenciadas. Assim, a proposta não apenas ampliou as possibilidades da atividade, mas também promoveu o engajamento dos estudantes.

Figura 44 – Cowboy



Fonte: Arquivo do autor (2025).

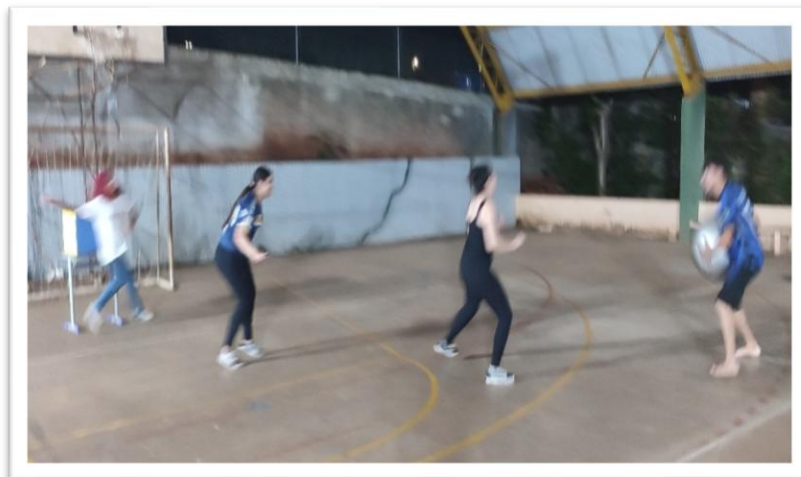
Na atividade “Triângulo de passes”, os estudantes não apresentaram dificuldades significativas na execução dos passes, sendo possível observar, em determinados momentos, um aumento no ritmo da atividade em função da maior velocidade de circulação da bola entre os participantes. Esse resultado pode ser compreendido pelo fato de a tarefa ocorrer sem oposição direta, o que favorece a ênfase em aspectos técnicos isolados, como a execução do passe e o deslocamento.

Em contrapartida, na atividade “Passe e condução com marcador”, especialmente na variação 2x2, a principal dificuldade relatada pelos estudantes esteve relacionada à troca de passes sob pressão da marcação. Nessa situação, tornou-se necessário que os participantes realizassem constantes ações de desmarcação, além de desenvolverem a leitura de jogo e a tomada de decisão em tempo reduzido, a fim de dar continuidade às jogadas.

De acordo com González e Bracht (2012), atividades sem a presença de adversários tendem a priorizar ações motoras voltadas ao desenvolvimento da técnica do jogo, enquanto situações com oposição exigem dos praticantes ações táticas, como leitura de jogo, antecipação, desmarcação e tomada de decisão. Nessa perspectiva, a dificuldade apresentada pelos estudantes na atividade 2x2 pode ser compreendida pela lógica interna dos jogos de invasão, que envolve momentos

ofensivos e defensivos, nos quais os praticantes precisam combinar habilidades técnicas e táticas para se adaptar às situações do jogo. A Figura 45 apresenta essa dinâmica durante a realização da atividade.

Figura 45 – Passe e condução com marcador - Variação - 2x2



Fonte: Arquivo do autor (2025).

Na atividade “O alvo cercado” (Figura 46), os estudantes foram organizados em círculo, com um participante posicionado no centro. O objetivo consistia na troca de passes entre os jogadores externos, que buscavam atingir o colega no centro, enquanto este deveria se esquivar da bola. Caso fosse atingido, o jogador responsável pelo arremesso passava a ocupar a posição central, dando continuidade à dinâmica.

Inicialmente, observou-se que a atividade favoreceu o jogador central, uma vez que os participantes realizavam os passes de forma lenta e, em alguns momentos, permitiam que a bola saísse do círculo. Com o decorrer da atividade, no entanto, houve uma adaptação dos estudantes, que passaram a executar os passes com maior rapidez e precisão, conseguindo atingir o jogador no centro com mais frequência. Esse avanço evidencia um processo de ajuste às exigências da tarefa, especialmente no que se refere ao tempo de execução e à qualidade das ações.

Figura 46 – O alvo cercado

Fonte: Arquivo do autor (2025).

Com a introdução das variações em duplas e em duplas de mãos dadas (Figura 47), foi necessária a ampliação da roda, pois os estudantes posicionados no centro precisavam de maior espaço para se movimentar. Isso ocorreu porque os participantes da roda acabavam avançando em direção ao centro, reduzindo o espaço disponível. Além disso, na variação em duplas de mãos dadas, observou-se que, em diversos momentos, os pares soltavam as mãos ao tentarem se esquivar da bola, deslocando-se em direções opostas, o que evidencia dificuldades de coordenação em ações coletivas sob pressão.

Antes do encerramento da atividade, os estudantes sugeriram uma nova variação com a inclusão de uma segunda bola. Mantendo-se a dinâmica em duplas, a presença de mais uma bola aumentou significativamente a intensidade da atividade, exigindo dos participantes posicionados no centro maior atenção, agilidade e capacidade de antecipação para evitar serem atingidos.

Esse conjunto de situações pode ser compreendido a partir das contribuições de Kunz (2004), que enfatiza o estudante como sujeito do processo de ensino-aprendizagem, capaz de intervir, interpretar e transformar as situações de jogo. Nesse sentido, a sugestão de novas variações evidencia o protagonismo dos alunos, que deixam de assumir um papel passivo e passam a atuar de forma ativa na construção da atividade.

De forma complementar, Poull (2017) destaca que atividades dessa natureza estimulam a tomada de decisão, a leitura da trajetória da bola e a necessidade de respostas rápidas às situações de jogo. Esses aspectos podem ser observados tanto na evolução dos estudantes ao longo da atividade, com a melhora tanto na velocidade

e na precisão dos passes quanto na intensificação da tarefa com a inclusão de uma segunda bola.

Além disso, Carvalho *et al.* (2018) apontam que propostas desse tipo contribuem para o desenvolvimento da cooperação e do trabalho colaborativo. Isso pode ser identificado, sobretudo, nas variações em duplas, nas quais os estudantes precisaram coordenar suas ações, apesar das dificuldades observadas na manutenção da organização conjunta sob pressão.

Figura 47 – O alvo cercado - Variações - Em duplas, duplas de mãos dadas e duas bolas



Fonte: Arquivo do autor (2025).

Posteriormente, na atividade “Cronômetro” (Figura 48), observou-se que, nas primeiras tentativas, os quintetos ainda não apresentavam uma estratégia definida para alcançar o alvo dentro do tempo estabelecido. No entanto, após algumas repetições, as equipes passaram a organizar melhor seus passes, o que possibilitou que a bola chegasse mais rapidamente ao alvo. A partir desse avanço, os grupos começaram a se desafiar, buscando atingir o cubo no menor tempo possível, evidenciando um processo de adaptação e aprimoramento das ações de jogo.

Na variação da atividade com a presença de defensores, as equipes precisaram elaborar estratégias para realizar passes rápidos e superar a marcação. Em algumas situações, porém, os defensores conseguiram interceptar a bola e impedir o avanço da equipe atacante, aumentando o nível de complexidade da tarefa.

Esse processo evidencia que o desempenho dos estudantes não está relacionado apenas à execução técnica, mas à capacidade de organizar ações em função das demandas do jogo. Nesse sentido, González e Bracht (2012) destacam que, nos esportes de invasão, os praticantes são constantemente desafiados a tomar decisões e reorganizar suas ações diante das situações de jogo. A evolução observada ao longo da atividade, marcada pela melhoria na circulação da bola e na definição de estratégias, evidencia o desenvolvimento dessas capacidades. De forma complementar, Amaro (2016) aponta que os esportes de invasão contribuem para o desenvolvimento de capacidades cognitivas, como atenção, antecipação e criatividade, aspectos que podem ser identificados na capacidade dos estudantes de ajustar suas ações para atingir o alvo em menor tempo, especialmente em situações com oposição.

Figura 48 – Cronômetro



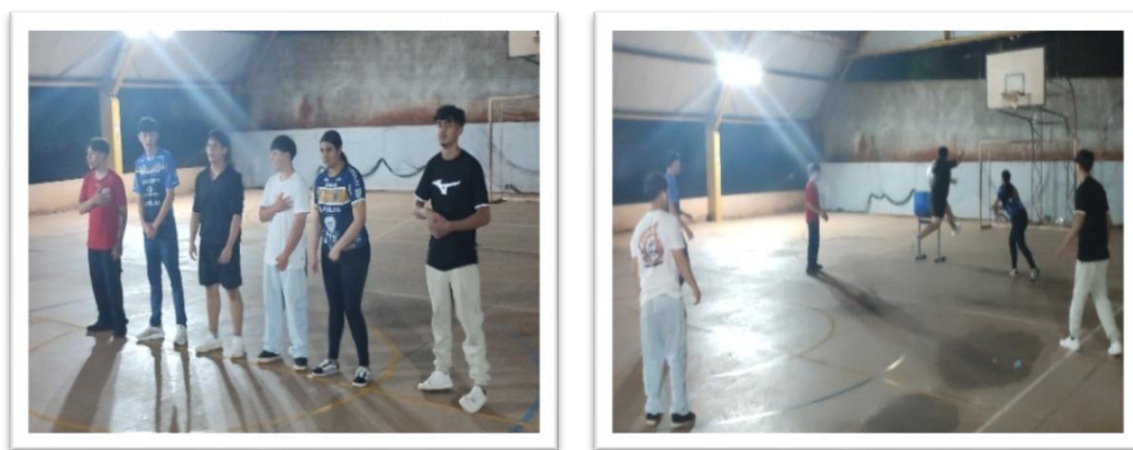
Fonte: Arquivo do autor (2025).

Nessa atividade, denominada “O espeto” (Figura 49), foi utilizada a dinâmica proposta por Poull (2017), na qual cinco jogadores da mesma equipe são posicionados alinhados no centro da quadra e, posteriormente, é inserido um jogador adversário, formando o espeto. O objetivo consiste em estimular a equipe atacante a utilizar ambos os lados da quadra para construir as ações ofensivas, enquanto o jogador adversário atua na marcação.

Entre os aspectos positivos da proposta, destaca-se a busca por estratégias de jogo rápido por parte da equipe em posse de bola. Isso ocorre em função da inferioridade numérica defensiva, que amplia as possibilidades de ações ofensivas, como a realização de passes rápidos e a possibilidade de escolha do lado mais adequado para o ataque. Por outro lado, essa dinâmica impõe maiores dificuldades aos defensores, que precisam se deslocar com agilidade para realizar a marcação, muitas vezes sem êxito.

De acordo com Poull (2017), essa atividade também contribui para o desenvolvimento da tomada de decisão, na medida em que exige dos praticantes a análise constante das opções de jogo e a escolha de soluções mais adequadas em situações de jogo com marcação dos defensores.

Figura 49 – O espeto



Fonte: Arquivo do autor (2025).

Para finalizar a aula, realizamos o jogo de “Poull Ball” (Figura 50). As partidas começaram com as equipes realizando trocas de passes sem marcação sob pressão. Conforme o jogo foi evoluindo, as disputas se tornaram mais intensas. Entre os pontos observados, destacou-se a falta de precisão nos arremessos, possivelmente pela ansiedade em definir rapidamente o ponto, o que levou muitos alunos a errar o alvo. Também foram identificadas algumas infrações às regras, como correr com a bola, segurá-la por mais de cinco segundos e invadir a área restrita, sendo essas as irregularidades mais frequentes ao longo do jogo.

Figura 50 – Jogo - Poull Ball

Fonte: Arquivo do autor (2025).

Para finalizar essa primeira aula, reunimos os alunos em uma roda de conversa para discutir suas percepções e dificuldades, como podemos verificar nos comentários feitos pelos estudantes:

Estudante 05: “O esporte é diferente e fácil de realizar a troca de passes.”

Estudante 08: “Gostei do jogo. Não precisa de muita habilidade e não tem contato físico.”

Estudante 10: “Jogo muito interessante de jogar, pois apresenta fundamentos de outras modalidades esportivas.”

Estudante 15: “Esporte bem diferente, principalmente pelo tamanho da bola.”

A partir dos comentários dos alunos na roda de conversa, é possível identificar que a vivência com o Poull Ball foi percebida de forma predominantemente positiva, especialmente no que se refere à dinâmica de jogo e ao seu aspecto acessível. As falas evidenciam elementos centrais da proposta pedagógica descrita por Poull (2019), ao destacarem a facilidade na realização dos passes, a baixa exigência de contato físico e a presença de fundamentos oriundos de diferentes esportes. Esses aspectos reforçam a natureza híbrida da modalidade, que integra elementos do basquetebol e do handebol, favorecendo a participação e a compreensão do jogo no contexto escolar.

Além disso, os depoimentos indicam alinhamento com a perspectiva de Poull (2019) sobre o potencial inclusivo e cooperativo do Poull Ball, uma vez que os estudantes ressaltam a possibilidade de participação sem elevada exigência técnica, o que amplia o engajamento dos participantes. O reconhecimento de que se trata de um “esporte diferente” também sugere o potencial da modalidade para ampliar o repertório motor e cultural dos estudantes, contribuindo para a diversificação das

experiências corporais através dos esportes de invasão não convencionais nas aulas de Educação Física.

Em relação às dificuldades vivenciadas pelos estudantes durante a prática, destacam-se os seguintes relatos:

Estudante 17: “Talvez a maior dificuldade nossa ainda seja com as regras, pois não temos muito conhecimento.”

Estudante 20: “Achei difícil controlar a bola devido ao seu tamanho.”

Por outro lado, as dificuldades relatadas, especialmente no que se refere à compreensão das regras e ao controle da bola de maior dimensão, evidenciam desafios esperados no processo de inserção de práticas esportivas não convencionais. Tais dificuldades dialogam com a proposta de adaptação e progressão pedagógica defendida por Poull (2019), que destaca a possibilidade de ajustes nas regras e nos materiais como estratégia para favorecer a inclusão e a aprendizagem. Nesse sentido, as dificuldades iniciais encontradas pelos estudantes não se configuram como um obstáculo para a aprendizagem, mas fazem parte do processo de ensino-aprendizagem.

Assim, os dados evidenciam que o Poull Ball (2019), ao articular cooperação, inclusão e diversidade de fundamentos motores, apresenta potencial pedagógico significativo, ao mesmo tempo em que demanda mediações didáticas intencionais para a apropriação de suas regras e dinâmicas pelos estudantes.

Para finalizar esta segunda aula, reunimos os alunos em uma roda de conversa para discutir suas percepções e dificuldades, como podemos verificar nos comentários feitos pelos estudantes:

Estudante 05: “As atividades com passes e recepção são bem simples.”

Estudante 06: “No começo, tive dificuldade para controlar a bola na recepção.”

Estudante 10: “Gostei das atividades que tinham os comandos.”

Estudante 12: “Eu não encontrei dificuldade para fazer os fundamentos e exercícios.”

Estudante 20: “O esporte é diferente. Achei bem fácil de jogar.”

Finalizada a roda de conversa, informei aos alunos que, na próxima aula, realizaríamos um torneio e que eles precisariam escolher, entre as modalidades vivenciadas ao longo das aulas, aquela que seria praticada durante o evento, conforme a decisão do grupo. Em seguida, expliquei: “Vamos realizar uma votação

aberta para a escolha da modalidade. Todos concordam?”. Os alunos responderam positivamente: “Sim!”.

Então, iniciamos a votação. Perguntei aos estudantes o primeiro voto: Tapembol. Logo em seguida, contabilizamos votos para Hóquei. Depois, para Tchoukball. E, na sequência, mais três votos para Tripela. Ao final, a votação foi concluída com a escolha da modalidade Tapembol, que obteve 6 votos, tornando-se a modalidade definida para o torneio.

O Estudante 09 perguntou: “Professor, vai ter medalha?”. Respondi: “Sim, para as equipes que ficarem entre os três primeiros lugares. Pessoal, só para reforçar, a organização do evento ficará sob responsabilidade de vocês, sendo necessário definir as equipes, a arbitragem e a forma de disputa. Eu vou auxiliar em caso de dúvidas, bem como na organização dos materiais e da premiação para o torneio; o restante ficará sob responsabilidade do grupo”. Estudante 05: “Mas quem de nós ficará responsável?”. Professor-Pesquisador: “Vocês precisam se reunir e decidir entre os participantes como irão se organizar para a realização do torneio.”

A oitava semana de implementação ocorreu no dia 05/11/2025, com a implementação dos planos de aula 18 e 19, com a realização do Torneio de Tapembol, modalidade escolhida pelos estudantes para realização do evento. No primeiro momento da aula, ocorreram o acolhimento dos estudantes e o registro da frequência no LRCO. Em seguida, solicitei que os estudantes organizassem as equipes. Prontamente, dois estudantes se voluntariaram para auxiliar, pois alguns já haviam comentado: “Professor, as equipes estão formadas!”, enquanto outros responderam: “Vocês já fizeram a panelinha, escolheram só os melhores para ganhar. Eu não concordo. Vamos fazer sorteio.” Apesar de alguns discordarem e reclamarem, as duas voluntárias pediram que todos escrevessem seus nomes em um pedaço de papel para a realização do sorteio das equipes.

Enquanto uma das voluntárias recolhia os papéis com os nomes, a outra organizava as fichas de inscrição para o preenchimento das equipes (Figura 51). A voluntária 1 informou: “No total, somos 21 alunos. Vamos formar quatro equipes com cinco jogadores e uma equipe com seis jogadores. O sorteio será realizado da seguinte forma: cada nome sorteado será direcionado para uma equipe.”

Figura 51 – Sorteio e preenchimento das fichas de inscrição



Fonte: Arquivo do autor (2025).

Dando início ao sorteio, a cada nova rodada alguns alunos vibravam ao perceber que estavam na mesma equipe. Finalizado o sorteio, as voluntárias solicitaram que as equipes formadas escolhessem um responsável e definissem um nome para a equipe. Em relação à forma de disputa, as voluntárias solicitaram ajuda para definir qual seria a melhor opção. Então, apresentei duas sugestões: realizar o formato “todos contra todos” ou realizar um sorteio para dois jogos na primeira fase, em que os vencedores disputariam os 1º e 2º lugares e os perdedores jogariam pelas 3ª e 4ª colocações. Após apresentadas as possibilidades, a grande maioria optou pelo formato “todos contra todos”: Alguns estudantes falaram: “Vamos jogar!”, “Quanto mais jogos, melhor!”. E, em relação ao tempo de disputa, as equipes decidiram realizar jogos de dez (10) minutos para disputa. Finalizada a definição da forma de disputa, subimos para a quadra, onde os alunos começaram a se organizar para iniciar o torneio.

Chegando na quadra, entreguei para os estudantes a caixa de materiais, contendo o apito, bola, canetas, coletes, as medalhas e as súmulas para os jogos. Os estudantes que tomaram a iniciativa de organização do evento definiram qual seria o primeiro jogo, orientando as equipes sobre quem iniciaria os jogos e quem ficaria responsável pela arbitragem e pelo preenchimento da súmula.

Dando início aos jogos, a primeira disputa foi entre a equipe “Kings League” (Figura 52) *versus* a equipe “Loud” (Figura 52). O segundo jogo seria disputado entre a equipe “As Superpoderosas” (Figura 52) e a equipe “Os mais mais” (Figura 52).

Figura 52 – Equipes do Torneio de Tapembol

Fonte: Arquivo do autor (2025).

Os jogos entre as equipes foram bem equilibrados, com ambas buscando o ataque a todo momento (Figura 53). A posse de bola se alternava a todo momento, já que a marcação também se mostrou um ponto forte entre as equipes. Em alguns momentos, as jogadas se concentraram mais pelo centro da quadra. Com o avanço das partidas, observou-se uma melhora no posicionamento tático dos jogadores, que passaram a se movimentar e a realizar deslocamentos para receber a bola, criando estratégias mais claras para a progressão ao ataque.

Figura 53 – Jogos do torneio

Fonte: Arquivo do autor (2025).

No decorrer das partidas, também foram observadas algumas infrações às regras básicas, como mais de três toques na bola, uso das duas mãos para tocar ou segurar a bola e erros na cobrança da linha lateral. Além disso, ocorreram algumas faltas por contatos físicos, como empurrar, puxar ou acertar o adversário na sequência do toque, sendo essas as mais comuns durante a realização dos jogos.

Durante os jogos, a ansiedade em marcar gols ficou muito evidente entre os jogadores, que buscavam finalizar rapidamente. Muitas dessas tentativas não tiveram sucesso, pois os atletas estavam desequilibrados, exageravam na força ou não demonstravam precisão nas finalizações, fazendo com que a bola não fosse em direção ao gol. Em função disso, as partidas tiveram poucos gols.

O torneio contou com quatro equipes participantes, totalizando seis jogos, cada um com duração de 10 minutos. A cada partida, uma equipe ficava responsável pela arbitragem, enquanto outra descansava. Finalizadas as partidas, a equipe “Kings League” foi a grande campeã do torneio. Em segundo lugar ficou a equipe “As Superpoderosas”. Em terceiro lugar, “Os mais mais”. Na quarta posição, “Loud”. Para finalizar o torneio, fui chamado para fazer a entrega das medalhas para as equipes vencedoras do torneio (Figura 54).

Figura 54 – Entrega da premiação



Fonte: Arquivo do autor (2025).

Ao final do torneio, reunimos os alunos para um momento de *feedback*, com o objetivo de avaliar a experiência vivenciada. A seguir, apresentam-se alguns dos comentários mais relevantes:

Estudante 08: “A experiência foi boa, principalmente para mim e para a Estudante 23, que tomamos a iniciativa de organizar a parte inicial, com o sorteio e a organização das fichas e das equipes.”

Estudante 15: “Foi bem legal ter participado desse torneio e ter jogado Tapembol. Gostei desse esporte.”

Estudante 10: “Poderíamos fazer torneio de outras modalidades também. Gostei do Frisbee e Tchoukball.”

Estudante 12: “Quando fui apitar o jogo, não tinha muito conhecimento das regras do jogo, então apitei errado algumas coisas.”

Estudante 16: “Ainda precisamos melhorar nosso jogo.”

Estudante 18: “Gostei das aulas. Apreendi diferentes coisas e me diverti também.”

Os depoimentos dos estudantes ao final do torneio indicam uma avaliação positiva da proposta, evidenciada pelo envolvimento na organização, pelo interesse pelas modalidades e pela ampliação do repertório de jogos, como Tapembol, Frisbee e Tchoukball. Esses resultados dialogam com Finco e Maciel (2020), ao evidenciarem que os esportes não convencionais contribuem para a diversificação das aulas de Educação Física e para a ampliação do repertório cultural e corporal dos estudantes.

Além disso, o relato de participação ativa na organização do torneio evidencia o engajamento dos estudantes e o desenvolvimento de responsabilidades coletivas, sinalizando avanços no protagonismo discente. Esse aspecto é coerente com Silva (2020), que aponta que práticas pedagógicas com esportes não convencionais tendem a ampliar a participação e o envolvimento dos estudantes nas aulas. Da mesma forma, o interesse por novas modalidades reforça a ampliação do repertório motor e a motivação dos estudantes, aspecto também destacado por Souza (2011), ao observar maior interesse discente por práticas esportivas não tradicionais.

Por outro lado, a dificuldade na compreensão das regras durante a arbitragem evidencia um desafio recorrente no ensino de modalidades pouco conhecidas, o que demanda mediações pedagógicas mais sistemáticas. Ainda assim, essa situação reforça o caráter processual da aprendizagem, no qual o erro e a experimentação integram o desenvolvimento dos estudantes, em consonância com uma perspectiva pedagógica que valoriza a construção gradual do conhecimento.

De acordo com os resultados, os depoimentos apontam para uma experiência marcada por diversão, aprendizagem e interação. Esses elementos dialogam com Bracht (2007), ao compreender o esporte escolar como prática educativa que ultrapassa a dimensão técnica e competitiva, e com Kunz (2004; 2013), que enfatiza o esporte como prática social e cultural, contribuindo para a formação integral dos estudantes. Nesse sentido, Finck (2011) reforça que o esporte escolar deve

contemplar dimensões culturais, sociais e históricas, promovendo experiências mais amplas e significativas no contexto educativo.

Na nona e última semana de intervenção, realizada em 10/11/2025 e correspondente ao Plano de Aula 20, que marcou o encerramento da proposta da intervenção pedagógica, foi aplicado o questionário diagnóstico de saída, composto por oito questões abertas, no qual os resultados dessa avaliação serão apresentados e discutidos no próximo tópico.

4.4 - A avaliação da proposta pedagógica

Após a organização do procedimento de aplicação do questionário e o início do preenchimento pelos estudantes, buscou-se analisar as compreensões apresentadas pelos participantes em relação aos esportes de invasão não convencionais. A partir das respostas obtidas, foi possível identificar os conhecimentos prévios e as percepções construídas pelos estudantes acerca dos esportes de invasão não convencionais.

Em relação à primeira pergunta, elaborada com o objetivo de verificar a compreensão dos estudantes acerca da definição dos esportes de invasão não convencionais, as respostas demonstram que os participantes compreenderam os principais elementos dessas modalidades. Os estudantes associaram os esportes de invasão não convencionais a práticas “diferentes”, “não muito praticadas” e “fora dos padrões brasileiros”, destacando aspectos relacionados às mudanças nas regras, aos equipamentos utilizados, ao espaço de jogo e à forma como são praticados. Como podemos destacar algumas definições:

Estudante 08: “Eles são jogos não tão praticados nas escolas, mas deveriam, pois esses esportes saem da ‘rotina’ dos alunos. Se eu pudesse, teria sempre esses esportes com novos equipamentos e espaço adequado.”

Estudante 14: “Diferentes, pois os equipamentos e o espaço como é jogado são diferentes do que estamos acostumados.”

Estudante 23: “Definiria como jogos não muito conhecidos, mas com muita informação e jogos muito interessantes.”

Estudante 26: “Eu definiria como esportes de invasão não convencionais, esportes não muito praticados, esportes que fogem dos esportes tradicionais, trazendo novas regras, novos hábitos.”

Ao comparar as respostas da avaliação final com os conceitos iniciais evidenciados na avaliação diagnóstica, observa-se que os estudantes apresentaram

avanços na compreensão dos esportes de invasão não convencionais, demonstrados pelo reconhecimento de suas características básicas e das diferenças em relação aos esportes tradicionais. Esse resultado indica que os alunos passaram a identificar elementos que caracterizam essas modalidades e a distingui-las dos esportes tradicionalmente abordados no contexto escolar. Corroborando essa compreensão, Fermino e Fermino (2018) afirmam que os esportes não convencionais são modalidades sem tradição consolidada e pouco praticadas, tanto no contexto escolar quanto em outros ambientes sociais no Brasil. Tal entendimento aproxima-se das percepções dos estudantes, que destacaram justamente o caráter diferenciado, pouco conhecido e inovador dessas práticas corporais.

Além disso, os depoimentos revelam que a inserção dessas modalidades nas aulas de Educação Física contribuiu para diversificar os conteúdos trabalhados, despertar o interesse dos alunos e proporcionar experiências corporais diferenciadas. As falas que mencionam a ruptura com a “rotina” das aulas tradicionais e o contato com novos equipamentos e formas de jogar reforçam essa perspectiva. De acordo com González e Fensterseifer (2010), a inserção de modalidades esportivas diversificadas no ambiente escolar possibilita aos professores ampliar o currículo da Educação Física, oferecendo aos estudantes novas vivências e oportunidades de expansão do repertório cultural e esportivo ao longo da educação básica.

Em resposta à segunda pergunta: “Quais são as principais diferenças entre esportes de invasão convencionais e não convencionais?”, os relatos dos estudantes revelaram que a maioria conseguiu diferenciar essas modalidades, sendo que dentre as principais diferenças apontadas pelos participantes estiveram os equipamentos utilizados, as regras, o espaço de jogo e as técnicas necessárias para a prática. Os estudantes destacaram que os esportes não convencionais utilizam materiais diferenciados, como tacos e discos de frisbee, além de apresentarem formas distintas de movimentação e organização do jogo, como pode ser observado nas seguintes falas:

Estudante 01: “O uso de equipamentos, como o taco e o frisbee, e também o uso da mão.”

Estudante 02: “Algumas regras diferentes e outras parecidas; e os equipamentos que são usados.”

Estudante 14: “A forma como é jogado. Os equipamentos diferentes para prática dos jogos.”

Estudante 24: “A principal diferença é o uso de diferentes equipamentos e a movimentação necessária nos jogos.”

As falas dos estudantes demonstram que os participantes compreenderam que os esportes de invasão não convencionais possuem características próprias que os diferenciam das modalidades tradicionalmente presentes no contexto escolar. Nesse sentido, González e Bracht (2012) destacam que o ensino do esporte na Educação Física Escolar não deve restringir-se apenas às modalidades esportivas mais populares, mas ampliar as possibilidades de vivências corporais por meio da diversificação dos conteúdos. Tal perspectiva aproxima-se das percepções apresentadas pelos estudantes, que reconheceram diferenças relacionadas às regras, aos equipamentos e às formas de jogar dessas modalidades.

Outro aspecto recorrente nos relatos foi a percepção de que os esportes de invasão não convencionais são menos praticados no ambiente escolar em comparação aos esportes tradicionais. Essas percepções podem ser observadas nas seguintes falas:

Estudante 12: “Os convencionais são mais praticados, já os não convencionais não são tão praticados.”

Estudante 26: “Convencionais: esportes praticados normalmente na escola, como voleibol, futebol, esportes tradicionais. Não convencionais: esportes conhecidos, mas não praticados normalmente, como hóquei.”

As percepções dos estudantes evidenciam o reconhecimento da predominância dos esportes tradicionais nas aulas de Educação Física, ao mesmo tempo em que identificam os esportes não convencionais como práticas diferenciadas e pouco exploradas no contexto escolar. Esse entendimento aproxima-se das reflexões de Costa e Dias (2024) e Fermino e Fermino (2018), os quais afirmam que os esportes não convencionais ainda possuem pouca presença nas escolas, apesar de apresentarem grande potencial pedagógico para enriquecer o currículo da Educação Física Escolar. Dessa forma, os depoimentos dos participantes reforçam a importância da inserção dessas modalidades esportivas não convencionais nas aulas, possibilitando novas experiências corporais, ampliação do repertório esportivo e diversificação dos conteúdos desenvolvidos na Educação Física.

Na terceira questão, perguntou-se aos estudantes o que consideravam essencial para a prática dos esportes de invasão não convencionais. As respostas revelaram aspectos relacionados à necessidade de espaços adequados, equipamentos específicos, conhecimentos prévios e explicações teóricas e práticas para a aprendizagem dessas modalidades. Entre as respostas, destacam-se:

Estudante 20: “Tem que ter espaço, equipamentos necessários e ter aulas teóricas e práticas.”

Estudante 23: “Ter uma explicação muito boa e ter os equipamentos certos.”

Estudante 26: “Conhecimento, agilidade, disciplina e ter uma base de como funciona.”

Os relatos dos estudantes demonstram a compreensão da importância das condições materiais e dos processos pedagógicos para a aprendizagem dessas modalidades. Nesse sentido, ao trabalhar o “esporte da escola”, a Educação Física desempenha papel importante na formação integral dos alunos, possibilitando que eles se envolvam com os conteúdos das aulas e compreendam a relevância da cultura corporal. Além de valorizar as práticas corporais como patrimônio cultural, a Educação Física favorece o desenvolvimento da reflexão crítica, a conscientização sobre direitos e deveres e a construção de um ambiente democrático, em que o saber é compartilhado e valorizado (Finck, 2011).

Da mesma forma, Menezes e Verenguer (2006) destacam que a Educação Física no Ensino Médio noturno deve possibilitar aos estudantes a ampliação de suas experiências e vivências motoras por meio da participação ativa em práticas diversificadas. Além disso, os autores ressaltam a importância da integração dos conteúdos procedimentais, conceituais e atitudinais, favorecendo uma compreensão mais ampla das diferentes práticas corporais. Esse entendimento aproxima-se das falas dos participantes, que enfatizaram a importância das aulas teóricas e práticas, bem como de explicações adequadas para a aprendizagem dos esportes de invasão não convencionais.

Além disso, Oliveira e Albuquerque (2011) destacam que a inserção de esportes não convencionais na escola exige adaptações de espaços e materiais, possibilitando aos estudantes vivências diversificadas e a ampliação dos conhecimentos desenvolvidos nas aulas de Educação Física. Dessa forma, os relatos dos participantes evidenciam que a aprendizagem dessas modalidades está relacionada não apenas ao domínio técnico, mas também às condições pedagógicas e estruturais oferecidas durante as aulas.

A quarta pergunta direcionada aos estudantes teve como objetivo identificar as dificuldades e os desafios encontrados durante a prática dos esportes de invasão não convencionais nas aulas. A seguir, destacam-se alguns relatos relacionados às dificuldades e aos desafios enfrentados pelos estudantes durante as aulas.

Estudante 02: “Aprender, se adaptar com os equipamentos improvisados e falta de espaço. Desafios: apenas se acostumar com os outros alunos na equipe.”

Estudante 24: “Aprender diferentes formas de jogo, regras, equipamentos para manuseio diferentes. Desafios: adaptação rápida ao esporte e às regras.”

Estudante 26: “Principais dificuldades foram a coordenação motora, agilidade e não possuir habilidade. Desafios: o espaço ser menor para o esporte, a disciplina e a atenção.”

De acordo com os relatos dos estudantes, as principais dificuldades encontradas durante a prática dos esportes de invasão não convencionais estiveram relacionadas à coordenação motora, agilidade, adaptação às regras, utilização de equipamentos adaptados e limitações de espaço para a prática das modalidades. Além disso, os estudantes também apontaram desafios ligados à interação entre os colegas de turma, disciplina e atenção durante as atividades.

A partir desses relatos, os esportes de invasão não convencionais, quando ensinados nas aulas de Educação Física, possibilitam aos estudantes o desenvolvimento de habilidades motoras e cognitivas, além de estimularem o trabalho colaborativo, a tomada de decisão e as estratégias de jogo (Darido, 2005). Essa perspectiva aproxima-se das falas dos participantes, especialmente em relação às dificuldades de compreender regras, adaptar-se às modalidades e interagir com os colegas durante as atividades.

Além das dificuldades relacionadas à aprendizagem das modalidades, os estudantes também destacaram limitações estruturais, como falta de espaço e utilização de equipamentos improvisados. Dessa forma, Silva e Maciel (2012) afirmam que escolas com espaços físicos adequados e recursos específicos favorecem o enriquecimento das aulas e qualificam o processo de ensino-aprendizagem. Em contrapartida, a ausência dessas condições pode comprometer tanto a prática pedagógica quanto o aprendizado dos estudantes.

Na quinta pergunta, os estudantes foram questionados sobre de que forma a prática dos esportes de invasão não convencionais poderia contribuir para as aulas de Educação Física. As respostas destacaram aspectos relacionados à ampliação do conhecimento sobre diferentes modalidades esportivas vivenciadas, interação social, novas aprendizagens e maior interesse pelas aulas, como pode ser observado nos relatos a seguir:

Estudante 01: “Para que os alunos tenham um conhecimento mais abrangente sobre outros esportes, até mesmo ganhar um interesse mais profundo.”

Estudantes 15: “Fazer pessoas conhecerem novos esportes não tão praticados.”

Estudante 20: “Novas aprendizagens e conhecimento aprendendo novos esportes e, quem sabe, colocar em prática.”

Estudante 23: “Para a interação dos alunos, acredito que isso foi importante para toda a sala. Teve mais comunicação entre nós.”

Estudante 24: “Aprender diferentes esportes, até podendo descobrir novos talentos.”

Estudantes 15: “Fazer pessoas conhecerem novos esportes não tão praticados.”

Os apontamentos dos estudantes reforçam que a prática dos esportes de invasão não convencionais contribui para ampliar as experiências esportivas, favorecendo a interação entre os colegas de turma e promovendo novas aprendizagens nas aulas de Educação Física. Conforme Gozi e Moraes (2018), a inserção de novos conteúdos e práticas por meio dos esportes de invasão contribui para formação dos estudantes, ao proporcionar novas experiências corporais e ampliar o interesse e o engajamento nas aulas de Educação Física Escolar. Essa compreensão aproxima-se das falas dos participantes que destacaram a importância de conhecer modalidades pouco praticadas e ampliar seus conhecimentos sobre outros esportes.

De maneira semelhante, Darido *et al.* (1999) afirmam que a Educação Física no Ensino Médio noturno deve proporcionar conhecimentos relacionados à Cultura Corporal de Movimento, favorecendo a compreensão, a reflexão e a análise crítica das diferentes práticas corporais. Tal entendimento relaciona-se aos relatos dos estudantes sobre novas aprendizagens e maior interesse pelas aulas a partir da vivência de diferentes modalidades esportivas.

Além dos aspectos relacionados à aprendizagem, Kunz (2013) destaca que as práticas corporais favorecem a socialização, o respeito mútuo e a cooperação entre os estudantes, contribuindo para a formação integral. Aproximando-se das falas dos participantes que ressaltaram a interação entre os colegas e a melhora da comunicação durante as atividades.

De modo complementar, a BNCC (Brasil, 2018) enfatiza que a Cultura Corporal de Movimento deve contribuir para a formação crítica e reflexiva dos estudantes, permitindo que compreendam, produzam e ressignifiquem as práticas corporais de forma consciente. Assim, os relatos evidenciam que os esportes de invasão não convencionais contribuíram para ampliar os conhecimentos, as experiências e o envolvimento dos estudantes nas aulas de Educação Física.

A sexta pergunta do questionário diagnóstico final teve como objetivo compreender a percepção dos estudantes em relação à inclusão dos esportes de invasão não convencionais nas aulas de Educação Física, investigando se essa abordagem contribui para tornar as aulas mais interessantes e, quando possível, solicitando que explicassem o porquê dessa opinião. Entre as respostas, escolhemos algumas das mais relevantes:

Estudante 01: “Sim, para que os alunos tenham uma experiência de um esporte que não é muito falado.”

Estudante 04: “Sim. As aulas ficam interessantes por fugirem daquele padrão de jogos praticados, como futebol, basquetebol ou vôlei.

Estudante 14: “Sim, pois são jogos que nós não estamos acostumadas a jogar e isso faz os alunos terem mais interesse.”

Estudante 16: “Sim, pois são esportes que não vemos no nosso dia a dia.”

A análise das respostas dos estudantes evidencia que a inclusão dos esportes de invasão não convencionais nas aulas de Educação Física contribui significativamente para o aumento do interesse e da motivação nas aulas, principalmente por proporcionar vivências diferentes das práticas esportivas tradicionalmente mais presentes no contexto escolar. Os estudantes destacam que a novidade, a ruptura com o padrão e o contato com modalidades pouco conhecidas favorecem maior engajamento e curiosidade durante as aulas.

Dessa forma, os resultados encontrados dialogam com os estudos de Carlan, Kunz e Fensterseifer (2012), ao afirmarem que, ao proporcionar aos alunos novas experiências corporais por meio dos esportes não convencionais, amplia-se o acesso a diferentes saberes específicos, favorecendo um processo de ensino-aprendizagem mais significativo e diversificado. Essa ampliação do repertório corporal contribui para uma formação mais crítica e abrangente dos estudantes, indo além das práticas esportivas hegemônicas.

Conforme a BNCC (Brasil, 2018), a presença de novas práticas esportivas no contexto escolar é fundamental, uma vez que as experiências devem favorecer a fruição, a experimentação e a ludicidade. Assim, observa-se que a proposta de trabalho com esportes de invasão não convencionais está alinhada às orientações curriculares atuais, pois promove maior diversidade de vivências corporais e torna as aulas mais atrativas e significativas para os estudantes.

Na sétima pergunta realizada aos estudantes, buscou-se identificar sugestões para a melhoria da prática e do ensino dos esportes de invasão não convencionais no contexto escolar, a partir das experiências vivenciadas nas aulas de Educação Física.

As percepções dos estudantes revelaram um interesse significativo pelos esportes de invasão não convencionais, evidenciando, simultaneamente, limitações estruturais que dificultam a ampliação dessas práticas na escola. Entre os principais aspectos, destaca-se a necessidade de materiais e equipamentos adequados para a realização das atividades, sendo recorrente a referência à ausência desses recursos e à importância de melhores condições para o desenvolvimento das aulas práticas. Na sequência, destacam-se algumas respostas dos estudantes:

Estudante 01: “A disponibilidade dos materiais e equipamentos para cada esporte.”

Estudante 06: “O governo liberar verba para os materiais adequados para cada esporte.”

Estudante 14: “Ter equipamentos para se consiga praticar esses esportes.”

Estudante 16: “Fornecer equipamentos adequados para a prática desses esportes.”

Dessa forma, a disponibilidade de materiais e a infraestrutura escolar são consideradas elementos essenciais para o desenvolvimento das aulas de Educação Física, pois influenciam tanto o trabalho do professor quanto a participação dos estudantes. Conforme afirma Bracht (2003, p. 39), “a existência de materiais, equipamentos e instalações adequadas é importante e necessária para as aulas de Educação Física, e sua ausência ou insuficiência pode comprometer o alcance do trabalho pedagógico”. Assim, as falas dos estudantes reforçam a importância das condições materiais para a efetivação das práticas e para a ampliação das experiências com os esportes de invasão não convencionais na escola.

Outro ponto frequentemente apontado pelos estudantes refere-se à infraestrutura escolar, especialmente no que diz respeito aos espaços físicos disponíveis. Eles indicam que a quadra e os demais ambientes poderiam ser mais adequados às modalidades trabalhadas, evidenciando a compreensão da relação entre condições estruturais e a qualidade das aulas de Educação Física. Além disso, as respostas revelam o interesse dos alunos pela ampliação da frequência das aulas e pelo aprofundamento dos conteúdos abordados nas aulas.

Entre outras sugestões dos estudantes, está que os esportes de invasão não convencionais sejam trabalhados semanalmente, o que possibilitaria maior familiaridade, motivação e aprendizagem progressiva dessas modalidades. Nesse sentido, os participantes também destacam que o contato contínuo com essas

práticas contribui para o aumento do interesse e do engajamento nas aulas. Na sequência, apresentam-se algumas respostas dos estudantes:

Estudante 20: “Aquisição de equipamentos e mais dias de aulas de educação física.”

Estudante 24: “A procura dos próprios alunos para pedir ao professor diferentes esportes.”

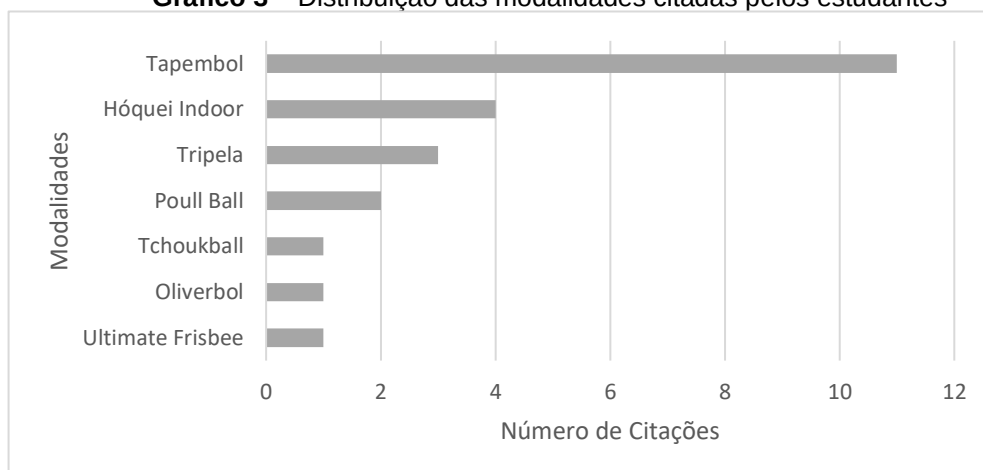
Estudante 26: “Trazer pelo menos uma aula por semana, para os alunos criarem vontade de adquirir o conhecimento e a vontade para aprender esses esportes.”

As evidências encontradas dialogam com os achados de Silva (2020), o qual, ao analisar a implementação de uma unidade didática com esportes não convencionais no município de Mogi Guaçu (SP), identificou aumento significativo na participação e no engajamento dos estudantes. Segundo o autor, a ampliação da frequência e a diversificação das práticas corporais contribuem diretamente para a maior adesão às aulas de Educação Física. Tal evidência relaciona-se às falas dos estudantes desta pesquisa, os quais destacam a necessidade de “mais aulas” e de maior regularidade no desenvolvimento dessas modalidades.

De forma complementar, Souza (2011) indica que os estudantes demonstram elevado interesse por modalidades esportivas não convencionais, o que corrobora as manifestações apresentadas neste estudo, nas quais se observa curiosidade, motivação e disposição para vivenciar diferentes práticas esportivas no contexto escolar. Esses achados evidenciam que a diversificação das experiências pedagógicas contribui para o aumento do interesse dos estudantes.

Nesse contexto, Costa e Dias (2024) destacam que a ausência desses conteúdos no cotidiano das aulas reforça a necessidade de propostas curriculares que favoreçam sua implementação na Educação Física Escolar, evidenciando a importância da ampliação do repertório de práticas corporais no ambiente educativo.

A última questão do diagnóstico final teve como finalidade identificar, entre as modalidades vivenciadas nas aulas, aquela que despertou maior interesse nos estudantes, bem como compreender os motivos associados a essa escolha. Entre os esportes mais citados, o Tapembol destacou-se como a modalidade de maior interesse entre os estudantes, seguido pelo Hóquei Indoor e pela Tripela, enquanto outras modalidades, como Tchoukball, Poull Ball, Frisbee e Oliverbol, foram mencionadas com menor frequência. Como podemos ver no gráfico a seguir:

Gráfico 3 – Distribuição das modalidades citadas pelos estudantes

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Conforme os dados do gráfico, os resultados destacam que a modalidade de Tapembol aparece com maior destaque entre os estudantes, sendo associada à facilidade de aprendizagem, à diversão, à interação entre os colegas, ao estímulo aos reflexos e às semelhanças com esportes já conhecidos, especialmente o futebol. Essa aproximação com práticas corporais já internalizadas pelos alunos contribui para sua rápida apropriação nas aulas de Educação Física. Nesse sentido, Rocha *et al.* (2018) e a BNCC (Brasil, 2018) destacam que modalidades com gestos técnicos mais simples favorecem a inserção no contexto escolar, ampliando a participação dos estudantes e permitindo sua adaptação às diferentes realidades educacionais. Isso demonstra que o Tapembol se consolida como uma prática pedagógica acessível e motivadora para se aplicar no contexto escolar.

Outra modalidade bastante mencionada foi o hóquei, o qual despertou interesse dos estudantes principalmente pela dinâmica do jogo, pelo caráter competitivo e pela oportunidade de vivenciar uma prática pouco comum no ambiente escolar. Além disso, algumas respostas indicam que experiências anteriores e interesses pessoais contribuíram para a identificação com a modalidade, ampliando o engajamento dos estudantes ao longo das aulas. Na sequência, destacam-se alguns comentários dos estudantes:

Estudante 12: “Hóquei. Sempre tive interesse e vontade de jogar; foi uma experiência legal.”

Estudante 22: “Hóquei, pois era algo que eu via nos jogos no Canadá, então foi algo que me trouxe lembranças boas, e é um jogo interessante e com muito impacto.”

Estudante 26: “Frisbee, por ser um esporte em que eu tinha uma base de conhecimento e por ser algo interessante entre todos para aprender.”

Os depoimentos evidenciam que o interesse pela modalidade está relacionado tanto à vivência prática proporcionada nas aulas quanto a referências prévias dos estudantes, o que favorece a identificação e o envolvimento com o conteúdo. Nesse sentido, por se tratar de um esporte coletivo de invasão, disputado em espaço comum e com semelhanças estruturais com modalidades como o futsal, o Hóquei Indoor configura-se como uma alternativa pedagógica viável para o contexto escolar.

Segundo Lima *et al.* (2012) e Pinto (2021), a inserção do Hóquei Indoor nas aulas de Educação Física possibilita o ensino de esportes coletivos não convencionais ainda pouco explorados, promovendo novas vivências corporais e a utilização de diferentes materiais e estratégias pedagógicas. Dessa forma, amplia-se o repertório motor e tático dos estudantes, favorecendo um processo de ensino-aprendizagem mais diversificado e significativo.

O Tripela também foi apontado como uma modalidade atrativa pelos estudantes, principalmente por permitir o uso tanto das mãos quanto dos pés, além de favorecer a construção de estratégias e táticas diversificadas durante o jogo. A familiaridade com esportes como futsal e futebol contribuiu para facilitar a participação e o envolvimento nas atividades. Do ponto de vista pedagógico, a Tripela destaca-se por sua facilidade de implementação e por não exigir adaptações complexas, o que a torna acessível ao contexto escolar.

Entre as modalidades citadas, Tchoukball, Poull Ball, Frisbee e Oliverbol também foram mencionadas pelos estudantes, principalmente por suas características de novidade, ludicidade e diferenciação em relação aos esportes tradicionais. Tais aspectos indicam que a introdução de práticas corporais não convencionais contribui para ampliar o interesse e o envolvimento dos alunos nas aulas de Educação Física.

Diante disso, Gozi e Moraes (2018) destacam que os esportes não convencionais podem favorecer significativamente o engajamento discente, uma vez que possibilitam novas experiências corporais e ampliam o repertório motor dos estudantes. De forma complementar, a BNCC (Brasil, 2018) reforça a importância da diversificação das práticas corporais no ambiente escolar, enfatizando a experimentação, a fruição e a ludicidade como dimensões essenciais do processo de ensino-aprendizagem.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a necessidade de ampliar as possibilidades pedagógicas da Educação Física Escolar e de promover a diversificação dos conteúdos relacionados à Cultura Corporal de Movimento, esta pesquisa analisou a implementação de uma intervenção pedagógica voltada ao ensino dos esportes de invasão não convencionais no Ensino Médio noturno. A partir das evidências produzidas, foi possível compreender as potencialidades, os desafios e as contribuições dessa proposta para a aprendizagem dos estudantes e para o aprimoramento das práticas pedagógicas desenvolvidas nesse contexto.

A caracterização do grupo investigado permitiu compreender aspectos sociais, familiares e laborais presentes na realidade dos estudantes do Ensino Médio noturno, contribuindo para a interpretação dos resultados e para a organização da intervenção pedagógica. Embora a maioria dos participantes conciliasse estudo e trabalho, observou-se também que os estudantes, em sua maioria, eram solteiros e residiam com seus familiares, indicando um contexto de vida marcado pela conciliação entre as atividades escolares e laborais.

A condição de estudantes trabalhadores, especialmente entre aqueles que relataram jornadas superiores a 30 horas semanais, foi considerada na organização da intervenção, sobretudo na escolha de estratégias que favorecessem a participação, a interação e o envolvimento nas aulas. Dessa forma, foram priorizadas atividades práticas, dinâmicas e diversificadas, possibilitando aos estudantes vivenciar diferentes esportes de invasão não convencionais no decorrer da intervenção.

Esse perfil também possibilitou analisar os resultados considerando as experiências cotidianas dos participantes e o contexto em que as aulas foram desenvolvidas. Nesse cenário, a inserção de esportes de invasão não convencionais ampliou as possibilidades de vivências esportivas e favoreceu a participação dos estudantes, contribuindo para diversificar o repertório de práticas corporais no Ensino Médio noturno.

Embora os participantes demonstrassem um repertório amplo em práticas esportivas convencionais, reflexo da cultura local, observou-se abertura para a aquisição de novos conhecimentos. Nesse contexto, os estudantes manifestaram curiosidade em ampliar suas experiências motoras, reconhecendo as modalidades

não convencionais como uma oportunidade legítima de diversificação das práticas corporais no ambiente escolar.

A implementação da proposta permitiu verificar o alcance dos objetivos da pesquisa, evidenciando o potencial pedagógico dos esportes de invasão não convencionais no contexto da Educação Física Escolar. Entre os principais resultados, destacou-se o interesse e a participação ativa dos estudantes, especialmente daqueles que, nas modalidades tradicionalmente desenvolvidas nas aulas, tendem a assumir um papel menos expressivo. Esse resultado indica que a diversificação dos conteúdos esportivos pode favorecer maior participação dos estudantes, ampliando as oportunidades de envolvimento durante as aulas.

Outro aspecto relevante foi a elevada aceitação das modalidades propostas. A ludicidade e a dinâmica de esportes como Tapembol, Poull Ball e Oliverbol foram frequentemente descritas pelos estudantes como "divertidas" e "empolgantes", indicando que a inserção de práticas pouco convencionais despertou o interesse da turma e contribuiu para romper com a predominância do tradicional "quarteto fantástico" (futsal, voleibol, basquetebol e handebol), historicamente presente nas aulas de Educação Física. Esse resultado reforça a importância da ampliação do repertório esportivo como estratégia para diversificar os conteúdos e proporcionar novas experiências de aprendizagem aos estudantes.

Destacou-se, ainda, o engajamento dos estudantes com os recursos didáticos utilizados ao longo da intervenção. A curiosidade despertada pelos vídeos, slides e demais momentos teóricos refletiu-se diretamente nas vivências práticas, evidenciando que a articulação entre conteúdos conceituais e procedimentais favoreceu a aprendizagem das modalidades propostas. Essa organização pedagógica possibilitou que os estudantes compreendessem, de forma progressiva, os objetivos, as regras, os fundamentos e a lógica de funcionamento de cada esporte antes da realização das atividades práticas, promovendo maior segurança e participação durante as aulas.

Nesse processo, as rodas de conversa e os momentos de feedback constituíram importantes espaços de socialização das experiências e de reflexão sobre as vivências realizadas, contribuindo para a consolidação dos conhecimentos construídos ao longo da intervenção. Dessa forma, a integração entre momentos teóricos, práticos e reflexivos demonstrou-se uma estratégia relevante para favorecer uma aprendizagem mais significativa, aproximando os estudantes de modalidades

esportivas pouco exploradas no contexto escolar e ampliando suas possibilidades de participação e compreensão das diferentes manifestações da Cultura Corporal de Movimento.

Entretanto, a intervenção também revelou limitações, especialmente quanto ao tempo reduzido para a vivência prática. Conforme registros em diário de campo, os estudantes indicaram que um maior número de aulas semanais permitiria aprofundar os conhecimentos. Além disso, por se tratar de modalidades novas, a compreensão das regras exigiu reforços constantes. No Tapembol, por exemplo, a tendência de “segurar” a bola, comportamento característico do handebol, mas proibido nessa modalidade, levou o professor-pesquisador a realizar interrupções frequentes para orientações e correções.

Além desses desafios, destacam-se também os aspectos estruturais e climáticos, que impuseram obstáculos adicionais durante a pesquisa. Os registros do diário de campo evidenciaram episódios em que fortes chuvas alagaram a quadra, em razão de suas laterais abertas, exigindo que o professor e estudantes realizassem a retirada da água antes do início das aulas. Apesar dessas dificuldades, as atividades transcorreram com participação e envolvimento dos estudantes, demonstrando o potencial da proposta mesmo diante das limitações estruturais encontradas.

Outro fator limitante refere-se à ausência de materiais oficiais para determinadas modalidades, o que exigiu do professor-pesquisador adaptações de equipamentos, como a confecção de tacos para o Hóquei Indoor, a utilização de caixas e mesas, além do uso de bolas de iniciação de borracha. Embora essas adaptações se apresentassem como alternativas pedagogicamente viáveis, geraram dificuldades relacionadas ao controle da bola, especialmente em razão das diferenças de peso e textura em comparação aos materiais oficiais, principalmente durante as vivências do Tapembol.

No que se refere aos aspectos técnico-táticos, observou-se que, ao longo das aulas e dos apontamentos dos estudantes, persistiram dificuldades relacionadas à compreensão e à aplicação da lógica interna dos esportes de invasão. Muitos participantes apresentaram dificuldades em se desmarcar e criar linhas de passe, permanecendo frequentemente aglomerados em torno da bola. Além disso, verificou-se limitação no uso da mão não dominante para a realização de passes e conduções, especialmente nas modalidades que exigiam maior coordenação motora específica, o

que demandou maior repetição, orientação e adaptação durante as atividades propostas.

Esses resultados evidenciam que tais dificuldades não podem ser compreendidas apenas em função do curto período de intervenção, mas também como reflexo de aprendizagens que não foram suficientemente consolidadas ao longo da trajetória escolar. A ausência ou a limitada oferta de experiências voltadas ao desenvolvimento de habilidades motoras fundamentais e de conhecimentos técnico-táticos pode repercutir posteriormente na participação dos estudantes em diferentes práticas corporais. Aspectos como a ocupação dos espaços de jogo, a criação de linhas de passe, a tomada de decisão e a utilização bilateral dos segmentos corporais constituem aprendizagens importantes para a participação nos esportes coletivos e requerem um trabalho contínuo e progressivo nas aulas de Educação Física.

Os resultados da avaliação diagnóstica realizada nesta pesquisa também contribuem para compreender esse cenário, ao evidenciarem que as vivências esportivas dos estudantes estiveram predominantemente concentradas nas modalidades tradicionais, limitando as oportunidades de contato com diferentes práticas esportivas e de desenvolvimento de habilidades motoras e conhecimentos técnico-táticos diversificados. Esse histórico de experiências restritas pode ajudar a compreender a permanência de algumas dificuldades identificadas durante a intervenção, mesmo diante do interesse e do envolvimento demonstrados pelos participantes.

Nesse contexto, o tempo destinado à intervenção mostrou-se suficiente para promover avanços na compreensão das modalidades, no envolvimento dos estudantes e na ampliação do repertório esportivo, mas limitado para promover mudanças mais consistentes em aprendizagens técnico-táticas que demandam continuidade e um trabalho progressivo ao longo da trajetória escolar. Os achados, portanto, apontam para a importância de que a Educação Física Escolar desenvolva, desde os anos iniciais e de maneira progressiva, experiências diversificadas que possibilitem a consolidação das habilidades motoras fundamentais, dos conhecimentos técnico-táticos e da compreensão da lógica dos jogos. Dessa forma, dificuldades não trabalhadas ou insuficientemente desenvolvidas em etapas anteriores podem ser retomadas e aprofundadas ao longo da escolarização, evitando que permaneçam até o Ensino Médio.

Com base nos resultados obtidos ao longo da pesquisa e na elaboração do produto educacional, conclui-se que a intervenção pedagógica implementada contribuiu para ampliar as possibilidades de ensino da Educação Física no Ensino Médio noturno. Ao inserir os esportes de invasão não convencionais no contexto escolar, a intervenção favoreceu o acesso dos estudantes a novas experiências de aprendizagem, ampliou seus conhecimentos acerca de modalidades esportivas pouco exploradas e contribuiu para a diversificação das práticas corporais desenvolvidas nas aulas.

Embora a literatura frequentemente aponte desafios para o desenvolvimento da Educação Física no Ensino Médio noturno, como a baixa participação dos estudantes em decorrência da jornada de trabalho, do cansaço e da desmotivação, esses aspectos não se evidenciaram de forma significativa no contexto desta pesquisa. Ao longo da intervenção, observou-se elevada participação e envolvimento dos estudantes nas atividades propostas, demonstrando que o contexto do Ensino Médio noturno não constituiu um fator limitador para a aprendizagem e para o desenvolvimento da proposta pedagógica.

Desse modo, os resultados evidenciam o potencial dessa abordagem para superar a predominância dos esportes tradicionalmente presentes no ambiente escolar, ampliar as possibilidades de aprendizagem e participação dos estudantes nas aulas de Educação Física e demonstram que, quando as práticas pedagógicas são contextualizadas, diversificadas e significativas, o Ensino Médio noturno pode constituir um espaço fértil para o desenvolvimento de experiências educativas de qualidade.

A partir dos resultados apresentados, conclui-se que a inserção dos esportes de invasão não convencionais nas aulas de Educação Física contribuiu para a ampliação dos conhecimentos, das vivências corporais e do interesse dos estudantes pela unidade didática. As respostas demonstraram que os participantes compreenderam as características dessas modalidades, reconheceram suas diferenças em relação aos esportes tradicionais e valorizaram a oportunidade de experimentar práticas pouco presentes no contexto escolar.

Além disso, os relatos indicaram que a proposta favoreceu a interação entre os estudantes, a motivação, o engajamento e a diversificação dos conteúdos desenvolvidos nas aulas, mesmo diante de desafios relacionados à infraestrutura e à disponibilidade de materiais. Dessa forma, a intervenção pedagógica mostrou-se

relevante para a ampliação do repertório da cultura corporal dos estudantes, reforçando a importância da inserção de práticas corporais diversificadas e significativas no contexto da Educação Física Escolar.

Em síntese, as evidências produzidas ao longo da intervenção pedagógica indicam que, apesar das limitações estruturais e das dificuldades técnicas iniciais, a proposta desenvolvida cumpriu seu papel de ampliar as experiências relacionadas à Cultura Corporal de Movimento. A resistência inicial dos estudantes em relação aos momentos teóricos foi gradativamente superada pela motivação despertada nas vivências práticas, evidenciando que a diversificação dos conteúdos nas aulas de Educação Física, por meio dos esportes de invasão não convencionais, mostra-se não apenas possível, mas também necessária para ampliar o interesse e a participação dos estudantes no contexto escolar.

Dessa forma, espera-se que os resultados deste estudo e a unidade didática proposta contribuam para o fortalecimento e a inovação das práticas pedagógicas na Educação Física Escolar. Ao oferecer subsídios para a inserção de novos saberes, este trabalho reafirma o compromisso com uma formação integral e significativa, servindo como referência para futuras pesquisas e intervenções pedagógicas sobre a temática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, D. I. P.; DEL-MASSO, M. C. S. (Org.). **Desafios da Educação Física Escolar**: temáticas da formação em serviço no ProEF. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. 170 p. (Coleção IEP3, nº 8). Disponível em: <<http://acervodigital.unesp.br/handle/unesp/381384>>. Acesso em: 06 jun. 2024.

ALCALÁ, David Hortigüela; PUEYO, Angel Pérez; GARIJO, Alejandra Hernando. Colpbol y Tripela: dos deportes colectivos inversos pero similares. **Tándem**: didáctica de la educación física, 2017, n. 58, P. 79-80. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/David-HortigueelaAlcala2/publication/320183377_IDEAS_PRACTICAS_MATERIALES_A_EXAMEN_IDEAS_PRACTICAS/links/59d3607c0f7e9b4fd7ff96e4/IDEASPRACTICA-S-MATERIALES-A-EXAMEN-IDEAS-PRACTICAS.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2025

ALMEIDA, M. A. B. de; GUTIERREZ, G. L. Esporte e sociedade. **Lecturas**: Educación Física y Deportes, EFDeportes.com, Revista Digital, Buenos Aires, v. 14, n. 133, jun. 2009. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd133/esporte-e-sociedade.htm>>. Acesso em: 23 ago. 2025.

ALVES, F. S. **Métodos de avaliação nas aulas de Educação Física no primeiro segmento do Ensino Fundamental**. 146 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2020. Número de volumes ou folhas. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/0c34da89-8817-4ffd-8113-ccffac581665/content>>. Acesso em: 20 ago. 2024.

AMARO, I. C. **Tomada de decisão nos esportes coletivos e implicações para a Educação Física Escolar**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física). Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/20400/1/2016_IzabelaCostaAmaro_tcc.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2024.

AMOROSO, J. **Ultimate at Schools Programme Teacher's File**. Colorado Springs: World Flying Disc Federation (WFDF), 2020. Disponível em: <https://wfd.f.org/wp-content/uploads/2020/10/ebookprint_ultimate_final_version-2-1.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2026.

ARAÚJO, Samuel Nascimento. **O ensino do handebol por meio de jogos reduzidos (jogo possível)**. In: VII CONGRESSO SULBRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2014, Matinhos. Anais [...]. Matinhos: Secretarias do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul), 2014. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/7csbce/2014/paper/view/5895/3140>>. Acesso em: 10 dez. 2025.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISA. **Alterações na aplicação do Critério Brasil**. São Paulo: ABEP, 2022. Alterações na aplicação do Critério Brasil. Disponível em: <<https://www.abep.org/criterio-brasil>>. Acesso em: 01 mai. 2025.

AUGUSTO, C. A.; SOUZA, J. P. de; DELLAGNELO, E. H. L.; CARIO, S. A. F. Pesquisa Qualitativa: rigor metodológico no tratamento da teoria dos custos de transação em artigos apresentados nos congressos da Sober (2007-2011). **Rev. Econ. Sociol. Rural** 51 (4), p. 745-764, dez. 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-20032013000400007>>. Acesso em: 06 jun. 2024.

BAIA, A. C.; MACHADO, R. B.; BONIFÁCIO, I. M. Futebol americano e beisebol em aulas de educação física: experiências em debate. **Iniciação & Formação Docente**, [S.l.], v. 2, n. 2, 2016. DOI: 10.18554/iufd.v2i2.1540. Disponível em: <<https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/revistagepadle/article/view/1540>>. Acesso em: 06 jun. 2024.

BARBOSA, L. M.; OLIVEIRA, R. P.; AWAD, H. Z. A. Educação Física no período noturno: a percepção de professores e alunos de colégios públicos da cidade de Cascavel/PR. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, v. 15, n. 1, p. 77-85, 2016. Disponível em: <https://fontouraeditora.com.br/periodico/public/storage/articles/1227_1505306951.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2025.

BARROSO, A. L. R.; DARIDO, S. C. Compreensão e avaliação de um modelo de classificação do esporte na educação física escolar: visão de professores. **Conexões**, Campinas, SP, v. 17, p. e019011, 2019. DOI: 10.20396/conex.v17i0.8654139. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8654139>>. Acesso em: 08 jun. 2024.

BARROSO, A. L. R. Inquietações no tratamento do esporte na Educação Física escolar. In: ALBUQUERQUE, D. I. P.; DEL-MASSO, M. C. S. (org.). **Desafios da Educação Física Escolar**: temáticas da formação em serviço no ProEF. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 83-104. Disponível em: <<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/381384/4/0008-unesp-iep3-livro-desafios-educacao-fisica-escolar-proef-15032021.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2025.

BARROS, P. M.; REIS, F. P. G. dos. Uma proposta de sistematização dos esportes não convencionais para as aulas de Educação Física das séries iniciais do ensino fundamental: o caso do tênis. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, EFDeportes.com, Revista Digital, Buenos Aires, v. 18, n. 186, p. 1-10, nov. 2013. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd186/proposta-dos-esportes-ano-convencionais.htm>>. Acesso em: 25 jun. 2025.

BETTI, M. **Educação Física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

BETTI, M.; ZULIANI, L. R. Educação Física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 1, n. 1, p. 73-81, 2002. Disponível em: <<https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/1363>>. Acesso em: 1 ago. 2025.

BOLONHINI, Sabine Zink; PAES, Roberto Rodrigues. A PROPOSTA PEDAGÓGICA DO TEACHING GAME FOR UNDERSTANDING: REFLEXÕES SOBRE A INICIAÇÃO

ESPORTIVA. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 12, n. 2, 2009. DOI: 10.5216/rpp.v12i2.5694. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/fef/article/view/5694>>. Acesso em: 20 mar. 2026.

BORGES, R. M. Ultimate Frisbee. In: GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. (Org.). **Esportes de Invasão**: Basquetebol-Futebol-Futsal-Handebol-Ultimate Frisbee. Maringá: Eduem, 2017. p. 443-528. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/170984/001055489.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 27 mai. 2025.

BOSCATTO, J. D.; IMPOLCETTO, F. M.; DARIDO, S. C. A Base Nacional Comum Curricular: uma proposição necessária para a Educação Física?. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 96-112, 2016. DOI: 10.5007/2175-8042.2016v28n48p96. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2016v28n48p96>>. Acesso em: 1 ago. 2025.

BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 19, n. 48, p. 69-88, ago. 1999. DOI: 10.1590/S0101-32621999000100005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/3NLKtc3KPprBBcvgLQbHv9s/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 18 ago. 2025.

BRACHT, V. **A educação física escolar no Brasil**: o que ela vem sendo e o que pode ser (elementos de uma teoria pedagógica para a educação física). Ijuí: Editora Unijuí, 2019. 256 p. (Coleção Educação Física).

BRACHT, V. **A Educação Física no Ensino Fundamental**. 2010. In: SEMINÁRIO NACIONAL, : CURRÍCULO EM MOVIMENTO, 1., 2010, Belo Horizonte Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7170-3-6-educacao-fisica-ensinofundamental-walter-bracht/file>. Acesso em: 28 ago. 2025.

BRACHT, V. A Educação Física no Ensino Fundamental. In: I Seminário Nacional do Currículo em Movimento, 1., 2010, Belo Horizonte. **Anais** [...]. Brasília, DF: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7170-3-6-educacao-fisica-ensino-fundamental-walter-bracht/file>. Acesso em: 28 ago. 2025.

BRACHT, V. **Educação física e aprendizagem social**. 2. ed. Porto Alegre: Magister, 1997.

BRACHT, V. Esporte na escola e esporte de rendimento. **Movimento**, [S. l.], v. 6, n. 12, p. XIV-XXIV, 2000. DOI: 10.22456/1982-8918.2504. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2504>>. Acesso em: 23 jul. 2025.

BRACHT, Valter. **A educação física escolar no Brasil**: o que ela vem sendo e o que pode ser (elementos de uma teoria pedagógica para a educação física). Ijuí: Editora Unijuí, 2019. 256 p. (Coleção Educação Física).

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução. 3. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005. 136 p. (Coleção Educação Física). Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/webby/up/73/o/Texto_01_Sociologia_Crtica_do_Esporte_-_Valter_Bracht.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2025.

BRACHT, V.; PIRES, R. M. da S.; SOFISTE, A. F.; GARCIA, S. P.; ALMEIDA, F. Q.; CUNHA E SILVA, E. B.; ANGELI, E. N.; SILVA, M. S. Itinerários da Educação Física na Escola: O caso do Colégio Estadual do Espírito Santo. **Movimento**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 9–21, 2005. DOI: 10.22456/1982-8918.2859. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2859>>. Acesso em: 15 set. 2024.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; BORGES, Maristela Correa. A pesquisa participante: um momento da educação popular. **Rev. Ed. Popular**, Uberlândia, v. 6, n. 1, p. 51-62, jan./dez. 2007. DOI: <https://doi.org/10.14393/REP-2007-19988>. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/19988/10662>. Acesso em: 20 jun. 2026.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 04 jun. 2024.

BRASIL. Lei nº 10.328, de 12 de dezembro de 2001. Introduz a palavra "obrigatório" após a expressão "curricular", constante do § 3º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 13 dez. 2001. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LEIS_2001/L10328.htm>. Acesso em: 20 jun. 2025.

BRASIL. Lei nº 10.793, de 1º de dezembro de 2003. Altera a redação do art. 26, § 3º, e do art. 92 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências. Brasília, DF: **Diário Oficial da União**, 2003. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2003/lei-10793-1-dezembro-2003-497217-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 10 jul. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Base Nacional Comum Curricular** (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC, 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998. 114 p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/fisica.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2024.

CARLAN, P.; KUNZ, E.; FENSTERSEIFER, P. E. O Esporte como conteúdo da Educação Física Escolar: Estudo de Caso de uma prática pedagógica "inovadora". **Movimento**, [S. l.], v. 18, n. 4, p. 55–75, 2012. DOI: 10.22456/1982-8918.29643. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/29643>>. Acesso em: 6 jan. 2025.

CARVALHO, A. do S. F. de et al. Esportes de invasão na educação física conforme a BNCC: uma revisão integrativa. In: **Challenges and Research in Health Sciences: A Multidisciplinary Approach**. [S. l.]: Seven Editora, 2024. p. 247-266. DOI: 10.56238/sevened2024.012-021. Disponível em: <<https://sevenpubl.com.br/editora/article/view/4581>>. Acesso em: 10 ago. 2025.

CARVALHO, J. D. O ensino de história no período noturno. **Educação**, Santa Maria, v. 32, n. 1, p. 221-240, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/670>>. Acesso em: 23 jun. 2025.

CARVALHO, J. P. X.; BARCELOS, M.; MARTINS, R. L. D. R. Infraestrutura escolar e recursos materiais: desafios para a educação física contemporânea. **Humanidades & Inovação**, v. 7, n. 10, p. 218-237, 2020. Disponível em: <<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2917>>. Acesso em: 18 ago. 2025.

CASARIN, R. V.; REVERDITO, R. S.; GREBOGGY, D. L.; AFONSO, C. A.; SCAGLIA, A. J. Modelo de jogo e processo de ensino no futebol: Princípios globais e específicos. **Movimento**, [S. l.], v. 17, n. 3, p. 133–152, 2011. DOI: 10.22456/1982-8918.16302. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/16302>>. Acesso em: 16 jul. 2025.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação física no Brasil: a história que não se conta**. 18. ed. Campinas: Papirus, 2010. E-book. Disponível em: <<https://plataforma.bvirtual.com.br>>. Acesso em: 15 ago. 2024.

CASTELLANI FILHO, L. **Política educacional e educação física**. Campinas: Autores Associados, 1998. Disponível em: <https://www.academia.edu/32205696/POL%C3%8DTICA_EDUCACIONAL_E_EDUCAC%C3%87%C3%83O_F%C3%8DSICA>. Acesso em: 01 ago. 2025.

CASTRO, S. P. de; PINTO, M. N.; LIMA, R. A. O trabalho versus estudo: desafios enfrentados no ensino médio no Alto Solimões, Amazonas, Brasil. **Humanidades e Inovação**, v. 8, n. 55, p. 218-237, 2021. Disponível em: <<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/3355>>. Acesso em: 01 ago. 2025.

CHIÉS, P. V.; LEITE, A. C.; MAGRI, G. S. G. Ainda esporte, que bom! mas sob outro olhar!: A tematização dos “esportes alternativos” na formação inicial de professores/as de educação física. **Ensaio Pedagógicos**, v. 8, n. 1, p. 35-44, 2024. DOI: 10.14244/enp.v8i1.310. Disponível em: <<https://www.ensaio pedagogicos.ufscar.br/index.php/ENP/article/view/310>>. Acesso em: 06 jun. 2024.

COLÉGIO ESTADUAL CRISTO REI. **Projeto político-pedagógico**. Pato Branco, PR, 2023. Disponível em: <<https://www.sed.pr.gov.br/>>. Acesso em: 01 ago. 2025.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2009.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

COSTA, A. V.; DIAS, M. F. S.; FARIAS, C. W. F.; BOSQUE, R. M. Tapembol na universidade: aspectos históricos. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, v. 16, n. 2, p. e3507, 2024. DOI: 10.55905/cuadv16n2-124. Disponível em: <https://ojs.cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/article/view/3507>. Acesso em: 15 dez. 2025.

COSTA, A. V.; DIAS, M. F. S. Oliverbol: de esporte escolar a uma categorização não tradicional. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 32, n. 1, e14514, 2024. Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rbcm/article/view/14514>>. Acesso em: 08 abr. 2025.

COSTA NETO, J. V. da; SANTOS, S. dos. A reinvenção dos esportes alternativos nas aulas de educação física. **Revista Mineira de Educação Física**, Viçosa, v. 20, n. 1, p. 682-692, 2012.

CRESWELL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**: escolhendo entre cinco abordagens. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

CUPERTINO, J. C.; SANTOS, D. S. dos; PAIXÃO, J. A. da. Infraestrutura escolar e condições de trabalho docente: percepções de professores de Educação Física da cidade de Viçosa, Minas Gerais. **Revista Ponto de Vista**, v. 13, n. 3, p. 01–20, 2024. DOI: 10.47328/rpv.v13i3.19106. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RPV/article/view/19106>. Acesso em: 18 ago. 2025.

DAMIANI, M. F.; ROCHEFORT, R. S.; CASTRO, R. F. DE; DARIZ, M. R.; PINHEIRO, S. S. Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica. **Cadernos de Educação**, n. 45, p. 57-67, 1 out. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/caduc/article/view/3822/3074>. Acesso em: 20 jun. 2026.

DAÓLIO, J. **Educação Física e o conceito de cultura**. Campinas: Autores Associados, 2004.

DARIDO, S. C. Educação física na escola: conteúdos, suas dimensões e significados. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Pró-Reitoria de Graduação (Prograd). **Caderno de formação**: formação de professores didática geral. v. 16. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 51-75. Disponível em: <<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/41549/1/01d19t03.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2025.

DARIDO, S. C. **Educação Física na escola**: questões e reflexões. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

DARIDO, S. C.; GALVÃO, Z.; FERREIRA, L. A.; FIORIN, G. Educação física no ensino médio: reflexões e ações. **Motriz**, v. 5, n. 2, p. 138-145, dez. 1999. Disponível em:

<<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/8728>>. Acesso em: 31 jul. 2025.

DARIDO, S. C. (Org.). **Educação Física no Ensino Médio: diagnóstico, princípios e práticas**. Ijuí: Unijuí, 2017.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. 292 p.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação física na escola**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005 (Coleção Educação Física no Ensino Superior).

DAYRELL, JUAREZ. O ensino médio no Brasil e seus desafios: o que dizem os jovens sobre os processos de exclusão escolar. **Linguagens, Educação e Sociedade**, [S. l.], n. 29, p. 77–102, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufpi.br/index.php/lingedusoc/article/view/1343>>. Acesso em: 4 dez. 2025.

DUMKE, A. P. de O.; GINCIENE, G.; BORGES, R. M. O ensino dos esportes de invasão na Educação Física escolar: relação entre as tarefas e as intervenções dos professores com o papel dos alunos. **Educación Física y Ciencia**, v. 23, n. 1, e165, p. 01-12, 2021. DOI: 10.24215/23142561e165. Disponível em: <<https://efyc.fahce.unlp.edu.ar/article/view/EFyCe165/13919>>. Acesso em: 03 ago. 2025.

ESPINDULA, Brenda (Org.). **Políticas de esporte para a juventude: contribuições para o debate**. 1. ed. São Paulo: Centro de Estudos e Memória da Juventude; Instituto Pensarte, 2009. Disponível em: https://www.academia.edu/27706199/Pol%C3%ADticas_de_esporte_para_a_juventude. Acesso em: 29 jul. 2025.

FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE HOCKEY. **History of Hockey**. Disponível em: <http://www.fih.ch/hockey-basics/history/>. Acesso em: 10 dez. 2025.

FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE TCHOUKBALL. **Les Règles du Tchoukball**. 2011. Disponível em: <https://fitb.org/regulations/7-rules/8-tchoukball-rules>. Acesso em: 17 dez. 2025.

FELTRIN, Douglas Alexandre. **O processo de confecção e utilização de materiais alternativos na escola: uma pesquisa-ação com professores de Educação Física**. 2023. Dissertação (Mestrado) – Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF), Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ)/Universidade Estadual Paulista (UNESP), Ijuí, RS, 2023. Disponível em: <<https://www.unijui.edu.br/estude/mestrado-e-doutorado/mestrado-profissional-em-rede-educaco-fsica-proef-333>>. Acesso em: 25 abr. 2026.

FERMINO, P. H. D.; FERMINO, R. dos S. **A inclusão do tema esportes alternativos em aulas de educação física na rede pública de ensino do estado de São Paulo**. In: Anais do VII Seminário de Metodologia de Ensino de Educação Física. Universidade de São Paulo (USP), jul. 2018. Disponível em: <https://www.gpef.fe.usp.br/semef2018/Posteres/pamela_fermino.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2025.

FERNANDES, M. de M.; STROHSCHOEN, A. A. G. O lugar da educação física no ensino médio: estado da arte 2013 a 2023. **Educação em Foco**, [S. l.], v. 28, n. 54, p. 1–31, 2025. DOI: 10.36704/eef.v28i54.8033. Disponível em: <<https://revista.uemg.br/educacaoemfoco/article/view/8033>>. Acesso em: 1 ago. 2025.

FERREIRA, A. F.; RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. Perfil dos alunos do Ensino Médio e suas implicações para a Educação Física. In: DARIDO, S. C. (Org.). **Educação Física no Ensino Médio**: diagnóstico, princípios e práticas (Coleção Educação Física e Ensino). Ijuí: Ed. Unijuí, 2017.

FERREIRA, H. S.; SAMPAIO, J. J. C. Tendências e abordagens pedagógicas da Educação Física escolar e suas interfaces com a saúde. **Lecturas: Educación Física y Deportes** (EFdeportes), Revista Digital, Buenos Aires, v. 18, n. 182, jul. 2013. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd182/tendencias-pedagogicas-da-educacao-fisica-escolar.htm>>. Acesso em: 14 ago. 2024.

FINCK, S. C. M. **A Educação Física e o esporte na escola**: cotidiano, saberes e formação. 2. ed. Curitiba: Ibepex, 2011. 139 p.

FINCO, David M.; ALVES DE SOUZA, Anderson. Jogando, interagindo e aprendendo: conexões interdisciplinares entre a prática esportiva do hóquei indoor e a língua inglesa: Playing, interacting and learning: connections between the practice of indoor hockey and the English language. **Revista Cocar**, [S. l.], v. 19, n. 37, 2023. Disponível em: <<https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/6903>>. Acesso em: 7 dez. 2025.

FINCO D. D. (Org.). **Manual do professor de hóquei sobre grama e indoor**. 2015. Disponível em: <<http://www.hoqueisobregrama.com.br/wp-content/uploads/2015/08/Manual-do-professor-de-Ho-quei-sobre-grama.pdf>>. Acesso em: 7 dez. 2025.

FINCO, M. D.; MACIEL, J. da S. Kabaddi na escola: conteúdo de ensino para professores de educação física. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 23, 2020. DOI: 10.5216/rpp.v23.60983. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/fef/article/view/60983>>. Acesso em: 22 jun. 2025.

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009. 164 p.

FRANCO, C.; SILVA, C. **Uma perspectiva para os esportes não convencionais na escola**: Ultimate Frisbee, Tag Rugby e Tchoukball. In: Anais do Encontro Internacional Virtual EDUCA, 19, 2018, Salvador. Salvador: Virtual Educa, 2018. Disponível em:

<https://apppublico.com.br/educacao_cristais/pdf/20201102213302_EF%207%20E%208%20ARTIGO.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2025.

FREITAS, F. J. P. de. **A Educação Física no Ensino Médio Noturno: composições da docência no terceiro tempo**. 133 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2021. Disponível em:

<<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/235169/001137469.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 10 jul. 2025.

FREITAS, M. C. de. **Abordagens Pedagógicas no Ensino da Educação Física pós década de 1970: caderno temático**. Tapejara-PR: Governo do Estado do Paraná, 2008. Disponível em:

<<https://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2148-6.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2025.

FRIEDERICH, B.; CASTRO, H. O.; LEONARDI, T. J.; ROTHER, R. L.; COSTA, G. D. C. T.; LAPORTA, L. I. **Utilização dos jogos reduzidos como estratégia de ensino do voleibol na escola: uma revisão narrativa**. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, v. 27, n. 291, p. 169–181, 2022. Disponível em: <https://efdeportes.com/efdeportes/index.php/EFDeportes/article/view/3315?utm_source=chatgpt.com#google_vignette>. Acesso em: 10 abr. 2026.

GIGLIO, S.S. Tchoukball: Que esporte é esse? **Cadernos de Formação RBCE**. Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 56-68, jan. 2011. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/1208> . Acesso em: 17 dez. 2025.

GIL, A. C. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Rio de Janeiro: Atlas, 2021. E-book. p. 174. ISBN: 9786559770496. Disponível em: <<https://app.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786559770496/>>. Acesso em: 08 abr. 2025.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**, 7. ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2019. E-book. p. 137. ISBN: 9788597020991. Disponível em: <<https://app.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788597020991/>>. Acesso em: 08 abr. 2025.

GONÇALVES, C. C. B. **O uso de aspectos da gamificação para o ensino dos esportes de invasão: uma experiência no ensino fundamental II**. 2019. 39 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/items/b90b1f57-8659-4a02-964a-e245ca1164c1>>. Acesso em: 14 ago. 2025.

GONZÁLEZ, F. J.; BRACHT, V. **Metodologia do ensino dos esportes coletivos**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2012.

GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. de. **Esportes de invasão: basquetebol-futebol-futsal-handebol-ultimate frisbee**. 2. ed. Maringá: Eduem, 2017. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/170984/001055489.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 20 jun. 2024.

GONZÁLEZ, F. J. **Educação Física Escolar: entre a “rola bola” e a renovação pedagógica**. Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF, 2018. Disponível em: <https://edutec.unesp.br/moodle/pluginfile.php/138450/mod_resource/content/3/texto_para_impressao.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2018.

GONZÁLEZ, F. J.; *et al.* **Sentidos e significados do ensino do esporte na Educação Física escolar: deslocamentos históricos e proposições contemporâneas**. In: MARINHO, A.; NASCIMENTO, J. V. do; OLIVEIRA, A. A. B. Legado do Esporte Brasileiro. Florianópolis: Ed. da UDESC, 2014. p. 121-162.

GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não lugar da EF escolar II. **Cadernos de Formação RBCE**, v.1, n.2, p. 10-21, 2010.

GONZÁLEZ, F. J.; FRAGA, A. B. **Referencial Curricular de Educação Física**. In: Rio Grande do Sul. Secretaria de Estado da Educação. Departamento Pedagógico (Org.). Referenciais Curriculares do Estado do Rio Grande do Sul – Lições do Rio Grande: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Porto Alegre: Secretaria de Estado da Educação do Rio Grande do Sul, 2009a, v. II., p. 113-181.

GONZÁLEZ, F. J. **Projeto curricular e educação física: o esporte como conteúdo escolar**. In: REZER, R. (Org.). O fenômeno esportivo: ensaios crítico-reflexivos. Chapecó: Argos, 2006. p. 69-109. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/316663429_Sistema_de_classificacao_dos_esportes>. Acesso em: 20 jun. 2025.

GONZÁLEZ, F. J. Sistema de classificação de esportes com base nos critérios: cooperação, interação com o adversário, ambiente, desempenho comparado e objetivos táticos da ação. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, EFDeportes.com, Revista Digital Buenos Aires, v. 10, n. 71, abr. 2004. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd71/esportes.htm>>. Acesso em: 07 jun. 2024.

GOZI, P. R. B. & MORAES, J. C. P. A importância da Educação Física na visão dos alunos de uma escola pública. Margens – **Revista Interdisciplinar**, v. 19, n. 12, p. 24-36, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufpa.br/server/api/core/bitstreams/ad06d08e-bde5-4397-ad94-5eb30cd6f9a7/content>>. Acesso em: 20 dez. 2025.

GRIPA, Denis William; RITTER, Hioná Benetti. Tchoukball: problematizando relações sociais a partir da prática esportiva. **Revista Viver IFRS**, [S. l.], v. 9, n. 9, p. 149–152, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/ViverIFRS/article/view/4712>>. Acesso em: 17 dez. 2025.

IMPOLCETTO, F. M.; DARIDO, S. C. **Educação Física como componente curricular da Educação Básica: Aspectos legais.** Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF, 2018. Disponível em: <https://edutec.unesp.br/moodle/pluginfile.php/138452/mod_resource/content/1/texto_para_impressao.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2018

JÚNIOR, A. E. B. Educação física escolar no Brasil e seus resquícios históricos. **Revista de educação do IDEAU**, [S. l.], v. 6, n. 13, p. 1-15, 11 jan. 2011. Disponível em: <https://www.caxias.ideau.com.br/wpcontent/files_mf/3587884b5e26c5e9474b4e37491468a4151_1.pdf>. Acesso em: 05 set. 2024.

JÚNIOR, Luiz Eduardo Mello Gois; ALMEIDA, Marcos Bezerra de. Fatores intervenientes da tomada de decisão no esporte. **Revista ACTA Brasileira do Movimento Humano**, v. 3, n. 2, p. 1-18, 2013. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/264544096_FATORES_INTERVENIENTES_DA_TOMADA_DE_DECISAO_NO_ESPORTE>. Acesso em: 15 fev. 2026.

KRAWCZYK, N. **O ensino médio no Brasil.** São Paulo: Ação Educativa, 2009. (Em questão, 6). 77 p. Disponível em: <<http://bdae.org.br/bitstream/123456789/2342/1/emquestao6.pdf>>. Acesso em: 06 jan. 2025.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte.** 8. ed. Ijuí: Editora da Unijuí, 2013.

LASA MORENO, Iker. **Tripela: una intervención no convencional en Educación Física.** 2023. Disponível em: <<https://uvadoc.uva.es/handle/10324/60570>>. Acesso em: 10 dez. 2025.

LIMA, D. F.; SILVEIRA, D. C. da. Esportes alternativos: uma abordagem crítico emancipatória no contexto escolar. **Fiep Bulletin Online**, [S. l.], v. 77, n. 1, 2014. Disponível em: <<https://ojs.fiepbulletin.net/fiepbulletin/article/view/4020>>. Acesso em: 23 ago. 2025.

LIMA, G. R. de; CARVALHO, L. V. D. de; NUNES, R. O. **A evolução do Hóquei sobre a Grama e sua inclusão nas escolas.** 2012. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Licenciatura em Educação Física) – Faculdade de Educação e Artes da Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos, 2012.

LOBO, R. R. F. Enfrentamento da evasão escolar no ensino médio noturno. **Revista Tópicos**, v. 1, n. 3, 2023. ISSN: 2965-6672. Disponível em: <<https://revistatopicos.com.br/artigos/enfrentamento-da-evasao-escolar-no-ensino-medio-noturno>>. Acesso em: 15 jul. 2025.

LÓPEZ, A. & GONZÁLEZ, V. La técnica de ladov: una aplicación para el estudio de la satisfacción de los alumnos por las clases de educación física. <http://www.efdeportes.com/revista_digital>. Buenos Aires: ano 8, n 47, abr. 2002.

MACKEY, A.; GASS, S. Common data collection measures. In: MACKEY, A.; GASS, S. **Second language research: methodology and design**. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 2005. p. 43-99.

MADALUZ, Rogéria Fatima; SILVA, Joice Nara Rosa; LAUXEN, Sirlei de Lourdes; NEUBAUER, Vanessa Steigleder; TANSKI, Daiane Caroline; MENEZES, Luana Possamai; SILVA, Diego Batista; ALVES, Rodrigo Antonio Rodrigues. Programa Pé-de-Meia: um incentivo financeiro-educacional para a permanência e conclusão no ensino médio público. **Aracê**, [S. l.], v. 6, n. 4, p. 12856–12869, 2024. DOI: 10.56238/arev6n4-116. Disponível em: <https://periodicos.newsciencepubl.com/arace/article/view/2055>. Acesso em: 3 jan. 2026.

MAIELO, Victor Pignotti; COSTA, Camila Paiva Freitas. **Ultimate Frisbee na Educação Física Escolar**. São Paulo, SP: jan. 2020. Disponível em: <<https://ultimatebrasil.com.br/wp-content/uploads/2020/01/Ultimate-Frisbee-naEduca%C3%A7%C3%A3o-F%C3%ADsica-Escolar-1.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2025.

MAGALHÃES, S.; OLIVEIRA, B. T. de; QUENUPE, V. J. da S.; SOUZA, J. A. de; FERREIRA, J. F. O esporte como ferramenta didático-pedagógica no contexto escolar. **Interação - Revista de Ensino, Pesquisa e Extensão**, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 108–117, 2020. DOI: 10.33836/interacao.v22i1.287. Disponível em: <<https://periodicos.unis.edu.br/interacao/article/view/287>>. Acesso em: 19 ago. 2025.

MATOS, M. da C. A importância dos esportes alternativos para as aulas de educação física. **E-mosaicos**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 22, p. 299–310, 2020. DOI: 10.12957/e-mosaicos.2020.43613. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/e-mosaicos/article/view/43613>>. Acesso em: 20 jun. 2025.

MATOS, R.; AMARO, N.; MOROUÇO, P. **Tripela – uma nova modalidade desportiva**. Leiria: IPL – Escola Superior de Educação e Ciências Sociais; Centro de Investigação em Motricidade Humana, 2012. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/232747827_Tripela_uma_nova_modalidade_desportiva>. Acesso em: 10 dez. 2025.

MENDONÇA, C. C.; CAETANO, W. A. Visão dos alunos e gestores do ensino médio do período noturno sobre a disciplina de Educação Física. **Colloquium Vitae**. [S. l.], v. 4, n. 2, p. 85–96, 2012. ISSN: 1984-6436. Disponível em: <<https://journal.unoeste.br/index.php/cv/article/view/806>>. Acesso em: 23 jul. 2025.

MENEZES, R. de; VERENGUER, R. de C. G. Educação Física no Ensino Médio: o sucesso de uma proposta segundo os alunos. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, [S. l.], v. 5, n. 3, 2010. Disponível em: <<https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/1902>>. Acesso em: 1 ago. 2025.

MILANI, A. G.; DARIDO, S. C. Os conteúdos atitudinais no currículo de Educação Física do estado de São Paulo. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 19, n. 2, 2016. DOI: 10.5216/rpp.v19i2.33201. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/fef/article/view/33201>>. Acesso em: 06 jun. 2024.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MOMMAD, M. L. A história da educação física escolar no Brasil: leis e decretos norteadores. **Horizontes - Revista de Educação**, [S. l.], v. 9, n. 16, p. 1–11, 2020. DOI: 10.30612/hre.v9i16.13118. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/horizontes/article/view/13118>>. Acesso em: 3 ago. 2025.

MONTEIRO, L. Educação física no ensino médio: um direito ameaçado. **Revista Iniciação à docência**, v. 6, n. 1, p. 138-153, 2021. Disponível em: <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/rid/article/view/8450>>. Acesso em: 02 ago. 2025.

NEIRA, M. G. Incoerências e inconsistências da BNCC de Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 40, p. 215-223, 2018. DOI: 10.1016/j.rbce.2018.04.001. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.rbce.2018.04.001>>. Acesso em: 20 ago. 2025.

NEUENFELDT, D. J. **Esporte, Educação Física e Formação Profissional**. Lajeado, RS: Editora Univates, 2008.

NEVES, A. M. **Educação física no ensino médio: o esporte alternativo na visão dos professores**. Orientadora: Rosana Amaro. 2017. 92 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/21903/1/2017_AndreMouraNeves_tcc.pdf>. Acesso em 29 jul. 2025.

NEVES, R. B. P.; *et al.* Rúgbi na escola?!... Perspectivas de uma proposta diversificada, pautada na pedagogia do esporte para a Educação Física escolar do Ensino Fundamental. **Coleção pesquisa em Educação Física**, v. 12, n. 4, 2013. ISSN: 1981-4313. Disponível em: <https://fontouraeditora.com.br/periodico/public/storage/articles/1063_1503670673.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2024.

OLIVEIRA, A. A. B. de; LISBOA, G. A Educação Física no ensino noturno das escolas públicas de Maringá. **Revista da Educação Física/UEM**. Maringá, v. 11, n. 1, p. 157-165, 2000. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3803>>. Acesso em: 06 jun. 2024.

OLIVEIRA, Ricardo. **Manual do Oliverbol: um esporte para todos!**. Sorriso, MT: s.n., 2018.

OLIVEIRA, R. de C. M. de. (Entre)linhas de uma pesquisa: o diário de campo como dispositivo de (in)formação na/da abordagem (Auto)biográfica. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**, Salvador, v. 2, n. 4, p. 69-87, 2014. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/educajovenseadultos/article/view/1059>>. Acesso em: 26 jun. 2025.

OLIVEIRA, V. D. de; ALBUQUERQUE, L. R. Esportes complementares na educação física escolar do ensino médio. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 10., 2011. Anais. Curitiba, **Anais** [...]. Curitiba: PUCPR, 2011, p. 5179-5191.

PARANÁ. Conselho Estadual de Educação. **Deliberação CEE/PR nº 04, de 29 de julho de 2021**. Institui as Diretrizes Curriculares Complementares do Ensino Médio e o Referencial Curricular para o Ensino Médio do Paraná. Curitiba: CEE, 2021. Disponível em: <<https://www.cee.pr.gov.br/Pagina/2021-Deliberacoes>>. Acesso em: 15 dez. 2021.

PARANÁ. Secretaria da Educação. **Portal Dia-a-dia Educação/Consulte Escolas**. Curitiba: SEED-PR, 2024. Disponível em: <<https://www.consultaescolas.pr.gov.br/consultaescolas/pages/templates/initial2.xhtml?windowId=864>>. Acesso em: 20 dez. 2024.

PICCOLO, V. N.; TOLEDO, E. de (Org.). **Abordagens pedagógicas do esporte**: modalidades convencionais e não convencionais. 1. ed. Campinas: Papirus, 2018. *E-book*. Disponível em: <<https://plataforma.bvirtual.com.br>>. Acesso em: 15 set. 2024.

PINTO, Guilherme Perelló. **O ensino do hóquei sobre grama na perspectiva de docentes que trabalham com essa modalidade**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/236110/001138636.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 04 fev. 2026.

PIRES, F. P.; ABREU, J. R. G. de; FRANCA, R. G. Educação Física e esporte: o esporte na escola e da escola nas aulas de Educação Física. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, EFDeportes.com, Revista Digital, Buenos Aires, v. 21, n. 219, 2016. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd219/o-esporte-na-escola-e-da-escola.htm>>. Acesso em: 07 set. 2024.

PIRES, Kelly Ferreira; LAZZAROTTI FILHO, Ari. Professores de Educação Física com práticas inovadoras. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, v. 18, n. 37, p. e20245, 2025. DOI: 10.20952/revtee.v18i37.20245. Disponível em: <<https://periodicos.ufs.br/revtee/article/view/20245>>. Acesso em: 3 abr. 2026.

POULL, François. **Poull Ball**. Macolin: Ufficio federale dello sport (UFSP), 2019. Disponível em: <<https://www.mobilesport.ch>>. Acesso em: 17 dez. 2025.

POULL BALL. **Poull Ball – One game, one spirit, one team**. C2024. Disponível em: <<https://poull-ball.com/en>>. Acesso em: 17 dez. 2025.

POZZOBON, M. E.; KOHL, D.; SPANIO, L. Satisfação de alunos do ensino médio por aulas de Educação Física. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, EFDeportes.com, Revista Digital, Buenos Aires, v. 15, n. 143, abr. 2020. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd143/satisfacao-de-alunos-do-ensino-medio-por-aulas-deeducacao-fisica.htm>>. Acesso em: 2 ago. 2025.

QEDU. **Use dados. Transforme a educação.** Portal QEDu, 2023. Disponível em: <<https://qedu.org.br/escola/41093348-cristo-rei-c-e-ef-m/ideb>>. Acesso em: 20 dez. 2024.

ROCHA, M. A. C. (2018). **Manual de iniciação.** Ensinando a ensinar: história, ambientação, recreativos, módulos, circuitos, o jogo. Caeté: s.n., 2018, v. 1, n. 1, p. 1-20.

ROCHA, M. A. C.; PRUDENTE, P. L. G. & MEDINA, A. C. R. (2010). **Tapembol:** um jogo para a educação física. In: III CONGRESSO INTERNACIONAL COTIDIANO – DIÁLOGOS SOBRE DIÁLOGOS. Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: s.n., 2010. v. 1, n. 1, p. 1-9.

RODRÍGUEZ, A. L.; MAURA, V. G. La técnica de ladov: Una aplicación para el estudio de la satisfacción de los alumnos por las clases de educación física. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v. 8, n. 47, abr. 2002. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd47/iadov.htm>>. Acesso em: 27 jul. 2025.

RODRIGUES, J. A.; VIANA, H. B.; LACORTE, C. A. Motivação das adolescentes na prática da Educação Física escolar. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, EFDeportes.com, Revista Digital, Buenos Aires, v. 15, n. 149, out. 2010. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd149/motivacao-das-adolescentes-na-educacao-fisica-escolar.htm>>. Acesso em: 10 jul. 2025.

ROSÁRIO, L. F. R.; DARIDO, S. C. A sistematização dos conteúdos da educação física na escola: a perspectiva dos professores experientes. **Motriz: Revista de Educação Física**, Rio Claro, v. 11, n. 3, p.167-178, set./dez. 2005. Disponível em: <<http://www1.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/11n3/10LRF.pdf>>. Acesso em: 06 jan. 2025.

SANTIN, S. Esporte Educacional: Esporte na escola e esporte da escola. In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA. **Anais [...]**. Pelotas: ESEF/UFPel, 2007. Disponível em: <https://labomidia.ufsc.br/Santin/ef/24_santin.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2025.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** 24. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2017. *E-book*. ISBN: 9788524925207. Disponível em: <<https://app.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788524925207/>>. Acesso em: 20 abr. 2025.

SEVERINO, C. D.; RIBEIRO, A. C. de A.; OLIVEIRA, I. da R. S. de; FARANI, É. I. V. Infraestrutura Escolar: implicações nas aulas de educação física. **Revista OWL (OWL Journal):** Revista interdisciplinar de ensino e educação, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 104–109, 2025. DOI: 10.5281/zenodo.15347068. Disponível em: <https://www.revistaowl.com.br/index.php/owl/article/view/369>. Acesso em: 18 ago. 2025.

SEBASTIÃO, Luciane Lima; FREIRE, Elisabete dos Santos. A utilização de recursos materiais alternativos nas aulas de educação física: um estudo de caso. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 12, n. 3, 2009. DOI: 10.5216/rpp.v12i3.6766. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/fef/article/view/6766>>. Acesso em: 3 abr. 2026.

SILVA, A. L. L. da. **Fatores motivacionais à prática das aulas de educação física dos estudantes do ensino médio, das escolas públicas estaduais da cidade de Humaitá-AM.** 2018. 174 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Humanidades) – Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente, Humaitá, Amazonas, 2018. Disponível em:

<https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFAM_1b8be639890032851e9e645f3e580572>.

Acesso em: 21 jun. 2025.

SILVA, E. L. da; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação.** 3. ed. rev. atual. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001. 121 p.

SILVA, E. V. M. e; VENÂNCIO, L. Aspectos legais da educação física e integração à proposta pedagógica da escola. In: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (Org.). **Educação física na escola:** implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. p. 50-61.

SILVA FILHO, R. B.; ARAÚJO, R. M. de. Evasão e abandono escolar na educação básica no Brasil: fatores, causas e possíveis consequências. **Educação Por Escrito**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 35-48, 2017. DOI: 10.15448/2179-8435.2017.1.24527. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/poescrito/article/view/24527>>. Acesso em: 22 jun. 2025.

SILVA, H. C. N. da; SILVA, S. A. P. dos S. Educação Física no ensino noturno: um estudo de caso. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v. 11, n. 104, 2007. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/efd104/educacao-fisica-ensino-noturno.htm>>. Acesso em: 06 jan. 2025.

SILVA, Julio Manuel Garganta da. O ensino dos jogos desportivos colectivos. Perspectivas e tendências. **Movimento**, [S. l.], v. 4, n. 8, p. 19–27, 2007. DOI: 10.22456/1982-8918.2373. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2373>>. Acesso em: 15 mar. 2026.

SILVA, L. de F. da; VERONEZ, L. F. C. Obstáculos para o desenvolvimento de esportes alternativos na opinião de professores da cidade de Pelotas, RS. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v. 20, n. 207, ago. 2015. Disponível em: <<https://efdeportes.com/efd207/obstaculos-para-esportes-alternativos.htm>>. Acesso em: 20 jul. 2025.

SILVA, Leandro Pereira da. Tchoukball: uma alternativa nas aulas de Educação Física. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, n. 205, jun. 2015. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd205/tchoukball-nas-aulas-de-educacao-fisica.htm>>. Acesso em: 17 dez. 2025.

SILVA, R.; MACIEL, P. B. Características da Educação Física do Ensino Médio noturno. **Motriz: Revista de Educação Física**, Rio Claro, v. 15, n. 2, p. 247-256, abr./jun. 2009. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2495/1139>>. Acesso em: 06 jan. 2025.

SILVA, S. M. da. **Esportes não convencionais na escola**: uma proposta de sistematização para os anos finais do Ensino Fundamental. 2020. 147 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Rio Claro, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/entities/publication/53d687ee-4a35-4216-9478-0790eacfc3b6>>. Acesso em: 20 ago. 2025.

SILVA, V. R.; MACIEL, M. G. A infraestrutura escolar e sua influência nas aulas de educação física. **Revista Mineira de Educação Física**, Viçosa, n. 1, p. 368-378, 2012. Edição Especial.

SINOTTI, Silas. **Pedagogia do esporte aplicada ao tchoukball**: uma proposta de ensino da modalidade em contexto brasileiro. 2025. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2025. Disponível em: <<https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2025.1500956>>. Acesso em: 18 dez. 2025.

SIRNIK, M. *et al.* Analysis of Scientific Sources and Practical Experience on Shot Accuracy and Use of the Backboard in Basketball. **Mental Journal**, [S. l.], 2022. Disponível em: <<https://mentaljournal.org>>. Acesso em: 4 abr. 2026.

SOARES, A. J. G.; NETO, A. R. M.; FERREIRA, A. C. A pedagogia do esporte na Educação Física no Contexto de uma Escola Eficaz. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 294-310, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/ij/rbce/a/3BJwr4vSvxHLJJW35JTQ4qD/>>. Acesso em: 08 set. 2024.

SOARES, E. R. Educação Física no Brasil: da origem até os dias atuais. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v. 17, n. 169, jun. 2012. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd169/educacao-fisica-no-brasil-da-origem.htm>>. Acesso em: 07 jun. 2024.

SOARES, K. C. D.; SOARES, M. A. S. **Sistemas de ensino**: legislação e política educacional para a educação básica. Curitiba: Intersaberes, 2017. Disponível em: <<https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/214725/pdf/3>>. Acesso em: 19 ago. 2025.

SOUZA, M. da S.; RAMOS, F. K. Educação Física e o mundo do trabalho: um diálogo com a atual reforma do Ensino Médio. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 29, n. 52, p. 71-86, 2017. DOI: 10.5007/2175-8042.2017v29n52p71. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2017v29n52p71>>. Acesso em: 1 ago. 2025.

STIGGER, M. P.; LOVISOLO, H. **Esporte de rendimento e esporte na escola**. 1. ed. Campinas: Autores Associados, 2022. *E-book*. Disponível em: <<https://plataforma.bvirtual.com.br>>. Acesso em: 10 set. 2024.

TIMMERMAN, E. A.; SAVELSBERGH, G. J. P.; FARROW, D. Criando ambientes de treinamento adequados para melhorar as habilidades técnicas, de tomada de decisão

e físicas no hóquei em campo. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, [S. l.], v. 90, n. 2, p. 180-189, 2019. DOI: <<https://doi.org/10.1080/02701367.2019.1571678>>. Acesso em: 20 mar. 2026.

TOGNI, A. C.; CARVALHO, M. J. S. A escola noturna de ensino médio no Brasil. **Rev Iberoamericana de Educación**, [S. l.], v. 44, p. 61-76, 2007. Disponível em: <<https://rieoei.org/historico/documentos/rie44a04.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2025.

TOMITA, A. S. F.; CANAN, F. A utilização de modalidades esportivas não tradicionais em aulas de Educação Física Escolar. **Revista Corpoconsciência**, Cuiabá, v. 23, n. 02, p. 13-25, mai./ago. 2019. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/issue/view/519/showToc>>. Acesso em: 15 abr. 2025.

TUBINO, M. **Estudos brasileiros sobre esporte: ênfase no esporte-educação**. Maringá: Eduem; 2010.

TUBINO, M. J. G. **Dimensões sociais do esporte**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

VAGHETTI, C. A. O.; PARDO, E. R. Um esporte não convencional no mundo acadêmico: singularidades histórico-culturais e possibilidades de inclusão do ensino do surfe na universidade. **Fiep Bulletin**, [S. l.], v. 78, n. 2, 2014. Disponível em: <<https://ojs.fiepbulletin.net/fiepbulletin/article/view/3852>>. Acesso em: 15 set. 2024.

VAGO, T. M. O "esporte na escola" e o "esporte da escola": da negação radical para uma relação de tensão permanente - um diálogo com Valter Bracht. **Movimento**, [S. l.], v. 3, n. 5, p. 4-17, 1996. DOI: 10.22456/1982-8918.2228. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2228>>. Acesso em: 23 ago. 2025.

VELLOZO, A. B. **O ensino dos esportes de invasão e o desenvolvimento de habilidades para a vida na educação física escolar**. 2024. 174 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2024. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/entities/publication/a5a6d9a3-3a14-4e4b-be5b-f34857c90e06>>. Acesso em: 20 ago. 2025.

VELLOSO, L. R. S.; MALDONADO, D. T.; MIRANDA, M. L.J.; FREIRE, E.S. Pesquisa participante na Educação Física Escolar: o estado da arte. **Movimento**, v.28, p. e28059, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.120865>. Acesso em: 20 jun. 2026.

WORLD FLYING DISC FEDERATION. **Regras de Ultimate WFDF 2021-2024**. Tradução do Sub Comitê de Regras Ultimate Frisbee da WFDF. EUA: Colorado Springs. Disponível em: <<https://rules.wfdf.sport/wp-content/uploads/2021/11/WFDF-Regas-de-Ultimate-2021-2024-Portuguese.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2025.

APÊNDICE A – Autorização da Instituição Participante



unioeste
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

2

CEP Comitê de Ética
em Pesquisa com
Seres Humanos

Anexo II

Autorização da Instituição Coparticipante

O pesquisador **Ivan Frederico Martini** está autorizado por esta instituição Colégio Estadual Cristo Rei – EFM, a realizar a pesquisa intitulada **"Esportes de invasão não convencionais como uma proposta de intervenção pedagógica para aulas de Educação física no Ensino médio no período noturno: uma análise de duas realidades distintas"** assegurando as normas da Resolução 466/12 e/ou 510/16 – CNS/MS e suas complementares.

Declaramos que a coleta de dados nessa Instituição Coparticipante será iniciada somente após a aprovação da Pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unioeste (CEP – UNIOESTE).



(Assinatura do Responsável pela Instituição Coparticipante)

EDERSON OLI CALDATO
Direção Auxiliar
Col. Est. Cristo Rei - EFM

Pato Branco, 25 de Abril de 2025.

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE**

Título do Projeto: Esportes de invasão não convencionais como proposta de intervenção pedagógica para aulas de Educação física no Ensino médio noturno.

Certificado de Apresentação para Apreciação Ética – “CAAE” Nº

Pesquisadores para contato: Arestides Pereira da Silva Júnior. (45) 999620703
Ivan Frederico Martini (46) 984062971.

Endereço de contato (Institucional): R. Pernambuco, 1777 - Centro, Mal. Cândido Rondon - PR, 85960-000

Convidamos o(a) aluno(a) a participar da pesquisa intitulada “Esportes de invasão não convencionais como uma proposta de intervenção pedagógica para aulas de Educação física no Ensino médio no período noturno: uma análise de duas realidades distintas”, que tem por objetivo analisar as diferenças da implementação de uma intervenção pedagógica do ensino de esportes de invasão não convencionais nas aulas de Educação Física no Ensino Médio noturno, em duas realidades distintas.

A pesquisa tem como propósito analisar as diferenças da implementação de uma intervenção pedagógica do ensino de esportes de invasão não convencionais nas aulas de Educação Física no Ensino Médio noturno, em duas realidades distintas.

Para que isso ocorra, o (a) aluno (a) participará da pesquisa respondendo um questionário sociodemográfico, além de dois questionários com questões abertas e fechadas, sendo um no início e outro ao final da pesquisa, relacionadas ao tema do estudo. A previsão é que cada questionário leve cerca de 20 minutos para ser respondido. Além disso, o (a) aluno (a) participará de 12 aulas práticas sobre esportes de invasão não convencionais, que acontecerão durante os horários regulares das aulas da disciplina de Educação Física das instituições participantes. Para contribuir com a pesquisa, pedimos sua autorização para que possamos realizar o registro de imagens e um relatório (Diário de Campo), referentes às observações das atividades realizadas durante as aulas.

Os pesquisadores se comprometem a agir no sentido de que o grau de exposição, desconforto ou constrangimentos seja mínimo ou inexistente, semelhante a uma aula cotidiana. Salientamos que o método de coleta de dados se constituirá predominantemente a partir da observação dos pesquisadores e diálogos sobre as atitudes e comportamentos que poderão surgir durante as vivências.

Se ocorrer algum transtorno, decorrente de sua participação do (a) aluno (a) em qualquer etapa desta pesquisa, nós, pesquisadores, providenciaremos acompanhamento e a assistência imediata, integral e gratuita. Havendo a ocorrência de danos, previstos ou não, mas decorrentes de sua participação nesta pesquisa, caberá a você, na forma da Lei, o direito de solicitar a respectiva indenização.

Também o (a) aluno (a) poderá a qualquer momento desistir de participar da pesquisa sem qualquer prejuízo. Para que isso ocorra, basta informar, por qualquer modo que lhe seja possível, que deseja deixar de participar da pesquisa e qualquer informação que tenha prestado será retirada do conjunto dos dados que serão utilizados na avaliação dos resultados.

Você não receberá e não pagará nenhum valor para participar deste estudo, no entanto, terá direito ao ressarcimento de despesas decorrentes de sua participação.

Nós pesquisadores, garantimos a privacidade e o sigilo de sua participação em todas as etapas da pesquisa e de futura publicação dos resultados. O do (a) aluno (a), endereço, voz e imagem nunca serão associados aos resultados desta pesquisa, exceto quando você desejar. Nesse caso, você deverá assinar um segundo termo, específico para essa autorização e que deverá ser apresentado separadamente deste.

As informações que o (a) aluno (a) fornecerem serão utilizadas exclusivamente nesta pesquisa. Caso as informações fornecidas e obtidas com este consentimento sejam consideradas úteis para outros estudos, você será procurado para autorizar novamente o uso.

Este documento que você vai assinar contém (03) páginas. Você deve vistar (rubricar) todas as páginas, exceto a última, onde você assinará com a mesma assinatura registrada no cartório (caso tenha). Este documento está sendo apresentado a você em duas vias, sendo que uma via é sua. Sugerimos que guarde a sua via de modo seguro.

Caso você precise informar algum fato ou decorrente da sua participação na pesquisa e se sentir desconfortável em procurar o pesquisador, você poderá procurar pessoalmente o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UNIOESTE (CEP), de segunda a sexta-feira, no horário de 12h30 às 17h30min, na Reitoria da UNIOESTE,

sala do Comitê de Ética, PRPPG, situado na rua Universitária, 1619 – Bairro Universitário, Cascavel – PR. Caso prefira, você pode entrar em contato via Internet pelo e-mail: cep.prppg@unioeste.br ou pelo telefone do CEP que é (45) 3220-3092 e (45) 99113-1149 – WhatsApp.

Declaro estar ciente e suficientemente esclarecido sobre os fatos informados neste documento.

Nome do participante da pesquisa: _____

Assinatura: _____

Eu, Ivan Frederico Martini, declaro que forneci todas as informações sobre este projeto de pesquisa ao participante.

Assinatura do pesquisador _____

Pato Branco, ____ de ____ de 202__.

APÊNDICE C – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE)



Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

**TERMO DE ASSENTIMENTO – TA (Crianças ≥ 07 anos de idade)**

Título do Projeto: Esportes de invasão não convencionais como proposta de intervenção pedagógica para aulas de Educação física no Ensino médio noturno.

Pesquisadores para contato: Arestides Pereira da Silva Júnior (45) 99620703

Ivan Frederico Martini (46) 984062971.

Endereço de contato (Institucional): R. Pernambuco, 1777 - Centro, Mal. Cândido Rondon - PR, 85960-000

Convidamos você a participar de nossa pesquisa que tem o objetivo de analisar as diferenças da implementação de uma intervenção pedagógica do ensino de esportes de invasão não convencionais nas aulas de Educação Física no Ensino Médio noturno, em duas realidades distintas. Para isso você terá que participar da pesquisa respondendo dois questionários com questões abertas e fechadas, sendo um no início e outro ao final da pesquisa, relacionadas ao tema do estudo. A previsão é que cada questionário leve cerca de 20 minutos para ser respondido. Além disso, o (a) aluno (a) participará de 12 aulas práticas sobre esportes de invasão não convencionais, que acontecerão durante os horários regulares das aulas da disciplina de Educação Física das instituições participantes.

Para participar deste estudo, o seu responsável legal deverá autorizar a sua participação mediante a assinatura de um Termo De Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. A não autorização do seu responsável legal invalidará este Termo de Assentimento e você não poderá participar do estudo.

Durante a execução do estudo os pesquisadores se comprometem a agir no sentido de que o grau de exposição, desconforto ou constrangimentos seja mínimo ou inexistente, semelhante a uma aula cotidiana. Salientamos que o método de coleta de dados se constituirá predominantemente a partir da observação dos pesquisadores e diálogos sobre as atitudes e comportamentos que poderão surgir durante as vivências.

Nós, os pesquisadores, garantimos que sua privacidade será respeitada em todas as etapas da pesquisa. Seu nome, endereço, voz e imagem nunca serão usados junto com os resultados da pesquisa. Se alguma dessas informações for útil para outro estudo, você e seu responsável serão procurados para dar uma nova autorização.

Para questionamentos, dúvidas ou relatos de acontecimentos, os pesquisadores poderão ser contatados a qualquer momento pelo telefone.

Declaro estar ciente do exposto e desejo participar do projeto: “Esportes de invasão não convencionais como uma proposta de intervenção pedagógica para aulas de Educação física no Ensino médio no período noturno: uma análise de duas realidades distintas”

Nome do participante:

Assinatura: _____

Eu, Ivan Frederico Martini, declaro que forneci todas as informações do projeto ao participante e/ou responsável.

Pato Branco, _____ de _____ de 20____.

APÊNDICE D – Questionário de Perfil Socioeconômico

ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO DE PERFIL SOCIOECONÔMICO**Prezado (a) Aluno (a),**

Este questionário tem como objetivo a coleta de informações para conhecer o perfil socioeconômico dos participantes da pesquisa.

Todos os dados obtidos neste questionário serão confidenciais!

Data da Avaliação: ____/____/____.

I – IDENTIFICAÇÃO	
1. Nacionalidade: () Brasileiro () Estrangeiro/País: _____	2. Naturalidade: _____
3. Sexo: () Masculino () Feminino () Outro: _____	
4. Data de Nascimento: ____/____/____	5. Idade: _____
6. Você se considera: () Branco (a). () Preto (a). () Pardo (a). () Amarelo. () Indígena. () Outra: _____	
7. Estado Civil: () Solteiro(a) () Casado(a) () Separado (a) () Divorciado(a) () Outro: _____	
8. Com quem você mora atualmente? () Com sua família. () Sozinho(a). () Com outros familiares () Com amigos () Em habitação coletiva: hotel, quartel, pensionato, etc. () Outra situação, _____	
9. A residência da sua família é: () Própria (quitada ou herdada) () Financiada () Alugada () Cedida (mora sem pagar aluguel) () Outra situação: _____	
10. O tipo de material predominante na construção da residência é (paredes): () Alvenaria () Mista () Madeira () Outro material: _____	
11. A sua residência é dividida em quantos cômodos: () Apenas 1 () De 02 ou 3 () De 04 a 05 () De 06 a 08 () Acima de 08	
12. Qual o meio de transporte normalmente você utiliza para se deslocar de sua casa até a escola? () A pé (caminhando) () Carro () Moto () Bicicleta () Ônibus () Carona () Van () Outro. Qual? _____	
13. Qual o nível de escolaridade dos seus pais?	
Pai ou Responsável	Mãe ou Responsável

☐ Analfabeto ☐ Assina o nome ou decodifica as letras ☐ Fund. Incompleto ☐ Fund. Completo ☐ Médio Incompleto ☐ Médio Completo ☐ Superior Incompleto ☐ Superior Completo ☐ Pós-graduação	☐ Analfabeto ☐ Assina o nome ou decodifica as letras ☐ Fund. Incompleto ☐ Fund. Completo ☐ Médio Incompleto ☐ Médio Completo ☐ Superior Incompleto ☐ Superior Completo ☐ Pós-graduação
14. Você já reprovou alguma vez? (Marque apenas uma resposta) ☐ Não, nunca. ☐ Sim, uma vez. ☐ Sim, duas vezes. ☐ Sim, três vezes ou mais.	
15. Você possui alguma necessidade educacional específica Não ☐ Sim ☐ Se respondeu "Sim", especifique qual necessidade: ☐ Superdotação ☐ TDAH ☐ Altas habilidades ☐ Dislexia ☐ TEA ☐ Outra: _____	
16. Como você tem se comportado em relação a escola?	
a) Você falta às aulas?	☐ Nunca ☐ Às vezes ☐ Frequentemente ☐ Sempre
b) Você chega atrasado(a) à escola?	☐ Nunca ☐ Às vezes ☐ Frequentemente ☐ Sempre
17. Atualmente você está: ☐ Somente estudando ☐ Estudando e procurando emprego ☐ Estudando e desempregado ☐ Estudando e trabalhando	
18. Quantas horas você trabalha? ☐ Não trabalho. ☐ Sem jornada fixa, até 10 horas semanais ☐ De 11 a 20 horas semanais ☐ De 21 a 30 horas semanais ☐ Mais de 30 horas semanais	
19. Em que você trabalha atualmente? ☐ Não trabalho ☐ Na agricultura ☐ Na indústria ☐ Na construção civil ☐ No comércio ☐ Prestação de Serviços (pintor, mecânico, eletricista, encanador, etc) ☐ Trabalho em minha casa em serviços (costura, cozinha, artesanato, etc) ☐ Outro _____	
20. Indique aqui se você recebe algum dos seguintes auxílios financeiros ou bolsa (Marque quantos itens forem necessários): ☐ Vale – Alimentação ☐ Vale -Transporte ☐ Auxílio Moradia ☐ Auxílio emergencial ☐ Bolsa de Estágio ☐ Bolsa Família ☐ Pé-de-Meia	

APÊNDICE E – Questionário - Sondagem Inicial



Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

**Roteiro do Questionário de Sondagem (Inicial)**

Instituição: _____ Idade: _____

Ano/Turma: _____ Data de Aplicação: ____/____/____ Sexo: () Feminino () Masculino

1) Você participa das aulas de Educação Física?

() Sempre () Muitas vezes () Às vezes () Raramente () Nunca

2) Qual a unidade temática você mais gosta de praticar nas aulas de Educação Física?

() Brincadeiras e Jogos () Esportes () Ginástica
() Práticas Corporais de Aventura () Danças () Lutas

3) Em relação aos esportes, quais modalidades você já praticou nas aulas de Educação Física? (citar quantas forem necessárias)

4) E qual o esporte que mais gosta de praticar? (citar apenas 1)

5) Você já ouviu falar dos esportes de invasão?

() Sim () Não

6) Você já praticou algum esporte de invasão?

() Sim () Não

7) Se sim, qual (is) esporte(s) de invasão você conhece ou pratica?

8) Se sim, onde e como foi essa experiência?

9) Você sabe explicar o que diferencia os esportes de invasão de outras categorias esportivas (como esportes de rede/parede ou de campo e taco)?

10) Você teria interesse em conhecer e praticar nas aulas de Educação Física outros esportes de invasão que não são convencionais?

() Sim Quais?

() Não

11) Quais dificuldades você percebe para praticar esportes de invasão na escola?

() Falta de espaço físico adequado () Falta de materiais

() Dificuldade de regras () Falta de interesse

() Outra: _____

APÊNDICE F – Questionário - Sondagem Final



Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

**Roteiro do Questionário após a aplicação do Projeto de Pesquisa (Final)**

Instituição: _____

Idade: _____ Ano/Turma: _____ Data de Aplicação: ____/____/____

Gênero: () Feminino () Masculino

- 1- Depois de aprender sobre esportes de invasão não convencionais, como você os definiria?
- 2 - Quais são as principais diferenças entre esportes de invasão convencionais e não convencionais?
- 3 - Para praticar os esportes de invasão não convencionais, o que você considera essencial?
- 4 - Durante as aulas, você aprendeu diferentes esportes de invasão não convencionais. Quais as dificuldades e desafios que você encontrou ao praticar estes esportes?
- 5 - De que forma a prática desses esportes pode contribuir para as aulas de Educação Física?
- 6 - Você considera que incluir esportes de invasão não convencionais nas aulas de Educação Física torna as aulas mais interessantes? Por quê?
- 7 - Que sugestões você daria para melhorar a prática e o ensino dos esportes de invasão não convencionais na escola?
- 8 - Das modalidades que você experimentou nas aulas, qual despertou maior interesse em você? Por quê?

APÊNDICE G – Modelo de Diário de Campo



Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)



Modelo de Diário de Campo

[illegible]

APÊNDICE H – Planos de Aula

PLANO DE AULA		Nº: 01
Nome do Professor Pesquisador: Ivan Frederico Martini		
Estabelecimento de ensino: Colégio Estadual Cristo Rei - EFM		Ano/Turma: 3ª Série A
Prof. (a) Supervisor (a): Arestides Pereira da Silva Júnior		
Data: 03/10/2025	Hora: 19h40	Nº alunos: 22
Unidade temática: Esportes		
Objetos de Conhecimento: Esportes de Invasão não convencionais		
Conteúdo: Questionário Diagnóstico Inicial; Introdução aos esportes de invasão não convencionais;		
Objetivos: • Apresentar aos estudantes as etapas do desenvolvimento do projeto de pesquisa; • Analisar o conhecimento prévio dos alunos, através da aplicação do questionário diagnóstico (inicial) para sondar os conhecimentos prévios, as experiências anteriores e as expectativas dos estudantes em relação às aulas de Educação Física e à temática que será abordada. • Conhecer os esportes de invasão não convencionais.		
Materiais: sala de aula, quadro, canetão, notebook, projetor; folhas A4 e canetas.		
Encaminhamentos Metodológicos ✓ Roda de Conversa inicial – Acolhimento aos estudantes e registro da frequência no (LRCO); – O professor inicia a aula realizando a apresentação geral sobre o projeto de pesquisa e intervenção. Após isso, serão realizadas a explicação e leitura do questionário de perfil socioeconômico (Apêndice D). ✓ Desenvolvimento – Diagnóstico Inicial: Inicialmente será apresentado o questionário diagnóstico inicial, entregue aos estudantes em versão impressa (Apêndice E), em folha A4, para preenchimento individual. O instrumento tem como finalidade identificar os conhecimentos prévios, as experiências anteriores e as expectativas dos alunos em relação às aulas de Educação Física, bem como levantar percepções iniciais sobre a temática que será desenvolvida ao longo do processo de ensino. – Após o preenchimento do questionário, será conduzida uma aula expositiva e dialogada, iniciando-se com uma discussão sobre os esportes não convencionais, com o objetivo de despertar o interesse e a motivação dos alunos para o tema da pesquisa. Nesse momento, o professor fará uso de imagens e vídeos ilustrativos dos esportes de invasão não tradicionais que serão trabalhados ao longo das aulas, favorecendo a contextualização do conteúdo. ✓ Roda de Conversa Final Ao término da aula, o professor realizará uma roda de conversa, com o objetivo de obter um feedback dos estudantes sobre as atividades desenvolvidas na aula, esclarecer dúvidas, além de		

receber contribuições e sugestões para melhorar as próximas aulas.

✓ **Avaliação:**

– Os estudantes serão avaliados por meio da participação, interação e colaboração dos alunos perante as atividades propostas, respeitando as especificidades de cada um, retomando conceitos e informações necessárias para a efetiva aprendizagem do conteúdo. Com registros no diário de campo por parte do professor.

REFERÊNCIAS

Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa, ABEP. (2022). Alterações na aplicação do Critério Brasil. Disponível em: <https://www.abep.org/criterio-brasil>. Acesso em: 25 mai. 2025.
 PARANÁ. Conselho Estadual de Educação. Deliberação CEE/PR n.º 04, de 29 de julho de 2021. Institui as Diretrizes Curriculares Complementares do Ensino Médio e o Referencial Curricular para o Ensino Médio do Paraná. Curitiba: CEE, 2021a. Disponível em: <https://www.cee.pr.gov.br/Pagina/2021-Deliberacoes>. Acesso em: 25 mai. 2025.

PLANO DE AULA		Nº: 02
Nome do Professor Pesquisador: Ivan Frederico Martini		
Estabelecimento de ensino: Colégio Estadual Cristo Rei - EFM		Ano/Turma: 3ª Série A
Prof. (a). Supervisor (a): Arestides Pereira da Silva Júnior		
Data:06/10/2025	Hora: 19h40	Nº alunos: 17
Unidade temática: Esportes		
Objetos de Conhecimento: Esportes de Invasão não convencionais		
Conteúdo: Tapembol		
Objetivos:		
• Conhecer a modalidade e suas características; • Identificar os fundamentos básicos; • Compreender as regras básicas.		
Recursos e Materiais: sala de aula, notebook, quadra, 6 bolas de iniciação (tamanho 10), 1 bola de Tapembol, coletes.		
Encaminhamentos Metodológicos		
✓ Roda de Conversa inicial – Acolhimento aos estudantes e registro da frequência no (LRCO); – Apresentação para os alunos da modalidade Tapembol, breve histórico, suas características e regras básicas. – Apresentação de imagens e vídeos sobre a modalidade.		
✓ Desenvolvimento – Dois Toques controle A turma deve formar uma roda, onde a bola é passada por um toque simples (tapa), com uma das mãos e agarrada com as duas mãos pelo próximo participante.		
Variações:		
➤ Domínio: Os participantes executam a atividade de dois toques com a bola dentro da roda,		

utilizando o primeiro toque para controlar a bola e o segundo para realizar o passe.

➤ ***Dominar com uma mão e bater com a outra:*** *Os participantes executam a atividade de dois toques com a bola dentro da roda, utilizando o primeiro toque para controlar a bola (mão direita/esquerda) e o segundo para realizar o passe (mão direita/esquerda).*

– **Peru de Tapa**

A turma forma uma roda e escolhe um participante para ir ao centro, denominado “peru”. A atividade começa com a bola sendo passada entre os participantes da roda, utilizando os fundamentos do jogo. O jogador no centro deve tentar pegar a bola; quando conseguir, devolve a bola para a roda e um novo participante se junta a ele no centro, aumentando assim o número de jogadores nessa área. Quando um terço dos participantes estiver no centro da roda, deve-se iniciar a troca, mantendo o mesmo número de pessoas no centro, porém retornando para a roda aquele que pegou a bola.

Variações:

- *O número de toques na bola (1,2,3 toques);*
- *O tipo de toque na bola;*
- *Não mandar a bola para quem você recebeu.*

– **Condução:**

Os alunos, organizados em duplas no final da quadra, devem conduzir a bola junto com seu companheiro, utilizando os fundamentos do jogo, com o objetivo de finalizar realizando uma tentativa de gol. Colocar um goleiro para defender as finalizações.

Variações:

- ***Trios:*** *Alunos organizados em trios.*

✓ ***Roda de Conversa Final***

- Roda de conversa com os alunos sobre as dificuldades encontradas durante a realização das atividades.

✓ ***Avaliação***

- A avaliação dos alunos será realizada de forma continuada, levando em consideração a participação, o envolvimento e o interesse dos alunos durante a aula. Com registros no diário de campo por parte do professor.

REFERÊNCIAS

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE TAPEMBOL (FITAPEM). **O tapembol**. 2024. Disponível em: <https://fitapem.tapembol.com.br/>. Acesso em: 08 jul. 2025.

ROCHA, M. A. C. **Manual de iniciação**: ensinando a ensinar: história, ambientação, recreativos, módulos, circuitos, o jogo. 2018. Disponível em: <https://mid-educacao.curitiba.pr.gov.br/2018/4/pdf/00168419.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2025.

PLANO DE AULA		Nº: 03
Nome do Professor Pesquisador: Ivan Frederico Martini		
Estabelecimento de ensino: Colégio Estadual Cristo Rei – EFM		Ano/Turma: 3ª Série A
Prof. (a). Supervisor (a): Arestides Pereira da Silva Júnior		
Data: 06/10/2025	Hora: 20h30	Nº alunos: 17
Unidade temática: Esportes		
Objetos de Conhecimento: Esportes de Invasão não convencionais		
Conteúdo: Tapembol		
Objetivos: • Vivenciar os fundamentos da modalidade; • Praticar o jogo aplicando as regras básicas.		
Materiais: sala de aula, notebook, quadra, apito, 6 bolas de iniciação (tamanho 10), 1 bola de tapembol, coletes, cones;		
Encaminhamentos Metodológicos ✓ <i>Roda de Conversa inicial</i> – Continuidade da aula anterior, com explicação das próximas atividades. ✓ Desenvolvimento – 3x3 meia quadra A atividade é realizada em meia quadra, com um goleiro e duas equipes compostas por três jogadores cada. Durante o jogo, são aplicadas as regras oficiais, com algumas adaptações: após um gol, a reposição de bola deve ser feita no meio da quadra pela equipe que sofreu o gol, enquanto a equipe adversária permanece na defesa. O goleiro realiza a saída de bola de forma aleatória, e o gol não pode ser marcado diretamente a partir dessa reposição. As outras equipes devem aguardar no meio da quadra, pois a cada três gols ou cinco minutos são trocadas as equipes. Variações: ➤ Tempo limite: as equipes têm um tempo (15 segundos para finalizar o ataque). ➤ Finalizar ao gol com a mão não dominante; – 3x3 com alvo As equipes são formadas por três jogadores de cada lado, distribuídos nas miniquadras. O objetivo principal do jogo é acertar o cone da equipe adversária, que está posicionado dentro de um círculo no lado oposto da quadra. Enquanto a equipe com posse de bola tenta derrubar o cone adversário, o time sem a bola se dedica a proteger o seu próprio cone. A vitória é conquistada pela equipe que conseguir derrubar o cone do adversário. Variações: ➤ Dois alvos: Adicionam-se mais cones como alvos, aumentando o desafio e as possibilidades de ataque e defesa.		

➤ **Equipes mistas:** Cada equipe deve contar com pelo menos uma menina, promovendo a inclusão e a diversidade no jogo.

– **Jogo 6x6**

As equipes são compostas por seis jogadores, com formação mista em cada lado da quadra. A partida acontece em toda a extensão da quadra, onde ambas as equipes tentam marcar gols arremessando a bola no gol adversário, que é defendido por um goleiro. No início, duas equipes estão em quadra jogando, enquanto outras duas aguardam na lateral. Sempre que um gol é marcado, uma equipe reserva entra para substituir uma das equipes que estavam em jogo. O jogo segue as regras básicas do Tapembol.

Variações:

- **Finalização ao gol somente pelas meninas;**
- **Finalizar ao gol com a mão não dominante.**

✓ **Roda de Conversa Final**

- Roda de conversa com os alunos sobre as dificuldades encontradas durante a realização das atividades;

✓ **Avaliação**

- A avaliação dos alunos será realizada de forma continuada, levando em consideração a participação, o envolvimento e o interesse dos alunos durante a aula. Com registros no diário de campo por parte do professor.

REFERÊNCIAS

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE TAPEMBOL (FITAPEM). **O tapembol**. 2024. Disponível em: <https://fitapem.tapembol.com.br/>. Acesso em: 08 jul. 2025.

JÚNIOR, J. L. R. M.; KRAHENBUHL, T. **Ensinando handebol a partir de um modelo híbrido**: TGfU + SEM. 2020. UNIGRA. Disponível em: https://unigra.com.br/ler/416_ENSINANDO-HANDEBOL-A-PARTIR-DE-UM-MODELO-HIBRIDO. Acesso em: 08 jul. 2025.

ROCHA, Marco Aurélio Cândido. **Manual de iniciação**: ensinando a ensinar história, ambientação, recreativos, módulos, circuitos, o jogo. 2018. Disponível em: <https://mid-educacao.curitiba.pr.gov.br/2018/4/pdf/00168419.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2025.

ROCHA, Marco Aurélio Cândido. **Livro de regras do tapembol**. 2024. Disponível em: <https://tapembol.com.br>. Acesso em: 08 jul. 2025.

PLANO DE AULA		Nº: 04
Nome do Professor Pesquisador: Ivan Frederico Martini		
Estabelecimento de ensino: Colégio Estadual Cristo Rei - EFM		Ano/Turma: 3ª Série A
Prof. (a). Supervisor (a): Arestides Pereira da Silva Júnior		
Data: 08/10/2025	Hora: 19h40	Nº alunos:17
Unidade temática: Esportes		
Objetos de Conhecimento: Esportes de Invasão não convencionais		
Conteúdo: Tripela		

Objetivos:

- Conhecer a modalidade e suas características;
- Identificar os fundamentos básicos;
- Compreender as regras básicas.

Recursos e Materiais: sala de aula, notebook, quadra, apito, 10 bolas de voleibol, coletes.

Encaminhamentos Metodológicos✓ *Roda de Conversa inicial*

- Acolhimento aos estudantes e registro da frequência no (LRCO);
- Apresentação para os alunos da modalidade Tripela, com um breve contexto histórico, características e regras básicas;
- Apresentação de imagens e vídeos sobre a modalidade.

✓ **Desenvolvimento**– **Gesto base do Tripela – Agarrar, largar e passar**

Os alunos devem ser organizados em duplas, mantendo a distância de dois metros, e realizar a troca da bola por meio do “gesto base Tripela”.

– **Gesto base do Tripela – Agarrar, largar e passar - Todos**

Neste jogo devemos utilizar bolas na proporção de uma para cada dois participantes. Com todos os jogadores parados e espalhados pela quadra, quem tem posse de bola passa a quem não a tem. Este jogo tem como objetivo a adaptação ao gesto base da Tripela – agarrar, largar e passar. Visa ainda a tomada rápida de decisão, respeitando a regra dos 3 segundos na posse da bola.

Variações:

➤ **Movimentação:** *Com todos os jogadores em movimento, quem tem posse de bola passa a quem não tem. Os jogadores devem passar apenas depois de estabelecer contato visual com o colega sem bola. Se ninguém oferecer rapidamente uma linha de passe, o jogador deve recorrer ao quicar, com um ou mais quiques, até surgir essa linha de passe.*

– **Caçadores**

Neste jogo, os participantes são divididos em dois grupos: caçadores e presas. O objetivo dos caçadores é passar a bola rapidamente entre si e tocar as presas com a mão, sempre mantendo a posse da bola. Para isso, os caçadores devem fazer passes rápidos, seguindo o gesto base da Tripela, e procurar passar a bola para o jogador que estiver melhor posicionado para alcançar a presa que está fugindo. A presa só é capturada se o caçador estiver segurando a bola no momento em que toca a presa com a mão.

Variações:

➤ **Número de bolas:** *incluir mais bolas*

- **Reduzir o espaço de jogo:** meia quadra, quadra de voleibol
- **Bola colorida:** a presa que estiver de posse da bola colorida não pode ser caçada
- **Números de passos com a bola.**
- **Bola ao fundo - 3x3**

Neste jogo formam-se duas equipes com 3x3 jogadores, que vão disputar um jogo em meia quadra, tendo como alvo uma linha final previamente definida. Os jogadores devem trocar passes com o objetivo de chegar a essa linha final para pontuar. Vence a equipe que fizer 5 pontos.

✓ **Roda de Conversa Final**

- Roda de conversa com os alunos sobre as dificuldades encontradas durante a realização das atividades.

✓ **Avaliação**

A avaliação dos alunos será realizada de forma continuada, levando em consideração a participação, o envolvimento e o interesse dos alunos durante a aula. Com registros no diário de campo por parte do professor.

REFERÊNCIAS

MATOS, R.; AMARO, N.; MOROUÇO, P. **Tripela – uma nova modalidade desportiva**. 2012. Leiria: IPL – Escola Superior de Educação e Ciências Sociais e Centro de Investigação em Motricidade Humana. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/232747827_Tripela_-_uma_nova_modalidade_desportiva. Acesso em: 09 jul. 2025.

MATOS, R.; AMARO, N.; MOROUÇO, P. **Tripela – uma nova modalidade desportiva**. 2012. Leiria: IPL – Escola Superior de Educação e Ciências Sociais e Centro de Investigação em Motricidade Humana. Disponível em: <https://tripela.ipleiria.pt/files/2019/10/Regras-Oficiais-da-Tripela-2019-1.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2025.

PLANO DE AULA		Nº: 05
Nome do Professor Pesquisador: Ivan Frederico Martini		
Estabelecimento de ensino: Colégio Estadual Cristo Rei		Ano/Turma: 3ª Série A
Prof. (a). Supervisor (a): Arestides Pereira da Silva Júnior		
Data: 08/10/2025	Hora: 20h30	Nº alunos: 17
Unidade temática: Esportes		
Objetos de Conhecimento: Esportes de Invasão não convencionais		
Conteúdo: Tripela		
Objetivos: • Vivenciar os fundamentos da modalidade. • Praticar o jogo aplicando as regras básicas.		
Recursos e Materiais: sala de aula, notebook, quadra, apito, 10 bolas de voleibol, coletes.		
Encaminhamentos Metodológicos		

- ✓ *Roda de Conversa inicial;*
- Continuidade da aula anterior, com explicação das próximas atividades.

✓ **Desenvolvimento**

– **Jogo dos 5 passes**

São formadas duas equipes com 5x5 que buscam realizar cinco passes consecutivos sem que a equipe adversária consiga interceptar a bola. O objetivo da atividade é aprimorar as habilidades de progressão e impedir a progressão, além de estimular a consciência sobre a importância do apoio contínuo ao jogador que está com a bola.

Variações:

- **Limitar o número de toques por participante;**
- **Marcar o gol:** Trocar passes, com o objetivo de marcar o gol;
- **Libertar jogadores:** Formam-se equipes 3x3, neste jogo, a equipe deve trocar passes com o objetivo de levar a bola até a área do gol (zona restrita), onde estão os jogadores que precisam ser libertados. Quando a bola chega a essa área, o jogador correspondente é liberado, move-se para a zona livre e passa a ajudar sua equipe. Após liberar um jogador, a posse da bola passa para a equipe adversária, que então tenta libertar seus próprios jogadores. Ganha o time que conseguir liberar todos os seus jogadores primeiro.

– **Pontuando**

São formadas duas equipes de 3x3 jogadores. O objetivo do jogo é marcar gol no gol adversário. A pontuação pode variar: gol dentro da área 1 ponto, fora da área meia quadra adversária 2 pontos.

Variações:

- **Número de passes:** Aumente o número de passes para fazer o gol.
- **Pontuação Extra:** A cada três gols, a equipe tem direito à cobrança de penalidade.

– **Jogo 5x5**

Cada equipe será composta por cinco jogadores, sendo obrigatória a presença de uma menina para cada equipe, as equipes não têm um goleiro específico num primeiro momento. O jogo é disputado seguindo as regras básicas do Tripela.

Variações:

- **Finalizar ao gol com o pé não dominante;**
- **Revezar as equipes a cada gol;**
- ✓ **Roda de Conversa Final**

- Roda de conversa com os alunos sobre as dificuldades encontradas durante a realização das atividades.

✓ **Avaliação**

– A avaliação dos alunos será realizada de forma continuada, levando em consideração a participação, o envolvimento e o interesse dos alunos durante a aula. Com registros no diário de campo por parte do professor.

REFERÊNCIAS

MATOS, R.; AMARO, N.; MOROUÇO, P. **Tripela – uma nova modalidade desportiva**. 2012. Leiria: IPL – Escola Superior de Educação e Ciências Sociais e Centro de Investigação em Motricidade Humana. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/232747827_Tripela_-_uma_nova_modalidade_desportiva. Acesso em: 09 jul. 2025.

TRIPLELA. **Regras oficiais da Tripela 2019**. 2019. Disponível em: <https://tripela.ipleiria.pt/files/2019/10/Regras-Oficiais-da-Tripela-2019-1.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2025.

PLANO DE AULA		Nº: 06
Nome do Professor Pesquisador: Ivan Frederico Martini		
Estabelecimento de ensino: Colégio Estadual Cristo Rei - EFM		Ano/Turma: 3ª Série A
Prof. (a). Supervisor (a): Arestides Pereira da Silva Júnior		
Data: 13/10/2025	Hora: 19h40	Nº alunos: 16
Unidade temática: Esportes		
Objetos de Conhecimento: Esportes de Invasão não convencionais		
Conteúdo: Ultimate Frisbee		
Objetivos: • Conhecer o histórico e as principais características da modalidade Ultimate Frisbee; • Experimentar as técnicas de lançamentos e recepção do Ultimate Frisbee.		
Materiais: sala de aula, notebook, projetor, quadra, discos, coletes, cones.		
Encaminhamentos Metodológicos ✓ <i>Roda de Conversa inicial</i> – Acolhimento aos estudantes e registro da frequência no (LRCO); – Apresentar para os alunos o jogo do ultimate frisbee, histórico, suas principais regras e características. – Apresentação de imagens e vídeos sobre o jogo do ultimate frisbee; ✓ Desenvolvimento ✓ Vai e Vem (Passe e Recepção) Nesta atividade os alunos devem formar um grupo de 5 alunos, sendo que o grupo deve formar um quadrado, quatro alunos posicionados em cada uma das pontas e um no centro da área, com o disco. O aluno do meio deve realizar um passe para um dos jogadores, o jogador da ponta vai realizar a recepção e em seguida deve retornar com um passe para o aluno do centro que deve realizar a recepção. Depois disso, deve usar seu pé pivô para virar o corpo e estar de frente para seu próximo jogador e assim sucessivamente.		

Variações

➤ **Passe e Recepção com troca de mão:** Os alunos devem realizar os passes alternando a mão utilizada para lançamento/recepção do disco, estimulando a coordenação bilateral e o domínio técnico com ambas as mãos.

➤ **Passe com vários discos:** Introduzir um segundo disco na atividade, fazendo com que o grupo trabalhe a atenção, a concentração e a coordenação para realizar passes e recepções simultâneas.

– **Quadrado de passes**

O objetivo do jogo é realizar um número determinado de passes sem que o disco toque o chão. Dividir a turma em quatro grupos, organizados em colunas, dispostos em um quadrado (cada grupo está em uma das pontas deste). O primeiro aluno da coluna do grupo 1 realiza o passe lateralmente para o primeiro do grupo 2 e corre para o último lugar da coluna deste; o aluno receptor (grupo 2) faz o mesmo, passando para o primeiro do grupo 3 e correndo para trás da coluna, e assim sucessivamente. O professor deve colocar o objetivo (10, 15, 20 passes seguidos), conforme a evolução do domínio do fundamento pela turma.

Variação:

➤ **Colocar dois ou três discos,** à medida que o domínio sobre o passe e a recepção aumente.

– **Jogo dos 10 Passes**

Neste jogo cada equipe terá que trocar dez passes seguidos, sem a equipe oposta tocar no disco, para que seja marcado um ponto. Não é permitido deslocar-se com o disco, a movimentação dos participantes do jogo deve ser feita sem a posse do disco, ou seja, o aluno não pode andar com o disco em suas mãos. Quando a equipe defensora (time que não está com o disco) conseguir recuperar o disco, ocorre a troca entre atacantes e defensores.

Obs.: não é permitido contato físico ou tentar tomar o frisbee de posse do atacante.

Variação:

➤ **Passes com toque no chão:** Após receber o disco, o jogador deve tocar o disco no chão antes de passar, adicionando um elemento de controle e precisão.

➤ **4 Equipes:** Duas equipes iniciam a partida dentro da quadra de vôlei, enquanto uma terceira equipe aguarda do lado de fora, à direita, e uma quarta equipe espera do lado de fora, à esquerda da quadra. O objetivo do jogo é que uma das equipes consiga realizar 10 passes consecutivos com o disco, sem deixá-lo cair no chão ou sofrer interceptação. Se a equipe atingir essa meta, a equipe adversária deixa a quadra e a próxima equipe da fila entra para jogar, começando com a posse do disco. Recomenda-se utilizar coletes de cores diferentes para identificar as equipes.

✓ **Roda de Conversa Final**

– Ao término da aula, o professor realizará uma roda de conversa, com o objetivo de obter um feedback dos estudantes sobre as atividades desenvolvidas na aula, esclarecer dúvidas, além de receber contribuições e sugestões para melhorar as próximas aulas.

✓ **Avaliação**

– A avaliação poderá levar em consideração a participação, envolvimento e interesse dos alunos durante a aula. Com registros no diário de campo por parte do professor.

REFERÊNCIAS

BORGES, R. M. et al. Ultimate Frisbee. In: GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. (Org.). **Esportes de invasão**: basquetebol-futebol-futsal-handebol-ultimate frisbee. Maringá: Eduem, 2017. p. 443-528. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/170984/001055489.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 27 mai. 2025.

FARIAS, S. R. R.; SANTOS, A.; BATISTA, J. D. O. Ultimate Frisbee. In: OLIVEIRA, A. A. B. et al. (Org.). **Ensinando e aprendendo esportes no Programa Segundo Tempo**. Maringá: Eduem, 2011. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/94635/000823278.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 27 mai. 2025.

MAIELO, Victor Pignotti; COSTA, Camila Paiva Freitas. **Ultimate frisbee na educação física escolar**. 2020. Disponível em: <https://ultimatebrasil.com.br/wp-content/uploads/2020/01/Ultimate-Frisbee-na-Educa%C3%A7%C3%A3o-F%C3%ADsica-Escolar-1.pdf>. Acesso em: 27 mai. 2025.

PLANO DE AULA		Nº: 07
Nome do Professor Pesquisador: Ivan Frederico Martini		
Estabelecimento de ensino: Colégio Estadual Cristo Rei - EFM		Ano/Turma: 3ª Série A
Prof. (a). Supervisor (a): Arestides Pereira da Silva Júnior		
Data: 13/10/2025	Hora: 20h30	Nº alunos: 16
Unidade temática: Esportes		
Objetos de Conhecimento: Esportes de Invasão não convencionais		
Conteúdo: Ultimate Frisbee		
Objetivos:		
• Aprimorar as ações de ataque e defesa no jogo		
Materiais: sala de aula, notebook, quadra, discos, coletes, cones;		
Encaminhamentos Metodológicos		
✓ Roda de Conversa inicial		
– Acolhimento aos estudantes e registro da frequência no (LRCO).		
✓ Desenvolvimento		
– Pega-Pega		
O jogo se inicia com um aluno que será o pegador e precisa tocar o jogador com a posse do disco, para não ser pego, o jogador deve passar o disco para outros jogadores.		
Variação:		

➤ **Pega-Pega com Dois Pegadores:** Dois, três jogadores são designados para tentar tocar quem está com o disco. Isso aumenta a pressão sobre os jogadores com a posse e estimula passes rápidos e estratégias de equipe.

– **Passar e interceptar**

O jogo acontece em equipe de quatro jogadores. Uma equipe passa o disco entre si e o outro grupo tenta interceptar o disco. Trocar as funções após um determinado tempo.

Variações:

➤ **Interceptar com tempo:** A equipe que está defendendo tem um tempo limite (ex.: 30 segundos) para tentar interceptar o disco. Se não conseguir, a equipe atacante marca ponto e as equipes trocam de função

➤ **Intercepção com penalidade:** Se a equipe defensora interceptar o disco, ganha um ponto e a equipe atacante perde um ponto, tornando o jogo mais competitivo.

– **Progressão**

O jogo acontece em meia quadra, dividida em três áreas. Cada equipe será composta por 3x3 ou 4x4 por equipe. O objetivo do jogo é trocar passes até um companheiro receber o disco dentro da zona de pontuação defendida pelo adversário. Caso a defesa intercepte o disco, os papéis serão invertidos e o jogo se reiniciará do local em que o disco parou.

Variações:

➤ **Passes com mão não dominante:** Durante o jogo, os passes devem ser feitos com a mão não dominante, para trabalhar a coordenação motora e o domínio técnico.

➤ **Zona de pontuação móvel:** A zona de pontuação pode ser deslocada para diferentes locais da quadra a cada rodada, exigindo adaptação e estratégia das equipes.

– **Derruba Cone**

O jogo acontece em meia quadra. Cada equipe será composta por 4x4 ou 5x5 por equipe. O objetivo do jogo é derrubar o cone da equipe adversária que estará posicionado ao final da meia quadra.

Variações:

➤ **Passe e Defesa:** As equipes devem trocar passes para avançar em direção ao cone adversário. Só é permitido tentar derrubar o cone após a equipe completar um número mínimo de passes (ex.: 5 passes consecutivos).

➤ **Tempo limite:** A equipe tem um tempo máximo (ex.: 2 minutos) para derrubar o cone adversário. Se não conseguir, as equipes trocam de lado.

✓ **Roda de Conversa Final**

–	Roda de conversa com os alunos sobre quais as dificuldades encontradas durante a aula.
✓	Avaliação
–	A avaliação dos alunos será realizada de forma continuada, levando em consideração a participação, o envolvimento e o interesse dos alunos durante a aula.
REFERÊNCIAS	
BORGES, R. M. et al. Ultimate Frisbee. In: GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. (Org.). Esportes de invasão : basquetebol-futebol-futsal-handebol-ultimate frisbee. Maringá: Eduem, 2017. p. 443-528. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/170984/001055489.pdf?sequence=1&isAllowed=y . Acesso em: 27 mai. 2025.	
FARIAS, S. R. R.; SANTOS, A.; BATISTA, J. D. O. Ultimate Frisbee. In: OLIVEIRA, A. A. B. et al. (Org.). Ensinando e aprendendo esportes no Programa Segundo Tempo . Maringá: Eduem, 2011. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/94635/000823278.pdf?sequence=1&isAllowed=y . Acesso em: 27 mai. 2025.	
MAIELO, Victor Pignotti; COSTA, Camila Paiva Freitas. Ultimate frisbee na educação física escolar . 2020. Disponível em: https://ultimatebrasil.com.br/wp-content/uploads/2020/01/Ultimate-Frisbee-na-Educa%C3%A7%C3%A3o-F%C3%ADsica-Escolar-1.pdf . Acesso em: 27 mai. 2025.	

PLANO DE AULA		Nº: 08
Nome do Professor Pesquisador: Ivan Frederico Martini		
Estabelecimento de ensino: Colégio Estadual Cristo Rei -EFM		Ano/Turma: 3ª Série A
Prof. (a). Supervisor (a): Arestides Pereira da Silva Júnior		
Data: 14/10/2025	Hora: 19h40	Nº alunos:16
Unidade temática: Esportes		
Objetos de Conhecimento: Esportes de Invasão não convencionais		
Conteúdo: Ultimate Frisbee		
Objetivos:		
Vivenciar o jogo, aplicando as regras básicas.		
Materiais: sala de aula, notebook, quadra, discos, coletes, cones.		
Encaminhamentos Metodológicos		
✓	Roda de Conversa inicial	
–	Acolhimento aos estudantes e registro da frequência no (LRCO);	
✓	Desenvolvimento	
–	Vírus	
Este jogo é um pega-pega, semelhante ao pega-pega corrente ou pique-ajuda, porém com adaptações às regras do Ultimate. O jogo se inicia com dois pegadores que trocam passes com um disco, igual no Ultimate (correm para pegar o disco e param ao recepcioná-lo); os pegadores “contaminam” os fugitivos (pegar) ao encostar o disco nos mesmos (o disco precisa estar dominado em mãos, não pode estar no ar); ganha o último ou dois últimos sobreviventes “não contaminados” pelo vírus;		

Variações:

➤ **Número de pegadores:** Aumente o número de pegadores conforme o jogo avança, acelerando o ritmo e aumentando a dificuldade para os fugitivos.

➤ **Punição:** Se um pegador tentar contaminar um jogador que já está contaminado, ele deve sair do jogo por 10 segundos, incentivando atenção e estratégia.

– **Endzone**

O jogo acontece em meia quadra, com duas zonas de pontuação. A equipe executa passes tentando fazer com que um companheiro receba o disco na zona de pontuação defendida pelo adversário. Cada equipe é composta por 5x5 jogadores. O objetivo do jogo é marcar o ponto através do recebimento do disco na zona de pontuação.

Variação:

➤ **Pontuação por zona:** Passes recebidos na zona de pontuação valem 1 ponto, mas se o passe for feito de uma distância maior (ex.: zona de defesa), vale 2 pontos, estimulando passes longos e precisão.

– **Pontuando**

A turma será dividida em 2 equipes. O jogo ocorre na quadra toda, o espaço de jogo terá 2 zonas de pontuação, localizadas ao final da quadra. Será considerado ponto quando um jogador lançar o disco de forma que o móvel passe pela zona de pontuação demarcada pelos cones e um companheiro recepcione o disco do outro lado.

Variações:

➤ **5 Passes:** A equipe deve passar o disco por 5 jogadores antes de tentar o lançamento para pontuar, promovendo a participação e o trabalho coletivo.

➤ **Com a mão não dominante:** para que a equipe pontue, os passes e lançamentos devem ser realizados utilizando a mão não dominante.

✓ **Roda de Conversa Final**

– Roda de conversa com os alunos sobre as dificuldades encontradas durante a realização das atividades.

✓ **Avaliação**

– A avaliação dos alunos será realizada de forma continuada, levando em consideração a participação, o envolvimento e o interesse dos alunos durante a aula. Com registros no diário de campo por parte do professor.

REFERÊNCIAS

BORGES, R. M. et al. Ultimate Frisbee. In: GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. (Org.). **Esportes de invasão:** basquetebol-futebol-futsal-handebol-ultimate frisbee. Maringá: Eduem, 2017. p. 443-528. Disponível em:

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/170984/001055489.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 27 mai. 2025.

FARIAS, S. R. R.; SANTOS, A.; BATISTA, J. D. O. Ultimate Frisbee. In: OLIVEIRA, A. A. B. et al. (Org.). **Ensinando e aprendendo esportes no Programa Segundo Tempo**. Maringá: Eduem, 2011. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/94635/000823278.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 27 mai. 2025.

MAIELO, Victor Pignotti; COSTA, Camila Paiva Freitas. **Ultimate frisbee na educação física escolar**. 2020. Disponível em: <https://ultimatebrasil.com.br/wp-content/uploads/2020/01/Ultimate-Frisbee-na-Educa%C3%A7%C3%A3o-F%C3%ADsica-Escolar-1.pdf>. Acesso em: 27 mai. 2025.

PLANO DE AULA		Nº: 09
Nome do Professor Pesquisador: Ivan Frederico Martini		
Estabelecimento de ensino: Colégio Estadual Cristo Rei - EFM		Ano/Turma: 3ª Série A
Prof. (a) Supervisor (a): Arestides Pereira da Silva Júnior		
Data: 20/10/2025	Hora:19h:40	Nº alunos:18
Unidade temática: Esportes		
Objetos de Conhecimento: Esportes de Invasão não convencionais		
Conteúdo: Hóquei Indoor		
Objetivos:		
• Conhecer o Hóquei Indoor; • Compreender as regras básicas; • Utilizar materiais alternativos. • Experimentar habilidades básicas dessa modalidade.		
Recursos e Materiais: sala de aula; notebook; projetor, quadra, 15 tacos de pvc adaptados, cones, coletes, bolas de borracha e tênis, apito;		
Encaminhamentos Metodológicos		
✓ Roda de Conversa inicial – Acolhimento aos estudantes e registro da frequência no (LRCO); – Breve contextualização sobre o Hóquei Indoor e principais regras; ✓ Desenvolvimento – Condução		
Os alunos, cada um com um taco e uma bolinha, devem conduzir a bola livremente pela quadra, explorando movimentos com os lados direito e esquerdo do corpo, enquanto buscam manter o controle constante da bola.		
– Condução e Passe		
Alunos organizados em duplas; o primeiro conduz a bola pelo lado direito do corpo até o cone, contorna-o e retorna, realizando um passe para o colega no caminho de volta.		
Variação:		
➤ Conduzir a bola pelo lado esquerdo do corpo; ➤ Conduzir em zigue-zague;		

➤ *Passe Push e Hit.*

– **Passe e Recepção**

Os alunos formam duplas, mantendo uma distância de cerca de 5 m entre si. O objetivo da atividade é aprimorar o passe pelo lado direito do corpo e a recepção baixa, realizando trocas de bola de forma controlada e precisa com o colega.

Variação:

➤ *Passe pelo lado esquerdo do corpo e recepção pelo lado esquerdo.*

– **Nunca 2**

Os alunos se espalham pela quadra e permanecem parados em seus lugares. Um aluno é designado como fugitivo e outro como pegador. Ambos conduzem uma bolinha de hóquei com o taco enquanto o fugitivo tenta escapar do pegador. Para se proteger, o fugitivo deve posicionar-se atrás de um colega que está parado; nesse momento, o aluno que estava parado passa a ser o novo pegador. O pegador deve tentar tocar o fugitivo com uma das mãos para efetuar a troca.

Variações:

➤ **Com mais de um pegador:** *Adicione mais pegadores para aumentar a dificuldade e o dinamismo.*

➤ **Com áreas de seguras:** *Marque áreas na quadra onde o fugitivo pode ficar seguro por até 5 segundos antes de ter que sair novamente.*

– **Número hóquei**

Dividir a turma em dois grupos, os alunos ficarão distribuídos em duas filas frente a frente. Cada aluno será identificado por um número. Ao sinal do professor, o aluno irá até a bolinha de hóquei de seu grupo e deverá finalizar em direção ao gol indicado para sua equipe. Vencerá o aluno que acertar o tiro ao gol primeiro.

Variações:

➤ **Bolinha colorida:** *Coloque duas bolinhas, uma de cada cor, no centro, e, ao sinal do professor, os alunos precisam pegar rapidamente a bolinha com a cor indicada.*

➤ **Com atividades extras:** *Antes de finalizar o gol, o aluno precisa dar a volta em um cone ou completar um desafio rápido (ex.: fazer polichinelo, pular corda 3 vezes).*

✓ **Roda de Conversa Final**

– Ao término da aula, o professor realizará uma roda de conversa, com o objetivo de obter um feedback dos estudantes sobre as atividades desenvolvidas na aula.

✓ **Avaliação:**

– Dar-se-á por meio da participação, interação e colaboração dos alunos perante as atividades propostas, respeitando as especificidades de cada um, retomando conceitos e informações necessárias para a efetiva aprendizagem do conteúdo. Com registros no diário de campo por parte do professor.

REFERÊNCIAS

FINCO, D. D. **Iniciação ao hóquei**. 1. ed. Rio de Janeiro: CBHG, 2020. Disponível em: <https://hoqueisobregrama.com.br/wp-content/uploads/2020/05/Livro-Inicia%C3%A7%C3%A3o-ao-H%C3%B3quei-Daniel-Finco.pdf>. Acesso em: 25 mai. 2025.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE HÓQUEI SOBRE GRAMA E INDOOR. **Manual do professor de hóquei sobre grama e indoor**. Disponível em: http://hoqueisobregrama.com.br/wp-content/uploads/2019/04/Manual-do-professor-de-Hoquei-sobre-grama-Versao2_2.pdf. Acesso em: 25 mai. 2025.

PLANO DE AULA		Nº: 10
Nome do Professor Pesquisador: Ivan Frederico Martini		
Estabelecimento de ensino: Colégio Estadual Cristo Rei - EFM		Ano/Turma: 3ª Série A
Prof. (a). Supervisor (a): Arestides Pereira da Silva Júnior		
Data: 20/10/2025	Hora: 20h:30	Nº alunos:18
Unidade temática: Esportes		
Objetos de Conhecimento: Esportes de Invasão não convencionais		
Conteúdo: Hóquei Indoor		
Objetivos:		
• Vivenciar as habilidades básicas dessa modalidade.		
Recursos e Materiais: sala de aula; notebook, quadra, 15 tacos de pvc adaptados, cones, coletes, bolas de borracha e tênis, apito.		
Encaminhamentos Metodológicos		
✓ Roda de Conversa inicial		
– Acolhimento aos estudantes e registro da frequência no (LRCO);		
– Orientações sobre as atividades.		
✓ Desenvolvimento		
– Par x Impar		
Posicionar dois grupos em fila, de costas um para o outro e separados por uma distância de três metros. Ao sinal do professor, o grupo chamado (par ou ímpar) deverá correr, conduzindo a bolinha até a sua área de refúgio. O outro grupo tentará alcançar os colegas também conduzindo a bolinha. Vencerá a equipe que mais tocar nos adversários antes da área de refúgio.		
Variação:		
➤ Calculando: O professor apresenta uma operação matemática, como adição, subtração, multiplicação ou divisão — por exemplo, $8 + 4$, $12 - 5$, 6×4 ou $18 \div 3$ — e os alunos devem calcular rapidamente o resultado para identificar se ele é um número par ou ímpar.		
Toca do coelho		

Reunir os alunos no círculo central da quadra e pedir para conduzir a bola com o taco livremente. Ao sinal do professor, os alunos deverão procurar uma toca (bambolê/desenhada no chão com giz) e posicionar a bola dentro. A cada rodada uma toca será retirada ou apagada e um aluno excluído.

Variações:

Mão não dominante: Para entrar na toca, o aluno precisa conduzir a bola com o taco com a mão não dominante (ex.: direita ou esquerda).

Em duplas: Os alunos formam duplas, e apenas um jogador com um taco, deve conduzir a bola. Ambos precisam entrar juntos na toca, promovendo a cooperação e a coordenação entre os parceiros.

– **Pebolim**

Posicionar duas equipes com os alunos distribuídos em filas sobre linhas pré-determinadas. Os alunos só poderão se deslocar para os lados como em um jogo de pebolim. Vencerá a equipe que fizer mais gols.

Variações:

➤ **Movimento limitado:** Além de só se mover lateralmente, os alunos só podem dar até dois passos para cada lado antes de passar a bola.

➤ **Pebolim com troca:** A cada gol, os alunos trocam de posição nas filas para que todos experimentem diferentes funções no jogo.

– **Torneio 1x1**

Dividir a quadra em vários campos de jogo e realizar torneios de 1x1. Regras: não poderá colocar o pé na bola, não poderá passar do meio-campo; para o arremate ao gol.

– **Torneio 2x2**

Dividir a quadra em vários campos de jogo e realizar torneios de 2x2.

✓ **Roda de Conversa Final**

– Ao término da aula, o professor realizará uma roda de conversa, com o objetivo de obter um feedback dos estudantes sobre as atividades desenvolvidas na aula.

✓ **Avaliação**

– Dar-se-á por meio da participação, interação e colaboração dos alunos perante as atividades propostas, respeitando as especificidades de cada um, retomando conceitos e informações necessárias para a efetiva aprendizagem do conteúdo. Com registros no diário de campo por parte do professor.

REFERÊNCIAS

FINCO, D. D. **Iniciação ao hóquei**. 1. ed. Rio de Janeiro: CBHG, 2020. Disponível em: <https://hoqueisobregrama.com.br/wp-content/uploads/2020/05/Livro-Inicia%C3%A7%C3%A3o-ao-H%C3%B3quei-Daniel-Finco.pdf>. Acesso em: 25 mai. 2025.

PLANO DE AULA		Nº: 11
Nome do Professor Pesquisador: Ivan Frederico Martini		
Estabelecimento de ensino: Colégio Estadual Cristo Rei - EFM		Ano/Turma: 3ª Série A
Prof. (a) Supervisor (a): Arestides Pereira da Silva Júnior		
Data: 22/10/2025	Hora: 19h40	Nº alunos: 17
Unidade temática: Esportes		
Objetos de Conhecimento: Esportes de Invasão não convencionais		
Conteúdo: Hóquei Indoor;		
Objetivos: • Vivenciar a modalidade através de pequenos jogos.		
Recursos e Materiais: sala de aula; notebook; projetor, quadra, 15 tacos de pvc, cones, coletes, bolas de borracha e tênis, apito.		
Encaminhamentos Metodológicos ✓ Roda de Conversa inicial – Acolhimento aos estudantes e registro da frequência no (LRCO); – Orientações sobre as atividades; ✓ Desenvolvimento – Jogo dos passes Dividir a turma em pequenos grupos para que formem equipes de 4 a 6 participantes. Uma equipe com posse de bola deverá executar 10 passes consecutivos, sem deixar a outra equipe recuperar a posse de bola. A equipe que está com posse de bola deverá fazer a contagem dos passes. Vence a equipe que conseguir fazer primeiro os três pontos. Variações: ➤ Passe Direcionado: A cada passe, o aluno deve anunciar o nome do colega para quem vai passar. ➤ Desafio dos Passes: O objetivo da equipe é completar 10, 7 ou 5 passes consecutivos, sem perder a posse de bola. Caso consiga atingir a meta, a equipe que estava na marcação deverá realizar um exercício físico escolhido pela equipe vencedora — por exemplo, 10 polichinelos, 5 agachamentos ou 5 flexões. – Torneio 2x2 Organize a turma em grupos de quatro alunos. Um quarteto inicia na quadra para jogar, enquanto os demais aguardam a sua vez. Os jogos serão realizados na quadra inteira, com equipes formadas por dois jogadores de cada lado (2x2). Durante a partida, nenhum jogador poderá tocar a bola com os pés. Vencerá a equipe que marcar o maior número de gols no período de três minutos. Ao final do tempo, trocam-se os adversários, permitindo que todas as duplas joguem contra diferentes equipes. – Torneio 3x3 Organize a turma em trios. Dois trios iniciam o jogo na quadra, enquanto os demais aguardam na lateral.		

As partidas serão realizadas na quadra inteira, com cada equipe formada por dois jogadores de linha e um goleiro. Durante a partida, nenhum jogador poderá tocar a bola com os pés. A cada gol marcado, a equipe que marcou permanece na quadra, enquanto uma nova equipe, que estava aguardando, entra para jogar.

✓ **Roda de Conversa Final**

- Ao término da aula, o professor realizará uma roda de conversa, com o objetivo de obter um feedback dos estudantes sobre as atividades desenvolvidas na aula.

✓ **Avaliação**

- A participação, o engajamento e o interesse demonstrados pelos alunos durante a aula. Com registros no diário de campo por parte do professor.

REFERÊNCIAS

FINCO, D. D. **Iniciação ao hóquei**. 1. ed. Rio de Janeiro: CBHG, 2020. Disponível em: <https://hoqueisobregama.com.br/wp-content/uploads/2020/05/Livro-Inicia%C3%A7%C3%A3o-ao-H%C3%B3quei-Daniel-Finco.pdf>. Acesso em: 25 mai. 2025.

PLANO DE AULA		Nº: 12
Nome do Professor Pesquisador: Ivan Frederico Martini		
Estabelecimento de ensino: Colégio Estadual Cristo Rei		Ano/Turma: 3ª Série A
Prof. (a). Supervisor (a): Arestides Pereira da Silva Júnior		
Data: 27/10/2025	Hora: 19h40	Nº alunos: 18
Unidade temática: Esportes		
Objetos de Conhecimento: Esportes de Invasão não convencionais		
Conteúdo: Tchoukball		
Objetivos: • Conhecer a modalidade e suas características; • Identificar os fundamentos básicos; • Compreender as regras básicas.		
Recursos e Materiais: sala de aula, notebook, quadra, 2 quadros de remissão, apito, 10 bolas de handebol, coletes.		
Encaminhamentos Metodológicos		
✓ Roda de Conversa inicial – Acolhimento aos estudantes e registro da frequência no (LRCO); – Apresentação para os alunos da modalidade Tchoukball, com um breve contexto histórico, características e regras básicas; – Apresentação de imagens e vídeos sobre a modalidade.		
✓ Desenvolvimento – Arremesso e Captura em Duplas -Trios		

Em duplas, os alunos devem arremessar a bola um para o outro, focando na precisão do passe e na recepção correta. À medida que aprimoram o controle, a distância entre os alunos pode ser aumentada gradualmente.

Variações

- *Aumentar progressivamente a distância ou exigir passes mais rápidos;*
- *Incluir movimento antes ou depois do arremesso (por exemplo, dar três passos laterais antes de lançar ou realizar o arremesso após um salto);*
- *Trocar de posições: após cada passe, os dois alunos correm e trocam de lugar.*

– Passes Rápidos em Trios

Organizar os alunos em trios. O objetivo é manter a bola em movimento constante, realizando passes rápidos e precisos entre os três participantes. Caso ocorra erro, a bola retorna ao ponto inicial e o trio recomeça a sequência.

Variações

- *Realizar passes em movimento, com deslocamento contínuo dos três jogadores;*
- *Passes em movimento, em suspensão com o deslocamento contínuo dos três jogadores;*
- *Executar passes utilizando a mão dominante e a não dominante, garantindo que cada aluno faça ao menos um passe com a mão menos utilizada;*
- *Passe em rotação horário e anti-horário.*

– Arremesso ao Quadro

Dividir a turma em duas filas posicionadas frente ao quadro de remissão. O primeiro aluno de uma fila realiza o arremesso, e o colega da outra fila deve capturar o rebote antes que a bola toque o chão. Após a execução, ambos retornam ao final de suas filas, permitindo que os próximos colegas realizem a ação.

Variações:

- *Aumentar a distância em relação ao quadro, os alunos fazem a troca de passes, sendo que um deles realiza o arremesso enquanto o outro se posiciona para capturar o rebote.*
- *Trabalhar em duplas para tentar completar o maior número de rebotes consecutivos sem deixar a bola cair. Vence a dupla que alcançar mais acertos seguidos ou atingir metas pré-estabelecidas (ex.: 5, 7 ou 10 rebotes válidos)*

– Jogo de rebote

Formar equipes de 2x2 ou 3x3. Cada equipe deve arremessar a bola ao quadro e tentar capturar o rebote antes da equipe adversária. Cada rebote conquistado vale um ponto.

Variações:

- *Exigir que a equipe realize 2 ou 3 passes antes do arremesso;*
- *Realizar o arremesso com a mão não dominante.*

✓ Roda de Conversa Final

- Roda de conversa com os alunos sobre as dificuldades encontradas durante a realização das atividades;

✓ **Avaliação**

- A avaliação dos alunos será contínua e processual, considerando a participação, o envolvimento, o interesse e o comprometimento demonstrados ao longo das atividades. O professor realizará registros no diário de campo, observando aspectos técnicos e táticos, a execução dos fundamentos e o respeito às regras e aos colegas.

REFERÊNCIAS

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE TCHOUKBALL (FITB). **Regras de tchoukball da praia**. 2010. Disponível em: <https://fitb.org/regulations/7-rules/9-beach-Tchoukball-rules>. Acesso em: 25 out. 2025.

MARTÍN-ARRANZ, O. **Tchoukball desde la metodología comprehensiva**. Universidad de Valladolid, 2019. Disponível em: <https://uvadoc.uva.es/bitstream/handle/10324/36035/TFG-B.1223.pdf?sequence=1>. Acesso em: 12 out. 2025.

SINOTTI, Silas. **Pedagogia do esporte aplicada ao tchoukball**: uma proposta de ensino da modalidade em contexto brasileiro. 2025. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2025. DOI: 10.47749/T/UNICAMP.2025.1500956. Disponível em: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2025.1500956>. Acesso em: 20 out. 2025.

PLANO DE AULA		Nº: 13
Nome do Professor Pesquisador: Ivan Frederico Martini		
Estabelecimento de ensino: Colégio Estadual Cristo Rei		Ano/Turma: 3ª Série A
Prof. (a). Supervisor (a): Arestides Pereira da Silva Júnior		
Data: 27/10/2025	Hora: 20h30	Nº alunos: 18
Unidade temática: Esportes		
Objetos de Conhecimento: Esportes de Invasão não convencionais		
Conteúdo: Tchoukball		
Objetivos: • Desenvolver habilidades técnicas e cooperação; • Estimular percepção espacial e tomada de decisão; • Conhecer os princípios táticos e regras básicas.		
Recursos e Materiais: sala de aula, notebook, quadra, 2 quadros de remissão, apito, 5 bolas de handebol, coletes;		
Encaminhamentos Metodológicos		
✓ <i>Roda de Conversa inicial;</i> – Acolhimento aos estudantes e registro da frequência no (LRCO).		
✓ Desenvolvimento – Jogo dos 10 Passes na Equipe Divida a turma em dois grupos, identificados com coletes ou fitas coloridas. Dois grupos jogam entre si, e o objetivo de cada equipe é realizar 10 passes consecutivos sem que a bola seja interceptada pelo time adversário.		
Variações: ➤ <i>Alterar a forma de passe (acima da cabeça, com salto, lateral etc.);</i> ➤ <i>Limite de passes por jogador: cada integrante só pode tocar na bola apenas uma vez antes que todos tenham participado. (Aumentar o número de passes);</i>		

➤ *Criação de regras pelos alunos: após algumas rodadas, as equipes podem propor novas regras para aumentar o desafio.*

– **Jogo Reduzido 3x3 – Alvo Único**

Formar pequenas quadras (10x10 m) com um quadro de remissão. As equipes (3x3) jogam tentando rebater a bola no quadro e fazê-la quicar fora da área sem que o adversário a capture.

Variações:

- *Limitar o número de passes antes do arremesso;*
- *Permitir que o arremesso seja feito apenas por determinados jogadores (ex.: pivôs ou alas);*
- *Alterar o ângulo de arremesso mudando a posição do quadro.*

– **Minijogo 4x4 – Dois Alvos**

Ampliar a quadra e introduzir dois quadros de remissão, um em cada extremidade. Cada equipe pode escolher livremente qual alvo atacar, estimulando a percepção tática, a tomada de decisão e o deslocamento estratégico dos jogadores.

Variações:

- *Exigir que a equipe alterne os alvos a cada ponto marcado;*
- *Reduzir ou ampliar o número de passes obrigatórios antes da finalização.*

– **Jogo – Tchoukball 7x7**

Organizar a quadra com dois quadros de remissão oficiais e formar equipes com sete jogadores cada. As formações podem contemplar três defensores, três atacantes e um jogador de apoio, conforme a dinâmica do grupo. A partida deve seguir as regras oficiais do Tchoukball.

✓ **Roda de Conversa Final**

– Organizar uma roda de conversa com os alunos para discutir dificuldades e percepções das atividades, enquanto o professor realiza registros no diário de campo.

✓ **Avaliação**

- A avaliação dos alunos será realizada de forma continuada, levando em consideração a participação, o envolvimento e o interesse dos alunos durante a aula. Com registros no diário de campo por parte do professor.

REFERÊNCIAS

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE TCHOUKBALL (FITB). **Regras de tchoukball da praia**. 2010. Disponível em: <https://fitb.org/regulations/7-rules/9-beach-Tchoukball-rules>. Acesso em: 25 out. 2025.

MARTÍN-ARRANZ, O. **Tchoukball desde la metodología comprensiva**. Universidad de Valladolid, 2019. Disponível em: <https://uvadoc.uva.es/bitstream/handle/10324/36035/TFG-B.1223.pdf?sequence=1>. Acesso em: 12 out. 2025.

SINOTTI, Silas. **Pedagogia do esporte aplicada ao tchoukball: uma proposta de ensino da modalidade em contexto brasileiro**. 2025. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas,

Campinas, 2025. DOI: 10.47749/T/UNICAMP.2025.1500956. Disponível em: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2025.1500956>. Acesso em: 20 out. 2025.

PLANO DE AULA		Nº: 14
Nome do Professor Pesquisador: Ivan Frederico Martini		
Estabelecimento de ensino: Colégio Estadual Cristo Rei		Ano/Turma: 3ª Série A
Prof. (a). Supervisor (a): Arestides Pereira da Silva Júnior		
Data: 29/10/2025	Hora: 19h40	Nº alunos: 17
Unidade temática: Esportes		
Objetos de Conhecimento: Esportes de Invasão não convencionais		
Conteúdo: Oliverbol		
Objetivos: • Conhecer a modalidade e suas características; • Identificar os fundamentos básicos; • Compreender as regras básicas.		
Recursos e Materiais: sala de aula, notebook, quadra, 1 cesta adaptada de Oliverbol, apito, 10 bolas de voleibol, coletes.		
Encaminhamentos Metodológicos ✓ <i>Roda de Conversa inicial</i> – Acolhimento aos estudantes e registro da frequência no (LRCO); – Apresentação para os alunos da modalidade Oliverbol, com um breve contexto histórico, equipamentos, características e regras básicas; – Apresentação de imagens e vídeos sobre a modalidade. ✓ Desenvolvimento – Passe e Recepção Organize os alunos em um grande círculo e proponha uma sequência variada de passes, incluindo passes por cima da cabeça, na altura do peito, quicados e com apenas uma mão. Oriente que a recepção seja sempre realizada com as mãos e incentive a movimentação constante, mesmo quando o aluno não estiver com a posse da bola. Variações ➤ <i>Passe com troca de lugar no círculo;</i> ➤ <i>Passe com duas bolas: Realizar a atividade simultaneamente com duas bolas.</i> – Deslocamento Passe e Recepção Em duplas, os alunos realizam passes enquanto se deslocam livremente pela quadra, mantendo a movimentação constante. Durante a atividade, devem variar os tipos de passe, utilizando passes de peito e por cima da cabeça. Variações ➤ <i>Passe Alto: O passe deve ser realizado para o alto e deve saltar para receber;</i> ➤ <i>Passes alternados: As duplas trocam passes com duas bolas, mas de forma alternada: um</i>		

aluno lança uma bola de peito enquanto o outro devolve a segunda bola quicando (Trios);
 ➤ *Com interceptador: formar trios (dupla + um defensor que tenta interceptar os passes).*

– **Arremesso em Estações**

Distribuídos entre as estações, os alunos passam por diferentes posições na quadra em períodos determinados, realizando arremessos de forma contínua. Começam na área restritiva, avançam para arremessos de média distância, seguem para arremessos de longa distância e, por fim, realizam arremessos de penalidade, promovendo o aprimoramento da técnica e da precisão em diversas situações de jogo.

– **Passe, Recepção e Arremesso**

Os alunos, organizados em duplas, deslocam-se em direção à cesta realizando trocas de passes de forma contínua antes da finalização, mantendo o ritmo, a coordenação e a sincronia entre os movimentos.

Variações

- *Alunos organizados em trios;*
- *Com duas bolas: realizar a atividade simultaneamente com duas bolas, aumentando o ritmo e exigindo maior atenção, sincronia e cooperação entre os participantes.*

✓ **Roda de Conversa Final**

- Roda de conversa com os alunos sobre as dificuldades encontradas durante a realização das atividades.

✓ **Avaliação**

- A avaliação dos alunos será realizada de forma continuada, levando em consideração a participação, o envolvimento e o interesse dos alunos durante a aula. Com registros no diário de campo por parte do professor.

REFERÊNCIAS

HOOPER, Rodrigo. **Esportes alternativos**: 15 novas modalidades. Nova Iguaçu, RJ: SF Editorial, 2024. ISBN: 978-65-5247-007-2.

OLIVEIRA, Ricardo. **Esportes alternativos nas aulas de educação física escolar**. YouTube, 202x. Disponível em: <https://www.youtube.com/@Ricardo220376>. Acesso em: 20 out. 2025.

PLANO DE AULA		Nº: 15
Nome do Professor Pesquisador: Ivan Frederico Martini		
Estabelecimento de ensino: Colégio Estadual Cristo Rei		Ano/Turma: 3ª Série A
Prof. (a). Supervisor (a): Arestides Pereira da Silva Júnior		
Data: 29/10/2025	Hora: 20h30	Nº alunos: 17
Unidade temática: Esportes		
Objetos de Conhecimento: Esportes de Invasão não convencionais		

Conteúdo: Oliverbol	
Objetivos: • Aprimorar os fundamentos técnicos do Oliverbol; • Estimular o trabalho coletivo e a tomada de decisão em situações de jogo; • Vivenciar o jogo de Oliverbol com aplicação das regras.	
Recursos e Materiais: sala de aula, notebook, quadra, 1 cesta adaptada de Oliverbol, apito, 10 bolas de futebol ou voleibol, coletes.	
Encaminhamentos Metodológicos ✓ <i>Roda de Conversa inicial</i> – Acolhimento aos estudantes e registro da frequência no (LRCO). ✓ Desenvolvimento – Queimada Pique-Pega Os alunos são organizados em duas equipes: uma com bola e outra sem bola. O objetivo é tocar a bola em um adversário para “queimá-lo”. Quando um jogador é queimado, ele deve sair da quadra. O jogo termina quando todos os jogadores da equipe sem bola forem eliminados. Variações: ➤ <i>Limite de passes: As equipes só podem realizar um número determinado de passes antes de tentar queimar alguém;</i> ➤ <i>Incluir mais bolas (2, 3 bolas).</i> – Minijogos com 3x3 Organize os alunos em equipes menores e reduza as dimensões da quadra. O foco deve ser a execução correta da técnica, sem preocupação com a contagem de pontos. No início, é recomendável desconsiderar pequenos deslocamentos com a bola, para que os alunos possam se concentrar nos fundamentos. As equipes devem se revezar a cada período determinado ou a cada cesta marcada. – Jogo – Oliverbol 5x5 Organize as equipes com cinco jogadores cada, garantindo que todos participem ativamente. A partida deve ser realizada de acordo com as regras oficiais do Oliverbol. Observação: O número de jogadores em quadra pode ser ajustado de acordo com a composição e a dinâmica do grupo. ✓ Roda de Conversa Final – Roda de conversa com os alunos sobre as dificuldades encontradas durante a realização das atividades.	
✓	Avaliação

✓ **Avaliação**

- A avaliação dos alunos será realizada de forma continuada, levando em consideração a participação, o envolvimento e o interesse dos alunos durante a aula. Com registros no diário de campo por parte do professor.

REFERÊNCIAS

HOOPER, Rodrigo. **Esportes alternativos**: 15 novas modalidades. Nova Iguaçu, RJ: SF Editorial, 2024. ISBN: 978-65-5247-007-2.

OLIVEIRA, Ricardo. **Esportes alternativos nas aulas de educação física escolar**. YouTube, 202x. Disponível em: <https://www.youtube.com/@Ricardo220376>. Acesso em: 20 out. 2025.

PLANO DE AULA		Nº: 16
Nome do Professor Pesquisador: Ivan Frederico Martini		
Estabelecimento de ensino: Colégio Estadual Cristo Rei		Ano/Turma: 3ª Série A
Prof. (a). Supervisor (a): Arestides Pereira da Silva Júnior		
Data: 03/11/2025	Hora: 19h40	Nº alunos: 15
Unidade temática: Esportes		
Objetos de Conhecimento: Esportes de Invasão não convencionais		
Conteúdo: Poull Ball		
Objetivos: • Conhecer a origem e as regras básicas do Poul Ball; • Desenvolver fundamentos técnicos; • Vivenciar situações de jogo com foco na cooperação, respeito e inclusão.		
Recursos e Materiais: sala de aula, notebook, quadra, 2 plataformas adaptadas, 2 alvos adaptados, apito, 2 bolas de pilates, coletes.		
Encaminhamentos Metodológicos		
✓ <i>Roda de Conversa inicial</i> – Acolhimento aos estudantes e registro da frequência no (LRCO); – Apresentação para os alunos da modalidade Poull Ball, com um breve contexto histórico, equipamentos, características e regras básicas; – Apresentação de imagens e vídeos sobre a modalidade.		
✓ Desenvolvimento – A Mosca Os jogadores formam um círculo em volta do professor ou líder. Cada um recebe uma “mosca” imaginária, que deve ser mantida presa entre as mãos fechadas. O professor realiza passes simulados, e apenas nesse momento os alunos podem abrir as mãos para “pegar” a mosca. Se um passe for falso e o jogador abrir as mãos por engano, a mosca “escapa”, e ele é eliminado. Ganha o participante que demonstrar maior atenção e concentração.		
Variações		
➤ Alternar os tipos de Passes: quicado, alto;		
➤ Quando o professor realiza um passe verdadeiro, o aluno que receber a “bola” permanece de pé, enquanto os demais devem se abaixar rapidamente.		
➤ Ao realizar um passe verdadeiro, o professor faz com que o aluno que recebe a “bola”		

permaneça imóvel, enquanto os outros recuam um passo rapidamente.

– **Cowboy**

Os alunos formam um círculo e passam a bola de um jogador para outro. A cada passe, os dois jogadores mais próximos do recebedor devem assumir a postura de cowboy. Assim que a bola é passada novamente, esses jogadores retornam à postura inicial, e os dois participantes mais próximos do novo recebedor assumem a postura exigida. A dinâmica se repete continuamente, promovendo atenção, agilidade e coordenação entre os participantes.

Variação

➤ *Elimine o jogador que reagir mais lentamente entre os dois participantes.*

– **Triângulo de Passes**

Os alunos são organizados em três filas, formando um triângulo com distâncias iguais entre si. Utilizando uma bola, realizam passes entre os colegas, mantendo-a em movimento contínuo e evitando que caia. Após efetuar o passe, cada jogador desloca-se para o final da fila correspondente ao local do colega que recebeu a bola, garantindo movimentação constante e preservando a formação triangular da atividade.

Variações

- *Alternar os tipos de passes: quicado, alto;*
- *Mudar o sentido do passe (horário, anti-horário).*

– **Passe e Condução com Marcador**

Os alunos são organizados em trios ao final da quadra, sendo que um jogador atua como marcador (defensor) e os outros dois como passadores. Durante a atividade, os passadores realizam trocas de bola entre si, mantendo o controle e a movimentação constante, enquanto avançam em direção ao alvo, enquanto o marcador tenta interceptar a bola ou dificultar a sequência de passes.

Variações

- *Tipo de passe: alto, baixo, com uma mão ou com a não dominante;*
- *2x2 (dois passadores e dois marcadores). Os passadores realizam passes entre si, enquanto os dois marcadores tentam interceptar a bola e dificultar a sequência de passes.*

✓ **Roda de Conversa Final**

– Roda de conversa com os alunos sobre as dificuldades encontradas durante a realização das atividades.

✓ **Avaliação**

– A avaliação dos alunos será realizada de forma continuada, levando em consideração a participação, o envolvimento e o interesse dos alunos durante a aula. Com registros no diário de campo por parte do professor.

REFERÊNCIAS

POULL BALL. **Poull-ball**. Disponível em: <https://poull-ball.com/en>. Acesso em: 30 out. 2025.

POULL, François. **Poull ball** – situations d'apprentissage. 2009. Disponível em: https://www.frssel.be/IMG/pdf/ifc_syll_poullball_jeux_partiel.pdf. Acesso em: 12 jun. 2025.

POULL, François. **Le poull ball**: situations de jeux d'apprentissages et évaluations. 2017. Québec: GSI. Disponível em: <https://sports-inter.com/img/product/description/Poull%20Ball%20-%20Programme%20que%CC%81be%CC%81cois%20-%20GSI.pdf>. Acesso em: 30 out. 2025.

PLANO DE AULA

Nº: 17

Nome do Professor Pesquisador: Ivan Frederico Martini

Estabelecimento de ensino: Colégio Estadual Cristo Rei

Ano/Turma: 3ª Série A

Prof. (a). Supervisor (a): Arestides Pereira da Silva Júnior

Data: 03/11/2025

Hora: 20h30

Nº alunos: 15

Unidade temática: Esportes

Objetos de Conhecimento: Esportes de Invasão não convencionais

Conteúdo: Poll Ball

Objetivos:

- Desenvolver habilidades técnicas e táticas do Poull Ball;
- Estimular atenção, tempo de reação e tomada de decisão;
- Vivenciar o Jogo de Poull Ball 5 × 5, praticando a aplicação das regras oficiais durante a partida.

Recursos e Materiais: sala de aula, notebook, quadra, 2 plataformas adaptadas, 2 alvos adaptados, apito, 2 bolas de pilates, coletes.

Encaminhamentos Metodológicos

- ✓ *Roda de Conversa inicia;*
- Acolhimento aos estudantes e registro da frequência no (LRCO).

✓ **Desenvolvimento**

– **O Alvo Cercado**

Os alunos formam um círculo e escolhem um jogador para permanecer no centro. Durante a atividade, os jogadores do círculo passam a bola entre si o mais rápido possível, mantendo o controle e a movimentação constante, com o objetivo de atingir o jogador no meio, que deve reagir rapidamente para não ser atingido.

Variações

- *Incluir limite de tempo para acertar o jogador do meio;*
- *Em duplas;*
- *Em duplas de mãos dadas, proibido soltar as mãos.*

– **Cronômetro**

Formar equipes de 5 jogadores, sendo que as equipes participam uma de cada vez. Os jogadores se posicionam ao redor de um círculo (alvo 1) e a bola é passada do primeiro ao último jogador, sem exceção. Quando a bola retorna ao último participante, ele realiza um arremesso em direção ao cubo, dando início à contagem no cronômetro. A partir desse momento, sem driblar ou caminhar com a bola,

os jogadores precisam realizar trocas de passes de forma rápida e arremessar no (alvo 2) dentro do tempo estabelecido, por exemplo, 10 segundos.

Variações

➤ *Posicione um ou mais defensores.*

– **O Espeto**

Cinco jogadores da mesma equipe se alinham na linha do meio, e um jogador adicional é inserido nessa mesma linha, formando o “espeto”. O defensor atua sozinho contra todos os outros, enquanto os atacantes podem escolher seu alvo. O professor lança a bola para o atacante escolhido, que, junto com os colegas, deve tentar marcar um gol sem que o defensor consiga interceptar a bola.

Variações

➤ *Limitar o tempo para fazer o ponto;*
 ➤ *Posicione um ou mais defensores.*

– **Jogo de Poull Ball 5 × 5**

O jogo é disputado entre duas equipes de cinco jogadores cada, em uma quadra delimitada com dois alvos (cubos ou cones) nas extremidades. As equipes trocam passes, conduzem a bola e tentam atingir os alvos adversários, respeitando as regras oficiais: máximo de três passos com a bola, posse de até cinco segundos e pelo menos três passes antes do arremesso. As zonas próximas aos alvos são proibidas, e o contato físico não é permitido. Cada acerto no alvo vale um ponto, sendo dois pontos se o arremesso for em “volley”, e a bola é reposta no centro após cada pontuação. A partida pode ser cronometrada ou disputada em melhor de três sets.

✓ **Roda de Conversa Final**

– Realização de uma roda de conversa com os alunos para discutir as dificuldades encontradas durante as atividades e, em seguida, realizar a escolha da modalidade para o evento, “Torneio”, por meio de votação.

✓ **Avaliação**

– A avaliação dos alunos será realizada de forma continuada, levando em consideração a participação, o envolvimento e o interesse dos alunos durante a aula. Com registros no diário de campo por parte do professor.

REFERÊNCIAS

POULL BALL. **Poull-ball**. Disponível em: <https://poull-ball.com/en>. Acesso em: 30 out. 2025.

POULL, François. **Poull ball** – situations d'apprentissage. 2009. Disponível em: https://www.frssel.be/IMG/pdf/ifc_syll_poullball_jeux_partiel.pdf. Acesso em: 12 jun. 2025.

POULL, François. **Le poull ball**: situations de jeux d'apprentissages et évaluations. 2017. Québec: GSI. Disponível em: <https://sports-inter.com/img/product/description/Poull%20Ball%20-%20Programme%20que%CC%81be%CC%81cois%20-%20GSI.pdf>. Acesso em: 30 out. 2025.

PLANO DE AULA		Nº: 18 e 19
Nome do Professor Pesquisador: Ivan Frederico Martini		
Estabelecimento de ensino: Colégio Estadual Cristo Rei		Ano/Turma: 3ª Série A
Prof. (a). Supervisor (a): Arestides Pereira da Silva Júnior		
Data: 05/11/2025	Hora: 19h40	Nº alunos: 21
Unidade temática: Esportes		
Objetos de Conhecimento: Esportes de Invasão não convencionais		
Conteúdo: Torneio de Tapembol		
Objetivos: • Organizar e realizar o evento culminante da unidade didática; • Vivenciar a prática do Tapembol, compreendendo suas regras, estratégias e dinâmicas coletivas; • Promover a integração e a confraternização entre os alunos por meio da participação no torneio.		
Recursos e Materiais: sala de aula, notebook, quadra, apito, bola de Tapembol, coletes, folhas A4, canetas, mesas, impressora, medalhas.		
Encaminhamentos Metodológicos ✓ <i>Roda de Conversa inicial</i> – Acolhimento aos estudantes e registro da frequência no (LRCO). ✓ Desenvolvimento – A organização e realização do Torneio de esportes de invasão não convencionais ficará sob responsabilidade dos estudantes. Caberá ao grupo definir a modalidade a ser vivenciada, organizar as equipes, estabelecer o sistema de disputa, preparar os materiais, conduzir os jogos, realizar a arbitragem e organizar a premiação. Durante o torneio, os próprios estudantes se revezarão nas funções de jogadores, árbitros e mesários, garantindo a autogestão do evento, enquanto o professor atuará como supervisor e mediador de possíveis conflitos. – Roda de Conversa Final Roda de conversa com os alunos sobre as dificuldades encontradas durante a realização das atividades.		
✓ Avaliação – A avaliação dos alunos será realizada de forma contínua, considerando a participação efetiva, o envolvimento e o interesse demonstrados durante as aulas. O professor fará registros no diário de campo, acompanhando o desenvolvimento e o engajamento dos estudantes ao longo das atividades.		
REFERÊNCIAS FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE TAPEMBOL (FITAPEM). O tapembol. 2024. Disponível em: https://fitapem.tapembol.com.br/. Acesso em: 08 jul. 2025.		

ROCHA, Marco Aurélio Cândido. **Manual de iniciação:** ensinando a ensinar história, ambientação, recreativos, módulos, circuitos, o jogo. 2018. Disponível em: <https://mid-educacao.curitiba.pr.gov.br/2018/4/pdf/00168419.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2025.

SELHORST, Márcio Moisés. **Organização de eventos escolares.** Indaial: UNIASSELVI, 2017. Disponível em: <https://www.uniassevi.com.br/extranet/layout/request/trilha/materiais/livro/livro.php?codigo=23308>. Acesso em: 01 nov. 2025.

PLANO DE AULA		Nº: 20
Nome do Professor Pesquisador: Ivan Frederico Martini		
Estabelecimento de ensino: Colégio Estadual Cristo Rei		Ano/Turma: 3ª Série A
Prof. (a). Supervisor (a): Arestides Pereira da Silva Júnior		
Data: 10/11/2025	Hora: 19h40	Nº alunos: 23
Unidade temática: Esportes		
Objeto de aprendizagem: Esportes de Invasão não convencionais		
Conteúdo: Questionário Diagnóstico Final;		
Objetivos: • Apresentar as percepções dos estudantes em relação à proposta de intervenção; • Verificar a aprendizagem dos estudantes ao longo do projeto de intervenção com esportes de invasão não convencionais.		
Materiais: sala de aula, computador, projetor, folhas A4 e canetas.		
Encaminhamentos Metodológicos ✓ <i>Roda de Conversa inicial</i> – Acolhimento aos estudantes e registro da frequência no (LRCO); – Apresentação dos objetivos da aula. ✓ <i>Desenvolvimento</i> – Avaliação Diagnóstica Final; – Será realizada a apresentação do questionário diagnóstico final, entregue aos estudantes em versão impressa (Apêndice E), em folha A4, para preenchimento individual. O instrumento tem como finalidade identificar os conhecimentos, percepções e aprendizagens desenvolvidos pelos alunos ao longo do projeto de intervenção com esportes de invasão não convencionais. Os alunos serão orientados quanto ao objetivo do questionário, que é compreender suas vivências e reflexões sobre as atividades realizadas. ✓ <i>Roda de Conversa Final</i> – Realizar os agradecimentos aos estudantes pela participação, colaboração e dedicação durante o período do desenvolvimento do projeto de pesquisa.		
✓ AVALIAÇÃO:		

– Dar-se-á por meio da participação, interação e colaboração dos alunos perante as atividades propostas, respeitando as especificidades de cada um, retomando conceitos e informações necessárias para a efetiva aprendizagem do conteúdo. Com registros no diário de campo por parte do professor.

REFERÊNCIAS

PARANÁ. Conselho Estadual de Educação. **Deliberação CEE/PR nº 04, de 29 de julho de 2021**. Institui as Diretrizes Curriculares Complementares do Ensino Médio e o Referencial Curricular para o Ensino Médio do Paraná. Curitiba, 2021. Disponível em: <https://www.cee.pr.gov.br/Pagina/2021-Deliberacoes>. Acesso em: 25 mai. 2025.

ANEXO A – Aprovação do Comitê de Ética

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
OESTE DO PARANÁ -
UNIOESTE

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: ESPORTES DE INVASÃO NÃO CONVENCIONAIS COMO UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA PARA AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO NO PERÍODO NOTURNO: UMA ANÁLISE DE DUAS REALIDADES DISTINTAS

Pesquisador: ARESTIDES PEREIRA DA SILVA JÚNIOR

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 88678625.2.0000.0107

Instituição Proponente: Universidade Estadual do Oeste do Paraná/ UNIOESTE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.624.390

Apresentação do Projeto:

Saneamento de pendências da pesquisa:

Objetivo da Pesquisa:

Vide descrição anteriormente apresentada.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Vide descrição anteriormente apresentada.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Vide descrição anteriormente apresentada.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide descrição anteriormente apresentada.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Agora o TALE está devidamente apensado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Apresentar o Relatório Final na Plataforma Brasil até 30 dias após o encerramento desta pesquisa.

Endereço: RUA UNIVERSITARIA 1619

Bairro: UNIVERSITARIO

UF: PR

Município: CASCAVEL

Telefone: (45)3220-3092

CEP: 85.819-110

E-mail: cep.prppg@unioeste.br

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
OESTE DO PARANÁ -
UNIOESTE**



Continuação do Parecer: 7.624.390

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_2559033.pdf	05/06/2025 09:15:41		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_CEP_2025.pdf	05/06/2025 09:15:06	ARESTIDES PEREIRA DA SILVA JÚNIOR	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto_Ivan.pdf	14/05/2025 14:00:07	ARESTIDES PEREIRA DA SILVA JÚNIOR	Aceito
Outros	Declaracao_coleta_nao_iniciada_Ivan.pdf	13/05/2025 23:55:00	ARESTIDES PEREIRA DA SILVA JÚNIOR	Aceito
Outros	Declaracao_uso_dados_Ivan.pdf	13/05/2025 23:54:23	ARESTIDES PEREIRA DA SILVA JÚNIOR	Aceito
Outros	Autorizacao_Colegio_Pato_Branco.pdf	13/05/2025 23:53:34	ARESTIDES PEREIRA DA SILVA JÚNIOR	Aceito
Outros	Autorizacao_Colegiocristorei.pdf	13/05/2025 23:53:08	ARESTIDES PEREIRA DA SILVA JÚNIOR	Aceito
Outros	Formulario_pesquisa_Ivan.pdf	13/05/2025 23:51:45	ARESTIDES PEREIRA DA SILVA JÚNIOR	Aceito
Outros	Modelo_diario_campo_Ivan.pdf	13/05/2025 23:50:46	ARESTIDES PEREIRA DA SILVA JÚNIOR	Aceito
Outros	Roteiro_Questionario_Final_Ivan.pdf	13/05/2025 23:50:14	ARESTIDES PEREIRA DA SILVA JÚNIOR	Aceito
Outros	Roteiro_Questionario_Sondagem_Inicial_Ivan.pdf	13/05/2025 23:49:53	ARESTIDES PEREIRA DA SILVA JÚNIOR	Aceito
Outros	questionario_sociodemografico.pdf	13/05/2025 23:49:16	ARESTIDES PEREIRA DA SILVA JÚNIOR	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_consentimento_Ivan.pdf	13/05/2025 23:48:24	ARESTIDES PEREIRA DA SILVA JÚNIOR	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_completo_para_CEP_Ivan_Fredrico_Martini.pdf	13/05/2025 23:48:02	ARESTIDES PEREIRA DA SILVA JÚNIOR	Aceito

Endereço: RUA UNIVERSITARIA 1619

Bairro: UNIVERSITARIO

CEP: 85.819-110

UF: PR

Município: CASCAVEL

Telefone: (45)3220-3092

E-mail: cep.prpgg@unioeste.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
OESTE DO PARANÁ -
UNIOESTE



Continuação do Parecer: 7.624.390

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CASCADEL, 06 de Junho de 2025

Assinado por:

Franciele Foschiera Camboin
(Coordenador(a))

Endereço: RUA UNIVERSITARIA 1619

Bairro: UNIVERSITARIO

UF: PR

Município: CASCADEL

Telefone: (45)3220-3092

CEP: 85.819-110

E-mail: cep.prppg@unioeste.br